O MUNDO DO LIVRO
11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 36 99 51
LISBOA

RB18G, 575

*Presented to the*

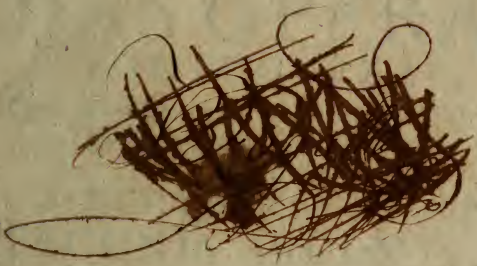
LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

*by*

**Professor**

**Ralph G. Stanton**



# THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

## COLLECÇÃO DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que se representárão na Casa do Theatro público do Bairro Alto de Lisboa,

OFFERECIDAS

A' MUITO NOBRE SENHORA

## PECUNIA ARGENTINA

Por ***

*Quarta Impressão.*

## TOMO PRIMEIRO.

Contém
- Vida de D. Quixote de la Mancha
- Esopaida, ou Vida de Esopo.
- Os Encantos de Medéa.
- Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena.

LISBOA:

Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira. 1787.

*Com Licença da Real Meza Censoria.*

---

*Vende-se na mesma Officina.*

A. Bragella

Foi taxado este Livro em papel a trezentos e sessenta reis. Meza 7 de Abril de 1788.

*Com tres rubricas.*

# DEDICATORIA

## A' MUITO NOBRE SENHORA PECUNIA ARGENTINA.

*APenas veio ao penſamento eſtamparem-ſe eſtas Obras, quando com o meſmo projecto naſceo gémeo o deſejo de dedicallas a Voſſa Senhoria, a quem de juro, e herdade lhe compete a gloria de Protectora de ſemelhantes acções, pois ſem a precioſa aſſiſtencia de Voſſa Senhoria não há deſcrição, que não ſeja ignorancia; baſta que Voſſa Senhoria occupe os Theatros, para que eſtes te-*

*nhão maior eſtimação, que os Amphitheatros Olympicos, e Cretenſes. Se aſſim como Voſſa Senhoria ſabe correr, ſoubera diſcorrer, penetraria na fiſionomia dos ſemblantes a gloria dos corações; pois quando Voſſa Senhoria acompanhada dos ſeus ſequazes ſe digna de honrar aquelle Theatro, logo tudo são parabens, ſuſſurros, e alvoroços; e para que o prazer exceſſivo não pareça immodeſtia, ſe vai o riſo eſconder nos cantinhos da boca: he conſa para ver o obſequioſo reſpeito com que todos a recebem! Todos ſe afaſtão, todos ſe encolhem, huns para ſima dos outros; e quando já não há aſſentos, então he que Voſſa Senhoria tem o melhor lugar: tudo anda n'um corropio, o porteiro ſe ataranta, o arrumador ſe titubêa, o chocolate ſe derrama, o doce deſapparece, as luzes parecem eſtrellas, as arquitecturas Doricas, as vozes harmonioſas; os inſtrumentos mais ſe apurão, os Cantores mais ſe affinão,*

os

*os Duos mais se ajustão, os bastidores não necessitão de sabão para correr, e finalmente até parece, que a alma do arame no corpo da cortiça lhe infunde verdadeiro espirito, e novo alento.*

*Se isto tudo causa Vossa Senhoria quando nos faz mercê, como podia eu deixar de offerecer-lhe estas Obras? Seria deslustre do agradecimento buscar outra Protectora, quando em Vossa Senhoria trasbordão os meritos para o patrocinio. Espero que Vossa Senhoria desterrando as melancolias do afferrolhado, deixando vasios os cubicularios bolsilhos dos avarentos, e jarretas, coutinue em fazer-nos mercê; pois a docilidade de sua pessoa he o attractivo de nossos corações; e assim já posso navegar seguro no mar da fortuna, pois se Vossa Senhoria se declara Patrona, por força ha de franquear os cartuxos. Huma Burra guarde a illustre pessoa de Vossa Senhoria os annos que todos seus criados havemos mister.*

AO

# AO LEITOR DESAPAIXONADO.

COmtigo fallo, Leitor desapaixonado, que se o não és, não fallo comtigo; pois nem quero adulação dos amigos, porque o são, nem he justo que os que o não são, queirão ser arbitros para sentenciarem estas Obras no tribunal da sua crítica. Não há melhor ouvinte, que hum desapaixonado, sem affecto ao Author da Obra, sem inclinação ao da Musica, sem conhecimento do Arquitecto da pintura: aquelle que nem a amizade lhe franquea a entrada, nem a visinhança do Theatro lhe facilita o regresso; aquelle que instigado só da curiosidade a expensas do seu peculio entra com animo livre de paixões, este fim (não sendo estulto por natureza) he o verdadeiro ouvinte no Theatro, e Leitor nos papeis: com estes he que eu fallo, pois só a estes se dirigem estas Obras; porque sendo a sua censura despida de affectos de amor, e odio, saberá desculpar os erros com sinceridade; saberá discernir a difficuldade da Comica em hum Theatro, donde os representantes se animão de impulso alheio; donde os affectos, e accidentes estão sepultados nas sombras do inanimado, escurecendo estas muita parte da perfeição que nos Theatros se requer, por cuja causa se faz incomparavel o trabalho de compôr

pa-

para semelhantes Interlocutores, que como nenhum seja senhor de suas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ser: por este motivo surprendido muitas vezes o discurso de quem compõe estas Obras, deixa de escrever muitos lances, por se não poderem executar.

Saberá o mesmo Leitor desapaixonado não desprezar por menos polida a fraze, que no contexto de semelhantes Obras se requer, pois muito bem conhece, que no Comico se precisa hum estilo mediano; que como a representação he huma imitação dos succesos, que naturalmente acontecem, tambem a fraze deve seguir o mesmo preceito, fazendo differença, que o estilo sublime, e elevado, a que chamárão os Romanos *Cothurno*, só se permitte nas Tragedias, em que se trata de cousas graves, e nimiamente férias, como acções, e obras heróicas de Principes: na Comedia porém ha de ser o estilo domestico, sem affectação de sublime, a que chamão *Socco*, por se representar nella materias de enredos femenís, e acções amorosas: estes preceitos aponta Horacio na sua Arte Poetica.

*Versibus exponi tragicis res comica non vult:*
*Indignatur item privatis, ac prope socco*
*Dignis carminibus, narrari cœna Thyesta.*
*Singula quæque locum teneant sortita decenter.*

E como os émulos por inimigos, os parciaes por affectos, e os ignorantes por nescios não sabem distinguir estas circumstancias, e só

tu

tu Leitor douto, e desapaixonado, judiciosamente reflectindo no que lêres, e ouvires representar, formarás o conceito que merecem estas Obras, que para teu divertimento se offerecem ao Público.

* Bem conheço que nellas acharás muitos defeitos; porém como não pertendo utilizar-me dos teus applausos, nem singularizar-me nos meus escritos, te peço, que nestas Obras attendas sómente ao desejo que tenho de agradar-te, e vejas não quero outro premio mais, que o que te peço nestas

DECIMAS.

AMigo Leitor, prudente,
Não critico rigoroso
Te desejo, mas piedoso
Os meus defeitos consente:
Nome não busco excellente
Insigne entre os Escritores;
Os applausos inferiores
Julgo a meu plectro bastantes,
Os encomios relevantes
São para engenhos maiores.

Esta Comica harmonia,
Passatempo he douto, e grave;
Honesta, alegre, e suave,
Divertida a melodia:
Apollo, que illustra o dia,
Soberano me reparte
Idéas, facundia, e arte,
Leitor, para divertir-te,
Vontade para servir-te
Affecto para agradar-te.

AD-

# ADVERTENCIA DO COLLECTOR.

LEitor, foi tão grande o applauſo, e acceitação com que forão ouvidas as Operas que no Theatro público do Bairro Alto de Lisboa ſe repreſentárão deſde o anno de 1733. até o de 1738., que não ſatisfeitos muitos dos curioſos com as ouvirem quotidianamente repetir, paſſavão a copiallas, conſervando ao depois eſtas cópias com huma tal avareza, que ſe fazião inviſiveis para aquelles que deſejavão na leitura dellas, huns apagar o deſejo de as lêrem, pelas não terem ouvido, outros renovar a recreação com que no meſmo Theatro as vírão repreſentadas. Por ſatisfazer ao deſejo de huns, e outros, tomei a empreza de as ajuntar, e fazellas imprimir com o titulo de *Theatro Comico Portuguez*, para que com facilidade, e ſem o diſpendio que as copias manuſcritas fazem, podeſſem todos gozar de humas Obras tão appetecidas por ſingulares. Eſtou perſuadido, que te não ha de ſer deſagradavel eſta minha Collecção; porque além de te ſatisfazer o deſejo, ſirvo á Patria, publicando humas Obras, que ſegundo as leis da compoſição Dramatica, ſão as primeiras que deſte genero ſe tem eſcrito no noſſo Idioma. Algumas Comedias ſe lião impreſſas, como as de Antonio Preſtes, Gil Vicente, Antonio Ribeiro, Sebaſtião Pires, e Simão

mão Machado ; compostas em verso. Publicou Jorge Ferreira em prosa a *Eufrosina*, *a Ulyssipo*, e a *Aulografia*. Sahio á luz Francisco de Sá e Miranda com a intitulada : *Os Estrangeiros*, *e Vilhalpandos*, e D. Francisco Manoel com as duas, a que deu por titulo : *O Labyrintho da fortuna*, e *Os segredos bem guardados*, sem nos esquecermos tambem das duas do nosso Luiz de Camões, que andão impressas no fim das suas Obras ; porém todas estas, humas pelo diverso genio dos tempos, outras pela sua informe disposição, e dilatada contextura, servião aos curiosos mais de fastio que de recreio. Nestas que agora te offereço por beneficio da Impressão, acharás pelo contrario daquellas huma suave, e natural disposição das partes, o caracter dos sujeitos sustentado sem decadencia, a locução propria a cada hum dos Interlocutores, e o Jocoserio tão temperadamente honesto, que não offende com a graça os ouvidos, e tão vivo, que se não encontra semelhante em o nosso Idioma, e não sei tambem se differa nos das Nações estranhas ; o que confessarião, não sem inveja, se fossem ainda vivos, Moreto entre os Hespanhoes, Moliere entre os Francezes, e Nicoláo Amenta entre os Italianos.

Tinha determinado continuar este Theatro na fórma que te prometti a primeira vez que foi impresso, ao que não pude satisfazer-te por haver Author vivo das Operas que te promettia, e este não consentir que outrem se utilizasse do seu trabalho ; e como destas se imprimirão

dous

dous Tomos ; alterando a ordem que eu tinha ideado , he preciso advertir-te , que para eu continuar o meu Theatro , fiz nova escolha de outras , que certamente gostarás de lêr. Offereço-te novamente estes dous Tomos , e contém o primeiro a *Historia de D. Quixote* , a *Vida de Esopo* , *Os Encantos de Medéa* , e o *Amfitrião*. No segundo o *Labyrintho de Creta* , *Guerras do Alecrim* , e *Mangerona* , *As Variedades de Proteo* , e *Precipicio de Faetonte*. No terceiro Tomo que sahirá com brevidade , te darei a lêr *As Firmezas de Proteo* , e *accasos do seu amor* , *Os Triunfos de Cupido contra as vinganças de Venus* , *Jupiter* , e *Danae* , e *Perseo* , e *Andromeda*. No quarto o *Avaro* , e *o Zeloso* , *Memorias de Peralvilho* , *A Destruição de Troia* , e *Endimião* , e *Diana*. Outras muitas conservo em meu poder , humas ainda não executadas , e outras que já o forão em Theatros particulares , com que voluntariamente te poderei lisongear o gosto , sem que possas obrigar-me pela promessa.

*Vale.*

# VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA, E do Gordo SANCHO PANCA, OPERA,

QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Outubro de 1733.

## SCENAS DA I. PARTE.

I. *Sala de pannos de rás, bofetes, e cadeiras.*
II. *A casa de Sancho Pança mal composta.*
III. *Bastidores de bosque.*
IV. *Bastidores de selva.*
V. *Bastidores de selva.*
VI. *Bosque, e no meio hum monte.*
VII. *Sala de columnas, e depois jardim fúnebre.*
VIII. *Selva.*
IX. *Selva, e o monte Parnaso.*

## SCENAS DA II. PARTE.

I. *A Metade selva, e outra ametade mar, e hum moinho no fim.*
II. *Montes, e selvas.*
III. *Sala de colunatas, meza, e cadeiras.*
IV. *Sala de azulejos.*
V. *Outra sala, e meza mal composta.*
VI. *Casas.*
VII. *Jardim alegre.*
VIII. *Bosque.*

---

## APPARATO DO THEATRO, e sua fábrica.

*HUm carro com varias figuras dentro.*
*Huma capoeira sobre hum carro, em que birá hum Leão, que sahe fóra a seu tempo.*
*Hum carro em que vem Dulcinéa, e varias figuras.*
*Dous cavallos, hum de D. Quixote, e outro de Sansão Carrasco.*

*Dous*

*Dous burros, hum para Sancho Pança, e outro para huma Saloia.*
*O Monte Parnaſo com as Muſas, Apollo, e o Cavallo Pegaſo. Hum barco.*
*Hum cavallo que vem pelo ár, e ſe lhe põe fogo.*
*Huma nuvem. Hum porco.*

## INTERLOCUTORES.

*DOm Quixote.*
*Sancho Pança.*
*A Sobrinha de D. Quixote.*
*A Ama do meſmo.*
*Thereza Pança, mulher de Sancho Pança.*
*Huma filha do meſmo.*
*Hum Tabellião veſtido como Almocreve.*
*Huma Saloia em hum burro.*
*Sansão Carraſco.*
*Seu Criado.*
*Hum Diabo que vem no carro.*
*Outro Diabo com muitos caſcaveis.*
*Hum homem que vem com o Leão.*
*Belerma.*
*Monteſinos.*
*Hum que eſtá na cova.*
*Caliope, que vem na nuvem.*
*Apollo, e as Muſas.*
*Dous homens que são do moinho.*
*Dous homens do barco.*
*Hum Fidalgo.*
*Huma Fidalga.*
*Hum Meirinho.*
*Hum Eſcrivão.*
*Dous homens que tocão rebecas.*
*Hum homem que toca rebecão.*
*Hum Medico.*
*Hum Cirurgião.*
*Hum Taverneiro.*
*Huma mulher moça com manto.*
*Huma mulher velha em corpo, ſem manto.*
*Hum Eſcudeiro.*
*A Condeſſa das Barbas.*
*Dous rebuçados.*
*Dous homens para a audiencia.*

PAR-

# PARTE I.

*Depois de se tocar a sinfonia canta o*

CORO.

Todas as vozes juntas
Se ouçáo resonar,
E ao nosso festejar
Ecco responda.
E a tão sonoro assento
Pasme a terra, e o vento;
Que he bem que a terra, e o ár
Já corresponda.

## SCENA I.

*Descobre-se huma Sala composta com bofetes, e cadeiras, e estará assentado D. Quixote, e junto a elle em pé a Ama, e Sobrinha, e hum Barbeiro fazendo-lhe a barba.*

*D. Quix.* SENHOR Mestre Barbeiro, veja Vossa Mercê como me pega nestas barbas, porque são as mais honradas que tem toda a Hespanha; e póde gabar-se, que nem quantos Gigantes tem o Mundo se atreverão a olhar para ellas, nem com o rabo do olho, porque sempre lhe tive a barba teza.

*Barb.* Ella assim o mostra, pois de tão teza que he, dobra o fio á navalha.

*D. Quix.*

*D. Quix.* Ora sô Meſtre, voſsê bem ſabe que he obrigação dos de ſeu officio, em quanto fazem a barba, dizerem as novidades que ha pela Cidade. Que ſe falla dos Principes da Italia, e do Governo politico do Orbe? Que como eſtive doente, e tantos tempos de cama por cauſa das minhas Cavallarias andantes, não tenho ſabido nada.

*Barb.* Senhor D. Quixote, novidades não faltão. Dizem que o Turco vem com huma poderoſa Armada aſſolando os mares, e os Principes todos procurão fazer-lhe guerra offenſiva, e defenſiva, para o que já em Biſcaya ſe prepara huma groſſa Armada.

*D. Quix.* Para que ſe cansão com tantas máquinas? Eu lhes dera hum bom arbitrio com que em menos de huma hora venção quantas Armadas, e armadilhas o Turco tiver.

*Barb.* Diga Voſſa Mercê qual he.

*D. Quix.* Não quero, porque não faltarão mexeriqueiros que lho vão dizer, e ganhem as alviçaras do meu trabalho.

*Barb.* Diga Voſſa Mercê, que lhe prometto á fé de Barbeiro, que aqui fique ſepultado ſete varas debaixo do chão como pedra de raio.

*D. Quix.* Debaixo deſſa fé, que he mui boa, o direi. Mandem eſſes Principes buſcar alguns Cavalleiros andantes, que não faltão na noſſa Heſpanha, que ſó hum delles baſtará para deſtruir com ſua eſpada, e ſua lança mil Armadas.

*Ama.* Triſte de mim, Senhora! Seu Tio eſtá ou-

outra vez doudo ; ainda crê que há no Mundo Cavalleiros andantes ?

*Sobr.* A mim me mellem ſe por aqui não anda Sancho Pança , que he o que lhe mete eſtas loucuras na cabeça. *á parte.*

*Ama.* Vamos ter com Sansão Carraſco , a ver ſe lhe póde tirar da cabeça eſtas aſneiras , que he homem de manha. *á parte.*

*Sobr.* Vamos. *Vão-ſe.*

*Barb.* Como he poſſivel , Senhor D. Quixote de la Mancha , que hum Cavalleiro andante poſſa deſtruir hum Navio , quanto mais huma Armada ?

*D. Quix.* Sô Meſtre , trate do ſeu eſtojo , e das ſuas navalhas , e não ſe meta a querer inveſtigar os reconditos arcanos dos Cavalleiros andantes. Se voſsê lêra as antigas Hiſtorias de Palmeirim de Oliva , Roldão , Amadis de Gaula , e outros muitos , de que o clarim da fama por cem bocas canta as ſuas nunca viſtas façanhas , ſoubera então o que val hum Cavalleiro andante : bem ſei de hum , que ſó com hum ſuſpiro he capaz de affundar huma Armada , e cem galeões

*Barb.* Quem ſerá eſſe tal ? Tomara-o conhecer.

*D. Quix.* Sou eu ; eu D. Quixote de la Mancha , por outro nome o Cavalleiro da triſte figura. Eu torno a dizer : eu ſó com a minha eſpada , e a minha lança , e o meu broquel me atrevo a engolir o Grão Turco , como quem engole huma cereja de ſacco.

*Barb.* Quando eu cuidava que Voſſa Mercê eſ-

tava de todo são desta loucura, ainda o vejo tão enfermo della! Ora, Senhor, deixe essa teima: quem lhe meteo em cabeça, que havia no Mundo Cavalleiros andantes? E quando isso assim fora, Vossa Mercê por ventura tinha barbas para o ser?

*D. Quix.* Oh grandissimo magano, por vida de minha Senhora Dulcinéa del Toboso, que vos farei em pó, e em cinza. Assim perdeis o respeito a hum Cavalleiro ardente?

*Atira D. Quixote com o Barbeiro no chão, e sahirá Sansão Carrasco.*

*Carr.* Que he isto, Senhor D. Quixote? Que obrigou a sua grande modestia a sahir em tanta desesperação?

*D. Quix.* Senhor Sansão Carrasco, quem havia de ser senão este Barbeirinho, que nega haver Cavalleiros andantes no Mundo, e que seja eu hum delles?

*Carr.* Ah sô Mestre, ponha-me logo os quartos na rua, antes que vá pela janella.

*Barb.* Não sei donde ha de parar D. Quixote com tanta loucura! *Vai-se.*

*Carr.* Este miseravel está louco confirmado; querer desperfuadillo he excitallo mais. Eu quero ir com o que elle differ, que elle tomará o desengano á sua custa. *á parte.*

*D. Quix.* Meu amigo, eu estou resoluto a sahir segunda vez ao feliz progresso de minhas andantes cavallarias, ainda que da passada vim muito moido, com tudo, desmaiar nos trabalhos não he para corações briosos: queira

Deos

Deos que eſtes Malandrines, ou encantadores me não perſigão com ſeus encantos, que invejoſos do meu valor querem eſcurecer com magicas apparentes as minhas claras, e rocinantes cavallarias.

*Carr.* Deixa-me beijar-te os pés, oh flor dos Cavalleiros andantes! Oh unico Alcides de noſſas eras! Sahe, ſahe, não ſó ſegunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas, a dar alma ao eſquecido cadaver da Cavallaria andante para gloria do Mundo, e timbre de tua patria Mancha.

*D. Quix.* Dizei me por vida voſſa, que dizem de mim por eſſa terra?

*Carr.* Que hão de dizer? Que Voſſa Mercê he hum louco, mas valente, e que ás vezes paſſa a ſer temerario, emprendendo impoſſiveis: finalmente todos dizem, que a Senhóra Dulcinéa del Toboſo, minha Senhora, he couſa fingida, e fantaſtica, e que tal mulher não há no Mundo.

*D. Quix.* Dizem bem, que o Mundo não he capaz de ſuſtentar aquelle globo eſferico da formoſura, e aſſim o ár he a patria daquella eſtrella de Venus.

*Haverá dentro muita bulha, e gritos de Sancho, da Ama, e da Sobrinha, e ſahem.*

*Ama*, e *Sobr.* Não has de entrar, Sancho de Barrabás.

*Sanch.* Eu por ventura dei-lhe a voſsês palavra de caſamento, para me pôrem impedimento?

*Sobr.* Tu és o que lhe metes na cabeça eſſas cavallarias andantes.

*Sanch.* Mão agouro venha pelo diabo: eſſa he bonita! Com que eu ſou accaſo loucura para me meter na cabeça de meu Amo? Coitado de mim, que eu ſou o que pago; pois á conta de ſuas Cavallarias andantes levo muitos couces.

*D. Quix.* Que he iſſo, Sancho Pança? Sempre haveis de vir grunhindo?

*Sanch.* Que ha de ſer? A Senhora Ama, e a Senhora Sobrinha que Deos gnarde, não me querião deixar entrar a fallar com Voſſa Mercê, Senhor meu Amo, dizendo, que eu era a cauſa de Voſſa Mercê querer ir ſegunda vez pelo Mundo a buſcar a ventura? Veja Voſſa Mercê que maior teſtemunho, quando eu ſou o que digo a Voſſa Mercê, que ſe havemos de ir á manhã, que vamos hoje.

*D. Quix.* Não faças caſo de mulheres, que bem parece que ignorão o genio dos Cavalleiros andantes.

*Sanch.* Quanto a iſſo tem ellas mais que razão.

*Carr.* Amigo Sancho Pança, advirto-lhe, (o que era eſcuſado) que faça muito por ſer homem de bem; acompanhe a ſeu Amo, como bom eſcudeiro, que ſe aſſim o fizer, levará o Ceo brincando.

*Sanch.* Ah Senhor Sansão Carraſco, brincando o não levo eu, ſabe Deos o que me cuſta, e me tem cuſtado aturar as valentias de meu Amo, que ſempre a elle lhe dão na cabeça, e a mim no fio do lombo; mas diz lá o rifaõ: *Muito alenta huma eſperança.*

Pois

Pois que tenho de ser Governador de huma Ilha, que diz meu Amo, que me ha de dar, não quero patuscadas, recolho-me a ella como a sagrado.

*D. Quix.* Sancho, pódes viver descansado, que assim appareça essa Ilha, como logo tu has de ser Governador della.

*Sanch.* Ainda o ella apparecer está em contingencias? Cuidei que já Vossa Mercê a tinha certa.

*D. Quix.* Deixa isso por minha conta, que ou ella queira, ou não queira, ella apparecerá, e tu verás como pago os teus serviços.

*Sanch.* Os meus serviços com quaesquer trinta reis se pagão; até ahi posso eu; se Vossa Mercê me não dá para mais, então irei buscar minha vida, e esses meus serviços só na boca de Vossa Mercê não he bem que fiquem; dê-me alguma clareza, ou obrigação por onde o possa obrigar quando me falte.

*D. Quix.* Toma esse papel, que já nelle tinha escrito o mesmo que te digo de boca.

*Sanch.* Ah Senhor, que he mui certo andarem juntos papeis com serviços, e oxalá que depois de eu os ter feito, não mos quebre alguma Preta, que por serem vidrados são quebradiços, ou algum daquelles encantadores que perseguem a Vossa Mercê; porque tambem as desgraças dos Amos se pegão como sarampo ao corpo dos escudeiros; pois vejo que tendo os meus serviços azas, nem por isso voão, ficando sempre na secretaria dos feitos com huma tampa em sima,

*D. Quix.*

*D. Quix.* Sancho Pança, mãos á obra, coração, eſpirito valeroſo, que juro á fé de Cavalleiro andante, que deſta ſegunda jornada ha de ver o Mundo quem he D. Quixote de la Mancha, que ſe até aqui foi Cavalleiro da triſte figura, daqui em diante ſerá o alegrão do Univerſo: anda, vai-te a preparar, que á manhã ao romper da Aurora havemos de partir por eſſe Mundo.

*Sanch.* Eu dera a Voſſa Mercê hum conſelho.

*D. Quix.* Qual he? Dize, que ás vezes hum louco acerta mais que hum entendido.

*Sanch.* Eu dera a Voſſa Mercê de conſelho, que não foſſemos ao romper da Aurora; porque ſe a rompemos, ao outro dia não poderemos madrugar, porque a Aurora iſſo tem, que em ſe rompendo he peior que olanda podre, que ſe não aproveita huma tira para huma atadura de fontes.

*D. Quix.* Deixa diſparates, e faze o que te digo.

*Sanch.* Pois adeos, que eu me vou a armar Cavalleiro, (quero dizer, burriqueiro; porque eu monto em burro, e não em cavallo) e a deſpedir-me de minha Thereza Pança, *y lo dicho, dicho.* *Vai ſe.*

*Carr.* Pois eu te prometto Amo, e mochilla, que brevemente armarei huma, que ambos torneis deſenganados de voſſas Cavallarias andantes. *á parte.*

*Sobr.* Tio da minha alma, veja o deſamparo em que me deixa; lembre-ſe da minha mocidade, e que ſe vai o eſteio deſta caſa.

*Ama.*

*Ama.* Pois fui Ama fecca de Voſſa Mercê muitos annos, lembre-ſe deſte capello ſem borla.

*D. Quix.* Não tem remedio : hei dé ir, que não he juſto que fique ſem fim minha memoravel hiſtoria ; e juntamente vou a fazer muitas obras pias, pois quantas donzellas eſtarão em neceſſidade de que hum Cavalleiro andante lhes defenda o credito, e a honra ? Quantos pupillos eſtarão ſem juſtiça ? Quantos Cavalheiros honrados eſtarão encantados por falta de andantes Cavalleiros ? Em fim, não tenho mais que dizer, vou a caſtigar inſolentes, e a endireitar tortos.

*Cantão D. Quix. Carr. Ama, e Sobr. a ſeguinte*

A R I A.

*Sobr.* Ai, meu Tio, não ſe auſente.
*D. Quix.* Callai-vos impertinente.
*Ama.* Meu Senhor, iſſo he loucura.
*Carr.* Ide, ide D. Quixote.
*Sobr.* Mas que hei de fazer ſem Tio!
*Ama.* Mas que hei de fazer ſem Amo!
*Carr.* Deixai ir eſſe mamote.
*D. Quix.* Não haja mais choro, Ah tal!
*Ama.* Hum Amo, que tanto amo.
*Sobr.* Ai, Sobrinha ſem ventura!
*D. Quix.* Ora aDeos, ó patria amada.
*Carr.* D. Quixote, avante, avante.
*Sobr.* Minha dor matar-me trata.
*Ama.* Minha pena me ſuffoca.
*D. Quix.* Iſto he eſpada, não he róca.
*Carr.* Tu te vás, D. Quixote, por teu mal.

SCE-

## SCENA II.

*Apparece a casa de Sancho ridiculamente composta, e nella estarão Thereza Pança, e sua filha, e sabe Sancho.*

*Sanch.* JEsus! Mulher dos meus olhos, estou tão contente, que venho saltando, e quero saltar.

*Ther.* Sancho Pança, achastes alguma mina? Que he isto, Marido?

*Sanch.* Mulher, mina de caroço, desta vez não ha de haver parente pobre: estou tão contente! Ai, Mulher, dai-me hum pucaro de agoa, que me desmaio de gosto.

*Filha.* Paisinho, ai! Diga-nos já, que estamos rebentando pelas ilhargas para o saber.

*Sanch.* Que hei de ter, filha das minhas entranhas? Que hei de ter, mulher desta alma? Não vêdes que segunda vez determino ir por esse Mundo com meu Amo o Senhor D. Quixote de la Mancha? E vejão vossês se com esta fortuna poderei estar alegre.

*Ther.* Marido, segunda vez vos quereis ausentar de meus çujos braços? Ora deixai-vos ficar.

*Filha.* Valha-me Deos! Senhor, ainda Vossa Merce se mete com esse D. Quixote? Pois ha de tirar bom pão assim como da outra vez.

*Sanch.* Callai-vos lá porquinha; eu se vou he para buscar cabedal para casar-te, e sem dúvida, que desta vez faço hum fortunão de meus

meus peccados, pois diz meu Amo o Senhor D. Quixote, que logo em duas palhetadas me ha de dar huma Ilha para governar; e vejão vosſês, ſendo eu Governador de huma Ilha, ſe trarei dinheiro como milho, e teremos pão como terra!

*Ther.* Ai, Marido, ſe iſſo he aſſim, já digo que vades logo rebolindo, e já lá havieis eſtar.

*Filha.* Diga-me, Senhor pai; é que tal he a Ilha de que Voſſa Mercê ha de ſer Governador?

*Sancb.* He a mais excellente do Mundo; he mui grande, tem ſete palmos de comprido, e dous de largo: tem muita arvore de eſpinhos; o que me gabão mais he hum paſſeio que tem de ortigas, que dizem he huma maravilha: ſobre tudo tem ao pé dos muros hum canteiro de boninas, que cheirão que treſandão; tem muito lega-cachorro, e he tão ſadia, que todos os annos tem hum ramo de peſte: não, quanto a eu ir bem accommodado, niſſo não ſe falla; tomára-me eu já neſſas limpezas, e então, ſe Deos quizer, caſarei a minha Sanchica com hum fedalgo. Ouves tu, bem pódes apparelhar eſſe rabo, que ſe ha de aſſentar em coche, ou eu não hei de ſer quem ſou.

*Filha.* Viſto iſſo, eu hei de ter Dom?

*Sancb.* Dom, e redom, como hum alho. Eſſa ſeria bonita! Deixaria de ter Dom a filha de hum Governador! Parece-me que já eſtou ven-

vendo, e ouvindo as visinhas do nosso lugar, quando tu sahires á rua, dizerem todas pela boca pequena: lá vai, lá vai a filha do Governador Sancho Pança.

*Ther.* E eu, Marido, como hei de andar?

*Sancb.* Has de andar ás costas de hum mariola, por não pôres o teu pé no chão; mas isso não he do caso. Vamos ao alforge que hei de levar para tão longa jornada: primeiramente embrulha-me huma canada de vinho em hum guardanapo, dous queijos em huma borracha, huma pouca de alcomonia de sabão molle, hum par de alfarrobas, &c. Na outra perna do alforge quero que vá bem acondecionada a minha roupa, a saber, camisa, e meia, meia siloura, huma meia sem companheira, hum lenço pardo, outro de caneca riscado, dous pescoções de bofetão da India: isto entendo que sobeja para tão larga jornada, fóra o que levo no corpo.

*Ther.* Olhe vossê, se quizer levar duas gayolas de grillos, que estão mui bem criados, não será máo, para os comer nas estalagens.

*Filha.* Tambem poderá Vossa Mercê levar duas caixas de chicharos de conserva para almoçar, que são bons para a enxaqueca.

*Sancb.* Tudo he bom; quanto mais, melhor, principalmente os chicharos, pois ás vezes tenho humas enxaquecas na barriga, e humas caimbras no nariz, que me matão; bom fora tambem levar humas panellinhas de doce de cócaras; porém, mulher, como eu vou pa-

para tão longe, e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o Mundo, bom será que faça meu Testamento, que ao menos, quando não tenha o fim que pertendo, não se perde o estar feito.

*Ther.* Parece-me muito bem: agora vejo que em tudo sois prudente.

*Sanch.* Vós ainda não sabeis que marido tendes.

*Ther.* Disso me queixo eu, e ainda mal que tanto o experimento, pois a miseria com que me tratais, me faz ver as estrellas ao meio dia; e sendo casada comvosco á quarenta e dous annos, seis mezes, tres semanas, doze horas, oito minutos, e vinte instantes, nunca em vosso poder me vi com a barriga cheia.

*Sanch.* Quando eu for Governador, tomareis a vossa barrigada. Hide chamar o Tabellião.

*Ther.* Aqui não há Tabellião, sómente quem serve de Tabellião he o Almocreve Antonio Fagundes.

*Sanch.* Venha quem for, que o Testamento he pequeno, e qualquer Tabellião basta.

*Ther.* Mas elle aqui vem, Deos o trouxe a bom tempo.

*Sahe o Tabellião vestido de Arrieiro.*

*Tabel.* Guarde Deos a Vossa Mercê, Senhor Sancho Pança: como está Vossa Mercê?

*Sanch.* Para servir a Vossa Mercê.

*Tabel.* Para servir a Nosso Senhor, que lhe dará bom pago: que quer Vossa Mercê?

*Sanch.* Sente-se Vossa Mercê muito a seu gosto na ponta desse espeto.

*Tabel.*

*Tabel.* Eu aqui me accommódo, eſtou bem; aos pés de Voſſa Mercê he o meu lugar.

*Sanch.* Saberá Voſſa Mercê, que eu quero fazer o meu Teſtamento por eſcrito, que me dizem, que o nuncuchupativo não he tão bom: ſabe Voſſa Mercê fazer Teſtamentos!

*Tabel.* Suppoſto que eu nunca fizeſſe Teſtamento, com tudo, já fiz hum eſcrito de caſamento a huma negra; e quem faz huma couſa, tambem faz outra.

*Sanch.* Iſſo baſta, e ſobeja. Ora ſente-ſe, ahi tem papel ſellado, que já me ſervio em varias neceſſidades: he bom papel; tudo o que ſe eſcreve de huma banda, ſe póde lêr da outra com muita facilidade. Ora ponha huma perna ſobre a outra, eſcreva á ſua vontade.

*Tabel.* De qualquer ſorte eſtou bem, para ſervir a Voſſa Mercê.

*Sanch.* Para ſervir a Deos. Olhe, meu amigo, não faça ceremonias, deſaperte-ſe, tire fóra os calções, ponha-ſe em fralda de camiſa, eſteja a ſeu goſto, e em quanto eſcreve, ſe quizer tanger bandurra, ahi a tenho muito boa, que me veio de Berberia.

*Tabel.* Vamos ao Teſtamento, que tenho que ir dar de beber ás minhas beſtas.

*Sanch.* Ora vá lá fazendo a cabeça do Teſtamento, que iſſo pertence aos Tabelliães.

*Tabel.* Eſtá feita.

*Sanch.* Vejamos. Homem, eſta cabeça não preſta; voſsê não lhe põe cabelleira? Ui, Senhor, po-

ponha-lha em todo o caſo, que eſte Teſtamento ha de apparecer em público, e não he bem que vá huma cabeça ſem compoſtura.

*Tabel.* Ahi lhe ponho a cabelleira: que mais?

*Sanch.* Eſpere, eſpere, já lhe pôz a cabelleira?

*Tabel.* Já, ſim Senhor.

*Sanch.* Valha-me Deos: não ſei ſe lhe puzeramos antes huma carapuça preta, que he côr de quem morre. Veja ſe lhe póde tirar a cabelleira por vida ſua.

*Tabel.* Eu a bórro, e lhe ponho a carapuça.

*Sanch.* Homem, voſsê não póde tirar huma cabelleira a huma peſſoa da cabeça, ſem a borrar? Ora vá como for, eu cá ao depois lhe farei iſſo: digo primeiramente...

*Tabel.* Mente.

*Sanch.* Mente elle, grandeſſimo magano; a mim me deſmente na minha cara?

*Tabel.* Eſte mente he cá do Teſtamento, que não offende a ninguem.

*Sanch.* Iſſo he outra couſa. Declaro por deſcargo de minha conſciencia, que me chamo Sancho Pança, natural do bom genio; declaro mais, que fui caſado deſanove vezes, todas contra minha vontade: Item, que deſta ultima mulher tenho....

*Ther.* Criada de Voſſa Mercê.

*Tabel.* Callai-vos lá tolla, não embaraceis o pavio da hiſtoria. Tenho tres filhos, cujos nomes me não lembrão por ora: Item, que ſou ſenhor, e poſſuidor de muitos bens movitos, e de raiz, e outros ſem raiz; os movi-

vitos vem a ſer, duas baſſouras do Algarve, dous esfolinhadores da chaminé, e huma rótula já furada. Item, trinta e tres cadeiras, que já derão com o couro á ſóla. Item, mais hum bofete de páo, que veio de bordo, tres paineis já em muito bom uſo, a ſaber, hum do Mundo ás aveſſas, outro de hum Navio, que pintou o meu pequeno, e outro que já ſe não ſabe que pintura tem; porém ſupponho que ſeria boa. Item, hum eſpelho de deſpir ſem aço, hum Mafamede da India com ſeu tapete de Arrayolos, cuberto por ſima. Item, huma excellente manta de retalhos, que me veio do Japão, e outra que me ha de vir do Jaquejo. Item, huma formoſa têa de aranhas, duas colheres de tartaruga baſtarda, hum biſpote, e o mais trem da coſinha. Ora vamos agora aos bens de raiz. Declaro, que tenho humas caſas na minha veſtia. Item, hum parreiral de uvas de cão no meu telhado. Item, dous vaſos, hum de enſaião, e outro que teve arruda, que ainda ſe conhece pelo cheiro. Item, mais huma arvore de geração. Paſſemos agora ao meu gado. Em primeiro lugar tenho hum burro, que lhe chamão o ruço por alcunha; tenho mais duas cadellas paridas. Declaro, que me não devem nada, e que eu devo os cabellos da cabeça. Deixo á minha mulher tudo quanto puder furtar no inventario. Deixo á minha filha Sanchica o meu bom coração, e aos meus dous filhos lhes não deixo nada, porque ſe o quizerem,

que

que o furtem como eu fiz. Instituo por meu universal herdeiro forçado a hum Mouro da galé , a quem peço , que faça pela minha alma o mesmo que eu fizera pela sua. Tal parte , em lugar do cú de Judas , tantos do mez passado , &c.

*Tabel.* Ora assine-se Vossa Mercê aqui atrás.

*Sanch.* Atrás só me assinarei , se for penna a sua lingua : dou por assinado , que eu em tal não assino.

*Tabel.* He preciso , que sem isso não val nada o Testamento.

*Sanch.* E que tem ninguem que elle valha , ou não valha ? Olhem que está galante ! De quem he o Testamento ? Não he meu ? Pois posso fazer delle o que quizer. Mulher , guardai bem este papel , vêde que não o percais , que póde servir para méchas. Ora a Deos , mulher , dai-me hum abraço.

*Ther.* Ai , marido , lembrai-vos da vossa casa ; não andeis de noite , não me deis mais penas.

*Sanch.* O' filha , não tenho que encommendarte á tua honra , que he o melhor camafeo que tens. Se alguem , quando estiveres na janella , te fizer hum bicho , corresponde-lhe com outro , que a cortezia nunca se perde. Ouves , nunca dês o sim a tudo o que te pedirem ; porque desta sorte serás bem reputada.

*Ther.* Pois já que te ausentas , ó meu amado Sancho , despeçamo-nos cantando.

*Sanch.* Ora vá , que eu começo.

*Can-*

*Cantão Sancho, e a mulher a seguinte*

ARIA A DUO.

*Sancb.* A Deos, Thereza amada.
*Ther.* Não posso dar hum passo.
*Sancb.* A Deos, que não he nada.
*Ther.* Oh triste desgraçada!
*Sancb.* Dá cá, dá cá hum abraço.
*Ther.* Ai, que eu quero desmaiar!
*Ther.* Mas ai de mim, que vejo
*Sancb.* Amado Caranguejo.
*Ther.* Teu vil rigor não chora?
*Sancb.* Chora tu, bella Aurora,
Que eu nunca em despedidas quiz chorar.

## SCENA III.

*Mutação de bosque. Apparece D. Quixote a cavallo com lança, e Sancho em hum burro.*

*D. Quix.* AInda não creio, amigo Sancho Pança, que me vejo montado em rocinante, para proseguir minhas aventuras.

*Sancb.* Digo-lhe a Vossa Mercê, Senhor meu Amo, que tenho o rabo nesta albarda, e me parece que o tenho na palha da estrebaria. Oxalá que tenhamos melhor ventura que da vez passada!

*D. Quix.* Para que tenhamos bom successo nesta empreza, e por cumprir com as leis da Cavallaria andante, e com os dictames do meu amor, quero, Sancho, que vás ao Castello, em que vive aquella sem igual Dulcinéa del To-

Toboſo, minha muito Senhora, e que lhe digas da minha parte, que já me acho em campo razo, para batalhar com quantos gigantes tem o Mundo por ſeu reſpeito, e que tudo ſervirá de deſpojo para collocar no Templo de ſua formoſura.

*Sanch.* Senhor, que Dulcinéa he eſta? Aonde mora? Que tal mulher entendo não há no Mundo. Logo como quer Voſſa Mercê que eu a buſque, ſe ella não he couſa viva?

*D. Quix.* Vai, não repliques, ſenão com eſta lança te abrirei eſſa barriga; vai, que eu te eſpero aqui debaixo deſte tronco.

*Sanch.* Ora o caſo eſtá galante, por vida minha! Donde hei de achar a tal Dulcinéa dos demonios? A' força quer D. Quixote, que haja tal mulher no Mundo. Mas de quem me queixo, ſe eu tenho a culpa de me meter com hum louco de pedras? Porém lá vem huma Saloya; bom remedio, vou-lhe dizer que eſta he Dulcinéa, pois a elle tudo ſe lhe mete na cabeça. Ah Senhor meu Amo? Venha cá depreſſa: eis-aqui a Senhora Dulcinéa, que vem ver a Voſſa Mercê.

*D. Quix.* Sancho, como póde ſer eſta Dulcinéa, quando ella he huma Senhora tão galharda? Como póde vir em hum burro, quando a carroça de Apollo ainda he pequena carruagem para ſua ſoberanía? Não vês huma Saloya feia, e trapalhona?

*Sanch.* Senhor, Voſſa Mercê não ſe lembra, que os encantadores mudão as fórmas das peſ-

foas, só para que Vossa Mercê não logre a fortuna de ver a Senhora Dulcinéa?

*D. Quix.* Dizes bem, Sancho amigo; oh mal hajais malditos encantadores, pois mudais a fórma de Dulcinéa filis, e galharda, em huma Saloya choquenta!

*Saloya.* Senhores, Vossas Mercês que me querem? Largue-me o freio da burra, deixem-me ir vender as minhas cebollas.

*D. Quix.* Espera, ó luz de meus olhos, recebe, antes que te ausentes, este fino amante no regaço de teus agrados, pois só a ti te dedico os suores frios de meus trabalhos; aqui me tens, ó bella Ninfa, posto a teus pés idólatra da tua belleza.

*Sanch.* Oh Princeza da formofura! Oh Duqueza do melindre! Oh Archiduqueza dos dengues! Não desprezes hum andante Cavalleiro, que a carqueja do seu amor arde na chaminé dos teus olhos a repetidos assopros da sua mágoa. Ponha Vossa Mercê os olhos naquelle peito, e o verá cheio de cabellos, mais claros c'á agoa, e outros mais ruivos c'á canella.

*Saloya.* Estes homens estão doudos, vão-se c'os diabos; vossês vem zombar de mim? Arre lá, xó. *Vai se.*

*D. Quix.* O' animada exhalação, não te desfaças em scintilantes repudios; tanto estes encantadores me perseguem, que até fazem com que caias; porém, ó vil canalha, lá virá tempo em que eu me vingue de vós.

*Sanch.* Digo que Vossa Mercê tem muito bom gos-

gosto em amar a Senhora Dulcinéa. Não vi cousa mais peregrina! Deixou-me atonto, vendo aquelle brio!

*D. Quix.* Oh afortunado Sancho, que fôste tão feliz, que chegaste a ver sem encantos, e transformações aquella deidade humana! Dize-me, he formosa?

*Sanch.* De formosa passa ella. Se Vossa Mercê vira aquelles olhos, que parecião olhos de couve murciana! O nariz, isso era cahir hum homem de cú sobre elle; tinha humas mãos de rabo; o corpo parecia corpo de delicto, pelo que, matava a todos, os cabellos não vi eu, só o que eu vi forão dous piolhos de rabo, que lhe sahião pelos buracos da coifa: o que mais me regalava era ver humas rosquinhas doces, que fazia junto ao pescoço: em fim, Senhor, os pés erão dous pés de cantiga. Eu confesso, que se não fora casado, que a tal Senhora Dulcinéa não me escapava.

*D. Quix.* O' Sancho, espera, não vês que lá vem hum Castello movediço, com muita gente dentro? Grande dia se nos espera! Deos seja comnosco.

*Sahirá hum carro tirado de huma mulla, sobre a qual virá hum Diabo; dentro do carro virá a Morte, Cupido, hum Anjo, hum Emperador, e outra figura muito bem vestida.*

*Sanch.* Ai, miseravel Sancho, aonde estás metido! Melhor me fora estar na minha Aldèa,

que não vir agora ver estes gigantes engolias.

*D. Quix.* De que temes, cobarde? Olha, não vês estes gigantes vivos? Pois logo os verás mortos: O' vós, quem quer que sejais, dizei-me quem sois, e aonde ides?

*Diabo.* Senhor, nós somos huns pobres representantes de Comedias, que himos já vestidos para fazer hum Auto Sacramental aqui a huma quinta: eu faço papel de Diabo, este de Anjo, este de Morte, este de Emperador, e os mais fazem varios papeis.

*D. Quix.* Ora sempre as cousas se devem primeiro especular antes que se façáo; se não vos declarais, hoje aqui todos ficareis mortos, cuidando que ereis gigantes, ou encantadores.

*Sanch.* Boas novas te dê Deos, que eu já estava sem pinga de sangue no corpo.

*Sahe hum Cruz-diabo com cascaveis, e espanta-se o cavallo de D. Quixote, e cahe este no chão, e o Cruz-diabo monta no burro de Sancho.*

*Sanch.* Jesus, Nome de Jesus! Lá vai meu Amo ao chão! Ah Senhor, não caia, espere, que eu já lhe vou acodir.

*D. Quix.* Ai de mim! Acode-me Sancho, que quebrei o espinhaço.

*Sanch.* Ai, Senhor, que o Cruzdiabo lá me leva o meu ruço! O' ruço dos meus olhos, ó prenda de minhas nadegas, ó centro de minhas bebas, que será de mim sem os teus sonoros zurros! Senhor, para aqui são as la-

lagrimas: ah Senhor, que o Diabo levou o meu burro.

*D. Quix.* Que Diabo?

*Sanch.* O Diabo das bexigas, Jesus Sagrado! Ah sô Diabo, largue o meu burro por vida de Ferrabrás.

*D. Quix.* Por vida de Dulcinéa, que os do carro me hão de pagar: esperai, turba alegre, e folgazona, que eu vos ensinarei o como se tratão os burros dos escudeiros dos Cavalleiros andantes.

*Sahe o Burro.*

*Sanch.* Senhor, não pelejemos, que o burro já ahi está, escusemos tantas mortes.

*D. Quix.* Bem está: a prudencia ás vezes he melhor que o valor; ide-vos em paz.

*Sanch.* Ouvis lá? Bom padrinho, tivestes no meu burro, que se não apparece, tudo vai á espada.

## SCENA IV.

*Mutação de selva, e a hum lado estará hum Cavalleiro reclinado, e hum Moço, e sahirá D. Quixote, e Sancho Pança.*

*D. Quix.* SAncho, ata este cavallo a esse tronco, que já o Sol se escondeo no Vestuario de Thetis, depois de fazer primeiro Galan dos Astros na Comedia do dia.

*Sanch.* Boa metáfora; mas eu tenho a barriga vasia, e não estou para ouvir conceitos; olhe Vossa Mercê, Senhor, alli estão dous homens

homens reclinados sobre a relva, e dous cavallos atados naquelle salgueiro, que fazem quatro.

*D. Quix.* Algum Cavalleiro andante deve ser, que anda buscando aventuras.

*Canta o Cavalleiro o seguinte*

MINUETE.

Sem ter melhora
Meu peito ardente,
A chamma sente
Do Deos Rapaz.
Que amor parece,
Ninguem duvida;
Porque a ferida
Bem clara está.
Suspende a flécha,
Deos fementido,
Ouve o gemido,
Que o pranto faz.

*Sanch.* Elle canta com bom estilo, e á moda.

*D. Quix.* Segundo a letra, e o affecto, mostra estar namorado. Valha-te Deos, amor, que até nos peitos de bronze introduzes corações de cêra! Senhor Cavalleiro, como a sociedade nos homens he significativo do racional, por isso não estranhe Vossa Mercê o meu atrevimento em interromper as sonoras clausulas do seu sentimento; porém como as penas communicadas são menos sensiveis, diga-me Vossa Mercê o que sente, que se o allivio de suas mágoas consistir na ponta desta lança, e fio desta espada, tenha por certo, que o hei de fazer. *Curr.*

*Carr.* Honrado Cavalleiro, bem parece que tendes generoso animo, e assim vos agradeço essa offerta; mas sabereis, que a mim por ora me não offendem inimigos, senão huma inimiga, cujo rigor me tem morto, e me faz andar renovando a Cavallaria andante, só por ver se posso applacar o seu desdém, offerecendo-lhe a cabeça de hum gigante.

*D. Quix.* Com que, Vossa Mercê he Cavalleiro andante? Ora ajunte-se comigo, e fallemos na materia, que como Professor della estimo muito estas práticas.

*Criad.* Em quanto nossos Amos lá praticão sobre os seus amores, e valentias, vamos dando á taramela, e fazendo pela vida.

*Sanch.* Meu amigo, agora fico mais consolado nos meus infortunios; pois mal de muitos consolo he: atéqui cuidava que só eu era desgraçado em ser escudeiro de Cavallaria andante, mas já vejo que Vossa Mercê nasceo debaixo da minha estrella.

*Criad.* Como se chama este seu Amo?

*Sanch.* D. Quixote de la Mancha, para servir a Vossa Mercê, que nunca tal homem nascêra no Mundo; pois por elle tenho padecido o que Deos sabe: basta deixar a minha casa com tudo quanto tinha nella.

*Criad.* Tendes filhos?

*Sanch.* Boa está essa! Com que, destes annos ainda não havia de ter filhos? Tenho huma rapariga, meu amigo, que dá com a cabeça no tecto da casa, e he mui valente, e de-

sem-

ſembaraçada. Quando come não uſa de cerimonias, deſpeja huma caſa com a maior limpeza do Mundo; e ſobre tudo tem o máo cheiro da boca, que he mal de que fogem todos. Quero-lhe, como aos meus olhos, que fóra da ſua viſta os vejo cheios de lagrimas.

*Criad.* E os meus eſtão mui cheios de ſomno: durmamos?

*Sanch.* Durmamos.

*Carr.* Como lhe vou contando a Voſſa Mercê, a Senhora a quem amo he huma Calcidéa de Vandalia, nome ſuppoſto com que a appellido nas minhas Obras poeticas: eſta em fim me diſſe, que ſe a quiſeſſe receber por eſpoſa, foſſe pelo Mundo, e fizeſſe confeſſar, que ella era a mais bella, e formoſa Dama que havia no Orbe; tenho feito confeſſallo a muitos, e ultimamente ao grande D. Quixote de la Mancha, o qual diſſe, que minha Senhora Calcidéa de Vandalia era mais formoſa que a ſua Dulcinéa del Toboſo; com que, vencendo eu a D. Quixote, que venceo a todos os Cavalleiros do Mundo, venho a vencer a todos, vencendo a quem a elles os venceo.

*D. Quix.* Sem dúvida, Senhor Cavalleiro, entendo que eſtais enganado, por ſer impoſſivel que vençais a hum D. Quixote; e baſta que eu vos diga, que nenhum Cavalleiro do Mundo o póde vencer; e por vos não deſmentir, digo que algum encantador inimigo de ſua gloria tomaria a ſua fórma, para que

fi-

ficando vencido, não se coroasse a fama de seu valor com eterno diadema; e tanto assim, que não há dous dias que estes mesmos encantadores transformárão a Senhora Dulcinéa del Toboso, sendo a mais gentil deidade, que calçou Cothurno em huma Saloya çuja, hedionda, e terrivel, com que, Senhor, entendei que não vencestes a D. Quixote verdadeiro.

*Carr.* Tão verdadeiro, e tão o mesmo, que mais não podia ser.

*D. Quix.* Digo que tal não há; pois D. Quixote he este que vêdes presente; vêde como o podieis vencer. *Levanta-se.*

*Carr.* Pois verdadeiro, ou fingido, sempre o venci, tenho dito.

*D. Quix.* Pois Cavalleiro, bom remedio; em campo razo, e em singular desafio veremos qual he mais valente.

*Carr.* E o que ficar vencido ficará ao arbitrio do vencedor.

*D. Quix.* Não duvido. Sancho, Sancho, acorda, que já a Aurora rasgando o manto da noite, veste o Pólo de rubicundos adornos: Sancho, acorda.

*Sanch.* Senhor, Senhor, eu vos arrenego canalha: não deixareis dormir a hum pobre escudeiro andante?

*D. Quix.* Sancho amigo, acorda, que já o Sol te dá de rosto com as suas luzes.

*Sanch.* E que tenho eu com isso? Senhor, Vossa Mercê cuida que eu tambem sou doudo co-

como Voſſa Mercê, para não dormir? Apénas tinha pegado no ſomno com as pontinhas dos dedos, quando logo mo fez largar: que quer que diga? Valha-o mil diabos.

*D. Quix.* Vai ſellar o rocinante, que temos que brigar eſta manhã com aquelle Cavalleiro do boſque: anda Sancho, vai depreſſa.

*Sanch.* Eſtou dormindo, que he o meſmo que eſtar ninando. Ora ſalve Deos a Voſſa Mercê: ah Senhor, eu devo de ter muita cólera na barriga.

*D. Quix.* Porque, Sancho?

*Sanch.* Porque me ſabe a boca a ferro velho.

*D. Quix.* He porque logo havemos de brigar com eſte Cavalleiro do boſque, que o deſafiei; elle deve de ſer peſſoa particular, porque traz maſcarilha.

*Sanch.* Ora Senhor, cuide Voſſa Mercê n'outra couſa, brigar logo de manhã he aſneira.

*D. Quix.* Faze o que te digo, e não me repliques.

*Traz Sancho Cavallo.*

*D. Quix.* Cavalleiro, quem quer que ſois, já eſtamos em campo razo; vereis ſe ſou eu o meſmo D. Quixote a quem venceſtes.

*Carr.* Quem vos venceo transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

*Sanch.* Senhor D. Quixote, por vida da Senhora Dulcinéa lhe peço, que me ajude a ſubir naquelle zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

*D. Quix.* Avançai, bom Cavalleiro.

*Inveſtem os Cavalleiros, e cahe Carraſco.*

*D. Quix.* Sancho, acode, que vencemos.

*Sanch.* Agora ſim. Corre-lhe Voſſa Mercê logo a cabeça, pelo que *poteſt ſucedere.*

*D. Quix.* Tira lhe a maſcara:

*Sanch.* Ah Senhor, que elle bolle; ſuba-me outra vez ao zambujeiro.

*Carr.* Ai de mim! Venceſte, D. Quixote: negar não poſſo, que ſois o mais valente Cavalleiro do Univerſo.

*D. Quix.* Haveis de confeſſar, que minha Senhora Dulcinéa del Toboſo he mais formoſa que a voſſa Calcidéa de Vandalia, tirando para iſſo a maſcara. Mas que vejo! Não ſois vós Sansão Carraſco?

*Tira ſe-lhe a maſcara.*

*Sanch.* He boa hiſtoria! Veja Voſſa Mercê ſe não falla, como o leva o diabo de meio a meio.

*Carr.* Eu ſou voſſo amigo Sansão Carraſco, que quiz vir disfarçado a ver ſe vos vencia, para que aſſim tornaſſeis para caſa ſem eſſa loucura; mas já vejo que ſois verdadeiro Cavalleiro andante, e negallo não poſſo.

*D. Quix.* Ide em paz, e dizei a eſſe Barbeiro incredulo, que vos cheguei a vencer, para que fique deſenganado, que ſou Cavalleiro andante.

*Sanch.* Ide em paz, e dizei a eſſe Barbeirinho, que quem vence a hum Carraſco he o meſmo que vencer a Morte.

SCE-

## SCENA V.

*Mutação de selva, e sahirá hum homem com hum carro, e dentro hum Leão em huma capoeira.*

*Hom.* GRande trabalho me tem dado a condução deste Leão pela fragosidade dos caminhos; e queira Deos que seja bem pago do meu trabalho.

*Sahem D. Quixote, e Sancho.*

*D. Quix.* Sancho Pança, não vês aquelle vulto? Pois não he menos que huma rara aventura que nos espera.

*Sanch.* Senhor, não ande cuidando nisso, porque tudo quanto vir lhe ha de parecer aventura; pois *da imaginação nascem as cauſas.*

*D. Quix.* O' Sancho, tu sabes Filosofia? Quem te ensinou isso?

*Sanch.* Eu mesmo: Vossa Mercê cuida que eu sou algum leigarrão? Sabe Vossa Mercê que mais? que dentro daquella gayola vem hum formoso Leão.

*D. Quix.* Hum Leão! Oh homem do Leão? Da parte de Deos te requeiro que soltes esse Leão que quero brigar com elle, para o que já o espero á boca da capoeira.

*Apea-se D. Quixote.*

*Sanch.* A Deos, pobre Sancho Pança! Bem aviados estamos: quer agora tambem brigar com Leões! *á parte.*

*Hom.* Senhor passageiro, requeiro a Vossa Mercê

cê que este Leão he Africano, feroz, e terrivel, e que vai de presente a hum Fidalgo que o manda o Grão Turço.

*D. Quix.* Que tenho eu com o Grão Turco, nem com o Fidalgo? De duas huma, ou tu has de soltar o Leão, ou te hei de matar; porque me diz o coração, que nelle vem transformado algum gigante.

*Sanch.* O' homem, tem mão, não soltes esse Leão que he mui Faraó.

*Hom.* Pois Vossa Mercê quer que o solte? Veja lá o que diz, ao depois não se queixe.

*D. Quix.* Solta-o, não ouves?

*Sanch.* Tem mão, homem, não o soltes: ah Senhor Leão não me faça mal, lembre-se que já comemos, e bebemos ambos muitas vezes. Vossa Mercê não he o Leão do Carmo? Desgraçado Sancho Pança! Quanto melhor me fora estar antes enterrado em hum carneiro, que na barriga de hum Leão! Ah sô Leão, Vossa Mercê vem enganado, eu não fui o que o desafiei; alli está meu Amo que o chama, vá para lá, e já que eu hei de morrer, quero morrer cantando, como fez D. Cysne das Alagoas, e talvez que este Leão seja amigo de Arias.

*Canta Sancho a seguinte*

ARIA.

Ai, que estou tremendo!
Ai, que já me agarra!
Oh como estende a garra!
Ai, ai! Tomara-me esconder,

Vai-

Vai-te, monstro horrendo,
Tem dó do pobre Sancho,
Recolhe o duro gancho,
Que já me faz Tremer.

*Accommette o Leão a D. Quixote, e este o mata.*

*D. Quix.* Bruto Rei das montanhas, porque foges de hum Cavalleiro andante? Vem a accommetter-me, e verás o meu valor.

*Sancho.* O' cão Leão, a elle, espere, que eu vou: victor D. Quixote.

*D. Quix.* Daqui em diante não quero que me chamem o Cavalleiro da triste figura, senão o Cavalleiro dos Leões, em memoria deste caso.

*Hom.* Não vi mais valente homem no Mundo! Vou pasmado.

## SCENA VI.

*Mutação de bosque, e no meio haverá hum monte, e hum homem, e pelo monte descerá D. Quixote, e Sancho Pança.*

*Sancho.* MUi fragosa, e escorregadia he esta terra! Muito tropeça o meu burro!

*D. Quix.* O' villão, dizei-me, que fazeis ahi, e que monte he este?

*Villão.* Este monte, Senhor, he aonde está aquella célebre cova encantada, que chamão a cova de Montesinos.

*D. Quix.* Oh quem tivera hum thesouro que dera em alviçaras! Vês aqui, Sancho, quando dizem, vem as fortunas sem ser esperadas

das ; ha quantos annos que eu andava buscando cova donde está encantado aquelle célebre Cavalleiro andante chamado Montesinos ? Pois a occasião se nos meteo nas mãos , não tenho mais remedio que descer por ella a desencantar este bom Cavalleiro.

*Sanch.* Tire Vossa Mercê dahi o sentido ; só esta me faltava para soffrer ! Que tenho eu com Montesinos , nem elle comigo ? Vá Vossa Mercê c'os diabos se quizer , que eu não quero enterrar-me em vida. Ainda me lembra o Leão. *á parte.*

*D. Quix.* Anda , Sancho , que se agora não achamos a Ilha para seres Governador , nunca a acharemos ; vem que serás bem premiado , pois aqui nesta cova há muito ouro , e isto são minas encantadas.

*Sanch.* Huma vez que são minas eu vou , que mais val huma hora rico , que toda a vida pobre.

*D. Quix.* Amigo , ficai guardando estes animaes , e vêde se tendes ahi algumas cordas com que nos ateis pelas cinturas para que não caiamos , e demos lá no profundo.

*Villão.* Aqui estão , pois eu sou o guarda desta cova , e já estou aparelhado para este ministerio.

*D. Quix.* Pois ata-nos bem ; quando disser , larga mais a corda , vai largando.

*Sanch.* Tanto que tiveres deitado quatro palmos puxa logo para fóra.

*D. Quix.* Sancho , faze hum Acto de Contrição , e fecha os olhos. *Sanch.*

*Sanch.* Ora graças a Deos que vou a enterrar em vida ; bem fiz eu em fazer o meu Testamento. Ai, Senhor, que ahi vem huma legião de gigantes! Misericordia meu Deos! Xó diabo. Á que d'ElRei, que estou com as gralhas na alma.

*D. Quix.* De que te assustas? São huns passarinhos que vem a applaudir a nossa entrada.

*Sanch.* São passarinhos! Oh quem me dera ter aqui a minha espingarda.

*D. Quix.* Amada Dulcinéa, a ti me encommendo neste perigoso trance, ajudai-me a levar com paciencia estes rigores. Sancho, ou morrer, ou viver.

*Sanch.* Essa razão me encova.

## SCENA VII.

*Mutação de columnata, que depois se mudará em jardim de figuras triftes, e sahirá Montesinos com barbas grandes, sotana, e gorra, e virão descendo D. Quixote, e Sancho.*

*Sanch.* AH Senhor, he hum regalo voar a hum homem como se fora pardal!

*D. Quix.* Graças a Deos que chegámos! Vês Sancho, que admiravel palacio? Vês estas columnas, Doricas, e Corinthias? Olha estes jaspes: Que te parece?

*Sanch.* Parece-me que tudo isto he pintado em taboa de pinho, mas ainda assim eu quizera antes andar voando que me regala.

Há

*Há dentro terremoto, e escurece tudo, ouvindo-se muitos ais, lamentos, raios, e trovões.*

*Sanch.* E que diz Vossa Merce agora destas columnas, e destes jaspes Corinthios? Senhor, nós estamos no Inferno a bom livrar, os cabellos se me arrepião. Ai, Senhor, não sei que suor frio me vai dando? Eu me mijo por mim.

*D. Quix.* Agora verás, ó nobre escudeiro Sancho Pança, as prerogativas de hum Cavalleiro andante: dize-me, ouviste contar algum dia a teus avós façanha como esta? Viste algum dia em letra redonda, ou grifa dizer que algum Cavalleiro o mais intrepido fizesse acção tão sobrenaturalmente heroica, como a que com os teus olhos estás vendo? Viste como valeroso Campião me arrojei a esta cova?

*Sanch.* Isso mesmo faz qualquer defunto.

*D. Quix.* Viste como depois de encovado penetrei as duras entranhas desta penha, abrindo caminho com a espada na mão, derrubando montes, ou para melhor dizer, gigantes amontoados, até que chegámos a este abysmo?

*Sanch.* Meu Amo he hum abysmo. *á parte.* Mas diga-me, Senhor, aonde estamos nós?

*D. Quix.* Estamos no Inferno.

*Sanch.* Em Purgatorio está quem lida com vossa Merce; he boa graça? Com que parece-lhe a Vossa Merce, que isto he Inferno? Ora o certo he, que está pouco visto em materias de Inferno.

*D. Quix.* De que te eſpantas, animal?

*Sanch.* Porque ſou animal, por iſſo me eſpanto. Ora venha cá: quem ſe não ha de eſpantar de ouvir dizer a Voſſa Merce, que eſtá no Inferno aſſim á chucha callâda, e eu tambem, ſem me doer pé, nem mão, graças a Deos?

*D. Quix.* Sancho, eu não tenho culpa, que ſejas hum ſimples eſcudeiro, ſem noticias, nem literatura; ſe tu lêras a Virgilio no ſexto livro das Eneydas, lá verias, que tambem Eneas foi ao Inferno, e lá vio a ſeu pai Anchiſes, e a Rainha Dido.

*Sanch.* Eſſa Rainha Dedo era macho, ou femea?

*D. Quix.* Não ſe ſabe de certo; o que ſe diz he, que era mulher varonil.

*Sanch.* Viſto iſſo era macha-femea: com que Senhor, huma vez que Eneas foi ao Inferno, vá Voſſa Mercê tambem; mas não conſta, que Eneas tiveſſe eſcudeiro, como Voſſa Merce tem.

*D. Quix.* Ora Sancho amigo, tem valor, que agora quero tratar do deſencanto do Senhor Monteſinos, que para eſſe fim fui aqui trazido.

*Canta D. Quixote a ſeguinte*

A R I A.

O' Magia barbara
De furia indomita,
Humilha timida
O fero encanto
Do teu furor.
Que o braço rigido
Com furia riſpida
Vence colerico
A ira ingente
De teu rigor.

Ter-

*Torna a haver terremoto.*

*Sanch.* Ai Senhor! Que diabo de Ilha, ou de cova he esta? Eu nella não quero enterrar-me: vamos Senhor.

*D. Quix.* Sombras vás, encantadores malevolos, a pezar de vossos encantos hei de ver a Montesinos. O' Montesinos? Montesinos?

*Sahe Montesinos.*

*Mont.* Sejas mil vezes bem vindo, ó sempre valeroso D. Quixote de la Mancha, flor, nata, e escuma dos Cavalleiros andantes; só tu tiveste valor, para me desencantares, resuscitando a antiga andante Cavallaria: chega a meus braços.

*D. Quix.* Valoroso Montesinos, não tens que me agradecer esta acção; pois o que faço por ti, faria por outro qualquer, que assim mo insinúão as leis da Cavallaria.

*Mont.* Chega a meus braços, tu célebre escudeiro Sancho Pança; pois tambem participas hum esgalho deste laurel.

*Sanch.* Sou criado de Vossa Mercê: eu já estou desmamado, graças a Deos; eu não quero, que Vossa Mercê me desmame; assim sou eu asno, que me chegue áquellas barbas! Peça de baeta animada, e escova vivente me parece o tal Montesinos. *á parte.*

*Mont.* Já que aqui viestes, illustre D. Quixote, a desencantar-me, peço vos, que desencanteis tambem a Senhora Belerma, que foi Dama do valente Cavalleiro Durorante, que por causa delle vive aqui encantada.

*D. Quix.* Por mulher, e por ser Dama de hum tão valente Cavalleiro, me toca desencantalla; aonde está?

*Mont.* Agora o vereis.

*Mudão-se os bastidores, e apparece hum jardim com figuras de pedra, e sahirá Belerma.*

*Belerm.* Prostrada a vossos pés, valeroso D. Quixote, vos rendo as graças de tão generoso capricho: escutai com melhor accento o meu agradecimento.

*Canta Belerma o seguinte*

MINUETE.

Belerma mísera
Suspira, e sente
A morte dura
De seu valente,
Galhardo amor.

Agora em canticos
Louvar procura
O braço ingente
De hum glorioso,
Feliz, ditoso, libertador.

*D. Quix.* Formosa Belerma, enxugai esses aljofares; não tomeis o officio da Aurora, sendo vós hum Sol.

*Sanch.* Ah Senhora Belermina, de-me Vossa Mercê esses aljofares, para levar á minha Thereza Pança; não os deite fóra.

*Torna a cantar Belerma.*

MINUETE.

Quixote inclyto,
Em cujo peito
Cupido, e Marte
Fazem perfeito
Laço de amor.

Porque se exalte
Já com effeito,
Em males tantos,
Enxugue o pranto,
Que amor causou.
Teu braço bellico,

*D. Quix.* Que te parece, Sancho, o que se encerrava nesta cova?

*Sanch.*

*Sanch.* Senhor, *palavras, y plumas el viento las lleva.* Vamo-nos, que não sei o que me adevinha o coração.

*Na ultima clauſula muda-ſe a apparencia, e ha terremoto, e levão pelos ares a D. Quixote, e Sancho.*

*D. Quix.* Belerma, Monteſinos, vêde que os encantadores me levão, para vos não deſencantar; bem viſtes a minha vontade.

*Sanch.* Ai que rica couſa! Agora ſim, voemos Senhor até cahir de huma bala.

*Apparece o monte em ſima.*

*D. Quix.* Oh mal hajas, infame homem, que nos tiraſte da maior ſuavidade, e conſonancia, que ſe póde imaginar! Por tua culpa não deſencantei a Monteſinos, e Belerma.

*Sanch.* Por tua culpa, bebado, não deſencantei as minas, e a Ilha encantada: ai que eſtou mui canſado de voar! Diga-me, Senhor, aonde eſtá a mina, que achamos? Tudo forão voos, por iſſo agora tudo são penas! Diga-me Voſſa Merce, que me meta eu n'outra cova! Para aqui.

*D. Quix.* Sancho, bem viſte, que da minha parte fiz o que devia, pois deſtemido, e valoroſo, cheguei a penetrar as entranhas deſſe abyſmo; com que, ſe neſta occaſião não conſegui, o que deſejava, em outra o conſeguirei, e tu alcançarás eſſa tão deſejada, e alta Ilha.

*Sanch.* Antes creio, que nunca a alcançarei.

*D. Quix.* Porque?

*Sanch.*

*Sanch.* Porque como sou curto dos nós, não poderei alcançalla pela altura dos gráos.

*D. Quix.* Ora anda comigo, não te agastes, que sem dúvida serás bem premiado.

## SCENA VIII.

*Mutação de selva.*

*D. Quix.* HA dias, que trago no pensamento huma cousa, que me tem causado grande cuidado: dar-se-ha caso, que os meus inimigos encantadores tragão transformada a belleza da Senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança! E os motivos, que tenho para isso, he ver a paciencia, com que este escudeiro me atura as minhas impertinencias sem salario algum; e ver, que já mais foi possivel ver eu a Dulcinéa no seu original, e nativo resplandor. Tudo póde ser que seja; pois se lém nos antigos livros da Cavallaria andante outras transformações de Nymfas, ainda em mais ruins figuras, qual a de Sancho Pança, e porque este pensamento não he fóra de conta, bom será averiguallo, que a diligencia he mái da boa ventura.

*Sahe Sancho.*

*Sanch.* Senhor, o rocinante está esperando que Vossa Mercê o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pullos, e ventosidades, que supponho nos prognostíca alguma boa ventura.

*D. Quix.* E se bem reparo agora nas feições des-

deſte Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinéa; porque ſem dúvida Sancho ás vezes o vejo com o roſtro mais afeminado, que quaſi me perſuado eſtá Dulcinéa transformada nelle.

*Sanch.* Meu Amo eſtá no eſpaço imaginario! *á parte.* Ah Senhor, toca a cavalgar, que o rocinante eſtá ſellado, e o burro albardado: Senhor, Voſſa Mercê ouve?

*D. Quix.* Sim ouço; que ſeja poſſivel, prodigioſo enigma de amor, galharda Dulcinéa del Toboſo, que os magicos antegoniſtas de meu valor ſe transformaſſem em Sancho Pança!

*Sanch.* Ainda eſta me faltava para ouvir, e que aturar! *á parte.* Que diz, Senhor? Eſtá louco? Com quem falla Voſſa Mercê?

*D. Quix.* Fallo comtigo, Sancho fingido; e com Dulcinéa transformada.

*Sanch.* Se Voſſa Mercê algum dia tiveſſe juizo, diſſera, que o tinha perdido: que Sancho fingido, ou que Dulcinéa transformada he eſta?

*D. Quix.* Não ſei como agora falle, ſe como a Sancho, ſe como a Dulcinéa? Vá como quer que for: Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil, e ſordida peſſoa á ſem igual Dulcinéa; vê tu Sancho amigo, ſe há maior deſaforo, ſe há maior inſolencia deſtes feiticeiros, que em maſcarar o ſemblante puro, e rubicundo de Dulcinéa, com a maſcara horrenda de tua torpe cara?

*Sanch.* Diga-me, Senhor, por onde ſabe Voſſa Mercê, que a Senhora Dulcinéa eſtá tranſformada em mim? *D. Quix.*

*D. Quix.* Iſſo he o que tu não alcanças, ſimples Sancho; pois ſabe, que nós os Cavalleiros andantes temos cá hum tal inſtincto, que nos he permittido conhecer, aonde eſtá o engano, e transformação pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela fyſionomia do roſto.

*Sancb.* Baſta que conheceo Voſſa Mercê pela ſimonetria do roſto! Pois, Senhor, que parenteſco carnal tem a minha cara com a da Senhora Dulcinéa? Ora eu até aqui não cuidei que Voſſa Mercê era tão louco! Cuido, que nem na vida de Voſſa Mercê ſe conta ſemelhante deſaventura.

*D. Quix.* Quanto mais te deſconjuras, mais te inculcas, que és Dulcinéa; deixa-me beijar-te os atomos animados deſſes pés, já que me não permittes tocar com os meus labios o jaſmim deſſa mão. Dulciſſima Dulcinéa?

*Chega-ſe D. Quixote para abraçar a Sancho.*

*Sanch.* A'que d'ElRei, Senhor, que não ſou Dulcinéa; tire-ſe lá, olhe que lhe dou huma canellada.

*D. Quix.* Ora meu Sancho, dize-me aqui em ſegredo ſe és Dulcinéa, que eu te prometto hum premio?

*Sanch.* Como, Senhor, lho hei de dizer? Sou tão macho como Voſſa Mercê.

*D. Quix.* Sancho, neſſe meſmo dengue agora confirmo mais que és Dulcinéa.

*Sanch.* Ora leve o diabo o dengue! Que queira Voſſa Mercê que á força ſeja eu Dulcinéa en-

enſanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer que eu ſeja Dulcinéa, chegue-ſe para cá, que lhe quero dar dous couces.

*D. Quix.* Tu me queres dar couces? Agora vejo que não és Dulcinéa, pois Dulcinéa tão formoſa, e tão diſcreta, nunca podia ſer beſta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua groſſeria.

*Dentro inſtrumentos.*

*D. Quix.* Não ouves, Sancho, huma ſuave harmonia?

*Sanch.* He verdade! Eſpere Voſſa Merce, que lá vem voando o que quer que he.

*Deſce a Muſa Caliope em huma nuvem, e D. Quixote, e Sancho ſe lhe põem de joelhos.*

*D. Quix.* Soberana Nympha.

*Sanch.* Nympha Soberana.

*D. Quix.* Iris deſte Horiſonte.

*Sanch.* Arco da velha deſte Horiſonte.

*D. Quix.* Que raſgando diafanos vapores.

*Sanch.* Que raſgando nuvens de papellão.

*D. Quix.* Te oſtentas Deidade.

*Sanch.* Te oſtentas já de idade.

*D. Quix.* Que queres de hum Cavalleiro andante?

*Sanch.* Que queres de hum eſcudeiro tolhido de pés, e mãos?

*Caliop.* Valente D. Quixote de la Mancha, Cavalleiro dos Leões, eu ſou a Muſa Caliope, a primeira, e principal das nove, que aſſiſtem no Monte Parnaſo, aqui venho a teus pés enviada por meu Amo o Senhor Apollo, o qual como ſabe que tens profeſſado a eſtrei-

treita Religião da Cavallaria andante, e tens de obrigação o desfazer aggravos, soccorrer afflictos, e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente, queiras ir ao Parnaso, aonde se elle acha, cercado de huns Poetas maledicos, que o querem despojar do Throno; e juntamente para reformares a Poesia, que se acha quasi arruinada, para o que eu da minha parte, como tão interessada neste desempenho, te supplico com o suave de minhas vozes, pois he certo, que a Musica tem virtude para attrahir os corações mais duros.

*Sanch.* Aqui nos encaixa huma Aria á queima roupa.

*Canta Caliope a seguinte*

ARIA.

Se hum gigante inficionado
Morre infame desmaiado
Entre as máos de teu valor:
Quem haverá, que te resista,
Quando o teu braço conquista
A hum gigante disfarçado
Entre as garras de hum Leão?

*D. Quix.* A difficuldade está no modo com que hei de ir ao Parnaso; pois sei, que o meu rocinante não tem azas, como o Pégaso.

*Sanch.* E o meu burro só tem azas nos pés, para fugir.

*Caliop.* O modo com que haveis de ir ao Parnaso, he desta sorte.

*Voão*

*Voão na nuvem Caliope, D. Quixote, e Sancho, e apparece o Parnaso, e canta o*

C o r o.

Attenção, silencio,
Que neste de Arcadia famoso jardim,
Se ostenta galhardo o Delfico Apollo
Em musicas gratas, em metros subtís.
Attenção, silencio,
As fontes não rião,
As aves não cantem;
Porque não perturbem do verde bicorneo
O cantico grave de Musas gentís.

## SCENA IX.

*Mutação de selva, e o Monte Parnaso, e Poetas.*

*Apol.* Esperai, bastardos filhos de Apollo, que cedo virá quem me vingue de vossas injúrias.

*Poet.* Já não te reconhecemos, ó Apollo, por Deos da Poesia; pois qualquer de nós he hum Apollo, e cada idéa nossa huma Musa.

*Apol.* Assim vos atreveis a profanar o decóro, que se deve aos meus Apollineos raios?

*Sahe D. Quixote, Sancho, e Caliope.*

*Poet.* Toca a investir ao Parnaso.

*Apol.* Em boa hora venhas, valente D. Quixote, que só a tua espada me póde segurar o Throno, e o laurel: vem, vem a vingar-me destes Poetasinhos, que sem mais armas, que a sua presumpção, querem, não só competir com o meu plectro, mas ainda intentão

des-

deſpojar-me do Parnaſo ; e como as armas, e as letras são tão fiéis companheiras , quero-me valer das tuas armas , para a reſtauração de minha ſciencia ; e como eſta violencia , que ſe me faz , não deſmerece os empregos da tua Cavallaria , peço-te , que me ſoccorras.

*D. Quix.* Senhor Apollo , eu tomo ſobre mim o ſeu deſaggravo , e já deſde agora ſe póde aſſentar bem neſſe Throno , que delle ninguem o ha de arrancar.

*Sanch.* Senhor meu Amo , eu cuido , que eſtou ſonhando. Que Voſſa Mercê entre no Parnaſo , não he muito , porque he louco ; porém eu , que ſendo hum ignorante , tambem cá eſteja , he o que mais me admira ; e daqui venho agora a concluir , que não há tollo , que não entre hoje no Parnaſo.

*D. Quix.* Diga-me , Senhor Apollo ; e como ſe chamão os Poetas , que tanto o perſeguem ?

*Apol.* Eſſa he a deſgraça , D. Quixote ; que os Poetas , que me perſeguem , não são de nome ; e com tudo cada hum cuida que he mais do que eu meſmo.

*D. Quix.* Dizei-me , Poetas de agoa doce ; dizei-me , raãs que graſnais no charco da Cabálina ; dizei-me Cyſnes contrafeitos , que vos banhais nos lodos da Hippocrene ; com que motivo quereis competir com o Deos da Poeſia ?

*Poet.* Porque eſſe Apollo , como não inſpira , não merece o nome de Apollo ; e aſſim que-

re-

remos tomar-lhe o Parnaso, e repartillo entre nós.

*Sanch.* Senhor, não se meta a brigar com os Poetas, que são peiores que gigantes; veja Vossa Mercê que elles trazem hum exercito de dez mil Romances, quatro mil Sonetos, duzentas Decimas, oitenta Madrigaes, e hum esquadrão de Sátyras volantes em silva, que arranha; veja bem em que se mete.

*D. Quix.* Nada me assombra; porque eu só com esta espada hei de vencer a quantos Poetas há no Mundo: Serra Hespanha, viva Apollo, e morrão traidores.

*Bulhas, e gritos entre D. Quixote, Sancho, e Poetas.*

*Apol.* A elles, meu D. Quixote, que a victoria he nossa.

*Sanch.* A'que d'ElRei que estou passado de parte a parte com hum Soneto em agudos!

*D. Quix.* Já fugirão como mosquitos.

*Sanch.* Avança, que com esta gente sou eu gente.

*D. Quix.* Já, glorioso Apollo, pódes cantar a victoria.

*Apol.* Cantem as Musas, Euterpe, e Terpsichore o meu triunfo.

*Canta a Musa Euterpe a seguinte*

ARIA

De Quixote o braço forte
Se ouvirá no meu concentro;
Pois que canta o vencimento
Dessas furias de hum traidor.
Se animoso deu a morte,

A quem morte dava a tantos ;
Viva, viva em doces cantos,
Pois que vence ao vil Piton.
*Canta Terpsichore a seguinte*

ARIA.

Pois vence Apollo
O monstro altivo,
Repita Eólo
Já succeſſivo,
Que brilha vivo
Seu reſplendor:
É aſſim as flores
Lhe dem grinaldas
De varias côres,
Já conſagradas
A ſeu valor.

*Apol.* Vivas mil annos, D. Quixote ; e como ſei que não militas por premio, por eſſa cauſa te não premeio ; mas na meſma acção que obraſte tens o maior premio, como tambem agradeço a ajuda de teu criado Sancho Pança.

*Sanch.* Valeo de muito a minha ajuda na retaguarda ; aſſim em premio de meus ſerviços peço a Voſſa Paternidade, Senhor Apollo, que me conceda hum lugar, o primeiro que vagar no Parnaſo, para hum filho meu que he mui inclinado á Poeſia ; de ſorte, que tem roido quantas unhas há em minha caſa, que todos as tinhamos grandes.

*Apol.* Pois que officio quereis ?

*Sanch.* Caſcavel do Parnaſo.

*Apol.* Eu volo dou por tres vidas.

*Sanch.* Em tres vidas, Senhor ? Ora não há prazo que não chegue ! É para melhor agradecimento, e em applauſo deſta vitoria, já que ſou Poeta, pois eſtou no Parnaſo, quero cantar o triunfo ; toquem as Senhoras Muſas, e o Pégaſo faça o compaſſo.

*Can-*

*Canta Sancho a seguinte*

ARIA

Se hoje o meu cantar
Hum zurro ha de ser,
Quero começar:
An, an, an, an, an.
E se dos Poetas
Gallo posso ser,
Cantarei aqui,
Qui quiri qui,
E logo acolá
Cá cará cá;
Porque canto só
Có coró có:
Mas melhor será,
Tornar a dizer,
O que cantei já:
An, an, an, an.

*Canta o Coro, e dá fim a primeira parte.*

# PARTE II.

## SCENA I.

*Mutação, ametade de selva, e outra ametade de mar, e junto á praia hum barco, e huma azenha, e no dito barco se embarcará D. Quixote, e Sancho, e ficarão atados o cavallo, e o burro, e a seu tempo sahirão da azenha dous homens com páos nas mãos.*

*D. Quix.* JÁ' estamos em terra de Aragão; este he o famoso Rio Ebro: na verdade, Sancho, que este Paiz he mui deleitavel, e ameno: que te parece Sancho? Não respondes? Estás mudo?

*Sanch.* Digo que não quero responder palavra,

e tenho dito; meta-se lá com a sua vida, e deixe-me.

*D. Quix.* Sem dúvida estás arrependido de me servires?

*Sancb.* Como que estou? Mais me valêra a mim ser Sombreiro, que he o peior officio que há no Mundo, do que servir a Vossa Mercê.

*D. Quix.* Pois tão mal te tem ido comigo?

*Sancb.* Não he nada, vir eu daquella guerra do Parnaso moido, e remoido á conta de Vossa Mercê, e não achar esta maldita Ilha, e só achar hum formoso arrocho que me arrombasse as alcatras?

*D. Quix.* Tu tens a culpa; quem te manda seres fraco? Ora tem paciencia, soffre, que a Ilha algum dia apparecerá; mas espera, não vês nas margens do Rio hum barco atado sem vélas, nem remos?

*Sancb.* E por final que he Cassilheiro.

*D. Quix.* Sabes aonde estamos?

*Sancb.* Sei muito bem.

*D. Quix.* Aonde?

*Sancb.* Estamos no Theatro do Bairro Alto.

*D. Quix.* Pois sabe que estamos metidos na maior empreza do Mundo.

*Sancb.* Bem aviados estamos: não digo eu que Vossa Mercê he doudo confirmado?

*D. Quix.* Sancho, aquelle barco que vês atado áquelle álamo não está alli sem grande mysterio.

*Sancb.* He porque Vossa Mercê de tudo faz mysterio, e sabida a conta não he nada.

D.

*D. Quix.* Alguma peſſoa eſtá em grande perigo de honra, ou vida; pois coſtumão muitas vezes os Aſtros arrebatarem os Cavalleiros andantes dentro em alguma nuvem, ou pôr-lhe hum barco á viſta para que ſe embarquem, e indo pelo rio abaixo por ſi meſmo o barco, lá vai dar aonde há o perigo: com que, Sancho, ata os cavallos a eſſe tronco, e metamo-nos no barco, e vamos a acudir a eſſa grande neceſſidade.

*Sanch.* Deixe-me Voſſa Mercê fazer primeiro as minhas, que he razão que acuda primeiro ás minhas neceſſidades do que ás alheias.

*D. Quix.* Vamos, Sancho, que aqui a dilação he perigoſa.

*Sanch.* Deixe-me Voſſa Mercê primeiro ourinar para irmos na maré do mijo.

*D. Quix.* Deixa, Sancho, as chançonetas, ata os cavallos, e embarquemo-nos.

*Sanch.* Senhor, conſidere Voſſa Mercê o que faz, olhe que andar pelo mar não he o meſmo que andar pela terra; tome exemplo na diſcretiſſima Raposa que nunca ſe quiz embarcar, donde ficou impreſſo na memoria dos homens o ditado: *Por onde anda a Raposa*; com que, Senhor, montemos, e fujamos deſte barco á véla, e a remo.

*D. Quix.* Olha, Sancho, as Ilhas não ſe achão por terra, ſenão no mar, e talvez que para teu bem eſteja aqui eſte barco como quem diz: Embarca-te, Sancho, que has de achar huma Ilha.

*Sanch.* Com que os barcos tambem fallão?

*D. Quix.* Isso he figura que tu não alcanças; segue-me, que eu me embarco já.

*Sanch.* Senhor, eu já estou resoluto a morrer afogado; vamos com Deos, mas parece mui grande tyrannia deixar o meu burro, fiel companheiro de tantos annos, a quem devo mais do que a meu pai, e a minha mãi.

*D. Quix.* Bem podes estar seguro, que a mesma pessoa que pôz aqui este barco terá cuidado de nos guardar os animaes, que assim o contão as Historias impressas.

*Sanch.* Huma vez que está em letra redonda, sem dúvida que se ha de cumprir á risca: Deos seja comigo.

*Ata Sancho o cavallo, e o burro, embarcão-se, e logo irá o barco pelo Rio abaixo até chegar á azenha, e zurra o burro.*

*Sanch.* Ah burro do meu coração! Bem te entendo o que queres dizer nesse zurro, mas não te posso ser bom; tem paciencia, que bem sei que em deixar-te dei c'os burros na agoa.

*D. Quix.* Vê, Sancho, a serenidade com que anda este barco!

*Sanch.* Senhor, eu já estou enjoado, apare lá que quero vomitar. *Vomita.*

*D. Quix.* Quando nada, Sancho, estamos junto á linha, e temos andado quatrocentas legoas Turquescas, que fazem das nossas novecentas e meia.

*Sanch.* Como póde ser isso, se não temos an-

dado duas braças, e tanto, que ainda alli se está vendo o meu burro, e o seu rocinante?

*D. Quix.* Calla-te, que tu não entendes da Nautica; se tu souberas o que são coluros, trópos, linhas, zodiacos, e baleftilhas, tu víras claramente o quanto temos andado.

*Sanch.* Ora com termos andado tanto ainda não encontrámos nenhuma Ilha para eu governar?

*D. Quix.* Calla-te, que até o fim ninguem se póde chamar desgraçado.

*Sanch.* Sim, Senhor, pela regra geral, que diz que sempre atrás há sorvas.

*D. Quix.* Lá se descobre, Sancho, hum Castello encantado; alli sem dúvida está a affligida pessoa que buscamos: que felicidade!

*Sanch.* He verdade, mas eu cuido que he a Ilha; vamos a ella.

*Chegão ao pé da azenha, e abrindo-se a porta sahirão hums homens com varas na mão empurrando o barco.*

*Hom.* Vossês vem doudos, homens do diabo? Aonde querem meter este barco? Não vem que isto he huma azenha donde a agoa corre tão furiosa, que despenhará, e despedaçará esse barco nas pedras da mó? Arreda para lá.

*D. Quix.* Olha os gigantes encantadores: ó canalha, largai a quem tendes prezo nessa torre, senão com esta espada reduzirei a cinza a todos.

*Sanch.* Senhor, que nos perdemos sem remedio, o barco com a corrença da agoa vai

levado para dentro das pedras. Ai! Ai, que se vira!

*Com muita gritaria de todos se vira o barco, e D. Quixote, e Sancho vem nadando até chegar á praia donde estão os cavallos, e o barco dará na praia, e nella fica virado.*

*Sanch.* Ai, que me afogo, Senhor! Briguemos agora com as ondas.

*D. Quix.* De boa escapámos, Sancho, beijar quero a terra, que me livrou da morte.

*Sanch.* Senhor, beije-me aqui que tudo he terra: ai, ainda não creio! Diga-me por vida sua: ainda estamos no rio, ou já estamos em terra firme?

*D. Quix.* Graças a Dulcinéa, que estamos livres do perigo. Oh malevolos encantadores, que me perseguís por mar, e terra, só por não livrar aos miseraveis afflictos!

*Sanch.* O que eu sentia não era o morrer, era morrer afogado em agoa, podendo morrer afogado em vinho; e tu, burro dos meus olhos, dá-me mil abraços, e dous beijos, que já cuidava que te não via mais em minha vida.

*Sahem dous homens com páos nas mãos.*

*Hom.* Quem fez aquillo no meu barco?

*Sanch.* Ninguem fez aquillo por vida minha, e cheire-o Vossa Mercê, e verá.

*Hom.* Hão de pagar-me o meu barco, senão com este varapáo lho tirarei do corpo, magnos vádios.

*D. Quix.* O' canalha rude, ó vil prosapia de Acheronte, assim se falla com os Cavalleiros andantes? Tomai.

*Sanch.*

*Sanch.* Ai, que eſtou varado! Confiſsão, que me alombárão.

## SCENA II.

*Mutação de montaria de caça com caçadores; hum Fidalgo, e huma Fidalga, &c.*

*Fidalgo.* SEm dúvida, Senhora, que eſtimarei que neſte dia todos os brutos ſe proſtrem rendidos, para que tenhais o divertimento que pertendeis.

*Fidalga.* Bem conheço, Senhor, que o voſſo intento não he outro mais que o buſcares occaſiões com que me divirta da cruel melancolia que me perſegue.

*Fidalgo.* Se bem que eſcuſadas erão as armas, pois á viſta deſſa belleza quem não cahirá morto? E a terem os brutos noticia da voſſa vinda a eſte monte, elles meſmos buſcarião o encontro para terem a fortuna de ſerem deſpojos do voſſo braço.

*Fidalga.* Senhor, deixemos por ora liſonjas, pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis he naſcido mais do voſſo capricho que do meu merecimento *; mas ſe me não engano lá vejo vir dous Cavalleiros.

*Fidalgo.* Muito eſtimo, pois elles nos ajudarão a paſſar a tarde na caça para que os convidaremos.

*Sahem D. Quixote, e Sancho a cavallo.*

*Sanch.* Ora graças a Deos, que eſtamos entre animaes: diga Voſſa Mercê agora que iſto tam-

tambem he encanto, e que aquella mocetona que alli eſtá, e mais aquelle rufião, que são gigantes.

*D. Quix.* Sancho, eu não ſou tão tollo como me fazes, bem ſei o que he caçada, e o que são gigantes; aquella deve ſer alguma grande Senhora que anda caçando; he forçoſo que a vamos comprimentar: pega no eſtribo que eu me apeio.

*Sanch.* Vá deſcendo, que eu lhe vou pegar na eſpóra.

*Ao apear-ſe D. Quixote, cahe do cavallo, e Sancho tambem ao apear-ſe fica debaixo do burro, e acode o Fidalgo, e a Fidalga.*

*D. Quix.* Sancho de todos os diabos, eſcudeiro infernal, acode-me, que fiquei deſcompoſto.

*Sanch.* Pois eu fiquei compoſto, que fiquei cuberto com a albarda do burro.

*Fidalgo.* Senhores, tenhão mão, levantem-ſe.

*Fidalga.* Honrado Cavalleiro, dai-me cá a mão, levantai-vos.

*D. Quix.* Diana deſtes boſques, por caçadora, e por Planeta, ſe a medicina da quéda havia de ſer tão ſoberana, não me arrependo de haver cahido, e mais quando o cahir aos pés de voſſa grandeza, he levantar-me ao auge da maior felicidade.

*Fidalga.* Sois diſcreto.

*Sanch.* Só eu cahi no que era caça; digo, Senhora, que o cahir aos pés de voſſa magnífica, e excellencial Altura, foi porque cahi do meu burro com a preſſa de ir pegar no eſtri-

tribo a meu Amo ; mas vejo agora que se hum burro me derruba , huma jumenta me levanta.

*Fidalgo.* Como vos chamais , honrado Cavalleiro ?

*D. Quix.* D. Quixote de la Mancha.

*Fidalgo.* Que dizeis ? Não sabeis o quanto estimo ver-vos ; pois ha muito tempo que a fama do vosso nome tem grangeado a attenção de toda Hespanha.

*Fidalga.* Marido , este he o célebre D. Quixote ? Temos muito que rir , e nós o faremos mais doudo. Vós não sois por outro nome o Cavalleiro da triste figura ?

*D. Quix.* Algum dia tive esse appellido , mas agora depois que matei hum Leão me chamo o Cavalleiro dos Leões.

*Fidalga.* E vós não sois Sancho Pança ?

*Sanch.* Por meus negros peccados : Oxalá que nunca o fora.

*Fidalga.* Sancho , não vos agasteis , que daqui em diante achareis em mim o amor de mãi , e vos quero para meu perrexil.

*Sanch.* Para perrexil ! Isso não ; se Vossa Altura me quer para alcaparra , com muito boa vontade.

*Haverá muita gritaria , e sahirá hum porco que dá com Sancho no chão , e D. Quixote o mata.*

*D. Quix.* Espera , cerdoso bruto , que te farei humilhar aos pés desta deidade.

*Sanch.* O' minha Senhora , diga áquelle javalí que esteja quieto , e que não entenda comigo. Ai , Jesus ! ( *Cahe.* ) Ah Senhora ? Ah Senhor

nhor D. Quixote ? Ai , que me des-maio !

*D. Quix.* Senhora, já morreo o bruto ; sinto não ser hum gigante para o pôr aos pés de Vossa Grandeza.

*Fidalga.* Sancho , Sancho , bem pódes tornar em ti que o javali já está morto.

*Sanch.* Huma vez que está morto mande-o guisar que o comerei a bocados.

*Fidalga.* Sancho , não cuidei que ereis tão fraco.

*Sanch.* Senhora , isto não he fraqueza he medo. Tomára que Vossa Altura me tirára o quebranto , que não posso acabar comigo ser valente huma vez sequer ; digo que o tenho , porque me vejo quebrantado.

*Fidalgo.* Senhor D. Quixote , Vossa Mercê ha de se servir de vir para meu Palacio descançar hum par de dias.

*D. Quix.* Mercês de Senhores não se rejeitão , hirei para criado dessa nobre casa.

*Fidalga.* Sancho , vós haveis de fazer hoje penitencia comnosco.

*Sanch.* Isso não ; penitencia faça-a quem quiser , que eu ainda me não acho com a idade precisa. Vamos comer alguma cousa.

## SCENA III.

*Mutação de Sala, onde eſtará huma meza com cadeiras.*

*Fidalgo.* SEnhor D. Quixote, ſente-ſe na cabeceira da meza.

*D. Quix.* Iſſo não; Voſſa Grandeza ha de aſſentar-ſe que em tudo tem o primeiro lugar.

*Fidalgo.* Voſſa Mercê he que tem o primeiro lugar neſta caſa, ſente-ſe.

*Sanch.* A'cerca diſſo contarei huma hiſtoria que ſuccedeo não há vinte annos. Convidou hum Fidalgo do meu lugar, mui rico, e principal, porque deſcendia do Neptuno do Rocio, que caſou com D. Rigueira das Fontainhas, que foi filha de D. Chafariz de Arroyos, homem ſobretrancão, e ſecco, o qual ſe afogou em pouca agoa, por cauſa de hum furto que lhe fizerão, de que ſe originou aquella célebre pendencia das enxurradas, na qual ſe achou preſente o Senhor D. Quixote que veio ferido em huma unha; não he verdade, Senhor?

*D. Quix.* Acaba já com eſſa hiſtoria antes que te faça callar.

*Fidalga.* Deixe Voſſa Mercê fallar a Sancho que góſto muito de ouvillo, que he mui diſcreto.

*Sanch.* Diſcretos annos viva Voſſa Altura: como vou contando, vai ſenão quando..... Aonde hia eu, que já me eſquece?

*Fidalga.*

*Fidalga.* Na pendencia das enxurradas.

*Sanch.* Ah, fim, lembre-me Deos em bem; eſte Fidalgo que eu conheço como as minhas mãos, porque da ſua á minha caſa não ſe metia mais que huma eſtrebaria, convidou, como vou dizendo, eſte Fidalgo a hum Lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pario.

*D. Quix.* Acaba já com eſſa hiſtoria.

*Sanch.* Já vou acabando: chegando o tal Lavrador a caſa do Fidalgo convidador que Deos tenha a ſua alma na Gloria, que já morreo, e por final dizem que tivera a morte de hum Anjo, mas eu me achei preſente, que tinha ido não ſei donde.

*D. Quix.* Por minha vida que acabes, ſenão te moerei os oſſos.

*Sanch.* Foi o caſo, que eſtando os dous para ſentar-ſe á meza, o Lavrador porfiava com o Fidalgo, que tomaſſe a cabeceira da meza, o Fidalgo porfiava tambem que a tomaſſe o Lavrador, tem daqui, tem dalli, até que enfadado o Fidalgo diſſe ao Lavrador: aſſentai-vos, villão-ruim, aonde vos digo; porque onde quer que eu me aſſentar, eſſa he a cabeceira da meza. Entrei por huma porta, ſahi por outra, manda ElRei que me contem outra.

*D. Quix.* Tu mo pagarás, Sancho, por eſtas; bem te entendi a hiſtoria.

*Sanch.* Mate-me Deos com quem me entende. Senhor, faço ſaber a Voſſa Altura que o Senhor D. Quixote meu Amo, me tem pro-

me-

metido huma Ilha para eu ſer Governador della, e até aqui vivo em eſperanças; mande Voſſa Altura que ma faça boa, ſenão não o quero mais ſervir.

*Fidalga.* Eu vos prometto dar huma Ilha; por tão pouco não vos vades do ſerviço de voſſo Amo.

*Sanch.* Senhora, ſe tal Ilha alcanço não ſe me dá de quantos Reinos tem o Mundo.

*Fidalga.* Fazei hum memorial, e nelle vos deſpacharei.

*D. Quix.* Que importa que Voſſa Grandeza faça a Sancho a mercê da Ilha para governalla, ſe elle nega haver amor?

*Sanch.* E que tem cá o amor com a Ilha?

*D. Quix.* Homem, ſe não tiveres amor como has de governar bem aos moradores della?

*Sanch.* Venha a Ilha, que eu terei amor aos meus ſubditos, e lhe farei muito bem a caridade.

*D. Quix.* Iſſo ſim; mas tu negas que ha Dulcinéa, e aſſim negas que ha amor.

*Sanch.* Eu não nego que há Deidades a quem ſe deve render tributo no templo da formoſura, mas que haja Dulcinéas *ex parte objecti* concedo, *à parte rei* nego; e mais de que, para moſtrar o que he amor, melhor me explicarei cantando.

*Canta Sancho a ſeguinte*

ARIA.

Vírão já voſsês hum gato,
Que miando pela caſa,

Tu-

Tudo arranha, tudo arraza;
E caçando o pobre rato,
Eſte gincha, que o não rape;
Dalli diz-lhe a moça *çape*,
E o gato reſponde *miau*,
E a Senhora grita *xó*!
Deſſa ſorte, amor tyranno
Faz das unhas duras fléchas,
Que atrepando da alma ás bréchas
Corações, froſſuras, bofes,
Come, engole, e faz em pó.

*Haverá dentro terremoto, e ſahirá hum Diabo a cavallo em hum burro.*

*Diabo.* Qual de vós he D. Quixote de la Mancha?

*D. Quix.* Sou eu, que me quereis?

*Diabo.* Qual he Sancho Pança?

*Sanch.* Não ſou eu; que me quereis?

*Diabo.* Diga ſob pena de morte.

*Sanch.* He eſte criadinho de Voſſa Mercê.

*Diabo.* Pois eſperai aqui ambos, que vem Merlim tirar do deſencanto a Senhora Dulcinéa del Toboſo. *Vai-ſe.*

*Sanch.* Eu não vi Diabo mais cortêz! Eſte Diabo devia ſer bem criado, e filho de bons pais, porque trata a Dulcinéa por Senhora.

*D. Quix.* Oh quem ſe víra já na tua viſta, amada Dulcinéa!

*Fidalga.* A logração vai ſahindo boa; mui tolo he o tal D. Quixote, e o criado! *á parte.*

Sa-

*Sahirá hum carro donde virá Merlim com barbas, e Dulcinéa, e outras figuras, trazendo vélas acêzas nas mãos.*

*D. Quix.* O' Sancho, tal eſtou de contente, e alegre, que tenho eſte dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

*Sanch.* Senhor meu Amo, Voſſa Mercê não vê lá em ſima do cocuruto do carro huma couſa como eſpantalho de figueira?

*D. Quix.* Sim, que ſerá aquillo?

*Sanch.* Que ſerá? He a Senhora Dulcinéa del Toboſo; não diga nada a ninguem.

*D. Quix.* Ai, Sancho amigo, he poſſivel que os meus olhos tiverão tal fortuna, que chegárão a vêr aquella belliſſima, formoſiſſima, altiſſima, e ſapientiſſima Dulcinéa del Toboſo, inveja de Venus, e ardor de Cupido?

*Sanch.* Tomára ter dous ovos para frigir em meu Amo, que ſe eſtá derretando como manteiga.

*Dulc.* D. Quixote, Athlante do valor, columna do templo de Marte, non plus ultra das valentias, braço direito de Aquiles, coração de Pirrho, tu, que ſabes entreſachar as delicias de Venus com os rigores de Marte, he chegada a occaſião de me deſencantares, e livrares do poder deſtes magos encantadores, que por tua cauſa, e por emulação do teu valor me tem encantado.

*Sanch.* He láſtima! Senhor, acudamos, que a pobre Senhora eſtá poſta na eſpinha. Coitadinha! Coitadinha!

*Dulc.*

*Dulc.* Eſtás mudo ? Não me reſpondes , D. Quixote ? Ora já que o teu amor te não move , movão-te as minhas lagrimas miſturadas com o terno de minhas vozes.

*Canta Dulcinéa a ſeguinte*

ARIA.

Que importa , que a huma féra
( Ai , infeliz ! ) Tu venças ,
Se as iras immenſas
De hum monſtro cruel , irado ,
Não pódes ſuperar ?
Porque o valor galhardo ,
Que adorna tanta eſféra
He injúria ao teu ſer ,
Se a mim , que ſou mulher ,
Não ſabes libertar.

*D. Quix.* Senhora , atéqui eſtive arrebatado á eſféra de tua formoſura , por cuja cauſa não te reſpondi ; não quero dizer por palavras o meu offerecimento , e ſó por obras quero ſignificar o quanto devo fazer por ti , que és o eſpirito que me animas no corpo de minha alma : dize o que queres que eu faça para livrar te deſſe encantamento ?

*Sanch.* São mãos perdidas ; agora ſim , que ſe Voſſa Mercê brigar com trezentos gigantes , digo que fará muito bem , porque a occaſião veio a pedir de boca , e a Senhora Dulcinéa he comezinha.

*Dulc.* D. Quixote , já me vai entrando o accidente encantado , que me impede o fallar ; pois ſó tenho licença para iſſo hum quarto de ho-

hora, e assim o Senhor Merlim te dirá quem ha de ser o instrumento do meu desencanto, o como, e o quando.

*D. Quix.* Oh que dor! Agora lhe deu o encantado accidente na boca para não fallar.

*Sanch.* Se foi na boca o accidente, seria de gotta coral, porque ella a tem bem vermelha.

*Merl.* D. Quixote valente, esta que vês he a tua amada Dulcinéa, que por teu respeito a quero desencantar; mas ha de ser levando Sancho Pança trezentos açoutes bem puxados.

*Sanch.* Diga-me, Senhor Merlim, que tem o meu cú com o desencanto da Senhora Dulcinéa?

*Merl.* Assim o dispõe os Astros, e os fados o determinão.

*Sanch.* Pois entenda que ficará encantada para secula seculorum, que livre está que eu me açoute por ninguem.

*D. Quix.* Sancho, coração de pedra, alma de cantaro, entranhas de pedernal, não te movem aquellas lagrimas? Leva os açoutes por tua vida, tem lastima daquella flor, que apenas nasceo no jardim da belleza logo encontrou desmaios nos encantos.

*Sanch.* A'que d'ElRei, digo que me não quero açoutar; açoute-se Vossa Mercê já que he penitente de amor.

*D. Quix.* Meu Sancho, meu fiel amigo, deixa-te açoutar; isso que vem a ser? Não negues huma cousa que está na tua mão.

*Sanch.* Na minha mão nego, no meu cú mais depressa.

*Fidalga.*

*Fidalga.* Quem não he para aturar trezentos açoutes, menos aturará o pezo do governo de huma Ilha; ide, que sois para pouco, villão-ruim: que fazeis vós em fazer o que vos pede huma Dama afflicta?

*Sanch.* Senhora, não tem remdio? Se nasci para ser desgraçado venhão esses açoutes c'os diabos: ai, desgraçada Ilha, que tanto me custa! Ah Senhor Diabo, haja-se com compaixão comigo, que eu lhe prometto se me escapo desta hum cú de sorvas com molduras de paparraz. Ai! hum, dous, vinte; ai cú da minha alma! *Leva Sancho os açoutes.*

*D. Quix.* Calla-te, Sancho, calla-te, que já lá vai; és fiel companheiro.

*Sanch.* Sou hum dardo para elle, valha-o não sei que diga. Olhe, Senhora Dulcinéa, que taes tenho as bebas para mor de Vossa Mercê.

*Merl.* Já Dulcinéa está desencantada, graças a Sancho Pança.

*Fidalgo.* Para bem vos seja, Senhor D Quixote, o desencanto da Senhora Dulcinéa.

*D. Quix.* Será para que Vossa Grandeza tenha mais huma criada para o servir.

*Fidalga.* Ora Sancho Pança, na verdade que fizestes huma acção a mais louvavel que se póde considerar, digna de se estampar em cortiça com letras de alvaiade: logo logo, vos mando ser Governador dessa Ilha; ide, que espero de vós me façais bons serviços, pois sois homem de esperanças.

*Sanch.* Serviços de esperanças são verdes, entendo que a Ilha será nas Caldas.

D.

*D. Quix.* Sancho, vê que vás a governar; olha que deves ter diante dos olhos a Justiça.
*Sanch.* Sim Senhor, eu logo a mando pintar, e a porei diante dos olhos.
*D. Quix.* Não te corrompas com dadivas.
*Sanch.* Eu me salgarei para me não corromper.
*D. Quix.* Sancho, em duas palavras: Amar a Deos, e ao teu proximo como a ti mesmo.
*Sanch.* Amen.

## SCENA IV.

*Mutação de Sala de azulejos. Sahem varias danças, hum Meirinho, hum Escrivão, e dizem:* Viva o nosso Governador Sancho Pança.

*Sanch.* EM fim, não há cousa nesta vida que se não vença com trabalho. He possivel que me veja eu feito Governador! De verdade parece-me que estou sonhando. Ora o certo he que não ha cousa como ser escudeiro de hum Cavalleiro andante! Ah sô Meirinho, endireite essa vara, e não ma troça á justiça; saiba Deos, e todo o Mundo que me quero pôr recto com a sua espada.
*Meir.* Ora já que Vossa Mercê fallou em espada, e Justiça, diga-me, porque pintará Justiça com os olhos tapados, espada na mão, e balança na outra, pois ando com esta vida, e ninguem ma póde dissolver, e Vossa Mercê ma ha d'explicar como sabem tudo?
*Sanch.* Que me faça bom proveito; dai-me

tenção, Meirinho. Sabei primeiramente que isto de Justiça he cousa pintada, e que tal mulher não ha no Mundo, nem tem carne, nem sangue, como v. gr. a Senhora Dulcinéa del Toboso, nem mais, nem menos; porém como era necessario haver esta figura no Mundo para meter medo á gente grande, como o papão ás crianças, pintárão huma mulher vestida á tragica, porque toda a Justiça acaba em tragedia, tapárão-lhe os olhos, porque dizem que era vesga, e que metia hum olho por outro; e como a Justiça havia de sahir direita, para não se lhe enxergar esta falta lhe cobrirão depressa os olhos. A espada na mão significa que tudo ha de levar á espada, que he o mesmo que a torto, e a direito. Os Doutores que fallão nesta materia, não declarão se era espada colobrina, loba, ou de soliga; mas eu de mim para mim entendo que desta espada a folha era de papel, os terços de Infantaria, os cópos de vidro, a maçã de craveiro, e o punho secco; na outra mão tinha huma balança de dous fundos de melancia como a dos rapazes; não tem fiel, nem fiador, mas com tudo dá boa conta de si, porque esta moça se não tem quem a desencaminhe he mui sizuda. Algum dia podia eu lêr de ponto nesta materia, porque vos posso dizer que criei a Justiça a meus peitos; mas as Cavallarias do Senhor D. Quixote sizerão-me com que fechasse os livros, e desembainhasse as folhas.

*Meir.*

*Meir.* Já entendo o enigma; posso agora mandar vir os feitos para a Audiencia?

*Sanch.* Oh magano! Feitos na Audiencia! Aqui he Secreta? Como se chama esta Ilha?

*Escr.* A Ilha dos Lagartos.

*Sanch.* Pois quando a crismarem mudem-lhe o nome, e chame-se a Ilha dos Panças em memoria da minha barriga. Pergunto mais: a quanto está a canada de vinho?

*Meir.* A seis vinteis.

*Sanch.* Logo, logo com pena de morte se ponha a dez reis; não quero que por falta de vinho deixe de haver bêbados na minha Ilha; mandai vir as partes para a Audiencia.

*Sahe hum homem.*

*Hom.* Senhor Governador?

*Sanch.* Que quereis ao Senhor Governador?

*Hom.* Senhor Governador peço Justiça.

*Sanch.* Pois de que quereis que vos faça Justiça?

*Hom.* Quero Justiça.

*Sanch.* He boa teima! Homem do diabo, que Justiça quereis? Não sabeis que ha muitas castas de Justiça? Porque ha Justiça direita ha Justiça torta, ha Justiça vesga, ha Justiça cega, e finalmente ha justiça com velidas, cataratas nos olhos?

*Hom.* Senhor, seja qual for, eu quero Justiça Senhor Governador.

*Sanch.* Huma vez que quereis Justiça: O' Ide-me justiçar esse homem em tres páos.

*Hom.* Tenha mão, Senhor Governador, e eu não peço Justiça contra mim.

*Sanch.* Pois contra quem pedis Juſtiça ?
*Hom.* Peço Juſtiça contra a meſma Juſtiça.
*Sanch.* Pois que vos fez a Juſtiça ?
*Hom.* Não me fez Juſtiça.
*Sanch.* Atéqui ao que parece, o voſſo requerimento he de Juſtiça ; ora andai, dizei de voſſa Juſtiça em tres dias.
*Hom.* Iſſo he muito ſummario.
*Eſcr.* Senhor, não ſaberemos o que pede eſte homem ?
*Sanch.* Homem, que he o que pedís ?
*Hom.* Peço recebimento, e cumprimento de Juſtiça.
*Sanch.* E de que comprimento quereis a Juſtiça ?
*Hom.* Seja do comprimento que for, que eu com tudo me contento.
*Sanch.* O' Meirinho, ide á gaveta da minha papeleira de chorão da India, e entre varias bugiarias que lá tenho tirai huma Juſtiça pintada que lá eſtá, e dai-a a eſte homem, e que ſe vá embora.
*Hom.* Senhor, eu não quero Juſtiça pintada.
*Sanch.* Pois beberrão, não ſabeis que não ha neſta Ilha outra Juſtiça ſenão pintada ? O' Meirinho, lançai-me eſte bebado pela porta fóra, que nenhuma juſtiça tem no que pede.
*n.* Vio-ſe maior injuſtiça ! *Vai-ſe.*
*'ahe o Meirinho trazendo prezo hum homem.*
*'eir.* Senhor, eſte Taverneiro foi agora apanhado neſte inſtante deitando agoa em huma pipa de vinho ; que ſe lhe ha de fazer ?
*nch.* Agoa em vinho ! Ha maior inſolencia !

O'

O' homem do diabo, e não te cahio hum raio nessa mão? Logo seja enforcado sem appellação, nem aggravo, tenho dito.

*Tav.* Senhor, este Meirinho mente.

*Sanch.* Isso he outra cousa; huma vez que o Meirinho mente, ide-vos embora; mas ouvís? Mandai-me hum almude desse vinho, que quero ver se tem agoa.

*Tav.* Viva Vossa Mercê muitos annos. *Vai-se.*

*Sahe huma Mulher.*

*Mulh.* Senhor Governador, venho queixar-me a Vossa Mercê de huma insolencia.

*Sanch.* Como pede, ide-vos embora.

*Mulh.* Se Vossa Mercê ainda me não ouvio como já me despacha?

*Sanch.* Pois eu não posso deferir sem ouvir-vos?

*Mulh.* Senhor, foi o caso: Eu sou huma moça donzella, e solteira, fui peccadora, cahi na tentação do diabo; hum magano.... já Vossa Mercê me entende, e agora diz que não quer casar comigo.

*Sanch.* Pois não caseis vós com elle, que ess. he o maior despique que ha nesta vida.

*Mulh.* Senhor, eu quero casar, mas elle não apparece, supponho que fugio.

*Sanch.* O' lá, metão essa Mulher na cadêa huma corrente ao pescoço, e grilhões pés, bem carregada de ferros até appar. o homem com quem ella quer casar.

*Mulh.* Senhor, isso he contra a Justiça, Vossa Mercê que eu sou huma mulher nunca fui preza.

*Sanch.*

*Sanch.* Por isso mesmo ; andáte.

*Mulh.* Que isto se permitta no Mundo!

*Meir.* Ainda cá não entrou Governador mais recto , nem mais sabio.

*Sanch.* He para ver! Não, comigo ninguem ha de brincar.

*Sahe outro homem gritando.*

*Hom.* A'que d'ElRei que me matárão ; não ha Justiça nesta Ilha ?

*Sanch.* Que tens , homem? De quem te queixas ?

*Hom.* Senhor Governador , eu estou passado de meio a meio ; não posso fallar , porque estou morto.

*Sanch.* Não podeis fallar , porque estais morto ? O' lá , tragão a alma deste homem aqui em corpo , e alma , e metão-lha á força para que falle , que não he razão que fique a República offendida na impugnação do delicto.

*Hom.* Senhor Governador , ouça Vossa Merecê o caso mais atróz que tem succedido nesta Ilha , prepare os pasmos , tenha prompta a admiração , e desenrole as attenções para me ouvir.

*Sanch.* O' lá , Meirinho , mandai preparar os pasmos , tende prompta a admiração , e desenrolai as attenções , para se ouvirem neste Tribunal as queixas deste Author de seu defecto , que assim como a ninguem se póde negar a vista , como dispõe o *text. in l. Cæsus §. Tortus ff. de his , qui metit hum olho por outro* , e com muitos o prova Pão Molle

no

no *Cap. das Codeas*; tambem da meſma ſorte o ouvido ſe não deve fechar para ouvir os queixoſos, como diſpõe o *l. das doze taboas de Pinho na ſegunda eſtancia de Madeira, Cod. de Barrotis.*

*Eſcr.* Eſte homem he hum burro de textos.

*Sanch.* Homem, dizei a voſſa queréla, que eu tiro a cêra dos ouvidos para vos ouvir.

*Hom.* Senhor, foi o caſo.....

*Sanch.* Baſta, não me conteis mais, baſta que eſſe foi o caſo. Ha maior inſolencia! Que aſſim ſe perca o reſpeito á Juſtiça! O' lá, ó lá.

*Hom.* Senhor, eſcute Voſſa Mercê, que ainda iſto não he nada; ouça-me Voſſa Mercê até o fim.

*Sanch.* Quem ouvio eſſe caſo não tem mais que ouvir ſenão logo fazer Juſtiça a torto, e a direito. O' Meirinho, mandai logo levantar huma forca no meu gabinete para que mais publicamente ſeja caſtigado o delinquente.

*Meir.* Senhor, que delinquente, ſe Voſſa Mercê ainda não ouvio quem era?

*Sanch.* He tal a vontade que tenho de fazer Juſtiça, que logo me ſôbe a cólera huma mão traveſſa pelo eſpinhaço aſſima, de ſorte que ſe não me advertis que ainda ſe não tinha dito quem era o delinquente, era eu capaz de mandar enforcar a vós Meirinho, que era a peſſoa mais prompta que aqui tinha mais á mão de ſemear.

*Hom.* Senhor Governador, faça Voſſa Mercê de conta.

*Sanch.*

*Sanch.* Tenho feito de conta; que mais?

*Hom.* Que indo eu andando, andando, andando.

*Sanch.* Ainda não acabaſtes de andar? Arre lá com tal andar! Sois mui bom para andarilho.

*Hom.* Indo pois andando.

*Sanch.* Andai, homem, iſſo já eſtá dito, não me façais criar apoſtemas, que os inſtantes que tardo em dar execução á Juſtiça, são eternidades de penas que me encaixais nas ilhargas.

*Hom.* Quando eu, eis que hia andando manſo, e pacifico ſem fazer mal a ninguem, eſtava hum burro atado a huma porta, quiz paſſar, pedi-lhe licença, não me reſpondeo; tornei-lhe a pedir com palavras cortezes, e levantando os pés do chão peſpegou-me com duas pelotas de ferro bem na boca do eſtomago, de ſorte que me fez deitar a bóſta pela boca. Eſte he, Senhor, o caſo; ſupplico a Voſſa Mercê que não fique ſem caſtigo eſte inſulto.

*Sanch.* Não ficará por certo, e juro á fé de eſcudeiro andante, e pelas ramélas de minha muito deſprezada Mulher a Senhora D. Thereza Pança, que ha de ver o Mundo o exemplar caſtigo de tanta culpa.

*Hom.* Ai, Senhor Governador, aqui, aqui bem na boca do eſtomago he todo o meu mal.

*Sanch.* Vêde lá não ſeja iſſo fome? A graça he que ſe aſſim como o eſtomago tem boca, tivera dentes, que o tal burro lhe deitava os dentes fóra. Dizei-me, homem: eſſe jumento

tó que vós deu os couces de que tamanho será?

*Hom.* Eu não tenho aqui com quem o comparar.

*Sanch.* Olhai bem para mim; será da minha estatura?

*Hom.* He o que póde ser.

*Sanch.* Bem está; pois vá o Meirinho comvosco, e cheguem-se ao burro de manſinho, e digão-lhe: prezo da parte do Senhor Governador; e bem atarracado o tragão aqui perante mim.

*Vão-se o Meirinho, e o Homem, e trazem o burro.*

*Meir.* Eis-aqui o delinquente prezo, que me custou bem a agarrallo.

*Hom.* Senhor Governador, este he o agressor; e este he o que me ferio, ponha-lhe a lei ás costas.

*Sanch.* Vejão Vossas Mercês quem anda perturbando a Républica! Dize, burro de Satanás: que mal te fez este homem para o maltratares desta sorte? O diabo do burro não responde, certos são os touros! Elle que se calla commetteo o delicto, assim como nós aqui estamos. Como te chamas, burro? De quem és? Donde moras? Quem he teu pai? Que dizes? A nada o burro se move; deve ser burro velho, pois se cerra á banda, e não quer fallar. O' Meirinho, vós conheceis acaso este burro, que sois mais veterano neste Paiz?

*Meir.* Com que Vossa Mercê se está fazendo

de

de novas? Vossa Mercê não conhece que este he o seu burro, ou o ruço por alcunha? Isto he mal permittido, que talvez o burro fiado em Vossa Mercê ande fazendo estes insultos. Agora veremos a sua Justiça. *á parte.*

*Sanch.* Ha maior desgraça! Ai, burro da minha alma, quem te disera a ti que eu havia de ser o mesmo que te sentenciasse? Por isso ao entrar me deitou huns olhos como quem me dizia que me houvesse com elle com compaixão. Não tem remedio, hei de sentenciarte; o que poderei fazer he não dar execução á sentença. O' lá, ninguem ouça isto. *á p.*

*Hom.* Senhor, despache-me Vossa Mercê, quando não farei hum desatino.

*Sanch.* Para que saiba o Mundo a minha inteireza, e incorruptibilidade, oução todos, que ainda com ser o burro meu lhe dou a sentença seguinte.

*Vai dictando Sancho a sentença.*

Visto este burro, accusação do Author, provas dadas por huma, e outra parte, mostrase, que hindo o Author roçando-se pelo pé delle Réo burro, que por nome não perca, alçando o pé esquerdo despedio hum couce, que pregando na barriga delle Author, salvo tal lugar; o estendeo como hum cação; e porque consta da fé do Meirinho que presente está, e não me deixará mentir, que o dito Réo burro trazia escondido no pé huma ferradura de ferro, e como semelhantes armas sejão prohibidas, e defezas, por serem armas

cur-

curtas, mando que elle dito Réo burro seja desferrado, e vá passear sem albarda pela feira das bestas, exposto á vergonha dos mais burros seus camaradas, para que se lhe faça a face vermelha, por me constar que he burro de vergonha. Item, que não possa ser pai de burrinhos, nem que se deite a lançamento. Item, que seja lançado á margem na Cotovia, onde não comerá senão relva, ou cascas de melão, e melancia, como burro de Agoadeiro, e pagará as custas, e todas as perdas, e damnos em que o condemno, &c. Ilha dos Panças alagartados, &c.

*Todos.* Viva o nosso Governador Sancho Pança, viva para exemplo dos Ministros, e honra das Ilhas.

*Sanch.* Bem folgo que vejais a minha inteireza, pois com ser o burro meu, e tendo-lhe tanto amor, não foi este bastante para deixar de fazer Justiça. Agora quero escrever huma carta a minha Mulher. O' Escrivão, escrevei lá; ponde em sima a Cruz dos quatro caminhos, e huma alampada accêza.

*Escr.* Senhor, para que he a alampada?

*Sanch.* Sois asno? Donde vistes vós Cruz sem alampada?

*Escr.* Está posta.

*Carta que vai dictando ao Escrivão.*

*Sanch.* Minha Thereza, já sabereis que vos diria o diabo que estou feito Governador em corpo, e alma; mas com me ver levantado do chão hum covado não he razão que o meu amor

amor conjugal vos falte com o debito de minhas letras, (tres pontos, e quatro vingulas) porque vós bem sabeis que quando no taboleiro do gosto escolho o trigo do vosso carinho, lanço fóra a esvilhaca da ingratidão; pois joeirando as finezas fica crivado o peito da correspondencia; porém indo meu amor á atafona dos extremos, alli se desfazem em pó as caricias do coração; e furtando-me o atafoneiro da distancia as maquias da vossa vista, peneirão os meus olhos lagrimas, e com ellas amassando a farinha da mágoa no alguidar da saudade, levão em crescimento o suspiro, até que tendendo-se na taboa dos rigores vai para o forno das penas, e alli se coze com o fogo do desejo; e dando ao moço a merendeira do pezar, guardo o pão azedo de vossa lembrança no armario de minhas memorias. (ponto de interrogação.) Em fim, Mulher, tenho determinado que andeis em coche vós, e minha filha, a quem peço se lembre que tem hum pai Governador. Ahi vos mando esses caramujos, e esse sacco de arêa, que he o que há nesta Ilha; graças a Deos, que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom, e se recommenda com muitas lembranças, e diz, que hajais esta por vossa, que não vos escreve por ter huns cravos em huma mão, que lhes fez hum ferrador em humas bulhas que tiverão. Vêde se presto para alguma cousa, que vo-la hei de fazer. Ilha dos Lagartos. Vosso Mari-

rido, se quizeres. Sancho Pança, Governador.

Esta Carta será logo entregue.

*Meir.* Sim Senhor. Ora basta já de despacho; não queremos que Vossa Mercê se esfalfe; nem tudo se ha de levar ao cabo; venha Vossa Mercê jantar, que o Conselho desta Ilha tem preparado hum magnífico banquete para Vossa Mercê nas casas da Camera.

*Sanch.* Meirinho, jantar de Camera será de cousa que já foi jantada, e assim vêde lá o que dizeis.

*Meir.* Se Vossa Mercê o não quer na Camera será aqui mesmo, e vamos, que depois havemos hir rondar a Ilha.

*Sanch.* Vamos nós reconhecer os pratos, e daime de jantar, seja aonde for, porque o ventre *non patitur moras.*

*Meir.* Vamos. *Vão-se.*

## SCENA V.

*Mutação de Sala. Estará huma meza mal ordenada com huma garrafa em sima; estarão hum Medico, e hum Cirurgião, dous Rebecas, e hum Rebecão, e sahem Sancho, Meirinho, e o Escrivão.*

*Sanch.* QUem te dissera a ti, pobre Sancho Pança, que da rustica choupana de tua Aldea havias de chegar a tanta honra! Sem dúvida, que o apparato desta meza he digno de jantar nella hum absoluto Principe?

Se

Se isto he no preparatorio, que será na codea! Ai, esfaimado Sancho Pança, desta vez tirarás o ventre de miseria; quem me dera ter nesta occasião sete bocas, dez gorgomillos, quatro ordens de dentes, e oito bandulhos para devorar, e engolir tanta comezana!

*Meir.* Senhor Governador, sente-se Vossa Mercê.

*Sanch.* O' meu rico Meirinho do meu coração, dizei-me quem são estes dous bigorrilhas?

*Meir.* Este he o Medico, e este he o Cirurgião, que ambos costumão assistir nos banquetes que se dão aos Governadores por grandeza, e estado.

*Sanch.* Eu lhe perdoára o estado, com tanto que a grandeza só fora no comer. E quem são estes de cabelleira loura muito bulliçosos?

*Meir.* Estes são os que tangem varios instrumentos em quanto se come para excitar o appetite.

*Sanch.* Eu escuso acepipes para comer, pois o tenho para seis bois.

*Tocão os instrumentos muito desafinados.*

*Meir.* Que tal tangem?

*Sanch.* Esta tocata he de rigor, parece feita por solfa.

*Med.* Senhor Governador, ora por vida sua que nos faça a honra de comer; faça-nos este gosto por quem he.

*Sanch.* Não he necessario tanto rogo; este Medico tem feição. *á parte.*

*Med.* Primeiramente, Senhor Governador, ha de Vossa Mercê comer com parcimonia.

*Sanch.*

*Sanch.* Parcimonia he couſa de comer?

*Med.* Parcimonia he comer com temperança.

*Sanch.* Iſſo de temperos pertence ao coſinheiro.

*Med.* Temperança por outro nome he o meſmo que comer pouco, e com regra; pois conforme a melhor opinião dos modernos, o muito comer eſtraga a natureza.

*Sanch.* Ainda eſta he peior! Ora digo-vos que ſois hum aſno. O comer muito he proveitoſo para a barriga, porque ſe enche; pois conforme a melhor Filoſofia *non datur vacuum in rerum natura*, e aſſim hei de comer.

*Cirurg.* Senhor Governador, com licença de Voſſa Mercê, antes que coma he preciſo fazer huma diligencia do meu officio da Cirurgia.

*Sanch.* Entendo que eſte banquete tem algum apoſtema que o Cirurgião quer tambem meter a tenta; vamos lá, que he iſſo?

*Cirurg.* Quero endireitar-lhe o peſcoço, tenha-o ſempre direito, não o troça quando comer, porque facilmente póde quebrar alguma veia.

*Sanch.* Não me deixareis comer como eu quizer? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais que eſta he a primeira vez que eu como na minha vida?

*Med.* Senhor, huma couſa he comer como eſcudeiro, e outra como Governador; e como tal queremos que Voſſa Mercê coma como manda a arte Medica, e Cirurgica; pois a conſervação da ſua vida nos importa em muito, como unico refugio em que ſe eſtriba a noſſa eſperança.

*Sanch.*

*Sanch.* Seja o que vós quiſereis, e deixai-me comer; venha a ſopa.

*Med.* Iſſo he ſopa? Nada, fóra! Não coma Voſſa Mercê ſopa, que he muito nutritiva, geradora, damnoſa, ſanguinaria, e lhe póde reſultar hum eſtupor.

*Sanch.* Com que a ſopa faz eſtupor? Vós he que ſois o eſtupor da ſopa. Hei de comella, mas que me dem duzentos eſtupores.

*Med.* Requeiro a Voſſa Mercê da parte da ſaude, que não coma ſopa, que neſta Ilha a ſopa prova muito mal.

*Sanch.* Iſſo he porque voſsês não ſabem provar bem a ſopa.

*Med.* Ora Senhor Governador, deixe Voſſa Mercê iſſo, pois não falta comer em que Voſſa Mercê ſe poſſa fartar; coma eſſe prato de aſſado.

*Cirurg.* Não, com licença de Voſſa Mercê, Senhor Doutor, tambem agora não he lícito que o Senhor Governador coma aſſado, que lhe póde ferir a garganta, pelo torrado do forno, e pela acrimonia do molho.

*Med.* Pois não coma aſſado ſe a Cirurgia aſſim o manda.

*Sanch.* Com que voſsê, Senhor Doutor, he Juiz da conſciencia da minha barriga? Eſtá galante hiſtoria dizer lá o bigodes do Cirurgião, que o aſſado faz mal á garganta!

*Meir.* Senhor Governador, o que os Senhores dizem tudo he para ſeu bem, e elles que o dizem bem o entendem.

*Sanch.*

*Sanch.* Meirinho, eu sempre ouvi dizer que quem te dá o osso não te deseja ver morto, e estes Fysicos não só me não dão a carne, mas tambem me não dão o osso, e senão dizeime, para que me convidárão estes Senhores se me não deixão comer?

*Med.* Essa he boa! Nós lhe prohibimos o que he nocivo; ahi não faltão manjares para Vossa Mercê comer.

*Sanch.* Ora está bem, vamos comendo estas perdizes.

*Med.* Tá tá; perdizes por nenhum caso, são perniciosas á vida do homem.

*Sanch.* A'que d'ElRei, Senhores: há quem tal diga da perdiz, que se come com a mão no nariz, por ser tão excellente, que he necessario apertar-se o nariz para que não entre por elle?

*Med.* Senhor Governador, dê-me attenção. A perdiz, como diz Averróes, he muito indigesta: *Omnis saturatio mala, perdix autem pessima.*

*Sanch.* Ora Senhores, deixem-me já por caridade comer aquelle prato de vaca, para consolação desta pobre pança; pois sempre ouvi dizer a meu Amo, que *vacare culpa, magnum est solatium.*

*Med.* Olhe Vossa Mercê, Senhor Governador, não duvidamos que a vaca he generoso alimento, porém como Vossa Mercê ainda não comeo cousa alguma, não he licito que coma vaca estando em jejum, porque a vaca he

alimento mui forte ; e como o eſtomago eſtá fraco , peleja o forte com o fraco , e he forçoſo que fique o fraco vencido , e do vencimento póde reſultar a morte mui facilmente.

*Sanch.* Viſto iſſo tambem eſtou inhabilitado para cómer vaca ?

*Med.* Por ora ſim.

*Sanch.* Que por ora , ſe eu por inſtantes me eſtou deſmaiando com fraqueza ? Deixem-me comer aquelle prato que alli eſtá , que morro com fome.

*Med.* Senhor , eſtá louco ? Quer comer pratos ? Não vê que he de eſtanho , e que lhe póde fazer huma grande obſtrucção na barriga ?

*Cirurg.* Ui , Senhor , eſtanho não he bom para o eſtomago , nem derrétido quanto mais cru.

*Sanch.* Ora iſto he já pouca vergonha ; hei de comer o que eu quizer , pois ſou Governador em chefe com mero mixto imperio neſta Ilha , e ſeus arredóres.

*Med.* Senhor , tenha mão.

*Sanch.* Sim , tenho mão para vos dar muita bofetada a vós , Medico de ourinas , e a vós , Cirurgião de trampa.

*Meir.* Senhor , não coma , que lhe póde fazer mal , que o dizem os Senhores.

*Sanch.* Se o comer faz mal , tambem o não comer o faz , e ſe hei de morrer de não comer , quero morrer comendo : Morra Martha , morra farta.

*Haverá grande bulha ſobre o comer , ou não comer.*

*Med.* Acudão todos , que o Senhor Governador ſe quer matar por ſuas mãos.

*Re-*

*Rebecas.* Senhor, pague-nos Voſſa Mercê, que aqui eſtivemos para tanger rebecas.

*Sanch.* Iſſo era pagar os açoutes ao verdugo.

*Todos.* A'que d'ElRei ſobre o Governador, que nos não quer pagar.

*Cirurg.* A'que d'ElRei ſobre o Governador, que ſe quer matar pelas ſuas mãos.

*Sanch.* A'que d'ElRei, que me querem matar á fome.

*Meir.* Vamos rondar a Ilha, que he já noite.

*Sanch.* Não quero rondar, leve o diabo a Ilha; há aqui perto alguma taverna?

*Eſcr.* Ora vamos, que ao depois ſem que o Medico, nem o Cirurgião faibão, lhe daremos bem que comer.

*Sanch.* Vêde lá o que dizeis.

*Eſcr.* Tenho dito, e fie-ſe em mim.

*Sanch.* Ora vamos rondar; mas eſperai, e ſe acharmos alguns Marujos que nos quebrem os narizes, que conta havemos dar de nós?

*Meir.* Por iſſo meſmo, para os prender.

*Sanch.* Iſſo he o meſmo que quebrar hum olho a mim para tirar dous a meu contrario; não Senhor, deixe Voſſa Mercê patuſcar a quem patuſca; já que o não podem fazer de dia deixemo-los patuſcar de noite que he ſua, e ninguem lha póde tirar por força.

*Meir.* Vamos, Senhor, ſenão daremos com Voſſa Mercê fóra daqui.

*Sanch.* Vamos, mas olhe que lhe digo, que eu vou como quem vai para a forca.

## SCENA VI.

*Mutação de casas. Estarão alguns rebuçados, e se canta o oitavado, e sahem Sancho, e os Meirinhos rondando.*

*Sanch.* AGora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Thereza, isso erão canas! Dei-lhe huma vez hum descante que fazia bailhar as tripecinhas: o demo da rapariga era esquiva como não sei que; huma vez pedi-lhe que me deixasse beijar-lhe a mão, e virou-me o rabo com tanta galantaria, e gentileza, que lho beijei cuidando que era a mão; cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar hum homem com as vozes do meu canto a dar c'o corpo á sola.

*Meir.* Vamos prender esses maganos.

*Sanch.* Deixai-os, Meirinho.

*Meir.* Senhor, isto he hum desaforo, andar desinquietando as moças honradas que estão em casa de seus pais.

*Sanch.* Dizeis bem: O' lá, ó Senhores esquinados, vossês bem podem namorar sem desinquietar as raparigas.

*Escr.* Vossês não tem respeito á Justiça? Vão-se logo embora.

*Sanch.* O' filhos, não deis escandalo á visinhança, nem deis motivo a disturbios com vossos divertimentos, quando não farei Justiça.

*Hom.* Vamos dar outro descante pela parte do quintal.

*Meir.*

*Meir.* Alli eſtá hum vulto naquella eſquina; reconheça Voſſa Mercê quem he.

*Sanch.* Como o hei de reconhecer, ſe elle eſtá embuçado?

*Meir.* Por iſſo meſmo.

*Sanch.* Ah Senhor, deſembuce-ſe lá, olhe que o quero reconhecer; ai, que já o reconheci!

*Meir.* Quem he?

*Sanch.* He hum homem que eſtá embuçado.

*Meir.* Pergunte-lhe quem hè, da parte do Senhor Governador.

*Sanch.* Quem he, da parte do Senhor Governador?

*Hom.* Que lhe importa?

*Sanch.* Não diſſe eu que ſe havia de agaſtar? Voſsês não querem tomar o meu conſelho.

*Meir.* Torne-lhe a perguntar.

*Sanch.* Quem he, da parte d'ElRei?

*Hom.* He a perra que o pario.

*Sanch.* Ai, que he minha Mãi! Mas ella já morreo; ſerá a ſua alma que me vem ver. Diga por vida ſua, quem he?

*Hom.* Sou ſua avó torta.

*Sanch.* Mente, magano, que minha avó não era torta, nem na minha geração houverão tortos; torto ſerá voſsê.

*Meir.* Venha prezo da parte d'ElRei.

*Hom.* Digo que não quero ir prezo.

*Sanch.* Voſsê não quer ir prezo? Olhe bem o que diz.

*Hom.* Não quèro, tenho dito.

*Sanch.* Pois vá-ſe embora.

*Meir.*

*Meir.* Que quer dizer não quero ir prezo ? Venha logo.

*Sanch.* Meirinho , vós sois terrivel ; se o homem não quer ser prezo , para que o havemos levar contra sua vontade ? Não vêdes que póde dar huma força de nós.

*Meir.* Ora isso he já pouca vergonha ! Ha de vir desta sorte.

*Hom.* Venha para cá, que eu o enfiarei.

*Puxão pelas espadas , e foge Sancho.*

*Sanch.* Pés para que te quero ! Lá vai o Meirinho c'os diabos : de boa escapei eu ! *Vai-se.*

*Meir.* Ah Senhor Governador ?

*Sanch.* Não deixarão a este pobre Governador lograr o seu governo descançado na cama com as pernas para o ár.

*Meir.* Senhor Governador ?

*Sanch.* Mudos sejais vós todos os dias da vossa vida ; arre lá com o salvaginha ! Bate que parece que piza esparto.

*Escr.* Vossa Mercê não ouve , Senhor Governador ?

*Sanch.* Isso he tollice , pois se eu ouvíra não houvera responder ?

*Meir.* Ora ouça , que estou batendo.

*Sanch.* Com a motinada do bater não ouço nada.

*Meir.* Pois já não bato , ouça Vossa Mercê.

*Sanch.* Huma vez que não bateis entendo que não quereis entrar.

*Escr.* Vossa Mercê parece que não ouve ?

*Sanch.* Não poderei ser surdo se quizer ? Olhem que está boa.

*Meir.* Senhor , que está a Ilha cercada de inimigos , acuda Vossa Mercê. *Sanch.*

*anch.* A Deos, minhas encommendas; lá vai o pobre Sancho Pança desta bolada.

*Escr.* Senhor, venha defender a Praça, saianos a governar como bom Capitão.

*Sanch.* Mandai cantar a Ladainha de todos os Santos, e vereis como se vão.

*Meir.* Ora isto he já pouca vergonha, lá vai a porta dentro.

*Sahe Sancho.*

*Sanch.* Esperem, que eu lá vou para fóra. Vossês estão aqui há muito tempo?

*Meir.* Ha mais de duas horas.

*Sanch.* Porque não fallavão? Eu adevinho? Pois que temos?

*Escr.* Estamos perdidos.

*Sanch.* Alguem nos achará.

*Meir.* Inimigos na Ilha; acudamos a defendella.

*Sanch.* Pois façamo-nos seus amigos, e dizeilhe que entrem.

*Escr.* Pelejemos, Senhor.

*Sanch.* Isso he mais; eu sou cá espadachim? Não basta que elles briguem?

*Meir.* Senhor, que já elles ahi vem, vamos sahir-lhe ao encontro.

*Sanch.* Tomara-me não encontrar com semelhante gente; vão vossês brigar se quizerem, que eu fico governando a Ilha.

*Escr.* Senhor, que vem passando tudo a cutélo, defendamo-nos.

*Sanch.* Isso he outra cousa. O' lá, todos os nossos Soldados se ponhão em ala com as mãos atadas para trás, para que logo sejão

de-

degollados, e quando os inimigos vierem ninguem lhes faça mal; deixem lhe tomar a Ilha, que mais val tomada que perdida.

*Meir.* Vamos, Senhor.

*Sahem alguns homens.*

*Todos.* Morra Sancho Pança. Vitoria.

*Sanch.* Morra muito embora, com tanto que me não matem.

*Todos.* Este he o Governador, venha prezo.

*Cahe Sancho no chão.*

*Sanch.* Eu quero morrer antes que me matem.

*Todos.* Elle está morto, enterre-mo-lo.

*Sanch.* Peior está esta; quem lhe disse a elles que eu queria que me enterrassem?

*Todos.* Levemo-lo a enterrar.

*Sanch.* Não, eu não sou morto de ceremonias, eu hirei mesmo por meu pé.

*Todos.* Peguem nelle.

## SCENA VII.

*Mutação de jardim aonde estarão o Fidalgo, a Fidalga, e D. Quixote.*

*D. Quix.* SEnhora Excellentissima, Fidalguissimo Senhor, não sei aonde pertendem chegar vossas grandezas com tantas liberalidades, quantas são as com que tratão a hum Cavalleiro andante! Algum dia saberei pagar tantos beneficios, pois tambem os Senhores não se livrão de estarem encantados.

*Fidalga.* Senhor D. Quixote, ainda fazemos pouco, segundo o que merece hum Cavalleiro andante como Vossa Mercê.

*Fi-*

*Fidalgo.* Se a minha casa não estivera tão empenhada, Vossa Mercê víra o nosso primor.

*Sahe Sancho.*

*Sanch.* O diabo leve a Ilha, e mais quem me mandou para ella.

*Fidalgo.* Que he isso, Sancho Pança? Que conta me dais da minha Ilha?

*Sanch.* Aonde está a galantaria de me mandar Vossa Reverencia a ser Governador de huma Ilha atreita a inimigos? Elles lá ficão a paz, e a salvo, e eu vim fugindo a unha de burro.

*Fidalgo.* Pois não a soubeste defender.

*Sanch.* Defendi-a até a ultima gotta de sangue, e até me fiz morto a ver se elles fugião, mas os malditos não tem medo de defuntos.

*D. Quix.* Vai-te, cobarde gallinhola; isso he o que aprendeste do meu valor ha tantos annos na escóla da minha milicia? Não te hei de ver mais a cara. Que se ha de dizer de mim se tu dás má fama do meu valor?

*Fidalga.* Senhor, os accidentes da fortuna não são desluſtres do valor; isto podia acontecer ao mais valente.

*Sanch.* Isso estava eu para o dizer agora, e tirou-me da boca o que eu já tinha entre os dentes.

*Sahe hum Escudeiro.*

*Escud.* Senhor D. Quixote de la Mancha, a Senhora Condessa Trifalde pede licença para fallar a Vossa Mercê.

*D. Quix.* Dizei-lhe que entre, com licença dos Senhores.

*Cond.*

*Cond.* Senhor, aos pés de Voſſa Mercê buſca remedio huma deſgraçada Condeſſa, a qual vive encantada ha vinte annos com tal extravagancia dos encantadores, que tendo eu o melhor catão me fizerão creſcer na cara as maiores barbas que nunca ſe vírão em homem algum, e aſſim ſó o voſſo valor me póde deſencantar.

*Sanch.* Eſta he mulher de bigode.

*D. Quix.* Senhora, menos rogo, que eſſe baſtava para vos deſencantar.

*Cond.* Pois eu chamo hum cavallo no qual ſubireis á região etherea a deſencantar-me, e voſſo criado Sancho Pança ha de ir nas ancas.

*Sanch.* Senhora Condeſſa Trifraldas, eu ſempre ouvi dizer que o dar vinha nas ancas do prometer; eu já eſtou deſenganado do que dão de ſi eſtes deſencantos; com que, ſem que me paguem não vou, mais que me frijão.

*Cond.* Dou-te huma joia, que val mil moedas, que tambem eſtá encantada.

*Sanch.* Pois eu vou deſencantar a joia, e meu Amo a voſſa barbaridade.

*Canta a Condeſſa Trifalde a ſeguinte*

ARIA.

As nuvens com ventos
Soberbos, violentos,
Me tragão voando
Hum bello cavallo,
E nelle montado
Dom Quixote vá.

Tambem Sancho Pança
Chegue a montallo;
Porque deſta ſorte
Se veja a mudança
Do roſto, que he morte,
Se barbas ſe dá.

*Nas*

*Nas ultimas clauſulas da Aria deſce o cavallo, e montão D. Quixote, e Sancho Pança.*

*Sancb.* Não lhe aperte muito o freio, que he doce da boca.

*D. Quix.* Já paſſámos a região aeria.

*Sanch.* Aerio eſtá Voſſa Mercê. Eſte cavallo anda, que parece que voa. Para a carga! Eſte cavallo como vai pelo ár tem muita ventoſidade.

*D. Quix.* Eſta he a região do fogo, já eſtamos perto.

*Cahe o cavallo com D. Quixote, e Sancho.*

*Sanch.* Eſta he a região da terra; ai, que quebrei as coſtellas! Ai, Senhora Condeſſa, ou Senhora alcofa, aonde eſtão as moedas?

*Cond.* Senhor D. Quixote, já eſtou deſencantada, vivais muitos annos; Sancho Pança, as moedas hão de vir para o tempo dellas; a Deos.

*Sanch.* Há maior inſolencia! Tu és aſno, Sancho? Pois leva, leva. Senhor, eu me reſolvo a ir para a minha Aldèa ſangrar-me, e purgar-me; pois tenho levado tantas quédas de deſgraça, ſem que pudeſſe ter quéda com a fortuna.

*D. Quix.* Senhores, Voſſas Grandezas me hão de dar licença, que não he razão eſteja aqui tanto tempo ſem ir deſencantar outras peſſoas, viſto ter já deſencantado eſta Condeſſa.

*Fidalga.* Não poſſo eſtorvar a Voſſa Mercê eſte louvavel exercicio das ſuas Cavallarias.

*Fidalgo.* Viva mil annos o Senhor D. Quixote por tantos deſencantos.

*D. Quix.*

*D. Quix.* Senhores, isto em mim sempre foi obrigação. Sancho, vai sellar os cavallos.

*Sanch.* Vamo-nos já desta casa encantada.

## SCENA VIII.

*Mutação de bosque. Sahem Sansão Carrasco, D. Quixote, e Sancho, os dous primeiros a cavallo.*

*Carr.* AGora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte, e darei quanto posſuo se chegar a vencer agora a este D. Quixote, para ver se lhe posſo tirar da cabeça a este louco a loucura que tem emprendido. Eu te prometto que tu fiques desenganado, e por estes par de annos não montarás a cavallo. Oh se quizera a ventura que agora o encontrasse! Mas se me não engana a vista, lá vejo vir hum Cavalleiro; elle he sem dúvida, apressar-me quero. (*Sahe D. Quixote.*) Se sois Cavalleiro andante brigai comigo.

*D. Quix.* Como, se o sou? Não só comvosco brigarei, mas com mil de vós.

*Sanch.* Mão, isto he caso pensado, e rixa velha.

*Carr.* Investi, Cavalleiro.

*D. Quix* Invisto. *Cahe D. Quixote.*

*Sanch.* Oh desgraçado, aqui vierão ter fim as tuas Cavallarias andantes! Ah Senhor, não o mate por vida sua, deixe-o para tronco dos Cavalleiros andantes.

*D. Quix.* Estou vencido; nem sempre a fortuna me havia de ser favoravel. *Carr.*

*Carr.* Pois eſtais vencido, mando-vos que não tomeis armas por eſpaço de dez annos, e vos recolhais a voſſa caſa.

*Sanch.* Oh nunca ta mão doa! Bem hajas.

*D. Quix.* Como bom Cavalleiro devo obedecer; dizei-me quem ſois?

*Carr.* Eu ſou Sansão Carraſco a quem venceſtes já huma vez; agora quizerão os Aſtros que eu vos venceſſe, para que vos recolhais em paz para a voſſa caſa, que aſſim mo pedio voſſa Sobrinha.

*Sanch.* Ora, Senhores, acabou-ſe a valentia de D. Quixote, graças a Deos! Tirei bom fructo delle; bem me diſſe a minha filha ao deſpedir-me. Com que agora dando fim a eſta verdadeira Hiſtoria hirei cantando.

Tão alegres que viemos,
E tão triſtes que tornámos:

*Canta o Coro como no principio.*

F I M.

# ESOPAIDA,
# OU
# VIDA DE ESOPO,
# OPERA,
## QUE SE REPRESENTOU
## no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Abril de 1734.

### ARGUMENTO.

*Esopo Filosofo, sendo cativo, ou escravo de Zeno, foi vendido a Xanto, Filosofo Athenienſe, o qual eſtimou muito a Eſopo por ſer gracioſo, e ſabio. Eſte ſervindo a ſeu Senhor Xanto em a Cidade de Athenas, veio ſobre a meſma Cidade ElRei Creſſo de Lidia com hum grande exercito. Foi inſinuado pelo Oraculo de Jupiter, que Eſopo como ſabio foſſe o Director da defenſa dos Athenienſes, e com ſeus ardis os livrou, dando o Povo a Eſopo a liberdade em beneficio da Patria. Caſa Periandro com Filena, filha de Xanto. ElRei Creſſo pre-*

*premeia os grandes merecimentos de Esopo, fazendo o Governador da Cidade, e levanta o cerco. O mais se verá em o contexto da Historia.*

## INTERLOCUTORES.

| | |
|---|---|
| *Cresso*, | *Rei de Lidia.* |
| *Zeno*, | *Filosofo, Senhor de Esopo.* |
| *Xanto*, | *Filosofo.* |
| *Periandro*, | *Discipulo de Xanto, amante de Filena.* |
| *Ennio*, | *Discipulo de Xanto.* |
| *Temistocles*, | *Senador.* |
| *Filena*, | *Filha de Xanto.* |
| *Euripedes*, | *Mulher de Xanto.* |
| *Geringonça*, | *Criada de Euripedes.* |
| *Esopo*, | *Filosofo.* |
| *Soldados, e Coro.* | |

## SCENAS DA I. PARTE.

I. *Mutação de Praça com casas, e huma feira com gente.*
II. *Mutação de Camera.*
III. *Mutação de Sala.*
IV. *Mutação de Camera.*
V. *Mutação de Mar.*
VI. *Praça. Mutação de noite.*
VII. *Mutação de Exercito.*
VIII. *Mutação de Templo.*

## SCENAS DA II. PARTE.

I. *Mutação de Selva.*
II. *Mutação de Arraial.*
III. *Mutação de Selva.*
IV. *Mutação de Camera.*
V. *Mutação de Arraial.*
VI. *Mutação de Pateo escuro.*
VII. *Mutação de Camera.*
VIII. *Mutação de Arraial.*
IX. *Mutação de jardim.*
X. *Mutação de Sala.*

PAR-

# PARTE II.

## SCENA I.

*Depois de cantar o Coro descobre-se a Praça com fonte, e haverá como huma feira com grande concurso de homens, e mulheres, e hirão sahindo Zeno com os dous Escravos, e Esopo mais atrás.*

*Zen.* NOTAVEL dia de feira para hum homem ganhar com estes tres escravos sequer duzentos por cento, que não he usura! Oh queira Jupiter que não chova! Não me dirás, Esopo, já que és tão prezado de respondão, porque quasi sempre em todas as feiras chove?

*Esop.* Isso tem pouco que saber, porque como quasi sempre as feiras se fazem nos Rocios, por força se hão de molhar, ou rociar as feiras.

*Zen.* Que depositasse a Providencia em vaso tão tosco huma alma tão perfeita como a deste Esopo!

1. *Escr.* Para que nos trará nosso Patrão hoje á feira? Isto he novidade.

2. *Escr.* E o que mais me faz desconfiar he o vestir-nos com roupas novas, e trazer-nos mui Franças. Que dizes, Esopo, que será isto?

*Esop.* De sorte, meus amigos, que segundo a

perspectiva em que estamos cheira-me isto a que nosso Patrão nos traz aqui para que alguem se namore de nós para casar, porque elle he muito amigo de fazer geração na bolsa.

1. *Escr.* Não, isto he mais alguma cousa.

2. *Escr.* Isto he o que quer que he.

*Esop.* Seja o que for; nunca cuidei no que está para vir. Não ha cousa como hum criado ser bem procedido de unhas em fóra que logo não tem que temer, nem que cuidar; e para que vejais o quam pouco se me dá disso vamos vendo esta feira.

*Zen.* Donde Esopo vás? Tu não ouves? Com quem fallo eu?

*Esop.* He comigo?

*Zen.* Sim.

*Esop.* Eu não me chamo Esopo Vaz, sou Esopo só, nú, e espurio como minha mãi me pario.

*Zen.* Aonde hias, entremetido?

*Esop.* Se eu fora entremettido perguntára a Vossa Mercê para que nos traz hoje a esta grande feira.

*Zen.* Para vender-vos a todos tres, pois todos tres sois intoleraveis pelas vossas manhas, porque tu és hum bebado, e tu hum ladrão.

*Esop.* Visto isso, quem comprar a este sendo ladrão, compra-o com siza, e tudo. E eu, Senhor, quaes são as minhas habilidades, ou virtudes?

*Zen.* São boas; primeiramente mexiriqueiro, e bacharel.

*Esop.* Se eu fora Bacharel soubera Direito; se

eu

eu soubera Direito eu me endireitára, e não fora corcovado; não he por ahi que vai o gato ás filhozes, tem mais de que se accuse?

*Zen.* Mais tenho, e o ser alcoviteiro não presta?

*Esop.* Eu digo que não presta; mas olhe o que lhe digo he que se Vossa Mercê me vende por isso, que não faltará quem por isso me compre. Ora o certo he que estamos em hum tempo que se não sabem estimar os homens de prendas, ou as prendas dos homens! Se Vossa Mercê bem soubera o que eu sou talvez que me não vendêra. Porém fallando com a mais cativa reverencia, não he o mel para a boca do asno.

*Zen.* Qual he o mel, e qual he o asno?

*Esop.* O asno, fallando por entre os dentes, he Vossa Mercê, e o mel he o que sahe, e o que levo do tinteiro.

*Zen.* Acaba com isso, que se começas com arengas nunca acabarás. Mas em quanto vem chegando os feirantes vamos passeando por esta praça. Que te parece? Não he boa?

*Esop.* De boa tem pouco.

*Zen.* Pois achas que esta praça não he boa? Que achaques lhe pões?

*Esop.* Senhor, não póde deixar de ser achacada huma praça com fontes, e a meu ver tem dor de pedra, porque ourina devagar.

*Hom.* Ah sô amigo, que procura? Se quer huma boa espada aqui a tem.

*Esop.* Sou tentado com espadas; este homem he bruxo, adevinhou-me o genio; vejamos lá, que tal he?

*Hom.* He huma folha velha.

*Esop.* Folhinha velha, isso he do anno passado, não me serve para este; quero huma folhinha para este anno que vem, com hum eclipse de estocadas.

*Hom.* Não me entende? Digo que tem aqui huma espada velha.

*Esop.* Peior; eu não quero senão huma espada nova, e vem cá o Senhor á feira com huma espada velha!

*Hom.* Vá-se dahi, que não entende de espadas, ahi tem rócas, vá comprallas.

*Esop.* O homem não tem fizo. *á parte.* Pois fia vossê de mim, que não entendo de espadas? Pois saiba que meu pai foi hum ferro velho, e quando me gerou na bainha de minha mãi nasci eu tão espadaúdo, que cuidou a Comadre que era eu hum peixe espada, e por final, que com poucos dias de nascido me punhão á cabeceira huma espada núa por amor das bruxas.

*Hom.* Passa fóra, carcunda; onde levas a merenda ás costas?

*Esop.* A das costas he minha, e a que está mais abaixo he para vossê.

*Outr.* Fóra Poeta.

*Esop.* Olha tu, não te faça huma finalefa na cara, e hum Poema de pés quebrados.

*Zen.* Valha-te o diabo, maldito, não te callarás, que és aqui a fabula do povo?

*Esop.* Pois se eu sou a fabula do povo tambem o povo he a fabula de Esopo.

*Mulh.*

*Mulh.* Aqui tem boas couves, menino; merque comigo.

*Esop.* Deveras, que a menina das couves não he máo repolho para a panella do amor.

*Mulh.* Olhai quem falla em amor! Tira-te lá; espantalho, não me enguices a venda.

*Esop.* Eu nunca vi Venus com venda. Vem vossês, esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que são dous valentes carneiros.

1. *Escr.* Dize-lhe dessas.

*Esop.* Xiton, que ahi vem nosso Patrão direito como hum fuso; esperem, esperem, que elle lá vai para a feira das bestas. Ah Senhor, aonde vai? Tambem Vossa Mercê se quer vender?

*Zen.* Que dizes, bruto?

*Esop.* Que? Arre para cá, não se troque Vossa Mercê, ao depois não o poderemos conhecer, e quando não ponha hum final na orelha, e vá-se.

*Zen.* Como te tenho por bobo, tens licença para tudo

*Sahem Xanto, Periandro, e Ennio com vestidos talares.*

*Xant.* Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potencia visiva.

*Periand.* Senhor Mestre Xanto, sobre isso da potencia visiva tinha eu hum argumento, e muito forte.

*Xant.* Periandro, fique-vos de advertencia, que nem todo o lugar he para todas as cousas;

nas

nas praças vende-se, e nas Aulas argumenta-se.

*Ennio.* Diz bem o noſſo Meſtre; vós, Periandro, ſois terrivel.

*Periand.* E vós, Ennio, tambem me quereis reprehender? He o que me falta!

*Zen.* Senhor Filoſofo, Voſſa Mercê por ventura quererá comprar algum deſtes eſcravos?

*Xant.* Eu ſó venho comprar hum jumento para a nora da minha quinta.

*Eſop.* Eu nunca vi Filoſofo com quinta. *á p.*

*Xant.* Porém ſe com tudo mo accommodar no preço, não ſe me dá de comprar hum eſcravo. Anda tu cá; que ſabes fazer?

1. *Eſcr.* Tudo.

*Xant.* E tu?

2. *Eſcr.* Eu tudo ſei fazer.

*Periand.* Quem tudo ſabe, nada ſabe.

*Xant.* E tu, monſtro, que ſabes fazer?

*Eſop.* Nada, graças a Deos.

*Xant.* Homem, (ſe he que o és) he poſſivel que não ſaibas fazer couſa alguma?

*Eſop.* Senhor, não ſe admire Voſſa Mercê, que como eſtes meus companheiros tomárão por ſua conta o fazer tudo, não ficou para mim nada.

*Periand.* Que diz Voſſa Mercê da repoſta, Senhor Xanto?

*Xant.* Eſtá com ſubtileza: Ora dize-me; como te chamão?

*Eſop.* A mim chamão-me como me querem chamar; não ha meia hora que huns me chamárão Poeta, e outros carcunda.

*Xant.*

*Xant.* Pergunto o teu nome.

*Esop.* Eu, Senhor, com perdão de Vossa Mercê chamo-me Esopo.

*Xant.* Donde nasceste?

*Esop.* Do ventre de minha mãi.

*Xant.* Não me entendes? Em que lugar nasceste?

*Esop.* Tambem não me disse minha mãi se me pario em lugar alto, ou baixo; mas cuido que foi ahi a algures ao pé de alguma cousa.

*Periand.* Ennio, o escravo tem atacado ao Filosofo nosso Mestre.

*Xant.* Ou és mui simples, ou mui velhaco; pergunto-te, de donde és natural?

*Esop.* A'que d'ElRei, Senhor, eu sou legitimo, não sou natural.

*Xant.* Valha-te Deos; aonde he a tua patria?

*Esop.* Isso he outra cousa; sou de donde me vai bem, que ahi he a minha terra.

*Xant.* Na verdade, que me tem admirado as repostas deste escravo! Hei de comprallo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher se enfade. Quanto quer por Esopo?

*Zen.* Pois não quer estes dous que são perfeitos, e só lhe agradou este bruto? Mas como Vossa Mercê vinha comprar hum jumento, levando a Esopo tudo vem a ser o mesmo.

*Xant.* Eu, Senhor, não compro as perfeições do corpo, mas sim as da alma.

*Zen.* Huma vez que Vossa Mercê assim o quer, todas as vezes que me der dez moedas leve-o.

*Xant.* Aqui as tem.

*Esop.* Que diabo estarão fallando huns com os ou-

outros; apontando para mim? Eu estou vendido aqui. *á parte.*

*Xant.* Esopo, anda comigo, que te comprei.

*Zen.* Esopo, vai com o Senhor Xanto, que a elle te vendi.

*Esop.* Não disse eu que estava vendido? Vamos, Senhor Xanto Filosofo; mas saiba que ambos vamos vendidos.

*Xant.* De que sorte?

*Esop.* Eu, porque Vossa Mercê me comprou, e Vossa Mercê porque não sabe o que leva em mim.

*Xant.* O que eu levo em ti bem o sei.

*Ennio.* Vamos, vamos para casa, que he tarde.

*Esop.* A Deos, a Deos, meus amados companheiros, despeçamo-nos depressa antes que as lagrimas tenhão noticia da nossa despedida, que se ellas o sabem logo virão aos cardumes. A Deos; olhai, se vossês fugirem não seja para Braga, que he má terra para cativos.

*Amb. Escr.* A Deos, amigo.

*Zen.* Esopo, não te despedes de mim?

*Esop.* Como Vossa Mercê me despedio de si para sempre, não queira outra vez despedir-se. Vamos, Senhores.

## SCENA II.

*Mutação de Camera. Sahem Filena, e Geringonça.*

*Filen.* Fallaste a Periandro?

*Ger.* Por mais que andei daqui para alli não o pude ver.

*Filen.* Valha-te o demo, maldita, que não tens prestimo para nada; como hei de passar daqui até á noite sem saber de ti, meu Periandro? Tu, mofina, tens a culpa de minhas ancias.

*Ger.* Se são da madre, case-se, e deixe-me já com taes amores; porque Vossa Mercê me tem aqui para terceira da sua correspondencia.

*Filen.* Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quasi louca. Oh quem me dera saber escrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

*Sahe Euripedes.*

*Eurip.* Como he isso de meu querido Periandro?

*Ger.* Temos o caldo entornado.

*Filen.* Mofina de mim, que minha mãi me ouvio!

*Eurip.* Com que vossê já tem queridos? Está muito bem, teu pai o saberá, desavergonhada.

*Filen.* Eu não sei o que Vossa Mercê diz.

*Eurip.* Não sabes o que eu digo? Pois eu sei o que tu fazes; por isso vós, minha filha, andais sempre contando os buracos ás rotulas, porque todo o fogo tendes no peito: Ah ve-

velhaca, fonça, folapada! Com que o Senhor Periandro he o voſſo amante? Por iſſo elle tomou por Meſtre a teu pai, para ter pé de vir aqui todos os dias.

*Filen.* Olhe, minha mãi.... porque eu.... ; quando.... fim....

*Eurip.* Que diabo dizes? Que fallas, que nem atas, nem deſatas? Reſta-me agora, que te queiras deſculpar.

*Filen.* Pois eu que fiz? Olhe que eſtá boa!

*Ger.* Eu vou-me çurrando, que eſta trovoada ha de parar em agoa. *Vai-ſe.*

*Eurip.* Iſto me faz deſeſperàr; tu pódes negar o que eu vejo, e o que agora te ouvi?

*Cantão Euripedes, e Filena a ſeguinte*

ARIA A DUO.

*Eurip.* Ingrata filha!
*Filen.* Brava mãiſinha!
*Eurip.* Sempre doudinha
Te hei de encontrar!
*Filen.* Sempre doudinha
Me ha de chamar?
*Eurip.* Tu com amores!
*Filen.* Eu! Não ha tal.
*Eurip.* Para que negas?
*Filen.* Eu! Não ha tal.
*Eurip.* Eu bem ouvia,
Que lhe dizias,
Que lhe querias,
E que morrias;
Tudo ſei já.
*Filen.* Baſta mãiſinha

De consumir-me.
Ai, ouça cá.
*Eurip.* Ai, guarda lá.
*Amb.* Não quer ouvir-me?
*Filen.* Ai, ouça cá.
*Eurip.* Ai, guarda lá.

*Sahem Xanto, Periandro, e Esopo, que ficará como escondido.*

*Xant.* Esopo, espera aqui detrás desta cortina.
*Esop.* He mui boa sala vaga!
*Xant.* Amada Euripedes, tardei muito?
*Eurip.* Isso he do costume antigo; donde vem a estas horas, tamanhão?
*Esop.* Ella he desta casta? Boas novas para o pai da criança. *á parte.*
*Xant.* Ora não te agastes, que se tardei, arrecadei.
*Eurip.* Que arrecadei? Que he o que me trazes da feira?
*Filen.* He para mim, paisinho?
*Eurip.* Sim, tudo ha de ser para ella, não ha de ser senão para mim.
*Xant.* Pois saibamos, para quem ha de ser?
*Amb.* Para mim.
*Xant.* Pois lá se avenhão com elle, ahi o tem.

*Sahe Esopo.*

*Eurip.* Que horrivel fantasma!
*Filen.* Que enorme espectaculo! Fujamos, minha mãi.
*Eurip.* Ai, Senhores, que estou para me desmaiar; ai, que elle se vem chegando! A'que d'ElRei!

*Esop.*

*Esop.* Ora eu não cuidava que era tão feio, que metia medo!

*Sahe Geringonça.*

*Ger.* Que gritos são estes, Senhora? Mas ai, coitada de mim, que demonio tão feio!

*Periand.* Boa a veio Vossa Mercê fazer, ella lhe dará o recado.

*Eurip.* Deite-me esse monturo pela porta fóra, não o quero em casa, nem hum instante.

*Xant.* Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma cousa com que se desenfade, e se alegre.

*Esop.* Supponha Vossa Mercê que se me secou a proza, e que estou na hora do burro.

*Xant.* Dize-lhe alguma cousa sequer.

*Esop.* Já que me puxa pela lingua deixe-a agora comigo. Parece muito mal, Senhora Euripedes, que Vossa Mercê se agaste com o Senhor seu marido, por lhe comprar hum escravo feio; pois que queria? Queria hum servo gentil-homem para ficar cativa delle? Queria hum rapagão roliço, alvo, e louro, olhos azues com corpo á Ingleza, e pernas á Franceza, para que logo meu Senhor com tal servo ficasse veado? Ora cuide em si, e saiba estimar-me, que eu lho saberei merecer.

*Eurip.* Ai, só isso me fizera agora rir; és engraçado, já te vou perdendo o medo.

*Xant.* Tu não sabes as prendas de Esopo; eu te prometo que gostes delle.

*Eurip.* Vem cá Esopo, chega-te para mim.

*Esop.* Agora tambem não quero, que tenho me-

medo de Vossa Mercê. A'que d'ElRei, que tarasca! Quem me acode, que me desmaio?

*Eurip.* Ora anda cá, façamos as pazes, olha bem para mim; és mui feio!

*Esop.* Isso he mercê que Vossa Mercê me faz.

*Filen.* A cara parece hum mono.

*Esop.* Ora não me lisongee.

*Ger.* Ai, Senhora, cá lhe vi huma corcova atrás.

*Esop.* Valha-te o demo a lingua, que me descobriste huma falta, que ninguem a havia ver se tu o não disseras.

*Eurip.* Ainda mais essa temos, he corcovado!

*Esop.* Bem podem montar em mim, que ainda que sou corcovado não faço corcovas.

*Xant.* Deixem ao pobre Esopo, que assim como he tem muito prestimo.

*Eurip.* Que habilidades tens, Esopo? Sabes cantar?

*Esop.* Qual he o cativo que não sabe cantar al son del remo, y de la cadena?

*Eurip.* Sabes tanger?

*Esop.* Sei tanger bois muito bem.

*Eurip.* Sabes lêr?

*Esop.* Não Senhora, escrever sim.

*Filen.* Meu pai, eu quero que Esopo seja meu Mestre, e que me ensine a lêr, e a escrever.

*Xant.* Sim, Esopo, tu has de ensinar a esta rapariga a lêr, e a escrever, ahi ta entrego.

*Esop.* Testemunhas me sejão todos, que o Senhor Xanto me entrega a sua filha, ao depois não se queixe, e ella não tem máos bigodes! *á parte.*

*Periand.*

*Periand.* Ora Esopo, conta-nos alguma cousa da tua vida, que ha de ser célebre.

*Esop.* Senhor, a minha vida he mais larga que comprida.

*Eurip.* Dize, Esopo, dize alguma cousa.

*Esop.* Ora vá de historia, gerou-me meu pai, e foi cousa para ver, que tanto que meu pai me gerou, logo minha mãi se sentio prenhe, e ficou tão soberba, que tudo lhe enjoava, engordou tanto, que em nove mezes se fez como huma bola; em fim, se não pare arrebenta; derão-lhe as dores, e ao primeiro puxo sahio este criado de Vossa Mercê, e logo fui tão cortez, que cahi prostrado aos pés de minha mãi; pois só a esta devia pagar as parias, porque não falta quem diga que minha mãi me pario de hum só parto, podendo me parir de dous, que eu tinha corpo para tudo; e he de advertir, que naquelle tempo as mulheres erão as que parião, e não como agora, que pare quem quer: notou-se no meu nascimento, que eu nascêra nú, e em pelle, e como nascia para ser escravo, logo se me vio o ferrado. Tanto que eu nasci, como minha mãi era muito amante dos filhos, logo me mandou engeitar; em fim, fui crescendo aos palmos, e apenas tinha sete annos logo comecei a fallar tão perfeitamente, que não se me entendia palavra; toda a minha vida foi sempre prodigiosa, de sorte, que já anda em livros por todo o Mundo, e agora me dizem, que se está representando no Bairro Alto.

*Periand.*

*Periand.* Notavel he a tua vida!

*Xant.* Esopo, aqui te entrego esta casa, e te faço meu mordomo.

*Eurip.* Vamos, Filena.

*Filen.* Periandro, logo fallaremos, não te ausentes. *Vão se.*

*Periand.* Aqui ficarei esperando por esse Sol, que me anima. Ai, amor, quando has de favorecer a hum amante das tuas aras, que nos suspiros que exhala accende as chammas nos sacrificios que vota?

*Sahe Filena.*

*Filen.* Periandro, seguramente podemos fallar, pois todos lá ficão dentro rindo-se com Esopo, que sem dúvida amor o trouxe aqui para que seja o terceiro de nossos amores.

*Periand.* Essa fortuna a devo estimar para o melhor acerto da nossa correspondencia; e porque agora fallámos de amor, escuta, Filena, a fraze das melhores expressões.

## SONETO.

MInha amada Filena, doce emprego,
De amorosos enleios labyrintho,
São taes as ancias que amoroso sinto,
Que sem morrer mil vezes não socégo.
Em mar de pranto mísero navego
Quando amante naufrago; porém minto,
Porque eu mesmo o martyrio já consinto,
Pois busco as penas morto, as luzes cégo.

Oh

Oh morra já minha alma enternecida!
Oh viva alegre nessa luz serena!
Contente aspiro tão ditosa lida;
Pois consegue esta dor, que me condemna,
Hum triunfo a teus olhos cada vida,
Cada morte huma gloria á minha pena.

*Filen.* Periandro, as tuas finezas por encarecidas, me parecem mais lisonjas que realidades, e assim appello para o tempo, que só este será o fiador da tua constancia; porque sendo tu firme eu não deixarei de ser leal.

*Periand.* Formosa Filena, ainda duvídas da minha lealdade? Não tens lido nos caracteres de meus suspiros as firmezas do meu amor? Não vês no espelho das minhas lagrimas a imagem dos meus extremos? Pois seguro-te, meu bem, que a pezar de tudo hei de ser sempre firme, constante, e leal.

*Canta Periandro a seguinte*

ARIA

Primeiro verás, Filena,
Enregelar-se o fogo,
Mover-se o duro monte,
Cahir esse horizonte,
Que em meu amante rogo
Se encontre o variar.
Se pois amor ordena,
Que adore essa belleza,
Será minha firmeza
Eterna em te adorar. *Vai-se.*

*Filen.* Escuta, Periandro; meu bem, aonde vás?

*Sa-*

*Sahe Esopo.*

*Esop.* Que hei de escutar? Que he o que diz?

*Filen.* Ai! Estu, Esopo? A bom tempo vieste.

*Esop.* Sim vim a bom tempo, mas eu lhe empatei o cosimento.

*Filen.* Meu Esopo, tenho hum favor que te pedir; se o fazes, terás de mim quanto quizeres.

*Esop.* Diga, diga, não gaste tempo, que póde vir seu pai: Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. *á parte.*

*Filen.* Bem sabes, Esopo, que não há peito tão isento, que não sinta as violencias do amor.

*Esop.* Que mais?

*Filen.* Isto supposto, saberás que quero bem... não sei como to diga.

*Esop.* Eu estou vendo que ella se namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. *á parte.*

*Filen.* Porque bem sabes, Esopo, que o amor he cégo, e em nada repara.

*Esop.* Que mais claro mo ha de dizer? A pobresinha não sabe como se explique; ora eu a ajudarei a dizer: Senhora, bem sei que o amor he cégo, e he monstro, e que para catirar as almas, como cégo, não repara em qualidades, e como monstro não se lhe dá de perfeições; quer Vossa Mercê dizer, que apenas me vio logo se rendeo, e que estala de amor por mim; se he isso esteja descansada, que lhe quero tambem muito, muito.

*Filen.* Sempre estás com gracinhas; pois logo em ti havia empregar o meu amor?

*Esop.* Olhe Vossa Mercê, pois achava eu que não era nenhum desproposito, porque me tinha logo aqui á mão dentro de casa sem o ir buscar á rua.

*Filen.* Eu quero bem a Periandro, e como lhe não posso fallar as vezes que quero, tu has de ser o medianeiro da nossa correspondencia.

*Esop.* Isso por outra fraze vem a ser alcoviteiro. Não he nada!

*Filen.* Pois que dizes?

*Esop.* Senhora, em mim está mal o officio de camaleão; isso não se acha em mim.

*Filen.* Meu Esopo, olha que to hei de agradecer, e Periandro tambem.

*Esop.* Senhora, tudo se póde fazer sem que perigue o meu credito, e o seu amor, e poderemos ambos ficar bem.

*Filen.* De que sorte?

*Esop.* Desta sorte: eu o que poderei fazer he levar-lhe algum recado ao Senhor Periandro, ou escrever-lhe alguma carta em seu nome, e fazer tudo o que Vossa Mercê me mandar; mas ser alcoviteiro, isso por nenhum modo.

*Filen.* Aceito o favor que me fazes.

*Esop.* Ah tyranna, não basta comer-me o amor, mas ainda me esfregas com zelos? Pois por vida de Esopo, que...

*Filen.* Quero pois, Esopo, que digas a Periandro, que ao pôr do Sol....

*Sahe Xanto.*

*Xant.* Que fazes ahi, Esopo?

*Esop.* Estava para dar lição á menina, e ella não queria.

*Filen.*

*Filen.* Bem remediou. *á parte.*

*Xant.* Isso tem tempo; Filena, vai para dentro.

*Filen.* Que não podesse dizer a Esopo o recado para Periandro! Ao depois lho direi. *á p. vai-se.*

*Xant.* Esopo, és capaz de guardar hum segredo?

*Esop.* Conforme a parte aonde eu o puzer.

*Xant.* Bem sabes que sou teu Senhor, e que se me fores leal terás a liberdade, e assim saberás que eu sou fragil.

*Esop.* Isso sei eu, diga o mais.

*Xant.* E que em materias de amor todos são loucos; porque amor tem duas vendas, huma nos olhos, outra no entendimento.

*Esop.* Rico amor, será esse com duas vendas.

*Xant.* Com que, não sei que diabo de feitiços me fez esta criada, para eu lhe querer bem.

*Esop.* Ora tenha vergonha; hum Filosofo namorado de huma trapalhona, e mondongueira? Em que consiste a sua Filosofia? visto isso todos somos huns?

*Xant.* Olha tu, tambem o amor he Filosofia das almas, aonde com argumentos de finezas se prova o systema da constancia.

*Esop.* Visto isso eu tambem sou Filosofo; pois quando quero bem, logo he a concluir.

*Xant.* Quem duvída que se tens amor, que tambem és Filosofo?

*Esop.* Ora acabe com isso, que eu de mim para mim me tinha por Filosofo, mas não o queria dizer com vergonha.

*Xant.* Com que, Esopo, eu morro por Geringonça.

*Esop.* Quem he Geringonça?

*Xant.* He esta criada de casa.

*Esop.* Olhe Vossa Mercê, agora sei que tem bom gosto, pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer; o certo he, que todo o amor he geringonça.

*Xant.* Dizes bem; porém como minha mulher Euripedes tem terrivel condição, e não sei se já presume alguma cousa, he-me preciso tratar isto com mais cautéla, e assim tu has de ser o meu remedio.

*Esop.* Purgativo, ou vomitorio?

*Xant.* Purgativo não, ha de ser vomitorio; porque lhe has de dizer, que á noite me falle no jardim, e em tanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

*Esop.* Senhor, isso ninguem tal faz, sevandijar Vossa Mercê hum jardim com huma criada; e então aonde havia Vossa Mercê fallar a huma Senhora?

*Xant.* Não vês tu que a necessidade não tem lei por amor, e o jardim por mais retirado he o melhor lugar?

*Esop.* Pois se a necessidade não tem lei, por amor dessa necessidade falle-se á criada em huma secreta que he parte privada.

*Xant.* Ora deixa disparates, isto te encommendo lhe digas; olha não o saiba viva alma.

*Esop.* Eu lhe prometo que ninguem o saiba.

*Xant.* Mas ella ahi vem, eu me retiro, por me não achar aqui minha mulher, e dize-lhe tu o que te disse; Esopo, segredo, que importa. *Vão-se.* *Sa-*

*Sahe Geringonça.*

*Ger.* He possivel, Esopo, que ainda não tivesse huma hora para me fallares?

*Esop.* He possivel, Geringonça, que ainda não tiveste huma hora para me fallares?

*Ger.* Esopo, ouve-nos alguem, que te quero communicar hum segredo?

*Esop.* Ui, Senhores! Eu cuido que estou prezo nesta casa, pois sempre estou em segredo. *á p.*

*Ger.* Dize, posso fallar?

*Esop.* Se não tens estupor na lingua bem pódes fallar.

*Ger.* Pois sabe, que apenas te vi, quando logo me furtaste o coração, me roubaste as potencias, e me ganhaste a liberdade.

*Esop.* Daqui a pôr-me na forca não vai nada; mulher, eu furtei-te alguma cousa?

*Ger.* Ah ladrão das almas!

*Esop.* Ladrão das almas? Eu nunca andei com a bacia.

*Xant.* Não he nada, a moça namorou-se de Esopo! *á parte.*

*Ger.* Esopo, eu perdida por ti de amor! Como ha de ser isto?

*Esop.* Se estás perdida de amor perde tambem as esperanças; mas dize-me, mulher do diabo, que achaste em mim para me quereres bem? Namorou-te este feitio?

*Ger.* O meu amor tem mais de pezo que de feitio.

*Esop.* Namorou-te esta calva?

*Ger.* Não vês que a occasião he calva, e tu foste a occasião do meu amor? *Esop.*

*Esop.* E estas pernas zaimbras são tambem occasião de tu me quereres bem?

*Ger.* Forão os arcos por onde o amor despedio as settas.

*Esop.* Tudo está muito bem; mas parece-te bem esta corcova?

*Ger.* Essa corcova foi o monte de Venus aonde achei a minha buena-dicha; mas para que te cansas, se para o meu gosto és hum Adonis, e hum Narciso?

*Esop.* Ora tomem-se lá com este Adonis, e com este Narciso!

*Ger.* Ora Esopo, para que te cansas, quem o feio ama, formoso lhe parece.

*Canta Geringonça a seguinte*

ARIA.

Tens tal dengue, tens tal graça,
Que assim mesmo corcovado,
Escalvado,
Arreganhado,
Me namora esse rigor.
Ai, amor, que linda traça
Para me render, achaste,
Se em Esopo cabeçudo,
Narigudo,
Barrigudo,
Tenho posto o meu amor.

*Esop.* Mulher, requeiro-te da parte de Deos, que em me quereres bem não sabes o que fazes; vai-te dahi, que quem se namora de mim he capaz de se namorar de hum burro.

*Ger.* Tu me desprezas? Olhem a que chegárão os

os meus peccados ! Vejão quem ! Hum calvo !

*Esop.* Qual calvo ; não vês que esta calva foi a occasião do teu amor ?

*Ger.* Tu me desdenhas , zaimbro ?

*Esop.* A'gora zaimbro , são os arcos por onde amor despedio as settas.

*Ger.* Tu mo pagarás , corcovado.

*Esop.* Isto não he corcova , he o monte de Venus.

*Ger.* Vai-te dahi , cão com trambolho. *Vai-se.*

*Esop.* Vaite , cadella com almorreimas.

*Sahe Xanto.*

*Xant.* Escravo desaventurado , porque não disseste o que mandei dizer a Geringonça ?

*Esop.* Como o havia de dizer , se Vossa Mercê me disse que o não soubesse viva alma ?

*Xant.* Isso não se entendia com Geringonça.

*Esop.* Tenha mão , agora o colho. Vossa Mercê me disse que o não soubesse alma viva ; *atqui* que Geringonça he alma viva ; *ergo* Geringonça por ser viva alma o não havia saber.

*Xant.* Não te quizera tão Filosofo agora.

*Esop.* Como Vossa Mercê me disse que amor era Filosofia , quiz tomar bem a lição.

*Xant.* Tal estou de raiva , que te matára agora , não te aconteça outra ; quando te mandar fazer alguma cousa faze-a como te mando.

*Esop.* Eu o farei.

*Xant.* Andar , não tem remedio : ouves tu , á manhã tenho de dar hum banquete aos meus discipulos , e te encommendo me ponhas na meza a melhor cousa do Mundo.

*Esop.*

*Esop.* Encommende-me cousas de comer, que disso darei eu melhor conta. *Vai-se.*

## SCENA III.

*Mutação de Sala, e sahirão Periandro, e Ennio.*

*Periand.* ENnio, vós tambem sois convidado para o banquete de Xanto nosso Mestre?

*Ennio.* Os favores particulares, Periandro, serão só para vós; porém os públicos serão para todos.

*Periand.* Eu não vos entendo.

*Ennio.* Homem, vós quereis tapar o Ceo com huma joeira? Pois bem público he que vós andais namorado de Filena, e sendo eu vosso amigo, e condiscipulo, recateis de mim cousa que he tanto do vosso gosto?

*Periand.* Não me crimineis de não vos ter revelado este negocio, pois bem sabeis que o segredo he alma do amor; e tanto o desejo recatar, que tomára de mim mesmo encobrillo; he verdade que eu amo a Filena, porque a sua formosura póde cativar o mais livre alvedrio; mas com amor tão lícito, que não passa os limites da modestia.

*Ennio.* Como lhe podeis fallar, tendo huma mãi de tão terrivel condição?

*Periand.* Quiz a fortuna trazer para isso a Esopo, que he o mais fino alcoviteiro do Mundo.

*Ennio.* Ui! Tem mais essa habilidade?

*Periand.*

*Periand.* He Juiz do officio, e Padre Mestre na materia.

*Sahe Esopo.*

*Esop.* Vossas Mercês vierão a conversar, ou a comer? Ora vamos, que a sopa está esperando.

*Ennio.* Vamos ver os teus cosinhados. *Vai-se.*

*Periand.* Esopo, que novas me dás de meu bem?

*Esop.* A boas horas me pergunta pelo seu bem, ao mesmo tempo que me está a boca do estomago gritando, que quer comer.

*Periand.* Pois falla-me ao depois. *Vai se.*

*Descobre-se huma meza, e se hirão assentando a ella Xanto, Ennio, e Periandro, e os mais que puderem.*

*Xant.* Vamo-nos assentando sem ceremonia, que nos banquetes não há Mestre, nem discipulos. Mandei a Esopo que me puzesse nesta meza a melhor cousa do Mundo, veremos com que elle se desempenha.

*Periand.* Com alguma parvoice; se Vossa Mercê se fiou da sua eleição ficaremos em jejum.

*Ennio.* Vamos nós comendo o que está na meza pelo fim pelo não, que elle já tarda.

*Sahe Esopo com hum prato.*

*Esop.* Eis-aqui a melhor cousa do Mundo.

*Xant.* Descobre, e veremos.

*Esop.* He hum prato de linguas.

*Xant.* Hum prato de linguas? Como? Pois isso he a melhor cousa do Mundo?

*Esop.* Qual he a dúvida que a melhor cousa do Mundo he a lingua? Que cousa mais necessaria no homem, que a lingua! Sem lingua nin-

ninguem póde fallar, sem fallar ninguem se entende. A lingua he alma dos conceitos, he o corrector dos commercios, he a taramella das portas da boca, he a prancha dos comeres, he o esgaravatador das gengives, he a zaragatoa dos beiços, o planeta do ceo da boca, e o badallo da campainha. Com a lingua se lambe hum prato, com a lingua faz o Arrieiro a célebre cantiga, &c. em fim, a lingua do cão he o melhor remedio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Não sei que mais queria dizer, que o tinha debaixo da lingua.

*Xant.* Nada nos dizes de novo, que bem sabemos que a lingua he oraculo do homem; porém havemos só comer linguas?

*Esop.* Senhor, muitos comem do que fallão.

*Periand.* Esopo fez o que lhe mandárão, como bom servo.

*Xant.* Huma vez que a melhor cousa do Mundo são as linguas, traze-me agora aqui a peior cousa do Mundo.

*Esop.* Com muito gosto; eu venho já. *Vai-se.*

*Periand.* He lástima que seja cativo quem tem tão livre o juizo para discorrer.

*Ennio.* Não he essa a primeira semrazão da natureza.

*Xant.* Que diabo fazes, Esopo?

*Esop.* Eis-aqui a peior cousa do Mundo. *Sahe.*

*Xant.* Que he isso, que trazes?

*Esop.* Outro prato de linguas.

*Xant.* Pois como? Se a melhor cousa do Mundo

do são as linguas, como agora as linguas são a peior cousa do Mundo?

*Esop.* He Filosofo, e não sabe que sendo huma lingua boa a melhor cousa do Mundo, a peior he huma lingua má? Huma lingua má he o estrago da honra, ella he a mãi dos mexericos, o pai dos enredos, a irmã das discordias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a farna do socego, a carepa das consciencias, o despertador das vinganças, e o instrumento da alcovitice; não he assim, Senhor Xanto?

*Xant.* Dizes bem, eu te perdoo a peça; e pois não ha outro remedio, vamos comendo essas linguas, e bebendo duas pingas: ora lá vai á saude de Vossas Mercês. *Bebe.*

*Esop.* Isso me parece bem; accendão-se no templo da barriga as alampadas de Baco.

*Periand.* Lá vai á saude da Senhora Euripedes. *Bebe.*

*Esop.* Tem razão, vá a virar.

*Ennio.* Periandro, lá vai, já me entendeis. *Bebe.*

*Periand.* Vá, eu correspondo. *Bebe.*

*Esop.* Eu com esta garrafa hirei fazendo as razões: lá vai, ou cá vem á saude dos meus achaques.

*Xant.* Que achaques tens?

*Esop.* Agora tenho gotta. *Bebe.*

*Periand.* Ennio, nosso Mestre não está todo trigo.

*Xant.* Mui valente foi Hercules Thebano! Esopo, vamos queimar estes cães.

*Esop.* Ai, ai, que está puxado!

*Periand.*

*Periand.* Apostemos nós que Vossa Mercê não ha de beber hum tonel de vinho.

*Xant.* Sou capaz de beber o mar, tenho dito.

*Esop.* Não zombem com elle, que não só beberá o mar, mas tudo quanto se lança na praia.

*Periand.* Ora quanto aposta Vossa Mercê que não bebe o mar?

*Xant.* Aposto tudo quanto possuo.

*Periand.* Está apostado, venha final.

*Xant.* Este annel.

*Periand.* Está feito, quando ha de ser isso?

*Xant.* Quando quizeres.

*Esop.* Vão fallando, que eu vou bebendo.

*Xant.* Esopo, leva essa lingua a Geringonça, que com ella lhe explico o meu amor.

*Esop.* Assim o farei: Esopo, hoje pódes beber francamente.

*Xant.* Viva Baco, e morra o Mundo. *Levantão-se.*

*Esop.* Morra o Mundo, e abraze-se Troya.

*Periand.* Ambos estão mui bebados.

*Ennio.* Estou envergonhado de ver esta lástima! Nisto parão os banquetes!

*Esop.* Estou tão alegre que o corpo me pede folia.

*Xant.* E a mim cóleras, e iras, e parece-me que ouço instrumentos bellicos.

*Esop.* Eu cuido que são bandurras; ellas são, não são? Sim são, escute, escute, são, são, ellas são, pois cantemos.

*Canta Esopo o seguinte*

RECITADO.

Lá vai á saude dos Senhores,
E em suaves licores
Matarei a cruel melancolia,
Em doce hydropesia:
A pezar do pezar, e do cuidado
Vestir quero a minha alma de encarnado.

ARIA.

Nas guerras de Baco
Sem chuço, ou bauneta
Com esta trombeta
Toco a degolar, tan, taran, tan, tan,
E ao som deste som, torom tom, tom,
Tudo terá fim, tirim, tim, tim,
Prostrando as cavernas
De tantas tavernas,
Porque dellas possa
Baco triunfar.

## SCENA IV.

*Mutação de Camera. Sahem Euripedes, e Geringonça.*

*Eurip.* GEringonça, que fizeste até agora?
*Ger.* Estive na cosinha dando ordem ao banquete, e o negro Esopo me deu tanta pressa, que andei atarantada.
*Eurip.* O diabo levára os banquetes. Que ha de ser, se o ronto de meu marido deu-lhe hoje na birra fazer brodios, e nisso tem consumido o dote que me deu meu pai.

*Ger.*

*Ger.* Ai, Senhora, tambem Vossa Mercê agora não tem razão; elle que gasta, nem que brodios faz? Eu, ha hum anno que aqui estou, não vejo entrar nesta casa mais que chicharos, e nabos.

*Eurip.* Oh desavergonhada, essa he a fama que deitas da minha casa? Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprei dez reis de pepinos, e já não ha nenhum.

*Ger.* A minha barriga o sente.

*Eurip.* Bem sei que o teu mal não he outro, velhaca!

*Sahe Esopo com hum prato na mão.*

*Esop.* Aqui tens, Geringonça, este prato de linguas, que te manda meu Senhor, e mais que não póde comer sem ti.

*Eurip.* Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bebado?

*Esop.* Como lho hei de dizer? Soletreando? A Geringonça em Geringonça.

*Ger.* Senhora, elle cheira muito a vinho, não sabe o que diz.

*Eurip.* Assim o creio, mostra que he para mim.

*Esop.* He huma balla, he para Geringonça, que meu Senhor lho manda mesmo a ella, e por final me disse lhe dissesse que com esta lingua explicava o seu amor.

*Ger.* Não te calarás, infame?

*Esop.* Tira-me tu a lingua, que eu me calarei.

*Eurip.* Pois que tem teu Senhor com Geringonça para lhe mandar presentinhos?

*Esop.* Eu, Senhora, não sei, mas o que sei he que

que dizem as más linguas, que meu Senhor he barregão, ou barregana, não sendo senão camelão.

*Eurip.* Não te entendo.

*Esop.* Senhora, mais claro; meu Senhor quer-se fazer moço com a moça.

*Eurip.* Já te entendo.

*Esop.* Ora graças a Deos, que já me entendeo.

*Ger.* Eu estou tonta!

*Eurip.* He bem feito isto, atrevida? Tu desinquietando-me o meu homem! Ha maior desaforo!

*Ger.* Eu, Senhora? Não ha tal. Esopo mente.

*Esop.* Lá se avenhão, que eu me vou escafedendo. *Vai-se.*

*Eurip.* Oh perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hei de moer. *Dá-lhe.*

*Ger.* A'que d'ElRei, que me mordeo no nariz.

*Eurip.* Aqui te hei de fazer em picado com os dentes.

*Ger.* Ai que me matão!

*Há huma bulha, e sahe Xanto.*

*Xant.* Valha-te Deos, mulher! Sempre has de guerrear com esta coitadinha!

*Eurip.* Ainda acode por ella, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Vossê namorando-me a moça! Vossê mandando-lhe pratinhos da meza?

*Xant.* Quem tal disse, mulher?

*Eurip.* Quem o disse? Ainda ha de negar que o mandou por Esopo? Ora chame-o, e verá.

*Xant.* O' Esopo? Esopo?

*Den-*

*Dentro Esop.* Estou na tinta; assim sou eu asno que apareça agora.

*Xant.* Não me ouves, Esopo? O' Esopo?

*Esop.* Estou zingando.

*Xant.* Ora eu te hirei buscar, mais que estejas no Inferno. Donde estás maldito?

*Esop.* Se eu quizera dizello então não me escondêra.

*Xant.* Anda para cá, insolente, que fazias ahi escondido?

*Esop.* Estava jogando as escondidas; tambem a gente ha de brincar. *Sabe.*

*Xant.* Ei-lo aqui. Ora dize: eu mandei a Geringonça algumas linguas?

*Eurip.* Tu não disseste?

*Esop.* Senhor, eu não quero meter a mão entre duas pedras; olhem, por isso eu sou inimigo de enredos.

*Eurip.* Tu não mo disseste?

*Esop.* Senhora, eu que tenho com isso? Está galante! Vossas Mercês lá brigão, lá tem seus ciumes, e eu então he que hei de pagallo?

*Eurip.* Como he isso? Tu o não negues; basta, fique-se com a sua mocinha, Senhor Xanto, que eu me vou para casa de meu pai. Estou ardendo! *á parte.*

*Xant.* Senhora, não se vá de casa por vida sua.

*Esop.* Deixe-a ir, que he huma boca menos em casa.

*Eurip.* Por estas, bribantão, que eu me verei vingada.

*Xant.* Falle bem, aliàs....

*Eurip.*

*Eurip.* Ainda me indignas mais? Hei de arrancar-te essas barbas.

*Cantão Euripedes, e Xanto a seguinte*

ARIA A DUO.

*Eurip.* Velho caduco,
*Xant.* Brava insolente,
*Eurip.* Tu com desvélos
Com huma michélla?
*Xant.* Calte, serpente,
Não grites mais.
*Eurip.* Hei de gritar.
*Xant.* Ques-te callar?
*Eurip.* A'que d'ElRei,
Que meu marido
Com torpes zelos
Me quer matar.
*Xant.* Calte, serpente,
Não cuide a gente,
Que faço tal.
*Eurip.* Por estas, velhaquete,
Que me hei de ver vingada.
*Xant.* O' louca arrebatada,
Que me has de tu fazer?
*Eurip.* Hei de me ir para casa de meu pai.
*Xant.* Para casa te irás de Satanás. *Vai se Eur.*
*Esop.* E foi-se como hum foguete de rabo; porém eu hei de levar os estouros.
*Xant.* E agora, Esopo, que mereces tu que te eu faça?
*Esop.* Mereço hum bom premio.
*Xant.* O premio ha de ser este; toma, velhaco. *Dá-lhe.*

*Esop.* Não aceito, tire-se para lá.

*Xant.* Vês, infame, que por amor de ti se foi minha mulher de casa?

*Esop.* Senhor, cuidava eu que Vossa Mercê me havia de agradecer o afugentar-lhe de casa hum dragão, huma vibora, e hum basiliſco, que era aqui o veneno desta casa, e sobre fazer-lhe este bem, ainda Vossa Mercê se agasta, e senão veja: he certo que Vossa Mercê queria fallar a Geringonça no jardim esta noite; e que melhor occasião podia Vossa Mercê ter do que indo-se de casa a Senhora sua mulher, pois agora sem sustos, nem sobresaltos póde fallar com ella, não só no jardim, porém em sima do telhado. Com que, Senhor, por bem fazer mal haver.

*Xant.* Bem sei tudo isso; mas que dirão os parentes de minha mulher?

*Esop.* Peior será quando Vossa Mercê perder tudo quanto possue.

*Xant.* De que sorte?

*Esop.* De que sorte? Não se lembra que prometeo no banquete beber o mar, e se o não fizesse, que perderia toda a sua fazenda?

*Xant.* Eu disse tal cousa?

*Esop.* E por final que deu o seu annel; com que Vossa Mercê ha de beber o mar, ou livrar toda a sua fazenda.

*Xant.* Mal haja o banquete, e mal haja o vinho, e mal haja eu que me embebedei.

*Esop.* Vossa Mercê cuida que todos sabem embebedar-se? Ora aqui estou eu, que tambem

me

me embolquei, mas com tanta prudencia, que não me meti a apostar, nem a não apostar.

*Xant.* Já não tem remedio, o ponto está, como me hei de eu haver; porque confessar que estava bebado, he injúria, e grande ignominia; beber o mar he impossivel, perder os meus beus impraticavel; que farei neste caso, Esopo?

*Esop.* Matar-se com hum pouco de veneno, e com isto se acaba tudo.

*Xant.* O' Jupiter, para quando guardais os raios?

*Esop.* Ha de dizer isso a Baco, e não a Jupiter.

*Xant.* Meu Esopo, agora he que eu quero ver as tuas habilidades; se tu me livras deste empenho, eu te dou a liberdade.

*Esop.* Pois, Senhor, para quando são as suas Filosofias? Assentemos nós, que a Filosofia não serve senão para argumentar, e quebrar a cabeça.

*Xant.* Pois homem, para esta occasião he que eu quero que me valhas, tens a liberdade, já to disse.

*Esop.* Promete-me a liberdade? Veja lá o que diz.

*Xant.* Prometto.

*Esop.* Levante o dedo para o ár.

*Xant.* Não só o dedo, mas toda a mão.

*Esop.* Ora pois, ande comigo, que o tirarei desse mar, e o porei em porto salvo.

*Xant.* Vê lá o que dizes.

*Esop.* Ande, ande, que mal sabe com quem vai. *Vão-se.*

## SCENA V.

*Mutação de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue, sahirão Periandro, Ennio, e os mais que poderem.*

*Dentr.* VAmos ver a Xanto beber o mar.
*Outr.* Vamos para a praia, andem depressa, para tomarmos lugar.

*Sahem Periandro, e Ennio.*

*Periand.* Confesso-vos, Ennio, que já estou arrependido da aposta; porque bem sei que Xanto não ha de beber o mar.

*Ennio.* Deixai, que isso he bom para se dar hum alegrão ao povo.

*Periand.* A gente vem concorrendo cada vez mais.

*Sahem Filena, e Geringonça com os rostos cubertos.*

*Ger.* Senhora, ahi o que está de gente para ver as habilidades do Senhor seu pai!

*Filen.* O caso he, Geringonça, que meu pai está mui caduco, e Esopo ainda o faz mais tonto do que he. Vês tu a asneira de dizer que ha de beber o mar?

*Ger.* Lá está Periandro, e Ennio.

*Filen.* Já os vi, tem sentido, e não os percas de vista.

*Ger.* E se nos conhecerem aqui?

*Filen.* He impossivel entre tanta multidão de gente, e mais vindo nós disfarçadas.

*Periand.* Muito tarda este bebedor dos mares.

*Sa-*

*Sahem Xanto, e Esopo, e todos darão muitos gritos, e rizadas.*

*Tod.* Victor, lá vem o bebedor dos mares.

*Esop.* De que se riem ? De que fazem algazarras ? Pois saibão que o Senhor Xanto não só he capaz de beber o mar, mas tudo quanto lhe mandarem beber.

*Xant.* Esopo, que he o que determinas fazer ? Não vês este povo alvoroçado, e o meu credito em balanças ?

*Esop.* Eu serei o fiel dessas balanças, e verá quanto péza o meu talento.

*Periand.* Senhor Xanto, por Vossa Mercê se esperava, vamos a isto.

*Xant.* Esopo, e agora que hei de dizer.

*Esop.* Valha-o mil diabos, não tema, tenha valor. Moradores de Athenas, o Senhor Xanto, meu Senhor, aqui vem para beber os mares, como apostou, e assim primeiro que o faça quer desencarregar a sua consciencia ; pois bebendo o mar, como com o favor de Deos o ha de fazer, porque tem barriga para tudo ; eisque bebido o mar, por força o ha de ourinar ; e ourinando-o ha de alagar toda esta terra, e morrerão todos afogados.

*Periand.* Para tudo ha remedio, depois que Xanto beber o mar, torne a ourinallo na mesma praia, e hirá o mar para o seu mesmo lugar.

*Xant.* Está bem ; e se os peixes me entrarem pela goela, como ha de ser isso ?

*Esop.* Não diga asneiras ; pois para não engolir os peixes podia beber o mar por hum funil ;

nil : essa não he a dúvida, o caso he, que prometeo beber o Senhor Xanto?

*Periand.* Prometteo beber o mar.

*Esop.* Pois bem, como a aposta foi de beber o mar sómente, mandem fechar todos os rios que vão dar ao mar; porque de outra sorte beberá, não só a agoa do mar, mas tambem a dos rios, o que não he da aposta.

*Periand.* Como he possivel fechar quantos rios vão dar ao mar?

*Esop.* Se Vossas Mercês não podem fazer hum impossivel, tambem meu Senhor não póde fazer outro impossivel.

*Ennio.* Tem razão Esopo.

*Xant.* Fechem os rios, e eu beberei o mar, para que estou prompto.

*Periand.* Isso he impossivel, desfaçamos a aposta.

*Xant.* Desfaçamos.

*Todos.* Victor Xanto.

*Outr.* Victor Esopo.

*Esop.* Victor eu, e victor amigos.

*Xant.* Anda, que te quero dar a liberdade, pois me livraste deste empenho. *Vai-se.*

*Esop.* Vamos a casa de hum Tabellião para passar-me a carta de alforria; vou tão contente! *Vai-se.*

*Filen.* O' Geringonça, não te descubras, que ahi vem Periandro chegando-se para nós.

*Ger.* Diz bem, vejamos o que faz.

*Periand.* Senhoras, querem hum criado para as acompanhar? Não lhe merece reposta o meu rendimento? Só com acenos me dizem que não.

Valha-me Deos, eu estou perdido pelo brio desta moça! Hei de seguilla. Não te vás, formosa Venus, que sem dúvida nasceste agora das escumas desse mar, para abrasar os corações; se como a Deidade te adoro, não desprezes as victimas de hum coração; descobre esse rostinho, que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem; não importa que me cégues com raios, se amor já me cegou com delicias.

*Filen.* Huma vez que queres que me descubra, aqui me tens.

*Ger.* E a mim tambem. *Descobrem-se.*

*Periand.* Que he o que vejo? Estou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir sem que me fallasses?

*Filen.* Queres agora dizer, que sabias que era eu fallo, ingrato, inconstante? Esses são os teus extremos? Essas as tuas finezas? Tão depressa te mudaste?

*Periand.* Filena, não tens razão; eu bem sabia que eras tu; mas como estavas galanteando comigo, eu tambem quiz fingir que não te conhecia, sómente para te ouvir; e quando isto não fora, ahi verás que quando cheguei a amar, sempre foi a ti, e não a outrem; pois ainda que te não conhecesse, não sei que simpatico influxo me arrebatava o coração, que te estava querendo.

*Filen.* Sempre me offendeste na imaginação, de que eu era outra.

*Periand.* Meu bem, meu amor, nem por pen-

sa-

samento te offendi, e se acaso me não crês, deixa-me sepultar nesse mar, que só assim verás que mais quero a morte, que viver nos desagrados de teus olhos.

*Filen.* Tem mão, que eu não quero finezas mortas; deixa-me, Periandro, deixa-me lamentar as tuas falsidades ao som da minha mágoa.

*Canta Filena a seguinte*

ARIA.

Nesse líquido elemento,
A pezar de meu tormento,
Vejo, ó falso, o teu retrato;
Pois que tanto se parece
Na inconstancia a esse mar.
Donde está, tyranno ingrato,
A constancia que dizias?
Donde a fé que prometias?
Pois não sabes ser amante,
Por mudavel, inconstante,
Leve o mar o teu amor. *Vai-se.*

*Periand.* Espera, Filena, não te vás com tanta celeridade; porém hei de seguir-te a pezar da tua ligeireza, que se amor te formou das pennas azas, tambem saberei fazer dessas azas pennas. Geringonça, detém a Filena.

*Ger.* Fez muito bem; vosses são falsos, e se querem dourar, pois soffrão estes desprezos. *Vai-se.*

SCE-

## SCENA VI.

*Praça. Mutação de noite, e sahe Esopo.*

*Esop.* COm a turba multa da gente me perdí de meu Senhor Xanto, e isto hé já noite; aonde acharei a este maldito? Estará em alguma taverna? Pois aqui mora hum Tabellião, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria; elle aqui ha de vir, que este he o Tabellião da casa: Ora graças a Deos que já não serei singelo, senão forro, e eu forrado poderei com mais liberdade dizer a Filena o meu amor; pois tenho o demo da bogia preza no cepo de meu coração, e eu lhe farei taes monarias, que ella saiba onde a bugia tem o rabo; porém lá vem quem quer que he.

*Sahem Messenio, e Guardas.*

*Mess.* Quem vem ahi?

*Esop.* Eu, Senhor, não vou, venho.

*Mess.* De donde vem?

*Esop.* Eu venho da geração de meu pai por ascendencia.

*Mess.* Que armas traz?

*Esop.* Ainda o Rei de Armas me não abrio as minhas.

*Mess.* Vossê faz-se tollo? Busquem-no ahi, a ver se leva alguma faca.

*Esop.* Senhores, se eu venho a pé, como hei de trazer faca?

*Mess.* Busquem-no bem.

1. *Hom.* Aqui tem huma couſa na algibeira.
*Meſſ.* O que he?
*Eſop.* Iſſo he hum corno que trago aqui por amor do quebranto: Ui, Senhores, Voſſas Mercês querem buſcar lá por detrás.
2. *Hom.* Sim, para ver ſe traz algum ferro lá eſcondido.
*Eſop.* A'que d'ElRei, Senhores, as minhas nadegas não são de contrabando; buſquem embora, que ahi não ha ferro, ferrado ſim.
*Meſſ.* Que trouxa he eſſa que traz ahi nas coſtas? Tirem-lha fóra, e vejamos.
*Eſop.* Se Voſſas Mercês ma tirarem, digo que são valentes.
1. *Hom.* Ella eſtá atada de ſorte, que a não poſſo tirar.
*Meſſ.* Que he iſſo que levas ahi?
*Eſop.* Não he nada, he huma corcova para ſervir a Voſſas Mercês.
*Meſſ.* Apoſtemos que és Eſopo?
*Eſop.* Com que ſó Eſopo he corcovado?
*Meſſ.* Dize, para onde vás?
*Eſop.* Eu não ſei para onde vou.
*Meſſ.* Aſſim reſponde á Juſtiça? Levem-no prezo.
*Eſop.* Vejão Voſſas Mercês ſe diſſe eu bem que não ſabia para onde hia; pois na verdade que eu não ſabia que hia para a cadeia.

*Sabe Xanto.*

*Xant.* Donde ſe eſconderia eſte Eſopo, que tenho andado quebrando os narizes ſem poder topar com elle? Alli eſtá a Juſtiça, vou-me retirando.

*Meſſ.*

*Mess.* Quem vem lá?
*Xant.* Amigos.
*Mess.* Que amigos?
*Xant.* Sou Xanto Filosofo.
*Mess.* Senhor Xanto, veio Vossa Mercê a boas horas.
*Esop.* A boas horas veio Vossa Mercê, ás avessas.
*Xant.* Senhor Messenio, que fez Esopo, pois o tem prezo?
*Mess.* Por não fallar com cortezia á Justiça.
*Xant.* Vossa Mercê, Senhor Messenio, por quem he, ha de soltar a Esopo; pois bem sabe que he bobo, e chacorreiro, e se alguma cousa respondeo seria por graça.
*Mess.* Bastava ser cousa de Vossa Mercê para o soltar. Soltem a Esopo.
*Esop.* Pó diabo, como fede! Os esbirros devião soltar algum prezo.
*Xant.* Vossa Mercê viva mil annos, Senhor Messenio, pela galantaria que me fez de soltar a Esopo.
*Esop.* Vossa Mercê viva mil annos pela galantaria que fez em prender-me.
*Mess.* Vamos correndo o bairro. *Vão-se.*
*Esop.* Ora Senhor, aqui mora hum Tabellião; vamos, para me fazer a carta de alforria.
*Xant.* Qual alforria?
*Esop.* Essa agora he bonecra! Vossa Mercê não me disse, que se o livrava de beber o mar, ficando com credito, e honra, que me havia de dar a liberdade?
*Xant.* Assim o disse, não o nego; mas eu já te dei a liberdade. *Esop.*

*Esop.* De que fórma?

*Xant.* Quando eu aqui cheguei estavas prezo, e por amor de mim te soltárão; logo já te dei a liberdade, e tenho cumprido a minha palavra.

*Esop.* Essa não sabia eu; assim se pagão os beneficios? Mas eu tive a culpa. Deixára-o eu beber o mar, que quando nada podia ficar hydropico com muita facilidade; e não fora eu taralhão, que o livrára desta entaladura; porém eu me vingarei.

*Xant.* Olha, Esopo, se me trouxeres minha mulher para casa com alguma industria, eu te darei a liberdade.

*Esop.* Meta-me aqui o dedo na boca, para ver se o mordo: *no es la burla para dos vezes.*

*Xant.* Anda para casa, não te agastes. *Vai-se.*

*Esop.* Vou feito hum vinagre. *Vai-se.*

## SCENA VII.

*Mutação de Exercito. Tocão tambores, e clarins, e sahirão Cresso Rei de Lidia, e Temistocles a cavallo.*

*Tem.* INvicto Cresso Rei da Lidia, aonde intentas passar com os triunfos? Sem dúvida queres escurecer o nome, e valor do mesmo Marte.

*Rei.* Temistocles, quando os homens, como eu, chegão a desembainhar a espada, ha de ser para conquistar o Mundo: Já toda a Asia me obedece, e a maior parte da Europa, agora me falta avassalar esta pequena parte da Gre-

Grecia, e seja de todas esta a primeira que sinta o raio da guerra, pois degollada a cabeça, o corpo logo se prostra.

*Tem.* Os Athenienses, Senhor, são tão déstros nas armas, como nas letras, e bastava haver nella tantos sabios para ser difficil render-se; que o bom conselho he o que dá as victorias, maiormente tendo lá hum homem a que chamão Esopo, que dizem que he astucioso, e de grandes ardís.

*Rei.* Quem faz caso de hum homem á vista de hum Exercito? Que gente temos?

*Tem.* Sincoenta mil homens de Infantaria, e vinte e quatro de Cavallaria, fóra os vivandeiros, e gastadores.

*Rei.* Toca a passar mostra, que quero reclutar as tropas, e batalhões, e delles escolher poucos, e bons, para ir sobre Athenas, e a mais gente fique para se empregar em outras Praças com os Cábos que eu nomear.

*Tem.* Toca a passar mostra.

*Hirão sabindo os Soldados ao som da caixa.*

*Rei.* Temistocles, vinde tomar as ordens, e chamar os Cábos a conselho.

SCE-

## SCENA VIII.

*Descobre-se hum Templo, e no fim delle estará huma estatua de Jupiter, ao pé da qual ha de haver huma Aguia com tres raios nas unhas, a qual se ha de mover a seu tempo, e cantará o Coro, e ao mesmo compasso hirão sahindo Messenio, Xanto, Periandro, e Esopo, o qual dançará, e depois que se cantar tocaráõ tambores.*

*Esop.* AQui nos correm a caixa.
*Mess.* Que novidade he esta?
*Xant.* Isto he caso nunca visto!

*Sahe Ennio.*

*Ennio.* Senhores, toda a Cidade está alvorotada á vista de hum poderoso Exercito com que ElRei Cresso de Lidia vem destruindo os campos, e já á vista das nossas muralhas; e tu, Messenio, como General das Armas sahe a defender-nos.

*Mess.* Eu vou, e verá ElRei Cresso o meu valor.

*Esop.* Sempre tive agouro com este Jupiter. Valha o diabo a ElRei Cresso, que no melhor que eu estava fazendo hum contratempo, nos veio fazer hum passapié daqui fóra.

*Mess.* Vamos, Senhores.

*Xant.* Esperai, pois já que estamos aqui no templo de Jupiter, consultemos o seu Oraculo, e o que elle nos disser obraremos.

*Periand.* Aconselhou como sabio.

*Mess.*

*Mess.* Pois Xanto, pergunta tu, que como douto o farás melhor.

*Esop.* Meu Senhor falla aos Joves como ninguem.

*Xant.* Grande Oraculo de Jupiter, como resistiremos a ElRei Creso de Lidia?

*Esop.* Pois aquillo tinha muito que dizer? Tudo he opinião neste Mundo.

*Haverá como terremoto, e estrondo.*

*Esop.* Irra, que terremoto! O Templo parece que se vem abaixo! Este Jupiter será gago, que tanto lhe custa a fallar?

*Canta-se o Recitado seguinte, como em resposta do Oraculo de Jupiter.*

RECITADO.

Ao mais livre de vós, e ao mais escravo
Consultai, que he hum Oraculo vivente,
E vereis claramente,
Do que saber quereis o desengano.
Elle será o remedio deste damno;
E para que o saibais com mais clareza,
Dessa Aguia reparai na ligeireza.

*Voa a Aguia assima dita, e se põe sobre a cabeça de Esopo, que cahirá por terra, e depois se hirá pôr como estava.*

*Esop.* Vosses não vem a passara que anda voando de verdade?

*Xant.* A Aguia de Jupiter voando! Isto he novidade! E vai direita para Esopo.

*Tod.* Que portento!

*Esop.* Xó diabo. Passa fóra.

*Xant.* Deixa, não enxotes, tollo, olha que he sacrilegio.

*Esop.*

*Esop.* Com que por ser de Jupiter deixarei que me tire hum olho; e mais de que, eu sei por ventura se he Aguia, ou corvo? E isto com tres raios nas unhas, que me chamusque o cabello.

*Xant.* Quem será o venturoso sobre quem se ponha esta Aguia.

*Esop.* Eu sou o venturoso desgraçado; xó, a'que d'ElRei!

*Voa outra vez a Aguia, e torna para o mesmo lugar, e levanta-se Esopo.*

*Periand.* Sem dúvida, que Jupiter quer que Esopo seja o Oraculo.

*Mess.* Pois responda Esopo.

*Xant.* Que ha de dizer hum escravo?

*Esop.* Eu não tenho dúvida em decifrar este enigma da Aguia; mas ha de ser com condição, que me hão de dar a liberdade.

*Tod.* Dê-se a liberdade a Esopo.

*Mess.* Xanto, dá a liberdade a Esopo, quando não lha dará o povo, e ficará livre.

*Xant.* O que hei de fazer por força, quero fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

*Esop.* Agora fim. Nobres Athenienses, dai-me attenção, que fallo serio. Bem vistes que a Aguia de Jupiter se pôz sobre a minha cabeça; a Aguia he o symbolo dos Imperios, e eu era escravo, e isso quer dizer, que o Imperio d'ElRei Creso nos quer avassallar, mas como depois disso o escravo conseguio liberdade, tambem Athenas terá a mesma fortuna se seguir os meus conselhos.

*Xant.*

*Xant.* Bem decifrado enigma!

*Tod.* Viva Esopo, e elle seja o director desta guerra.

*Xant.* Esopo, aquella casa he tua, ainda que liberto estás não te apartes de mim.

*Esop.* Algum diabo, que eu me vá de casa estando nella a Senhora Filena, a quem entro agora a servir, e a mostrar-me seu amante ás escancaras. Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ser vosso hospede.

*Tod.* Viva Esopo nosso libertador.

*Esop.* Não gabem a porca antes de passar o marrão.

*Tod.* Vamos a pelejar.

*Canta o Coro, e se dá fim á primeira Parte.*

# PARTE II.

## SCENA I.

*Mutação de Selva, e no fim haverá hum Palacio donde eſtará a mulher de Xanto, e ſabe Eſopo.*

*Eſop.* VEnho deitando o bofe pela boca fóra, bofe, que ainda depois de liberto não tenho huma hora de ſocego; pois meu patrão eſtá ateimado a que lhe leve para caſa a mulher que lhe fugio; a iſto venho eu com tanto perigo, porque os inimigos não tardaráõ muito em vir; ſe me agarrão, lá vai Eſopo c'os diabos: como trarei eu eſta maldita mulher para caſa, que huma mulher teimoſa he peior que hum cancro, que não tem cura? Mas alli vejo huma quinta, e ſe me não engano lá eſtá huma mulher, e pelo fartum da cólera he a Senhora Euripedes, pois agora a ella lhe arderá o rabo. Há por aqui quem venda alguns perús, patos, gallinhas, coelhos, e outras couſas comeſtiveis?

*Eurip.* Eſopo, que he iſſo, que buſcas? Anda cá. He poſſivel que me não vieſſes ver até agora?

*Eſop.* Ai, Senhora, confeſſo-lhe que não tenho tido huma hora de meu com o caſamento de meu Amo, o Senhor Xanto.

*Eurip.*

*Eurip.* Como he isso ? Xanto casa ? Pois eu já morri ?

*Esop.* Provera Deos. *á parte.* Sim Senhora , casa o Senhor Xanto com a mais linda rapariga que ha nesta terra. Apenas Vossa Mercê se foi de casa escumando como huma cadella de fila , quando logo forão tantos os casamentos que sahírão a meu Amo , que isso foi huma cousa nunca vista ; ajuntárão-se na porta tantas mulheres todas a gritar : a mim , a mim ; outras dizião : eu , eu. Então acabei de ver quanto valia hum Filosofo. Meu Amo vendo que chovião nelle mulheres como na rua , mandou que subissem todas , e que o levassem por opposição , visto estar vago o estrado de Vossa Mercê ; foi cousa para ver , o como ellas se oppunhão humas ás outras ! Qualquer dellas sabia bem da Arte de amar , porém Geringonça , ( que tambem entrava no concurso ) levou a palma em vida ; e como meu Amo estava affeiçoado de Geringonça , ella foi a que triunfou , e com effeito está teúda , e manteúda em casa ; á manhã se faz o casamento , para o que venho a apennar todas as aves de penna ; a deos , Senhora. Há por aqui quem venda alguns perús , patos , ou gallinhas ?

*Eurip.* Espera , Esopo , olha cá o que te digo.

*Esop.* Se tem alguns perús para vender venhão , que os quero comprar.

*Eurip.* Elle pagará o pato. Ha maior desaforo ! Que este magano de meu marido não basta

namorar-se da criada, mas tambem casar com ella? Estou huma vibora.

*Esop.* Eu o creio.

*Eurip.* Xanto casar-se com outra mulher! Isto he crivel?

*Esop.* Pois se elle está vivo não se fora Vossa Mercê de casa.

*Eurip.* Espera, Esopo, que eu vou comtigo perguntar a esse insolente se ha de casar com outrem estando eu viva?

*Esop.* E tão viva que tem o espirito no corpo.

*Eurip.* Se apanhára agora aquelle velhaco lhe havia dar muito couce; estou ardendo com zelos! Montanhas, como não cahis sobre mim para sepultar-me?

*Esop.* Espere, se quer que caia hum tronco sobre o seu corpo isso farei eu.

*Eurip.* Deixa-me, Esopo, que estou zelosa.

*Esop.* Parece que lhe ardeo o rabo.

*Canta Euripedes a seguinte*

ARIA.

A vibora insana
Dos zelos com ira
Penetra tyranna
O peito, que espira
Nas ancias da dor.
Frenetica morro,
Afflicta suspiro,
Languente respiro
Nos zelos de amor. *Vaise.*

*Esop.* A' fé que ella vem para casa; ora já logrei o meu intento; mas que ouço? Tambores?

res? O inimigo já vem chegando, vamos a defender a Praça.

*Toca o Tambor.*

## SCENA II.

*Mutação de Arraial, e no fim estará hum Castello com gente de guerra, e sahem ElRei Cresso, Temistocles, e mais Soldados.*

*Tem.* SOberbos, e arrogantes são os muros de Athenas! Parecem inconquistaveis!

*Rei.* Por isso mesmo será Athenas o alvo de minhas iras militares: Se vos parecem soberbos, e arrogantes esses muros, logo os vereis reduzidos a lamentavel estrago. O' Athenas, ou tu te has de render, ou eu hei de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

*Tem.* Senhor, o bom Capitão deve ser prudente, e não temerario.

*Rei.* A prudencia he capa dos medrosos; o emprender impossiveis he principio de triunfar: vá Volantim á Praça, e diga aos Athenienses, que quem se acha nesta campanha he ElRei Cresso de Lidia, a cujo valor se tem sugeitado todo o Peloponesso, que me acho com a flor de minhas tropas, que se se quizerem sugeitar com capitulações honrosas, pagando-me hum leve tributo escuzarão de experimentarem os rigores da guerra, e hum assalto rigoroso, e quando não, não ficará pedra sobre pedra.

*Hi-*

*Hirá hum Volantim ao muro, e dará o meſmo recado, ao que reſpondem da muralha.*

*Meſſ.* Dizei a ElRei Creſo de Lidia, que Athenas, como Soberana, nunca reconheceo Superior, e que o ſeu exercito não nos aſſombra; pois os de Athenas brigamos com dobradas armas, que são as do entendimento, e as da guerra, e aſſim, que nós reſiſtiremos até morrer.

*Rei.* Notavel reſolução?

*Canta o Rei a ſeguinte Aria, e Recitado, e depois dá-ſe o aſſalto.*

RECITADO.

Animo pois, Soldados valoroſos,
Caſtiguemos a barbara ouſadia
De Athenas temeraria,
Sentindo o inſenſivel
De Mavorte feroz a furia horrivel.

ARIA.

A fábrica altiva — O fogo que accende
De tanto edificio — Bellona no peito,
Cruel ſacrificio — O muro deſfeito
De Marte ſerá. — Em cinzas fará.

*Rei.* Valoroſos Soldados, neſte primeiro aſſalto conſiſte a honra, e o valor. Toca a inveſtir.

*Toca-ſe, e ſe dá o aſſalto, arrimando duas eſcadas, por onde ſubirão alguns Soldados a brigar com os da Praça, e ſe lançará ao meſ-*

*mesmo rempo algum fogo. Depois de alguma resistencia, entre as vozes dos Soldados, dirá o Rei.*

*Rei.* Toca a recolher, suspenda-se o assalto, que morreo muita gente.

## SCENA III.

*Mutação de Sala, onde estarão Xanto, Ennio, e Periandro, e haverá como huma grande cadeira no fim.*

*Xant.* NÃo he razão que pelo exercicio das armas se suspenda o das letras, e assim em quanto pelejão os Soldados no muro, não quero esteja ocioso o discurso nas Aulas; sentemo-nos, e vá de argumentos.

*Sahe Esopo.*

*Esop.* Ai, quem me acode, que morro?

*Xant.* Que tens? Que te succedeo?

*Esop.* Venho esfalfado de brigar com os inimigos, que derão hum assalto na Praça.

*Periand.* Pois vencemos?

*Esop.* Eu, suppoſto lá me achasse, não vi cousa alguma.

*Periand.* Como? Isso implica.

*Esop.* Não implica; de sorte, que eu hia para ver o assalto, quando me disse hum Soldado, que era todo huma nata, e estava de sentinella: se quér ver ha de pagar á porta, e quiz a minha desgraça, que não levava dinheiro; e como me virão sem laia derão-me logo huma baixa redonda.

*Periand.*

*Periand.* Bom director temos para esta guerra! Entendo, Esopo, que se tu fazes das tuas, que todos ficaremos cativos d'ElRei Cresso.

*Esop.* Se isso assim for pegue Vossa Mercê no Senhor Jupiter, e dê-lhe muito açoute; pois elle foi o que me alcovitou para ser General desta guerra.

*Xant.* E que novas me dás de minha mulher?

*Esop.* Ainda essa he peior guerra, porque he huma guerra porca; pois quando se encoleriza, tocando com as vaquetas das pernas no tambor da sua paciencia, cada palavra he huma balla, e cada saliva hum perdigoto.

*Xant.* Pois homem, vem para casa, ou não?

*Esop.* Esteja descançado, que ella logo vem; porém (ainda que mal pergunto) hoje há aqui Conclusões?

*Xant.* Há huma conferenciazinha; e tu, Esopo, tambem has de argumentar.

*Esop.* Quem defende?

*Periand.* Eu defendo tres pontos.

*Esop.* Quaes são, que eu tambem quero meter o meu bedelho?

*Periand.* As questões são curiosas.

*Esop.* Diga, que tambem sou curioso.

*Periand.* O primeiro ponto he: Que o maior indicio do amor he o andar hum amante triste. O segundo ponto he: Que o amor para ser perfeito ha de ser cégo. E o terceiro definir que cousa he o amor.

*Xant.* Eu presido; arguménte Ennio, e Periandro.

*Esop.* Na terra dos cégos quem tem hum olho he

he Rei. Argumente o Senhor Ennio, que eu estou já pullando para esgrimir a espada da eloquencia.

*Ennio.* Ora contra o primeiro ponto, em que se affirma, que o maior indicio do amor he andar triste hum amante, argumento assim: A tristeza he indicio do desgosto, o amor he o maior gosto; logo não póde ser a tristeza indicio de hum gosto, qual he o amor.

*Xant.* Repita.

*Periand.* Nego, que o amor seja o maior gosto.

*Ennio.* Provo: Se o amor não fora gosto todos o aborrecerião, e como todos procurão o amor, logo o amor he gosto.

*Periand.* Todos appetecem o amor com vontade constrangida, concedo, com vontade livre, nego.

*Xant.* Admiravelmente; porque a vontade forçada não he vontade.

*Esop.* Isso se acaba com a experiencia, vamos ás Galés, e faça-se anatomia em hum forçado, para ver se tem a vontade livre.

*Ennio.* Contra.

*Esop.* Ora calle-se, que não ha de levar a melhor de seu Mestre, pois ainda que diga huma asneira sempre ha de vencer. Deixe-o agora comigo, que hei de baqueallo: *Faciat mihi dicendi veniam, Pater Magister barbatus, & enamoratus cum Mixela sua, contra punctum corridum sic argumentor*: Se o indicio maior do amor fosse a tristeza, *non tangeretur violam Barbeirus visinhum meum, ad namoran-*

*dam*

*dam cachopam*; *sed sic est*, que a viola he significativo da alegria: *ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non usaretur* de cousa alegre.

*Periand.* Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria, pois ás vezes nella se tangem sons tristes.

*Esop. Non potest esse*: *argumentor ita*: Não haverá Barbeiro, que *ad namorandam*, *vel bichancreandam fregonam non tangat* oitavado; *atqui* que o oitavado he som folgazão; *ergo amor inginhatur* com cousa alegre.

*Xant.* Distingo: o oitavado he som folgazão, *ut vulgò* o arrepia, concedo, porém se he o oitavado molle, nego.

*Esop.* Tudo o que he molle se arrepia; o cabello se arrepia, porque he molle, *ergo* o oitavado molle, e o arrepia se não podem separar, por serem *ejusdem furfuris*. Este argumento não tem resposta, assim o diz Galeno: *Omne molle arripiatur*, ou *furripiatur*, como diz a Glossa.

*Xant.* Ora calte, que não dizes nada.

*Esop.* Olhem Vossas Mercês, sempre hum exemplo aclara muito hum calcanhar; vá fóra da fórma: Se a tristezá fora significativo do amor, seguir-se-hia que o burro era a mais amante creatura; pois he certo, que não há animal mais triste, melancolico, e sorumbatico, do que o burro, e assim, ou Vossa Mercê me ha de conceder que o burro he amante, ou ha de negar que a tristeza não he final de quem tem amor. *Quid dicis ad hæc?*

*Xant.*

*Xant.* Digo que tens razão.

*Ennio.* Victor Esopo; boa paridade?

*Esop.* Pois eu não o disse por paridade; o certo he que eu sou hum grande talento.

*Ennio.* Contra o segundo ponto das Conclusões, que diz, que o amor para ser perfeito ha de ser cégo; o amor reside na vontade, o entendimento he o faról que guia a vontade; logo se a luz do entendimento allumiára a vontade, nunca o amor seria cégo.

*Periand.* Respondo, que neste caso tambem o entendimento está cégo. Se o entendimento está sem luz, como póde guiar a vontade?

*Esop.* Espere, espere, que agora lhe falto nas ancas: *totus amor est albarda*: *atqui* que albarda *est* enxerga; *ergo* o amor ha de enxergar.

*Xant.* Quem te disse a ti que o amor era albarda?

*Esop.* Ui, Senhor, desde que me entendo, ou antes de me entender, sempre no berço me embalárão com aquella cantiga:

O amor he huma albarda,
Que se põem em quem quer bem;
Eu por não ser albardado,
Não quero bem a ninguem.

*Xant.* Isso he questão de nome, vamos ao terceiro ponto, que he definir o amor.

*Periand.* Agora defina Esopo o que he amor, que nós lhe argumentaremos.

*Xant.* Dizes bem, ouçamos o que diz, e vejamos o seu juizo.

*Ennio.*

*Ennio.* Bem está , que elle tem grande juizo; assim o tivera eu.

*Esop.* O meu juizo já andou demandado em juizo ; mas eu por lhe fartar a vontade me subo á magistral , e definirei o amor.

*Tod.* Ora ouçamos a Esopo , chiton.

*Sobe Esopo á cadeira , e assentando-se nella diz :*

*Esop.* Vulcano , aquelle célebre Ferreiro , a quem a Gentilidade hypotecou o dominio do fogo , foi marido de Venus , ( ainda que outros dizem que Venus he que foi sua mulher ) valha a verdade , que eu com isso me não meto ; o que eu sei he , que estando Venus ao pé de huma bigorna em que Vulcano estava batendo hum ferro em braza , e sobre este descarregando o martello , eis-que falta huma faisca , prega-se na barriga de Venus , e como á queima roupa atea-se o incendio na camisa ; mas quiz não sei quem , que como Venus era filha do mar alto , o fogo a não pudesse abrazar , fazendo-lhe huma empolla na barriga. Cuidado , Senhores , com o fogo , principalmente junto da formosura ; porque a belleza he isca , que com qualquer fogo se atea , he mecha , que com qualquer isca pega , he polvora , que com qualquer faisca estoura ; bem se vio no presente caso , mas não parou ahi o estrago , porque a tal empollasinha , ainda que dizião os Medicos , não he nada , não he nada , ella em nove mezes cresceo de tal sorte , que parecia hum tambor. Vendo-se a formosa Venus em tanto perigo ,

man-

mandou chamar tres velhas suas conhecidas, e insignes mesinheiras. (Erão ellas mulheres muito honradas no seu corpo, e nos seus adornos mui Parcas.) Cada huma conforme a sua antiguidade foi-lhe apalpando a barriga; a primeira velha disse: Senhora, a barriga de Vossa Mercê tem tal quentura, que me persuado que tem nella hum incendio. Disse a segunda: Pois eu se me não engana o tacto, acho a barriga de Vossa Mercê tão dura, que cuido tem dentro della hum calháo. Respondeo a terceira velha: Com licença das Senhoras Comadres, cuido que o que Venus minha Senhora traz na barriga he hum bicho, pois pelos saltos que dá nella assim me atrevo a affirmar. Palavras não crão ditas, quando estoura Venus pelas ilhargas, e sahio como huma pelota hum rapaz cégo de ambos os olhos, com aljava ao hombro, e na mão hum arco, e pondo-se logo em pé disse a criança: Não quebrem a cabeça, que o que minha mái tinha na barriga era o Amor, que sou eu. Vendo as velhas este prodigio, disse a primeira: Não cuides, Cupido, (que o rapaz logo trouxe o nome comsigo) não cuides que me déste quináo, pois tanto montava dizer que Venus tua mái tinha na barriga hum incendio, que o ter amor; porque amor, e incendio tudo he o mesmo. A quantos amantes na tyrannia de hum desdem faz o amor seu foguete, e de rabo, quando dá as costas aos carinhos, por mais que busca pé para

dis-

disparar nas meninas dos olhos o foguete de lagrimas que chora? Todas as arvores de geração são esgalhos da arvore do fogo do amor, donde cada bomba he hum pomo, e cada folha hum traque, porque todo o amor acaba de estouro. Para as Damas he o amor brazeiro, para as criadas chaminé, para os velhos borralho, para os moços esquentador, para os asnos fogo salvagem, para os lacayos fogo lento, para os tafuis fogo viste lingoiça, para os pretos tição, para os rapazes fogueira, e para todos Inferno. Disse a boa da minha primeira velha; quando a segunda, inchando o gorgomillo, e encrespando as cordoveas disse: Pois na verdade, que me não enganei em dizer que Venus tinha hum calháo na barriga; pois nenhuma outra cousa he o amor senão huma pedra, e senão vejão: A cabeça do amor he pedra de porco espinho, pois pica os pensamentos amorosos, a testa he marmore de que se lavrão as estatuas da ausencia com o buril da memoria, os olhos são esmeraldas, côr da esperança com que engana, a boca rubim pelo sanguinolento, a garganta pedra hume pelo que aperta, o peito diamante, porque hum amor só com outro amor se lavra, os braços por victoriosos, pedras victorinas, as mãos pedra lipis pelo que cauterizão, e finalmente o rabo pedra bazar. He o amor pelo forte rocha viva, quando prostra, pedra de raio, quando engoda, pedra de assucar, quando attrahe, pedra iman,

iman, quando experimenta finezas, pedra de tocar, quando vence impossiveis, a melhor pedreira, e quando doura aggravos, pedra filosofal. Para as mulheres pedras de estancar sangue, para os homens pedra de funda, para quem foge, ou as amólla rebollo, para os Barbeiros pedra de affiar, para as cosinheiras pedra de ferir lume, para os mochilas pedra da rua, para os marujos lancho da praia, para os meninos confeito seixinho, para os golosos pedra de cevar, para alguns pedra cordeal, e para todos pedra de escandalo. Ainda não tinha bem acabado de dizer a ultima syllaba, quando a outra velha abrindo a caixa da boca tirou o caxundé da eloquencia, e já quasi enfurecida disse: Supposto, Senhores, que eu seja mulher, não hei de ficar vencida, porque se affirmei que Venus tinha na barriga hum bicho, não disse mal; pois que cousa he o amor, senão hum bicho, hum animal, e hum lagarto? E senão pergunto: que he o amor, senão huma hydra de sete cabeças, que nem o mais valente Hercules pôde vencer? He camaleão, que se sustenta com o vento das lisonjas, he tarantula, que com os descantes cura o seu veneno; quando diligente, he santopea, quando se atea, aranha, quando com vista mata, lince, quando cega, toupeira, quando desdenhoso, ouriço, quando timido, lebre, quando valente, tigre, quando fiel, cachorro, quando menino, lesma, quando arrastado, cobra, quando trombu-

budo, elefante, quando nescio, camello, quando furioso leão, e quando pára, cendeiro. He o amor para as Damas arminho que regala, para as Freiras cãosinho que affaga, para as velhas dragão que mete medo, para os mancebos cavallinho da alegria, para os velhos cavallo cansado, para as cosinheiras gata borralheira, para as fêas cão de arame, para os valentes anta, para os Granadeiros lontra, para os çapateiros bezerro, para os casados touro, para os pacientes cabrão, para os asnos burro, que dá couces na alma, e finalmente bogio, porque a todos prega o mono. Para prova desta verdade pergunrai a esses amantes o que fazem, para explicar o seu amor? Sabeis o que fazem? Fazem hum bicho; porque o mesmo he fazerem hum bicho, que dizerem que tem amor, pois o amor he bicho. He o amor bicho de concha, que no mar de Venus se gerou; he bicho de seda, que transformando-se em borboleta se parece com o amor nas azas; he bicho de cosinha, que tempera os genios mais asperos, he sabichão, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bixaninha gata, quando nos mete medo, bicharoco, quando nos chupa o sangue da bolça he bicha, e finalmente he bicho carpinteiro, que não póde estar quieto com os seus bicharocos. E concluio a velha toda esta arenga, fazendo hum horrendo, e espantoso bicho, dizendo: quem, Vossa Mercê, Senhor Cupido? Essa he boa! Esta he a de-

fi-

finição do amor que lhe derão as tres velhas, vindo a concluir que o amor he féra, raio, e pedra; féra nos estragos, raio nos incendios, e pedra na dureza; e quem quizer mais vá á sua casa.

*Xant.* Por certo, que definiste bem o amor, e em premio da tua sabedoria terás o gráo de Doutor em Filosofia.

*Periand.* Justo he que laureemos a Esopo.

*Ennio.* Esopo merece todas as honras de Sabio.

*Xant.* Has de ser Mestre do Curso que se ha de abrir para o anno.

*Esop.* Isso he pulha; Mestre do Curso! Muito hei de gastar em alfazema, e alecrim para perfumar a Aula, que cheirará, que será hum desamparo.

*Xant.* Porém antes de tomares o gráo has de responder a huma pergunta solta, que he costume Academico.

*Esop.* Quem pergunta saber quer; ora vá.

*Xant.* Dize, Esopo, porque razão chamão aos corcovados Poetas?

*Esop. Sic querit, & respondeo*: chamão aos carcundas Poetas, porque os Versistas deste tempo são Poetas, mas he cá para trás das costas.

*Periand.* Boa resposta!

*Ennio.* Boa agudeza!

*Esop.* Ahi está ella muito á ordem de Vossa Mercê.

*Xant.* Ora eu te constituo Doutor, Esopo, pela authoridade que tenho da Républica.

*Periand.* Muito bem, Senhor Doutor.

*Ennio.* Senhor Doutor? Seja-lhe muito parabem.

*Esop.* Com que só basta dizer o Senhor Xanto que sou Doutor para logo o ser?

*Xant.* Quem o duvida?

*Esop.* Ora eu cuidava que para ser Doutor era necessario andar hum homem em Salamanca sete annos, e no cabo só huma palavra basta para resuscitar a hum nescio do sepulchro da ignorancia.

*Sahe Euripedes gritando muito, e dará com a cadeira no chão, e ficará Esopo debaixo della.*

*Eurip.* Donde está este patife, e este velhaco de meu marido? Donde está, que lhe quero perguntar se ha de casar com outra mulher estando eu viva? Tudo ha de ir raso nesta casa, não ha de ficar pedra sobre pedra.

*Esop.* A'que d'ElRei, que morro, que me estalou a corcova! Antes queria ser burro vivo, que Doutor morto.

*Xant.* Senhora, que terremoto he esse que vem fazendo? Que tem?

*Eurip.* Ainda me pergunta que tenho? Vossê casado com Geringonça estando eu viva!

*Xant.* Eu, Senhora? Isso he testemunho.

*Eurip.* Esopo, não mo disseste?

*Esop.* He verdade, mas como Vossa Mercê não queria vir para casa a fazer vida marital com meu patrão, foi-me preciso fingir que elle se casava; porque Vossa Mercê então acossada dos zelos viria para a sua companhia.

*Xant.*

*Xant.* Eu te perdoo a pessa pela industria com que a trouxeste para casa.

*Eurip.* Esopo, desavergonhado, tu me fostе enganar? Pois em ti vingarei a minha raiva. *Dá-lhe.*

*Esop.* Tá, tá, tenha mão para lá, que já não sou seu cativo, que me libertou o Povo, e além disso sou Doutor em Filosofia, que he o mesmo que Mestre em alhos, e já agora tão bom, como tão bom.

*Eurip.* Está bem, tu mo pagarás; anda Xanto. *Vai-se.*

*Xant.* Vamos, Senhora; vou tremendo! Esopo, vem comigo, que apartarás a pendencia.

*Esop.* A Senhora Mestra, e o diabo tudo he hum; hoje temos touros de capa, e eu farei muito por lhe mostrar a manta. *Vai se.*

*Ennio.* Vinde, Periandro, que já não posso aturar o diabo da mulher.

*Periand.* Ide Ennio, que quero ver se posso fallar com Filena, que ha dias que a não vejo.

*Ennio.* Pois ficai-vos embora. *Vai-se.*

*Periand.* Se estará ainda Filena mal comigo, pois desde o dia que o pai foi para beber o mar, me não quiz fallar? Bem disse Esopo que o amor era pedra, fogo, e féra, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor; féra na condição de Filena, fogo no incendio de meu peito, e pedra no immovel com que me detenho nesta casa, que parece que sou o mesmo edificio aonde habita Filena. Oh quem nunca soubera o que era amor!

*Sahe Filena.*

*Filen.* Quem está aqui?

*Periand.* Quem ha de ser, senão quem adora; não só o idolo de tua formosura, mas até as paredes do templo, onde te elevas Deidade?

*Filen.* Se soubera que estavas aqui não passára por esta sala.

*Periand.* A tanto chega o teu odio, que nem ver-me desejas?

*Filen.* Não posso responder, porque minha mãi já veio para casa, e lhe vou fallar.

*Periand.* Espera, que te não has de ir sem primeiro fazermos as pazes, pois sem razão vejo que estás contra mim.

*Filen.* Não quero admittir desculpas, que hão de ser tão falsas como tu, que as pertendes dar; deixa-me, Periandro, que vou ver minha mãi.

*Periand.* Escuta sequer hum breve instante, Filena, as queixas de hum amante afflicto; não queiras que de todo acabe desesperado aos golpes de huma mágoa.

*Filen.* Por me não deteres mais dize o que queres dizer.

*Periand.* Pois escuta.

*Canta Periandro a seguinte*

ARIA.

Ingrata, não sei porque
Podendo eu ser feliz,
Fazes com teu rigor,
Que chegue a enlouquecer.
Cruel Deidade, vê
Que ainda que infeliz,

Em

Em mim se acha amor,
Que puro sabe arder.

*Filen.* Compadecida da tua mágoa buscarei hora em que com mais vagar te desculpes, e eu me satisfaça. *Vai-se.*

## SCENA IV.

*Mutação de Camera, e sahe Esopo com hum papel na mão.*

*Esop.* GRande pezo tenho sobre as minhas costas! Não bastava esta corcova, mas sobre ella ainda hum amor como hum inchaço? Eu confesso que sim tinha amor á menina, porém depois que a vi hontem cahindo-lhe a baba pelos cantos da boca, ainda fiquei mais abrazado; vejão agora a asneira deste meu amor, em que havia achar motivo para se atear! Eu tomára declarar-me com ella; se pegar muito bem, quando não pouco se perde, mas eu acho de mim para mim, que ella não ha de ter dúvida a ser minha amanta, pois já agora sou Doutor; e ella que mal lhe estará levar em capello a minha contubernia amorosa?

*Sahe Filena.*

*Filen.* Esopo, ha dous dias que me não dás lição; ora vamos a isso.

*Esop.* Ora digão agora Vossas Mercês sem paixão, quem se não ha de namorar daquella cara, que parece pintada a oleo de linhaça?

*Filen.* Vamos á lição, se queres, senão vou-me.

*Esop.*

*Esop.* Quero, quero, antes porque quero por isso não quero. Olhe, menina, ninguem corre atrás de nós, tempo tem a lição, conversemos hum pouco primeiro.

*Filen.* Ora conversemos, que eu gosto muito das tuas graças.

*Esop.* Mais entendo eu, que gosta das minhas desgraças.

*Filen.* Das tuas desgraças? Como?

*Esop.* Bem, já estou metido na tramoia; eu começo a explicar-me: como está o Senhor seu pai dos flatos?

*Filen.* Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pai?

*Esop.* Isto foi hum entreparente; mas o caso he que as minhas desgraças Vossa Mercê.... quando.... hoje.... á manhã.... eu estou fóra de mim! Não digo cousa com cousa!

*Filen.* Que dizes, que te não entendo?

*Esop.* Agora, agora, eu me explico: De sorte, que eu.. não.. não.. de maneira.. que Vossa Mercê... não... sim... não... espere.... faça Vossa Mercê de conta.....

*Filen.* Que hei de fazer de conta? Tu estás bebado?

*Esop.* Não estou bebado por vida minha; ora espere, que eu me explico neste

SONETO.

Ora aspiro, ora temo, ora duvido;
Ora grave, ora meigo, ora severo;
Ora engeito, ora peço, ora não quero;
Ora páro, ora tenho, e ora envido:

Ora

Ora inculto, ora monstro, ora Cupido;
Ora prompto, ora tímido, ora féro;
Ora livre, ora escravo, e ora impéro;
Ora amante, ora ingrato, ora sentido;
Ora morro, ora vivo, ora me afogo,
Ora rio, ora choro, ora me assanho;
Ora já, ora não, e ora logo.
Ora envido, ora perco, e ora ganho;
Ora incendio, ora neve, e ora fogo;
Estranho variar de amor estranho!

*Filen.* Tens dado mais horas que hum relogio, e em tantas não te pudeste explicar.

*Esop.* Pois Senhora, nas horas desse relogio apontava o mostrador do meu enleio, quando a formosura de Vossa Mercê me tem feito em quartos, e por instantes morrendo na repetição dos golpes.

*Filen.* Sim? Pois que he?

*Esop.* He o coração que está a bater.

*Filen.* Pois isso que tem? A todos faz o mesmo.

*Esop.* Será, mas eu acho que o meu coração não cabe na pelle, porque tem dentro....

*Filen.* O que tem?

*Esop.* Tem â, â, â....

*Filen.* Se não passas do A, pouco sabes; que he o que tens, que estás gago?

*Esop.* Quero dizer amor, e não me chega a lingua. Ora escute, que cantando me explicarei; pois já que o amor he Tarantula, como disse hum discreto, que fui eu, com a musica curarei o veneno do coração.

*Can-*

*Canta Esopo a seguinte*

ARIA.

Sabes tu quem me atormenta?
De mansinho, aqui em segredo:
He... mas ai, que tenho medo!
Ora eu digo resoluto,
Es tu mesma, ingrata, tu.
Tu fabricas este enredo
Aos meus olhos, que lamentão
O rigor daquelle monstro,
Que anda cégo, nú, e crú.

*Filen.* Com que te namoraste de mim? Vivas muitos annos, que eu disso não me offendo.

*Esop.* Sim, mas eu queria....

*Filen.* Que querias?

*Esop.* Eu sei! Queria que me correspondesse tambem, que nos escrevessemos de parte a parte, ainda que sempre fallamos; queria que me désse mais hum coração de azeviche com huma fitta da sua anagoa, e a fitta havia ser verde para eu lhe fazer huns versos, onde havia fallar em esperança. E indo nós assim andando, ao depois o tempo daria de si alguma cousa; pois que diz? Sim?

*Filen.* Valha-te o diabo, mofino, que sempre has de estar de pachorra! Vamos á lição, anda, que ao depois quero me notes huma catta para Periandro, que hei de escrevella pela minha propria mão, e da minha letra, tal, e qual.

*Esop.* Com que não há que deferir ao meu requerimento, e sobre não ser admittido, como aman-

amante, hei de ser alcoviteiro? Isso não ha lei que o mande; e se Cupido tal souber he capaz de deixar cahir hum raio sobre mim; porém nem tudo se leva de hum jacto: eu hirei colhendo favores ás furtadellas; ora ande, menina, escreva lá.

*Filen.* Dize de vagar, e que á manhã me falle; escolhe tu o lugar que for mais seguro.

*Vai dictando Esopo, e escreve Filena.*

*Esop.* Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração, diga o quanto este se abrasa nas chammas do amor; não lhe posso dizer mais, nem menos, que aos bons entendores pouco lhe basta: á manhã á noite espero vello no pateo escuro para o enxergar melhor, o qual cahe para a estrebaria do cavallo de meu pai. Deos te guarde, que te não quero dar quebranto. Muito sua pelo sovaco. Ponha hum F. com hum E. atrás.

*Filen.* Ha de ser P. e não E. E não vês tu que se chama Periandro?

*Esop.* He o que me faltava, querer a Discipula ensinar ao Mestre! Diga lá o A, B, C.

*Filen.* A, B, C, D, E, F.

*Esop.* Basta, pare ahi; não vê, tollinha, que o E. está atrás do F, e não o P? Ponha, ponha como lhe digo.

*Filen.* Tens razão, eu ponho.

*Esop.* Ao menos a carta he toda para mim lida nesta fórma.

*Lê Esopo, virgulando como assima.*

*Esop.* Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coração. *Filen.*

*Filen.* Não quero, has de lêr assim: Meu bem, virgula, Esopo de quem só fio, &c.

*Esop.* Não faço caso de pontos, e virgulas, que já se não usão. Ai, que ahi vem seu pai!

*Filen.* Pois dá a carta a Periandro. *Vai-se.*

*Esop.* Não a darei senão a mim, que eu daqui em diante hei de ser o teu Periandro. *á p.*

*Sahe Xanto.*

*Xant.* Esopo, que escrito he esse que ahi tens?

*Esop.* He a carta da menina.

*Xant.* Como vai ella com o lêr?

*Esop.* Admiravelmente; já dá escritos com a maior facilidade do Mundo.

*Xant.* Sendo tu seu Mestre, não duvido que esteja tão adiantada.

*Esop.* Ah Senhor, que se ella tomára bem as minhas lições, talvez que estivera hoje n'outro estado.

*Xant.* São raparigas, querem brincar. Ora Esopo do meu coração, depois que veio este tigre de minha mulher para casa ainda não pude mais fallar a Geringonça, e importa fallar com ella cousa de grande empenho; estimára que á manhã á noite nos vissemos no pateo da estrebaria; Esopo, peço-te isto como amigo, a Deos, que me não posso deter. *Vai-se.*

*Esop.* Este pateo da estrebaria que diabo terá para os amantes? Porém só na estrebaria merece estar quem he amante.

*Sahe Geringonça.*

*Ger.* Ora, Esopo, tu fazes zombaria de mim?

*Esop.*

*Esop.* Doutor de quando em quando.

*Ger.* Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu tão fecco, tão despegado, e desdenhoso me faças desprezos?

*Esop.* Mulher, ou tição do Inferno, não me deixarás? Como queres que te queira bem se não acho por onde te pegue! Não vês que és huma cosinheira, e eu sou hum Doutor?

*Ger.* Tu és Doutor?

*Esop.* Quando nada; porque?. Não me viste logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora se está bem a hum Doutor casar com huma cosinheira? Já se tu foras Doutora, tranca; porém huma criada chirle, fedendo a adubos, *non sufretur in rerum natura.*

*Ger.* Ai, tu sabes latim?

*Esop. In totum, ite, ite ad temperandas panellas.*

*Ger.* Agora te quero mais; olha, que importa que tu sejas Doutor? Não vês que o cavallo alimpa a egoa?

*Esop. Ergo cavalus sum ego?*

*Ger.* Não entendo o que dizes, falla-me como d'antes.

*Esop. Non possum, quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.*

*Ger.* Donde aprendeste isso tão depressa?

*Esop. Venit ab alto, & non te importat.*

*Ger.* Que o achaste na porta?

*Esop.* Não ha maior desesperação! Queres tu tambem agora aprender Latim? Mulher, como to hei de dizer? Não te posso querer bem.

Dei-

Deixa-me; quanto mais me segues, mais me persegues. Arre com a sarna!

*Ger.* Que soffra eu estes desprezos!

*Canta Geringonça a seguinte*

ARIA.

Vou-me embora, Esopo ingrato;
Já te deixo, pois não quero
Teus repudios aturar.
Tu desprezas o meu trato,
Sem olhar, que te venero?
Pois amor me ha de vingar. *Vai-se.*

*Sahe Messenio.*

*Mess.* Esopo, estamos perdidos.

*Esop.* Porque, alguem nos busca?

*Mess.* Sahio do Exercito d'ElRei Crêsso hum Soldado a desafiar hum dos nossos, e que á manhã o esperava no campo só por só, e com armas iguaes; e quando não, que incorreriamos em pena de cobardes; e o peior he, que não há quem queira aceitar o desafio, porque os melhores Cabos, e Soldados estão doentes das feridas das settas, e assim pois Jupiter te escolheo para Director desta guerra, dize o que faremos.

*Esop.* O caso ainda assim he de barbas; mas por vida de Esopo, que eu mesmo hei de sahir em pessoa ao desafio.

*Mess.* Tu, como? Se não sabes jogar as armas, e os inimigos são déstros nellas?

*Esop.* Vossa Mercê, Senhor Messenio, está enganado; quem lhe disse que eu não sabia jogar as armas? Ainda não ha muitas horas que jo-

joguei a minha espada com hum Tambor ao jogo das chapas.

*Mess.* Não te ponhas com graças, dá remedio a cousa de tanto empenho.

*Esop.* Pois Senhor, tenho dito, eu mesmo sahirei, eu posso fazer mais, que dar o conselho, e executallo? Ora ande, que na guerra val mais a industria que o valor.

*Mess.* De ti tudo se espera. *Vão se.*

## SCENA V.

*Mutação de Arraial, e apparecerá a Praça, e a hum lado ElRei Cresso com alguns Soldados, e no meio do Theatro Temistocles com espada, e rodéla.*

*Rei.* JA' que fizeste o desafio vê lá como te sahes delle, não nos descredites.

*Tem.* Tão poucas experiencias tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Vossa Magestade desconfie de mim?

*Rei.* Bem sei que és bom Soldado, e valoroso, mas nem sempre a fortuna póde ser favoravel; queira Jupiter que triunfes, que a tua gloria será a minha.

*Tem.* Venha quem vier, venha o mais valente Soldado dos Athenienses, que do primeiro revés o hei de descabeçar. O' lá da Praça, não vem esse valente?

*Ha-*

*Haverá huma porta na muralha da Praça por onde sahirá Esopo com capacete, espada, e rodéla, e dirá dentro o que se segue.*

*Dentr. Esop.* Já vou, espere, que me estou apolvilhando. Cuidado não me fechem a porta do muro, que importa.

*Sahe Esopo.*

*Esop.* Ora salve Deos a Vossa Mercê.

*Tem.* Vossê he o do desafio?

*Esop.* Cuido que sou eu, se me não engano; arre lapas! Que será isto, que me não posso ter nas pernas! Estava eu manso, e pacifico, quem me meteu em desafios? Ah D. Quixote, aonde estás, que aqui eras tu gente!

*Tem.* Ora pois, vamos a isso depressa.

*Esop.* Ui, Senhor, que pressa tem Vossa Mercê? Morra eu de cutiladas, mas não quero morrer de afogadilho. Com licença de Vossa Mercê, já venho.

*Faz que se vai, e torna a voltar.*

*Tem.* Aonde vás?

*Esop.* Vou mudar de camisa, que entendo que estou mijado com alguma cousa mais.

*Tem.* Bom contrario tenho eu! Desta vez logro o triunfo, meçamos as armas; estão iguaes.

*Medem as espadas.*

*Esop.* Estão iguaes? Não há tal.

*Tem.* Como não?

*Esop.* A sua espada tem punho de prata, e a minha de cabello. Não, Senhor, hão de ser armas iguaes, ou eu não hei de brigar.

*Tem.*

*Tem.* Iguaes se entende do mesmo comprimento ; bem parece que isto não he terra de Soldados, mas sim de Filosofos.

*Esop.* Tu o amargarás na conclusão. *á parte.*

*Tem.* Pois estão as armas iguaes , agora partamos o Sol.

*Esop.* Que parta o Sol ? Quer-me vosê partir o sol da India com os dentes ? Quem parte o Sol melhor me partirá a cabeça.

*Tem.* Bem estamos , toquem os clarins a investir.

*Esop.* Mande antes dobrar os sinos, porque eu desta vez aqui fico enterrado.

*Tocão huma marcha com as trompas.*

*Rei.* Que farão os dous , que tanto tardão a investir ?

*Tem.* Ora vamos.

*Esop.* Pois vamos ? A Deos até á manhã.

*Tem.* Briguemos , quando não vou dando.

*Esop.* Dê, dê, que eu farei queixa a sua Mãi. E que fará agora Geringonça ? *á parte.*

*Tem.* Ora já te não posso aguardar , que nas dilações periga o meu crediro. *Investe.*

*Esop.* Espere, espere, tenha mão , que já não póde brigar.

*Tem.* Porque ?

*Esop.* Porque o ajuste foi ser com armas iguaes; quanto a isso não se me dá.

*Tem.* Não se te dá das armas ? Pois em que te fias ?

*Esop.* Fio-me na coura.

*Tem.* Pois se as armas estão iguaes , que mais falta aqui para a lei do duelo ?

*Esop.*

*Esop.* O desafio foi, que havia ser só por só.

*Tem.* Sós estamos.

*Esop.* De burro; isso he não ser valente, vossê com gente de escolta atrás? Aonde está ahi a graça? Não sabe, que *nec Hercules contra duo*, quanto mais quem não he para ser criado de Hercules?

*Tem.* Eu venho só, e não trago nenhum comigo. *Volta-se.*

*Esop.* Quer agora negar o que eu estou vendo? Olhe para trás, e verá com os seus olhos: ahi! hum, dous, tres, dezanove, sincoenta.

*Ao voltar Temistocles a cara dá-lhe Esopo huma cutilada, e deitará a fugir para a Praça, e cahe Temistocles.*

*Esop.* Agora que se vira reviro eu. Zumba. *Vai se.*

*Tem.* Ah traidor, que me mataste! Traição, traição.

*Rei.* Que foi isso, Temistocles? Tu ferido dessa sorte?

*Tem.* Que ha de ser? Hum traidor, que dizendo-me que eu trazia gente de escolta, hindo a virar a cara me deu huma cutilada.

*Dentro.* Viva Esopo, Esopo viva. Victoria.

*Rei.* Com que Esopo foi o que veio ao desafio? Ainda estou mais picado!

*Tem.* Veja Vossa Magestade se disse eu bem, que Esopo nos havia de fazer a guerra.

*Rei.* Pois juro que daqui em diante apertarei mais o cerco, só para apanhar ás mãos este velhaco de Esopo; anda curar-te na minha tenda. *Vão-se.*

SCE-

## SCENA VI.

*Mutação de columnas, ou pateo escuro azulejado, e no fim estará huma porta, e sahe Euripedes.*

*Eurip.* VEnho como tonta! Isto he o que quer que he; estando eu no melhor do somno não acho na cama o meu marido, vou á cama de Filena, tambem o não acho, nem Esopo apparece; tenho corrido toda a casa de alto abaixo sem ver a nenhum, até me obriga a vir por este pateo; entrei na estrebaria, nada encontro! Que diabo será isto! Mas eu cuido que sinto pizadas, eu me retiro para este canto, que hoje haverá serra Hespanha. *Retira-se.*

*Sahe Filena.*

*Filen.* Aqui mandei que esperasse Periandro, e Esopo me disse que elle já aqui estava; mas eu não sei por onde ponho os pés, e tenho dado mil quédas; pois com o escuro da noite não sei por onde venho, nem por onde pizo; ai, amor, a quanto obrigas!

*Sahe Xanto.*

*Xant.* Agora acabo de ver que he cégo o amor, pois como cégo venho ás apalpadellas por tantos corredores até chegar a este pateo, que ha de ser esta noite a campanha do amor em que quero fallar a Geringonça.

*Filen.* Mas eu cuido que alli vem gente; quem ha de ser, senão Periandro?

*Xant.* Sinto pizadas, e o vulto, se me não engano, para mim se vem chegando; sem dúvida he Geringonça; que espero, que lhe não fallo? Vem embora, pois tu és a luz que me traz cégo a fallar-te: tanto tardaste?

*Filen.* A voz he de meu pai, eu estou perdida! Ora quando os velhos tem amor, que farão os moços! Eu vou-me retirando; há maior desgraça, que quando busco a Periandro encontro meu pai! *Vai-se.*

*Xant.* Com o escuro não atino aonde ella está.

*Vai Xanto chegando para onde está Euripedes, e sahe Esopo.*

*Xant.* Oh cá estás tu? Pois agora já poderemos fallar.

*Eurip.* Ai, he o Senhor Xanto? Pois eu me callo até que elle se declare bem, que quero ver a quem busca.

*Esop.* Esta casa parece-me encantada, pois desde a meia noite que sahi de sima, até agora estive sem atinar com o patèo. Valha-te o diabo pateo, que a tantos fazes patear! Ora aqui estou eu no meio do campo; venha agora Filena a desafiar-me, e veremos como se porta comigo. E o velho fica logrado, que eu não dei o recado a Geringonça.

*Xant.* Minha Geringonça, não sabes que morro por ti? Pois como me desprezas?

*Eurip.* Meu dito, meu feito! Ora quero fingir-me Geringonça.

*Xant.* Não respondes, amores?

*Eurip.*

*Eurip.* Como quer que o queira se Vossa Mercê quer tanto á Senhora Euripedes?

*Xant.* Valha o diabo Euripedes, que por sua causa não me declaro teu amante! Tomára que já morrêra, para casar comtigo.

*Eurip.* Há quem isto ouça? Eu quero disfarçar ainda.

*Esop.* Muito tarda Filena! Donde estará esta bogia? Mas parece-me que já a estou vendo vir tique tique, com a sua anagoa de franjas, çapatinho de tessúm, o cabello desgrenhado, cuberta com a sua capona. Mas ai, que agora me lembrou huma cousa, que se ella me abraçar poderá topar com a minha corcova, e por ella conhecer-me pelo tacto! Pois bom remedio, em tal caso direi que me abrace pelas gambeas, que he hoje o rigor da França; mas se me não engano ahi vem gente, e o pizar he de mulher.

*Sahe o burro, que vai para Esopo.*

Ella he sem dúvida, que a conhece o nariz pelos aromas que exhala; e como vem serena! Ora fingir-me quero, Periandro: Vem cá, Planeta da quarta estéra, vem, formosa Venus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito com o assucar queimado dos teus carinhos; não me dizes nada? Estás muda? Sem dúvida que o teu pudor te embarga as vozes na Chancellaria do peito. *Zurra o burro.* Calte, calte, não te suffoques; coitadinha da minha menina, como estás rouca! Estou tão contente! Desta vez hei de dar duas figas ao amor.

*Xant.* Muito te resistes, ingrata Geringonça!

*Eurip.* Quero apurar bem a paciencia.

*Esop.* Ora agora, meus amorinhos, meu feiticinho, dá-me essa mão de jasmim, ou esse pé de cravo, para pôr, e dispôr no canteiro de meu coração. *Zurra.* Falla de mansinho, não ouça teu pai; sempre me vás a fugir? Olha cá, queres tu casar comigo? *Zurra.* Sim? Pois havemos sahir a furto, deixa estar; mas tua mãi não o saiba.

*Xant.* Ora isto he já desesperação.

*Faz que pega nella.*

*Eurip.* Retire-se lá; quem he?

*Esop.* Menina, não gastemos mais tempo, ajustemos o nosso amor; ora dá-me hum abraço, anda, não sejas burra.

*Ao ir Esopo abraçar o burro dá-lhe este dous couces, e aos gritos de Esopo sahirá Geringonça com huma candeia accêza.*

*Esop.* A'que d'ElRei que me matas! Ingrata, com isso pagas o meu amor?

*Ger.* A'que d'ElRei, ladrões no pateo? *Sahe.*

*Eurip.* Guarde Deos a Vossa Mercê, Senhor Xanto, pois que vai?

*Xant.* Isto he encanto; mofino homem, que ha de ser de mim!

*Esop.* Ui, Filena converteo-se em burro! Andou discreta para a não conhecerem. O' Filena, torna-te outra vez em gente, que com a baralhada que aqui vai ninguem repara.

*Ger.* Eu estou pasmada! Que diabo he isto, que vejo!

*Eurip.*

*Eurip.* Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra para casar com Geringonça? A'que d'ElRei sobre este magano!

*Esop.* E o velho como está réo!

*Xant.* Não te posso responder; vou matar-me antes que me mates. *Vai-se*

*Eurip.* Peguem-me nesse magano.

*Ger.* Ai, Senhora, deixe o triste velho, bem lhe bastão os seus achaques.

*Eurip.* Ainda acodes por elle, velhaca? *Vai-se.*

*Ger.* Não sou amiga de ouvir pendencias. Esopo, que fazes aqui ao pé do burro?

*Esop.* Calte, que não he burro, he Filena, que está disfarçada para a não conhecerem. Não me dirás; para que trouxeste agora essa candeia, pois com ella fizeste tantos desarranjos?

*Ger.* Com que essa he Filena?

*Esop.* De que te espantas? Nunca ouviste dizer, que Venus se converteo em gata? Pois que muito que Filena se converta em burro? Pois por certo que não he Venus melhor do que ella.

*Ger.* Pois dá-lhe hum abraço.

*Sahe Filena gritando.*

*Filen.* Venhão acodir a meu pai, que está para se enforcar na grade do leito, por não aturar as guerras de minha mãi.

*Ger.* Esopo, fica-te com o teu burro. *Vai-se.*

*Esop.* Ora só esta a mim me succede! Que estivesse eu esfalfando-me em dizer finezas a hum burro! Sem dúvida levei dous couces, cuidando que levava dous pescoções.

*Filen.*

*Filen.* Andem acodir a meu pai, que se enforca.

*Esop.* Deixe-o enforcar, que eu tambem vou fazer o mesmo. Arre com a cancaburrada da noitesinha! Olhem, não ha cousa mais fiel que o nariz, por isso lhe fedia o bafo a cevada; mas como tinha o nariz cégo de amor, cuidei que me cheirava a beijoim.

*Filen.* Anda, não te detenhas, que meu pai estará já enforcado a estas horas.

*Esop.* Isto não são horas de se enforcar ninguem, e senão vamos, e verá. Ah ingrata, não te perdoo o susto desta noite, que toda foi huma burrada.

*Cantão Euripedes, Esopo, e Geringonça a seguinte*

ARIA A 3.

*Eurip.* Calte, calte, marafona,
Calte, infame bribantona,
Senão vou saltando em ti.

*Ger.* Que fiz eu, Senhora, que?
Porque assim sem mais, nem mais,
Táo cruel me trate assi?

*Esop.* Deixe a moça; ouves tu?
Não lhe digas chus, nem bus;
Té passar-lhe o frenesi.

*Eurip.* Hoje aqui te hei de matar.

*Ger.* Hoje aqui não hei de estar.

*Esop.* E eu aqui hei de ficar.

*Eurip.* Pois que os zelos,

*Ger.* Pois que a dor,

*Esop.* Pois que amor,

*Tod.*

*Tod.* Já me faz desesperar.
*Eurip.* Não te quero mais em casa,
Vai-te, vai-te para fóra.
*Ger.* Saiba Deos, e todo o Mundo
A innocencia em que me fundo.
*Esop.* Calte filha, alimpa o ranho,
Toma o manto, e vai-te embora,
*Tod.* Que os enredos deste pateo
Não se podem aturar.

## SCENA VII.

*Mutação de Camera. Sahem Xanto, e Esopo.*

*Xant.* ESopo, ouve-me por tua vida.
*Esop.* Senhor, eu confesso-lhe que já estou arrependido, e arrenegado, nem quero ouvillo, nem quero nada desta casa; vou-me embora.
*Xant.* Pois porque?
*Esop.* Ui, Senhor, hè zombaria andar aqui em huma roda viva, Esopo de dia, Esopo de noite, como se eu fora algum bonecro de cortiça! Huma casa de enredos, e hum enredo sem fim! Vossa Mercê libidinoso, e sua filha rude, sem tomar as minhas lições, e sobre tudo huma mulher brava; haverá resistencia, que tal possa soffrer? Pois....

ARIA.

Ver o tigre de minha Amá,
Quando em cólera se inflamma,
Dizer ao marido amante:
Venha cá, velho bribante,
E o velho paciente Com

Com voz baixa, e tremebunda
Lhe diz: calte lá, ſerpente;
Quando diz de lá Filena:
Mái, não ſeja impertinente,
Tenha modo, e tenha ſizo;
Mas confeſſo, que com rizo
Me faz iſto eſcangalhar.
E que o miſero carcunda,
Vendo tanta barafunda,
Tal ſe atreva a tolerar!

*Sahe Meſſenio.*

*Meſſ.* Que ſeja poſſivel que eſtejas a cantar, Eſopo, quando eſtamos na maior afflicção!

*Eſop.* Pois que? Temos outro deſafio?

*Meſſ.* Não vês o miſeravel eſtrago em que eſtá eſta Praça, com hum cerco ha tantos tempos, ſem nos vir ſoccorro de parte alguma, e já não ha comer para os Soldados? Neſtes termos dize, o que havemos de fazer?

*Xant.* Senhor, eu ſou de parecer, que nos entreguemos, que não ha reſiſtencia a hum poder tão grande.

*Eſop.* Calle-ſe lá, não ſe meta aonde o não chamão. Ah Senhor Meſſenio, Jupiter, que me nomeou para General bem ſabe o que fez, que elle não ſe engana comigo; mande Voſſa Mercê eſcolher hum par de Soldados, os que lhe parecerem mais valentes, e a cada hum dê huma ſaia, e huma mantilha, e que ſe preparem com armas curtas, e eſperem por mim á boca da noite no poſtigo da muralha, que eu lá eſtarei, e que fação o que eu diſſer.

*Meſſ.*

*Mess.* Que intentas fazer?

*Esop.* Logo o saberá; andem comigo, que são huns fonas.

*Xant.* Queira Deos, Esopo, que acertes.

## SCENA VIII.

*Mutação de Arraial. Descobre se a Praça com o cerco dos Soldados, ElRei, e Temistocles.*

*Rei.* NOtavel constancia tem mostrado os Athenienses neste sitio; pois a pezar de todo o meu poder se resistem valentes!

*Tem.* Eu entendo, Senhor, que cedo capitularáõ; pois segundo as informações que deu hum Soldado que fugio da Praça, está já sem mantimentos, com que cedo lograremos a victoria.

*Rei.* Tomára haver ás máos este Esopo, que só por elle aperto o cerco da Praça; mas não vês abrir-se o postigo da muralha?

*Sahe do postigo Esopo vestido de mulher, e da mesma sorte alguns Soldados com alguns cutélos, que ao depois puxaráõ por elles, e diz dentro Esopo o seguinte.*

*Dent. Esop.* Não me fechem a porta, que aliàs perderemos o pezo, e o feitio.

*Mess.* Vai descansado, Esopo, que aqui fico eu, e Jupiter permitta que te não succeda alguma.

*Esop.* Quando eu der hum assobio fazer o que tenho dito, e fingir falla de mulher. *Sahem.*

*Tem.*

*Tem.* Quem vem lá?

*Esop.* Senhor Soldado, que já foi quebrado, somos humas afflictas mulheres, que queremos fallar a ElRei Creſſo, ou da Lidia.

*Rei.* Aqui me tendes, que he o que quereis?

*Esop.* Voſſa Mageſtade ſaiba que eu ſou huma donzella, (ſalvo tal lugar) que com eſtas companheiras ſahimos da Praça, ou para melhor dizer nos lançárão á margem.

*Rei.* E porque vos expulsárão?

*Esop.* Eu ſei? Senhor, Voſſa Mageſtade, ſe algum dia foi mulher bem ſaberá das noſſas mazéllas; mas pelo que me diſſe hum Tio meu Tambor, que ſe lançava a gente inutil para a guerra, porque comiamos o comer dos Soldados.

*Rei.* Pois tanta falta ha de mantimentos!

*Esop.* Ai, Senhor, iſſo não ſe falla; eu hontem comi huma frigideira de lendeas, por não ter outra couſa; eſta minha companheira, parindo hontem hum filho huma viſinha ſua, o comeo, e ainda lhe lambeo os beiços; pois agoa! Só dos olhos bebemos as lagrimas. Em fim, Senhor, nós eſtimamos muito que nos deitaſſem fóra para enchermos a barriga; pelo que vos pedimos, Senhor, que nos mandeis dar de cear, e agaſalhar, e adverti, que a clemencia nos Principes he a melhor pedra que adorna a ſua Coroa.

*Rei.* Temiſtocles, agaſalhai eſſas mulheres, que eu me vou recolher. *Vaiſe.*

*Tem.*

*Tem.* Supposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz, e pelo modo me tem cativado. *á parte.*

*Esop.* Pois havemos dormir no campo, Senhor Soldado?

*Tem.* No campo não, mas na minha barraca sim, pois me compadeço de vós, e na vossa companhia suavizarei as asperezas de Marte, assim o permitta o amor.

*Esop.* Amor? Ai que graça! He nome esse, que nunca ouvi. Estou bem aviado se o Soldado me namora. *á parte.*

*Tem.* Ora dizei-me; que faz lá esse magano de Esopo? Ainda he vivo?

*Esop.* Coitado de Esopo! Anda bem achacado, e já está quasi louco com huma teima notavel, dizendo que he mulher, e não homem.

*Tem.* Tão grande juizo havia de dar volta; pois sinto que supposto me enganasse no desafio, com tudo sei que he homem de prendas.

*Esop.* Com que Vossa Mercê he o do desafio? Ora console-se com as disposições do Ceo.

*Tem.* Ora, meu amor, eu mando accommodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

*Esop.* Para a sua barraca? Isso não.

*Tem.* Ora anda.

*Esop.* E a minha reputação?

*Tem.* Vem segura, que os cavalheiros tem honra, e piedade.

*Esop.*

*Esop.* Pois olhe, nessa certeza me fio; porém tambem me ha de fazer o favor de mandar retirar todos os Soldados para as suas tendas.

*Tem.* Dizes bem, espera aqui, que eu mando aquartellar a gente, que supponho que os da Praça não se atreverão a sahir. *Vai-se.*

*Esop.* Isso he certo; tomárão elles bem páo. O' lá, companheiros fiéis, cuidado, accommetter com valor, e ir dando a troxe moxe, que os apanhamos na cama.

*Sahe Temistocles.*

*Tem.* Todos já se recolhêrão, anda comigo.

*Esop.* Eu não vou sem as minhas companheiras; ó lá, agora. *Assobia.*

*Investem as mulheres a Temistocles, e mais Soldados, entre os quaes haverá pendencia, e se recolhem pelo postigo do muro, e quando Esopo for achará a porta fechada.*

*Tem.* Acudão todos, traição, traição, que são homens, e não mulheres.

*Esop.* Dar a matar, morrão estes cães.

*Tod.* Morrão os traidores.

*Esop.* Vamos, que já vem muitos.

*Sold.* Vamos para a Praça. *Vão-se.*

*Esop.* Não fechem a porta, que ainda falto eu para entrar.

*Dentr.* Não póde ser, que já os inimigos vem de envolta com os nossos.

*Esop.* Se vem de envolta não ha que temer, que são crianças, abra depressa.

*Dentr.*

*Dentr.* Não ha ordem.

*Tem.* Dá-te á prizão, senão mato-tê.

*Esop.* Ai, meu bem, não me leves preza, que eu vou por vontade.

*Tem.* Ainda te finges mulher, velhaco?

*Tod.* Morra esse traidor.

*Sahe o Rei.*

*Rei.* Que alvoroto foi este?

*Tem.* Senhor, as mulheres erão homens disfarçados, que vierão com armas, e apenas nos apanhárão recolhidos fizerão logo algum estrago nos nossos, que pudera ser mais, e todos fugírão, e só apanhámos este.

*Rei.* Dize quem és?

*Esop.* Eu sou ninguem.

*Tem.* Agora conheço que és Esopo.

*Rei.* Confessa a verdade.

*Esop.* Senhor, eu sou Esopo, que peço perdão a Vossa Magestade da minha descortezia.

*Rei.* Velhaco, insolente, tantas me tens feito, que agora te mandarei enforcar.

*Esop.* Olhe, Senhor, que eu sou nobre, e não posso morrer enforcado.

*Rei.* Ou possas, ou não possas, heide-te matar, e só o deixarei de fazer se me fabricares huma torre no ár.

*Esop.* Aceito, dê-me a sua palavra, e juntamente me ha de dar os materiaes.

*Rei.* Prometto tudo, pois vejo que tu não has de fazer a torre no ár, e assim sempre te venho a matar; vamo-nos, e levem-no prezo para que não fuja.

*Esop.*

*Esop.* Ai, amada Athenas, que não sei se te verei mais! A Deos, Filena, a Deos. *Vai-se.*

## SCENA IX.

*Mutação de jardim com estatuas, e cantará o Coro huma Copla, e sahe Filena.*

*Filen.* SO' a musica me diverte neste amoroso tormento em que vivo; pois sobre não poder fallar a Periandro, que supponho Esopo lhe não deu o recado, agora sei que Periandro vai tambem a pelejar pela falta que ha de Soldados. Oh que batalha sente o meu coração! E por ver se acaso podia divertir a minha mágoa, vim a este Jardim, cujas estatuas estão feitas com tal artificio, que reperem fielmente o écco que huma pessoa articula; divirtamo-nos cantando.

*Canta Filena a seguinte Copla em éccos.*

Em tanta pena prepara para ara,
O peito, quando se inflamma flamma ama,
Huma fineza amorosa morosa rosa,
Que amor em prantos derrama rama ama.

*Sahe Periandro.*

*Periand.* Mudas estatuas, que vivamente pronunciaes o que articula hum amante peito; já que pela minha boca me não atrevo a dizer o que sinto, por me não soffocar a pena, dizei pela vossa, o que sem remedio choro.

*Canta Periandro a seguinte Copla.*

Nesta frondosa floresta resta esta,
Quero, pois que o mal conspira pira ira,
Di-

Dizer-te, que por amar-te marte arte,
Este prado me convida vida ida,

*Filen.* Amado Periandro, bem sei que vens a despedir-te, ou a dobrar-me os tormentos; com que he certo que partes para a guerra?

*Periand.* Bem sabes, Filena, que nunca me desejei apartar de teus olhos hum instante; porém os soberanos preceitos se devem obedecer, maiormente por não caber em mim a nota de covarde.

*Filen.* Dizes bem; melhor he parecer valente, que pouco amante.

*Periand.* Não deixa de amar-te quem busca a Marte, assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejão as eloquencias do pranto.

*Cantão Periandro, e Filena a seguinte*

ARIA A DUO.

*Periand.* Filena idolatrada,
*Filen.* Querido bem desta alma,
*Periand.* A Deos, que já me ausento,
*Filen.* A Deos, oh que tormento!
*Periand.* Que eu vou a pelejar.
*Filen.* Que eu fico a suspirar.
*Periand.* Mas ai, Filena amada,
*Filen.* Ai, Periandro amante,
*Periand.* Que temo na partida,
*Filen.* Que temo nesta ida,
*Amb.* No pranto a vida dar.

*Vão-se.*

## SCENA X.

*Mutação de Arraial, e Castello, e haverá huma taboa com quatro balaustres, e em cada hum hum Corvo, e Esopo dentro da dita taboa irá voando, e sahem El Rei, Esopo, e outros.*

*Dentr.* VAmos ver a torre no ár, que faz Esopo.

*Rei.* Esopo, vê que nisso está a tua vida, ou a tua morte.

*Esop.* Faremos muito por não morrer desta vez.

*Rei.* Que significão estes Corvos?

*Esop.* São os meus Officiaes; ora pois, attenção, iça arriba; os Corvos não podem chegar aos espetos de carne, parecem Tantalos.

*Rei.* Notavel idéa! Já está bem alto.

*Esop.* Ora, Senhor, eu aqui estou prompto como disse, para fazer a torre no ár, mande-me os materiaes, cal, pedra, tijolo, madeira, e o mais que for preciso para fabricar a torre.

*Rei.* Quem to ha de lá levar nessa altura em que estás?

*Esop.* Pois como me faltão com os materiaes que prometterão, não está da minha parte o deixar de fazer no ár a torre, como affirmei.

*Rei.* Assim he, desce para baixo, que eu te perdoo a morte, pois da tua parte não faltaste ao promettido.

*Esop.* Eu não sou tão tollo, que estando no ár, que agora mais que nunca, he livre, e estando á vista de Athenas, desça para baixo,

xo, aonde me podes estirar em tres páos; eu tomarei a liberdade por mim mesmo.

*Com a tramoia vai Esopo voando, e mete-se dentro na Praça.*

*Dentr.* Aqui vem Esopo pelo ár, isto he novidade, e parece cousa de encanto! Viva Esopo.

*Rei.* Voou para dentro da Praça; grande astucia!

*Tem.* Senhor, se não matarmos a Esopo nunca conquistaremos esta Cidade; bem vê já Vossa Magestade como he ardiloso.

*Rei.* Estou tão picado da pessa, que agora mesmo a mando accommetter, e até me não entregarem a Esopo não ha de cessar o combate; ó lá, toca a investir, e dar hum assalto geral na Praça.

*Toca, e se dá o assalto.*

*Dentr.* Estamos perdidos! Entreguemo-nos.

*Rei.* Entreguem a Esopo só, que não quero mais, quando não a todos mandarei passar á espada, sem excepção de pessoas.

*Dentr.* Entregue-se a Esopo, que não he razão que por hum se percão todos; entregue-se Esopo.

*Esop.* Ah tyrannos! Ah ingratos! Com isso me pagais o bem que vos tenho feito?

*Deitão a Esopo do muro abaixo por huma corda.*

*Rei.* Anda cá, Esopo, que mereces que te faça? Assim se engana aos Principes? Hoje has de ficar sem vida.

*Esop.* Pois, Senhor, antes que me mates ouve-me duas palavras ao menos.

*Rei.* Dize; mas sem esperança de perdão.

*Esop.* Era huma vez hum villão, que vendo-se perseguido de gafanhotos, pois toda a sua lavoura destruião, começou hum dia a matallos, e como visse huma cigarra, tambem lhe quiz tirar a vida, ao que respondeo a cigarra: tenha mão Vossa Mercê, que sem razão me mata; pois eu não offendo as plantas da terra, antes com a minha voz alegro aos caminhantes; perdoou-lhe o villão, ouvindo taes razões. Assim da mesma sorte, ó Rei, eu não sou figura para te fazer opposição, nem que destrua o teu Reino, sou sim huma cigarra, que não tenho mais do que esta voz, ou esta industria com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) esta Praça; e se hum villão perdoou a morte á cigarra, tu, que és hum Rei, porque me não perdoarás tambem?

*Rei.* Valha-te Deos por Esopo! Já estás perdoado, quero ser teu amigo daqui em diante, que os homens das tuas prendas são para estimar; pede o que quizeres, que tudo te hei de fazer.

*Esop.* Peço, Senhor, que ajusteis as pazes com os Athenienses, e que cessem já estas guerras.

*Rei.* Assim o farei; ó lá da Praça? Abrão as portas, que pelos rogos de Esopo tenho feito as pazes, e levanto o cerco.

*Dentr.* Viva ElRei Cresso de Lidia; abrão-se as portas. *Entrão.*

SCE-

## SCENA XI.

*Depois de entrarem haverá mutação de Sala, e hirão sahindo todas as figuras.*

*Tod.* VIva ElRei Cresso de Lidia. Viva.
*Rei.* Nobres Athenienses, a Esopo dai os vivas, pois elle foi o que me pedio a paz. E assim porque não fique sem premio hum homem de tanto juizo, e que deu tanto em que cuidar aos meus Soldados; mando que Esopo seja em quanto viver, Governador desta Praça em quanto ao politico, e como a Rei lhe obedeção.
*Esop.* Beijo as mãos a Vossa Magestade pela honra que me faz.
*Tod.* Viva Esopo, e viva ElRei.
*Esop.* Viva até que morra. Agora com licença do Senhor Rei, quero casar, para que seja meu padrinho; venha cá Filena.
*Periand.* Se Esopo casa com Filena estou perdido!
*Filen.* A isto só podião chegar as minhas desgraças!
*Xant.* Que se visse Esopo em tantas alturas! Cousas são da fortuna!
*Esop.* Filena, pois sempre amou a Periandro, casem, que eu serei o padrinho, já que fui o medianeiro.
*Periand.* Beijo-te os pés, Esopo, pelo favor.
*Filen.* Ora concluio-se o nosso amor.
*Esop.* E pois Geringonça sempre me quiz bem;

ha de ser minha mulher: Geringonça, dá cá essa mão de almofariz, para com ella pizar a pimenta do meu affecto.

*Ger.* Lembrou-se Deos da minha pobreza, e honestidade.

*Eurip.* Já agora não andará Xanto com Geringonça com amorinhos.

*Esop.* Senhores, isto está concluido, e com vodas se dá fim á vida de Esopo, pedindo a este Auditorio perdão dos erros, repetindo o Coro os vivas desta victoria.

*Canta o Coro.*

F I M.

# OS ENCANTOS DE MEDÉA, OPERA,

QUE SE REPRESENTOU NO THEAtro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1735.

## ARGUMENTO.

EMbarca-se *Jaſon em Theſſalia na não Argos, e parte para a Ilha de Colchos, empenhado na empreza, e conquiſta do Velocino de ouro; e chegando perto de Colchos deſembarca com Theſeo, e Soldados. Manda ElRei de Colchos ſaber a razão do deſembarque. He enganado ElRei. Recebe a Jaſon na ſua Corte. A Princeza Medéa, filha d'ElRei, e Creuſa Sobrinha do meſmo, ſe namorão de Jaſon. Concorre Medéa para o furto do Velocino com ſeus encantos, e com elles ſe livra do caſtigo de ſeu pai. Repudiada Medéa por Jaſon, eſte levando o Velocino, e juntamente a Creuſa, indo já embarcados para Theſſalia, Medéa zelóſa faz mover contra elles huma grande tempeſtade, e com ella retroceder a não Argos outra vez a Colchos, onde o Rei offendido de Medéa caſa a Jaſon com Creuſa, dando-lhe o ſeu proprio Reino. Medéa ultimamente deſeſperada, por não ver a ſua offenſa, deſapparece pela região do ár. O mais ſe verá no contexto da Hiſtoria.*

IN-

## INTERLOCUTORES.

| | |
|---|---|
| *Jaſon*, | *Sobrinho d'ElRei de Theſſalia, ſucceſſor do meſmo Reino.* |
| *Theſeo*, | *Companheiro de Jaſon.* |
| *Etas*, | *Rei de Colchos.* |
| *Telemon*, | *General, e Miniſtro d'ElRei de Colchos.* |
| *Medéa*, | *Princeza de Colchos.* |
| *Creuſa*, | *Sobrinha d'ElRei de Colchos.* |
| *Arpia*, | *Criada de Medéa.* |
| *Sacatrapo*, | *Criado de Jaſon.* |

*Guarda de Archeiros. Soldados. Coro.*

## SCENAS DA I. PARTE.

I. *Mutação de Mar, e nelle a náo Argos, e montes ao outro lado.*
II. *Mutação de Sala Real com Throno.*
III. *Mutação de Camera com bofete.*
IV. *Mutação de Sala Real.*
V. *Mutação de Jardim com o Velocino.*

## SCENAS DA II. PARTE.

I. *Mutação de Camera.*
II. *Mutação de Camera.*
III. *Mutação de Jardim, e hum monte movediço.*
IV. *Mutação de Montes.*
V. *Mutação de Sala.*
VI. *Mutação de Mar, e Montes.*

PAR-

# PARTE I.

## SCENA I.

*Mar, e Montes, a náo Argos, e della hirão deſembarcando Jaſon, Theſeo, Sacairapo, e Soldados ao ſom de huma marcha, e dizem o ſeguinte antes de deſembarcarem.*

*Huns.* Amaina, amaina.
*Outros.* Terra, terra.
*Outros.* Terra, á eſcota.

*Theſeo.* Toca a deſembarcar a Soldadeſca.

*Vão deſembarcando, e canta Jaſon a ſeguinte Aria, e*

RECITADO.

Felices Argonautas valoroſos,
Que rompendo o cryſtal do ſalſo argento,
A pezar das violencias de Neptuno,
Indignado, e ſoberbo,
Aportamos em fim com fauſto auſpicio,
Neſta inclyta Colchos ſoberana,
Onde ſe guarda o célebre theſouro
Do aureo Velocino, a cuja empreza
De noſſa amada Patria nos partimos;
E ſe quizera a ſorte,
Que com feliz progreſſo conquiſtaſſe
Eſte rico deſpojo
Para gloria immortal da Grega prole!

E assim, Soldados meus, em cujos peitos
Seu furor deposita o mesmo Marte;
E tu, valente impávido Theseo,
De quem tantas proezas canta a fama,
Agora, mais que nunca valorosos,
Mostrai o brio desse heroico braço;
Porque veja o Universo em tanta gloria
Alcançar-se a mais inclyta victoria.

ARIA.

Não vos mova nesta empreza,
Nem o aureo Velocino,
Nem de Colchos a riqueza,
Seja só vosso destino
A cubiça do valor.
Que n'um peito, que se inflamma,
Por ganhar eterna fama,
O vencer he o bem maior.

*Ao querer ir-se Jason falhe Telemon.*

*Telem.* Suspende, galhardo mancebo, o passo, pois te trago hum recado da parte de meu Rei.

*Jason.* Dizei, que já vos attendo.

*Telem.* Etas, inclyto Rei deste Reino de Colchos, tendo aviso de haver aportado ás suas praias esta armada, e desembarcado em terra tantos Soldados sem sua licença, vos manda perguntar, se vindes de paz, ou se vindes de guerra, não porque tema as vossas armas, mas sim para prevenir, e dar o castigo á vossa temeridade.

*Jason.* Valoroso Soldado, dizei ao vosso Rei, que a minha vinda a este porto foi casual por impulso de huma grande tormenta, e tempes-

ta-

tade, e assim lhe segurai, que venho de paz, e que pessoalmente irei á sua presença offerecer-me ao seu serviço.

*Telem.* Pois já que vindes de paz dai-me esses braços, e não vos dilateis; vinde ver ao meu Rei, que nisso terá a maior fortuna.

*Abração-se, e vai-se Telemon.*

*Theseo.* Sempre, Senhor, fizestes bem em encobrir-lhe o motivo da nossa vinda.

*Jason.* Theseo, em quanto descanção as armas he preciso que peleje com astucias o entendimento.

*Sacatr.* Senhor Jason, eu era de voto, (sem ser beato) que vossa Principeza mandasse que nenhum marujo saltasse em terra, porque esta gente, como vive no mar, he inimiga da terra, e assim he bem que não venhão de bordo *propter scandalum.*

*Jason.* Eu me admirava, Sacatrapo, que tu estiveses callado muito tempo.

*Sacatr.* Ao menos, Senhor, não me he necessario sacatrapo para me tirar a minha falla do bucho.

*Jason.* Theseo, dai ordem a mandar fazer quarteis, e levantar barracas, para accommodar os Soldados, deixando nos navios a guarnição necessaria, e fio da vossa militar experiencia disponhais tudo com acerto. *Vai-se.*

*Thes.* Já vou pôr em execução os teus preceitos.

*Sacatr.* Ah Senhor Theseo, antes que se vá diga-me por vida sua aqui, que ninguem nos ou-

ouvè, que diabo he iſto do Velocino de ouro, que tanto traz embelezado a meu Amo, que por eſſe reſpeito deixou a ſua caſa, fez tantos navios, aliſtou tanta gente; que ſerá iſto do Velocino?

*Theſ.* A ti que te importa ſabello?

*Sacatr.* Eſſa he boa! Pois não me ha de importar ſaber ao que vim?

*Theſ.* Aos Soldados como tu, não ſe dizem materias tão profundas, pois a ſua obrigação he ſó pelejar.

*Sacatr.* E ſe eu morrer na guerra não he bem que ſaiba o mal de que morro? Ora Senhor, diga-me já, que Velocino he eſte? Diga-mo já, ſenão olhe que lho ha de tirar hum ſacatrapo do bucho.

*Theſ.* Homem, ſabe que neſta Ilha de Colchos ha hum célebre jardim, no qual habita hum carneiro, cuja pelle he de ouro, e eſta todos os annos ſe toſquia, e ſempre lhe naſce outra pelle de ouro; a iſto he que chamão Velocino.

*Sacatr.* Senhor Theſeo, carneiro com pelle de ouro! Iſſo deve ſer pelle do diabo. Para iſſo he neceſſario vir com tantas armas? Ora queira Deos não venhamos nós buſcar lá, e vamos toſquiados.

*Theſ.* Não vês que eſte carneiro he o maior theſouro deſte Reino, e para conquiſtallo, ſe não for por induſtria ha de ſer á força de armas?

*Sacatr.* E de que tamanho ſerá eſſe carneiro?

*Theſ.* He como os outros.

*Sacatr.*

*Sacatr.* Pois se o dito carneiro he como os outros, não bastava hum barco para o levar, e he necessario huma armada? E visto isso apanhando-se o carneiro está acabada a empreza?

*Thes.* Ahi he que está a difficuldade toda, porque hum feróz dragão he quem o guarda, e defende, para que o não furtem.

*Sacatr.* Quanto dão cada dia a esse dragão por guardar esse carneiro?

*Thes.* Ora já não posso aturar as tuas perguntas. *Vai-se.*

*Sacatr.* Pois ainda me faltavão duas cousas que perguntar; andar, será outro dia. *Vai-se.*

## SCENA II.

*Sala Real com hum Throno, aonde estarão El Rei de Colchos, Medéa, e Creusa assentados, e em pé a hum lado Telemon, e Arpia, e do outro Archeiros.*

*Rei.* COm susto, e admiração espero por este Embaixador.

*Med.* Eu o espero sem susto, e com muito alvoroço.

*Telem.* Senhor, o Embaixador sómente espera que Vossa magestade o mande entrar.

*Rei.* Pois dize-lhe que entre. Tu, Medéa, vê se pódes investigar o intento deste Estrangeiro, pois vejo o meu coração inquieto com alguma confusão.

*Vai-*

*Vai-se Telemon, e torna a sahir com Theseo, Jason, e Sacatrapo.*

*Jason.* Inclyto Etas, Rei de Colchos, permitte-me a fortuna de beijar teus pés. *Ajoelha.*

*Rei.* Levantai-vos, nobre Estrangeiro, e fallai a minha filha Medéa com quem reparto o meu Reino.

*Jason.* Se as Deidades se não offendem dos sacrificios, permittí, Senhora, que chegue a victima de meu rendimento a accender-se nas aras do vosso respeito, dando-me a beijar a animada assucena dessa mão. Não vi mais peregrina formosura! *á parte. Ajoelha.*

*Med.* Assim não estais bem, levantai-vos. Que galhardo mancebo! *á parte.*

*Rei.* Dizei-me quem sois, para que melhor saiba estimar com o vosso nome a pessoa.

*Jason.* Senhor, eu sou Jason, Sobrinho d'ElRei de Thessalia.

*Levanta-se ElRei do Throno, e Medéa, e o Rei abraça a Jason.*

*Rei.* Senhor, perdoai, se he que merece perdão huma ignorancia; porque a saber quem ereis, vos tratára como a Sobrinho de hum tão grande Monarcha, como he ElRei de Thessalia, e assim os meus braços serão o Throno onde melhor descanseis.

*Jason.* A minha maior fortuna foi o vir aos pés de Vossa Magestade, que estimo mais essa dita, que o ser Sobrinho d'ElRei de Thessalia, que por não ter filhos me toca aquelle Reino, como primogenito de hum irmão d'ElRei.

*Med.*

*Med.* Vós, Senhor, fois digno de ſerdes Monarca de todo o Mundo. Não poſſo apartar os olhos delle. *á parte.*

*Sacatr.* Eſte Rei Etas já tem baſtante idade, he o *Ætas*, *atatis*; e Jaſon como ſe eſtá eſpinicando todo diante de Medéa, e mais elle, que he tuna nos oſſos. *á parte.*

*Rei.* Eſta, Senhor, he minha Sobrinha Creuſa, a quem podeis fallar.

*Jaſon.* Senhora, á viſta de tanto Sol era força me cegaſſem os raios. Ainda excede a Medéa na formoſura! *á parte.*

*Creuſ.* Sendo eſſes raios naſcidos de voſſa eſféra, por força hão de luzir, e cegar.

*Rei.* Inclyto Jaſon, mereça a minha attenção ſaber o motivo da voſſa viagem; pois ſendo vós hum Principe, algum grande motivo vos deve impellir a tanto exceſſo.

*Jaſon.* Como não ignorais, Senhor, as guerras que ha entre os Reis de Creta, e Corintho, por ganhar fama, e exercitar-me nas armas ſahi com eſta armada para ſoccorrer a ElRei de Corintho, tanto pela obrigação de parenteſco, como porque a fortuna ſe lhe vai moſtrando adverſa, e aſſim he neceſſario ſuſpender o impulſo da ſua roda com o pezo das minhas armas; pois ajudar aos que perſegue a fortuna, ſempre foi brazão dos Reis de Theſſalia, e huma grande tempeſtade me preciſou a arribar a eſte porto; mas agora vejo que ha tempeſtades que são bonanças.

*Sacatr.* Arre lá, como mente tão afoito, e nas bochechas de hum Rei! *á p.* *Rei.*

*Rei.* Só de hum generoso peito podem sahir tão heroicas acções. Trazeis bons Soldados?

*Jason.* Trago a flor de toda Thessalia.

*Sacatr.* E nem por isso tivemos maré de rosas.

*Rei.* Que dizeis?

*Sacatr.* Digo que meu Amo trouxe a flor de Thessalia, porque embarcou pela Primavera.

*Jason.* Não repareis, Senhor, que este criado he gracioso, e o trago para meu divertimento, e por gastar bom humor.

*Sacatr.* Não ha dúvida que gasto bom humor, pois tenho sempre delle duas fontes ao torno.

*Arpia.* Ai, Senhora, que he galante o tal criado! Se eu não estivera aqui já me tivera escangalhado com rizo.

*Jason.* Como dizia, trago bons Soldados, e por Almirante ao valente Theseo, cujo valor tem occupado todas as trombetas da fama. Theseo beija a mão a ElRei.

*Thes.* Por obediencia, e por affecto, diligente procuro tão grande ventura. *Ajoelha.*

*Rei.* Levantai-vos, esforçado Capitão, que certamente, primeiro que os olhos, vos conhecêrão os ouvidos, escutando a fama de vosso valor.

*Sacatr.* Agora sigo-me eu por meu legitimo turno. Senhor, Vossa Reinadura me dê a beijar a sua mão, ou quando não o seu pé, que tudo he o mesmo.

*Rei.* Aqui a tens.

*Sacatr.* Dá cá sete. Ah Senhor, antes eu lhe beijára o annel do que a mão.

*Rei.*

*Rei.* Ahi o tens para o beijares á tua vontade.
*Sacatr.* Ai, Senhor, eu não o dizia por tanto, mas só o aceito por ser prenda sua. Famosa pedra! Ah Senhor, este diamante he fino, ou falso?
*Jason.* Retira-te bruto, basta já de despropositos.
*Rei.* Jason, vem honrar-me este Palacio em quanto se concerta a tua armana. Ainda o meu coração não socega. *á parte.*
*Med.* Não me peza de que Jason fique em Palacio, porque..... mas não sei o que digo. *á parte.*
*Creus.* Se eu tivera a fortuna, que Jason fosse.... mas isto he delirio. *á parte.*
*Arpia.* Pouco hei de poder se não pilhar o annel ao criado. *á parte.*
*Sacatr.* Huma vez que temos estalagem de Palacio, já não quero ser Sacatrapo, senão vareta, para carregar bem o bacamarte do bandulho. *á parte. Vai-se.*
*Rei.* Anda, Senhor, não te detenhas.

ARIA A 4.

*Rei.* Vem Jason esclarecido,
Vem, que vens a descansar.
*Jason.* Quem se vê de amor ferido
Que mal póde descansar.
*Med.e Creus.* Só quem vive sem Cupido
He que póde descansar.
*Tod.* Mas quem tem o meu cuidado
Que mal póde socegar.
*Rei.* Entra.
*Jason.* Eu vou; ó bello encanto,

Quem

Quem de ti se não apartára!
*Creus.* Eu me abraso.
*Med.* Eu vivo ardendo.
*Med.e Creus.* Que a Jason já estou querendo.
*Tod.* Pois me dás enleio tanto
Eu prometto triunfar. *Vão-se.*

## SCENA III.

*Camera com hum bofete, e sahe Sacatrapo.*

*Sacatr.* EU ando perdido por este Palacio, entrando, e sahindo; sem saber por onde entro, nem por donde saio, só com a cosinha não acerto; quero esperar aqui até que venha alguem. Ora nós já temos annel de diamantes, já poderemos coçar o nosso olho afoitamente; porque isto de ter hum homem annel logo faz deitar as mãos de fóra, fazer palminhas ás crianças, jogar o çape na barba, tudo com a mão esquerda, que nós que temos annel logo nos fazemos canhotos. Huma vez me lembra, que hum amigo meu tanto me quiz meter hum annel que tinha pelos olhos, que me meteo o annel, o dedo, e o braço até o cotovelo pelo olho dentro, até sahir-me pelo outro olho; mas com tudo sempre andarei com o olho sobre elle, pois segundo ouvi dizer, sei que nesta terra ha muita feiticeira.

*Sahe Arpia.*

*Arpia.* Quem está aqui?

*Sacatr.*

*Sacatr.* Parece-me que sou eu.

*Arpia.* Vossa Mercê, Senhor Soldado, com que atrevimento entrou aqui no quarto da Senhora Infante Medéa?

*Sacatr.* Eu, Senhora, entrei aqui sem atrevimento.

*Arpia.* Pois não sabe que no quarto das Princezas se não entra?

*Sacatr.* Eu não tenho sciencia infusa para saber tudo.

*Arpia.* Pois para onde hia?

*Sacatr.* A fallar a verdade, eu hia para a cosinha, e quando me não precatei me achei aqui.

*Arpia.* Pois sabe que mais? Que está condemnado a cortarem-lhe os dedos dos pés, que he a pena que se dá a quem entra aqui, sem que pará isso lhe valha o ser criado de Jason, que a elle mesmo se ha de fazer o mesmo se aqui entrar.

*Sacatr.* E a mim que se me dá que me cortem os dedos dos pés? Poupão-me o trabalho de cortar as unhas.

*Arpia.* Vossê cuida que eu zombo, vá-se descalçando já, já, depressa, que eu chamo o algoz; ó lá de dentro?

*Sacatr.* O' Senhora enxota cadellas de Palacio, por vida sua que não chame o algoz, e se isto se remedêia com dar-lhe este annel, que he o que tenho, ahi o tem, e deixe-me em paz, pois vão-se embora os anneis, e fiquem os dedos.

*Arpia.* Pois saiba que por compaixão lho tomo; que eu não sou amiga de fazer sangue.

*Sacatr.* Ora Vossa Mercê viva muitos annos, ainda em sima de me levar o annel.

*Arpia.* Olhe, meu filho, não se desconsole, que Deos lhe dará outro annel, trate primeiro da sua saude, que diamantes são pedras; e para que lhe não succeda outra, eu tirarei hum passa-porte para poder entrar por onde quizer. Ouve, faça hum memorial, e dê-mo.

*Sacatr.* Tomára eu fazer hum total esquecimento do annel, que cada vez que me lembra morro de saudades por elle.

*Dentr.* Arpia? Arpia?

*Arpia.* Ai, que ahi vem Medéa, esconde-te ahi debaixo do bofete, para que te não veja aqui.

*Sacatr.* Ainda mais essa! Mas diga-me, Senhora, quem he essa Arpia por quem chamou Medéa?

*Arpia.* Sou eu.

*Sacatr.* Vossa Mercê he Arpia mesmo por seu gosto, ou isso he alcunha?

*Arpia.* Pois que tem o nome de Arpia? Não he bonito?

*Sacatr.* Eu bem sei que o nome de Arpia he hoje da moda, pois humas são Arpias na cara, e outras nas unhas, como v. gr. o meu annel nas unhas desta Arpia.

*Arpia.* Anda, esconde-te, que Medéa chamou.

*Es-*

*Esconde-se Sacatrapo debaixo do bofete, e sabe Medéa.*

*Med.* Arpia, eu venho louca de amor por Jason, pois apenas o vi logo me arrebatou todos os sentidos, de sorte que enlouqueço.

*Arpia.* Não he necessario chegar a tanto extremo, pois com os encantos de tuas magicas pódes fazer com que te queira.

*Sacatr.* Não he nada; a menina he feiticeira!

*Med.* Para que Jason me queira não hei de usar de máquinas, nem magicas, que isso era violentar-lhe a vontade, que sem ella não póde haver perfeito amor.

*Arpia.* Pois então como ha de ser?

*Med.* Explicar-lho, seja como for.

*Arpia.* E se elle te desdenhar?

*Med.* Então perder as esperanças, morrerei logo, e comigo o meu amor.

*Arpia.* O melhor he disfarçar isso.

*Med.* Como o hei de disfarçar, sendo huma setta, que sempre me está penetrando o coração?

*Sacatr.* Pois beba agoa de mangericão, que logo se ha de achar boa.

*Med.* Atreves-te tu a saber se me tem inclinação?

*Arpia.* Eu tenho boas mãos para esses unguentos, deixe-o por minha conta; mas eu cuido que ahi vem elle.

*Med.* Pois eu escondo-me aqui, que quero observar a minha morte, ou a minha vida. *Esconde-se.*

*Sahe Jaſon.*

*Jaſon.* Senhora, eſtimára que fizeſſeis preſente á Infante Medéa, que Jaſon vem render-ſe aos ſeus pés, e beijar as ſuas mãos.

*Arpia.* Sei que ha de eſtimar tão grande fortuna.

*Sacatr.* Jaſon aqui! Sem dúvida irá ſem dedos nos pes, *ſicut & nós* manqueja de hum olho.

*Arpia.* Ora, Senhor, nós as velhas ſempre ſomos curioſas de ſaber; não me dirá, que lhe tem parecido eſta terra?

*Jaſon.* Por certo, que he huma grande Corte, e baſtava ſer Oriente de tantos Soes, quantos nella reſplandecem.

*Arpia.* Não ha dúvida que o da Senhora Medéa excede a todos os Aſtros.

*Sacatr.* Que fora ſe elle víra o Sol da India!

*Jaſon.* Quem póde duvidar que minha Senhora Medéa he a Fenix da formoſura?

*Arpia.* Certamente que eſtava aqui hum bom caſamento, porque ella he a herdeira deſte Reino, e vós, Senhor, tambem o ſois do voſſo, e tudo ſe podia ajuntar; e que lindos filhos terião!

*Jaſon.* Se eu me não achára indigno deſſa honra, talvez que a procurára; mas não quero incorrer na cenſura de Faetonte.

*Sahe Medéa.*

*Med.* Jaſon, quem ſente he força que ſe queixe, que para amar baſta ter alma. Já pódes entender, que quando huma mulher da minha eſtéra ſe chega a explicar, grande he o ſeu amor; pois quando o incendio he exceſſivo, não

não se póde conter nos limites do edificio, que logo não saia pelas janellas.

*Sacatr.* Ah bom arrocho!

*Jason.* Bellissima Medéa, se fora certa tanta ventura, pudera-me julgar o mais feliz homem do Mundo.

*Med.* Se nisto está a tua felicidade, feliz te pódes chamar, e para melhor me explicar, retira-te, Arpia, e avisá-me quando vem alguem.

*Arpia.* Eu vou, Senhora. Amor os ajude.

*Vai-se.*

*Med.* Se promettes corresponder-me com o mesmo amor, seguro-te, que te pódes chamar feliz; pois verás que por teu respeito faço mudar os montes de seu lugar, seccar-se o mar, confundir todos os quatro elementos, fazendo que tudo te obedeça, e até te farei Senhor do célebre Velocino, para cuja conquista em vão se tem fatigado tanto militar concurso; porque forças humanas o não podem conquistar, pois o defende hum horrivel Dragão encantado, sendo este Velocino o thesouro mais rico que ha no Mundo.

*Sacatr.* Huma vez que lhe falla nos Velocinos, ahi o tem manso como hum borrego.

*Jason.* Tudo isso para mim não vale tanto como a felicidade de ser teu esposo, porque em ti se contém a maior riqueza.

*Med.* Promettes, Jason?

*Jason.* Prometto, Medéa.

*Med.* Vè lá o que dizes.

*Jason.* Por todos os Deoses do Firmamento,

e por todas as Deidades do Cocito te juro sempre ser-te firme, e amante.

*Canta Medéa a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Pois vê lá o que dizes, não me enganes,
Nem meu ardor, sacrílego, profanes,
Que quem te sabe dar riquezas tantas,
A morte dará, se a fé quebrantas.

ARIA.

Felice serás,
Jasou, se constante
Te mostras amante
A tanto querer,
A tanto adorar.
Por isso verás,
Se acaso conspiras
A ser inconstante,
Sahir desse abysmo
As furias, as iras,
As chammas, os raios,
Até que em desmaios
Te veja espirar. *Vai-se.*

*Sicatr.* Pegue-lhe lá com hum trapo quente.

*Jason.* Eu estou confuso!

*Sacatr.* Pois faça o fizo.

*Jason.* Medéa ao mesmo tempo que se mostra extremosa, me ameaça com tantas iras! Bem aviado estou eu se me descuidar em adoralla; mas como póde o meu amor deixar de ter descuidos, se em Creusa tenho todo o meu cuidado? Bem sei que Medéa he huma Estrella, mas se vejo que Creusa he hum Sol, antes hei de seguir os raios deste, que os resplandores daquella; quem me mandou a mim prometter ser seu esposo? Oh Deoses, que fiz eu!

*Sacatr.* Fez huma asneira.

*Jason.* Mas ai, que alguem me ouvio! Se seria Me-

Medéa? Quero ver se aqui está alguem, seria illusão do entendimento; porém se Medéa me promette dar o Velocino, unico objecto da minha empreza, seria ignorancia perder esta occasião; mas muito maior covardia será violentar a inclinação que tenho a Creusa pela ambição de ganhar o Velocino; que farei neste caso?

*Sacatr.* Comer a isca, e cagar no anzol.

*Jason.* Isto já he mais que illusão, a voz sahio da parte daquelle bofete; quem está ahi? Falle, senão o matarei.

*Sacatr.* Como bateo no mato caçou-me. *Sabe.*

*Jason.* Que fazias ahi, Sacatrapo?

*Sacatr.* Se me pergunta pela verdade, eu não o sei.

*Jason.* Sem dúvida estavas ahi para furtares alguma cousa.

*Sacatr.* Antes estou aqui, porque me furtárão certa cousa.

*Jason.* Que te furtárão?

*Sacatr.* Foi o caso: Que apenas puz os pés nesta casa, eis senão quando marro de narizes com Arpia, essa negregada, e farrusca da velha, e tanto que me lembrou o annel que me deu ElRei, me disse que tinha incorrido em pena dedal, isto he, que se me havião cortar os dedos dos pés, excepto os joanetes, só por haver entrado no quarto das Princezas; eu como amo aos meus dedos dos pés, como se nascessem da barriga de minha mái, pelos não ver separados daquella boa

união

união que tivemos sempre, tapei-lhe a boca com o annel, e ella lambeo-lhe os dedos, e lambeo-me o annel; e vendo que vinha Medéa, mandou-me meter debaixo daquelle bofete, aonde estive até agora chorando, e carpindo o meu annel; e como ainda o tenho diante dos meus olhos, são os meus dous anneis de agoa.

*Jason.* Visto isso, ouviste tudo quanto passei com Medéa?

*Sacatr.* Provera a Deos que o não ouvisse.

*Jason.* Pois que te parece o que succede?

*Sacatr.* Eu não sei de razões de estado, mas o que digo he que a Senhora Medéa he huma fina feiticeira, e a tal Arpia huma refinada bruxa, e confesso, que quando Medéa cantando diz: as furias, as iras, as chammas, os raios, que se me arrepiárão os cabellos.

*Jason.* Eu bem sei que Medéa he magica, e como tal me pertende dar o Velocino de ouro, que he hum carneiro com pelle do mesmo ouro.

*Sacatr.* Não tem que me explicar, que eu em materia de Velocinos já posso lêr de cadeira.

*Jason.* Porém eu vivo tão namorado de Creusa, que não se me dera de perder o que me offerece Medéa, só por alcançar o thesouro de Creusa.

*Sacatr.* Senhor, em duas palavras: amar a Medéa por ceremonia, até lhe gadanhar o Velocino, e ir conquistando em todo o caso o Velocino de Creusa.

*Jason.*

*Jaſon.* Iſſo eſtá bem; mas ſe Medéa me ameaça, ſe eu for inconſtante ao ſeu amor, como ha de ſer?

*Sacatrap.* Tambem ha contra-feitiços, ſendo que eu não creio muito em bruxas.

*Jaſon.* Tu, Sacatrapo, ſe tiveres occaſião, has de explorar o peito de Creuſa, e ſe a vires inclinada ao meu amor, dize-lhe o quanto lhe quero, porém com muito ſegredo, que Medéa o não preſuma, pois a todos nos importa iſſo; e levando nós o Velocino havemos ter muito ouro.

*Sacatr.* Eu de todo eſſe carneiro não quero mais do que o rabo, porque tendo eu eſſe, eſcaparei de ficar com o meu na ratoeira; e vós, Senhor, ao que entendo, ficareis com as orelhas.

*Sahe Theſeo.*

*Theſ.* Senhor, he neceſſario cuidar no fim para que viemos; pois os Soldados aventureiros eſtão já deſeſperados por ganhar fama na empreza do Velocino, e os de menos qualidades, pela ambição do deſpojo.

*Jaſon.* Theſeo, não cuides que me deſcuido, e ſabe que já o temos concluido.

*Theſ.* De que ſorte?

*Jaſon.* Anda, que o ſaberás depreſſa, e darás o teu conſelho.

*Sahe Creuſa.*

*Creuſ.* Daqui ſe vai Jaſon; que quereria no quarto de Medéa? Já me deſengano, que tenho amor, pois tenho zelos. E tambem o criado

aqui

aqui eſtá! Que maior indicio! Ai, infeliz Jaſon, ſe a Medéa entregas o teu peito!

*Sacatr.* Senhora Creuſa, eu não ſou Antipoda, para que eſconda de mim o bello Sol de ſeu roſto.

*Creuſ.* Que fazias ahi, Sacatrapo, tu, e teu Amo?

*Sacatr.* Ambos eſtavamos aqui perdidos, eu no labyrintho de Palacio, e meu Amo perdido no labyrintho de amor.

*Creuſ.* Bem ſei que Medéa he o attractivo que o arrebata.

*Sacatr.* Meu Amo ſe gaſta ás punhadas, porém, Senhora, não he Medéa a cauſa de ſeu enleio, porque mais Medéas ha na terra.

*Creuſ.* Para que o negas? Pois já iſſo he notorio, e aqui não ha quem poſſa merecer as attenções de Jaſon, ſenão Medéa?

*Sacatr.* Porque? Voſſa Magnificencia não era muito capaz para iſſo? Ora o caſo eſtá galante!

*Creuſ.* Eu não ſou Princeza.

*Sacatr.* Deſſa maſſa ſe fazem; aqui eſtou eu, que com o favor dos Aſtros eſpero ſer o Grão Turco.

*Creuſ.* Fica-te embora, já que eſtás galanteando.

*Sacatr.* Senhora minha, aqui debaixo de ſegredo natural, (que legitimo nunca o houve) digo-lhe a Voſſa Serenidade, que Jaſon adora terniſſimamente a Voſſa Magnificencia, e ſei eu que deſeja ſer ſeu eſpoſo, e não ſe declara com medo de Medéa; porque diz que

o

o ha de trasfegar se elle lhe fôr inconstante, que a mulher he hum demonio em carne; pois ainda quando acaricía tem tão má carinha, que mais arranha do que affaga.

*Creus.* Dizes isso devéras?

*Sacatr.* Com veras, reveras, e tataraveras.

*Canta Creusa a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Oh mal haja Medéa, e seus encantos,
Pois esfria de amor incendios tantos,
De Jason usurpado o alvedrio
Com rigor tão ímpio,
Que com falsas tyrannas indecencias
Dos Astros quer mudar as influencias.

ARIA.

Que intente adorar-me
Jason, e não possa,
Querendo roubar-me
Medéa o meu bem!
Que injusto tormento!
Que féro rigor,
De hum mal tão violento,
Que allívio não tem! *Vai-se.*

*Sacatr.* Ah Senhora, espere, dê-me a resposta; e foise sem dizer aqui estou eu! Que diabo terá este Jason, que todos o querem? O maldito parece que tem mandinga! Só eu não acho na verdade quem me queira! Pois por certo que não he o diabo tão feio como o pintão; porque eu, graças a Deos, sou mui bem estreado, bem tirado das canellas, sou beiçudo, e tenho unhas machas, sou no andar miudo,

do, e finalmente o meu todo se compõe de muitas partes, e com tudo não ha huma alma perdida, que se namore de mim; mas isto será porque eu me não namoro nunca dellas, mas eu prometto daqui em diante namorar a troxe moxe, que alguma cahirá no laço.

*Canta Sacatrapo a seguinte*

ÁRIA.

He o amor, que huma alma engole,
Sabão molle;
Pois com elle quem se esfrega,
Cabra céga,
Escorrega,
Cahe aqui, cahe acolá.
Assim huma alma namorada,
Esfregada,
Ensaboada,
Que tropeços não fará!

## SCENA IV.

*Descobre-se huma Sala, e sahem ElRei, e Telemon.*

*Rei.* TElemon, não posso deixar de fazer reparo nesta vinda de Jason tão intempestiva; pois segundo me disserão, nenhuma tempestade teve para arribar a este porto, antes cuido que elle veio muito de proposito com algum pernicioso intento; e como tu sabes que este Velocino he o objecto de toda a Grecia, talvez intentará Jason, dissimulando

do o veneno com alguma induſtria ; roubar-me o meu grande theſouro do Velocino , e aſſim manda-lhe dobrar as guardas , e ter a Soldadeſca prompta para qualquer invasão.

*Telem.* Senhor , que te aſſuſta , e ſobreſalta? Para que he dobrar as armas , e guardas , ſe o Velocino bem guardado eſtá com o Dragão que o defende?

*Rei.* Com tudo como o Dragão he encantado , póde haver arte que o deſencante , e aſſim faze o que te digo , que a prevenção he filha da prudencia.

*Sabe Medéa.*

*Med.* He incomparavel a alegria que tenho de me ver amada de Jaſon ; porém aqui eſtá El-Rei meu pai ?

*Rei.* Medéa , a bom tempo vieſte.

*Med.* Pois que ordena Voſſa Mageſtade de huma obediente filha ?

*Rei.* Has de ſaber que me tem cauſado grande ſuſto a vinda de Jaſon ; pois ſuſpeito que o ſeu fim ſerá roubar-me o Velocino , e aſſim , já que na ſciencia magica és tão peregrina , quizera que penetraſſes o ſeu deſignio , e ſabido elle , buſcar o remedio ao ſeu atrevimento , e á minha deſconfiança.

*Med.* Não lhe dê iſſo cuidado a Voſſa Mageſtade , pois prometto breviſſimamente ſabello , ainda que peſſoalmente deſça ao tenebroſo Reino de Plutão , e aſſim deſcanſe Voſſa Mageſtade , e não ſe afflija , nem ſobreſalte , que ainda quando o Velocino não eſtiveſſe bem

guar-

guardado com o Dragão horrivel, se necessario fora, virião em defensa do Velocino todos os Dragões, e serpentes da Libia, e todas as féras, e monstros do Averno, para que se seguré o Velocino, e o seu receio.

*Rei.* Dá-me os braços, Medéa, pois de ti espero todo o meu socego. *Vai-se.*

*Telem.* Guarde Jupiter a Vossa Alteza. *Vai-se.*

*Med.* Quiz desvanecer-lhe o pensamento, porque ao menos não sinta o mal, antes de o padecer; pois Jason ha de ser senhor do Velocino, ainda que rompa os vinculos da natureza, e os da arte.

*Sahe Sacatrapo correndo atraz de Arpia.*

*Sacatr.* O' velha bruxa, larga o meu annel.

*Arpia.* A'que d'ElRei, que me mata! Quem me acode?

*Med.* Tende mão; que desaforo he este na minha presença?

*Arpia.* Senhora, que ha de ser? Este maldito homem, que me quer matar.

*Med.* Se não foras criado de Jason, aqui te sepultaria vivo pelo atrevimento.

*Sacatr.* E ha lei, que mande que aos criados de Jason se furtem os anneis?

*Med.* Pois quem te furtou o annel?

*Sacatr.* Essa Senhora Arpia, que com subtil arpiadura me surripiou o annel que me deu ElRei, como Vossa Infanteza bem vio.

*Med.* He aquillo assim, Arpia?

*Arpia.* Ai, Senhora, foi huma pessa que lhe fiz, só pelo ver desesperar.

*Sacrat.*

*Sacatr.* Senhora, o annel he que era peſſa de Rei, mas o que me fez foi latrocinio formal.

*Med.* Pois Arpia, eſcuſe de fazer eſſas peſſas, e dê logo o annel a ſeu dono.

*Arpia.* Pois eu para que o quero? Tome lá. Calte, que tu mo pagarás, toma. *á parte.*

*Sacatr.* Moſtra cá, que já lhe tinha perdido a poſſe, e a eſperança tudo junto.

*Sahe Jaſon.*

*Jaſon.* Belliſſima Medéa, como todo o meu allívio conſiſte em ver-te, não eſtranhes os exceſſos do meu amor.

*Med.* Se tu me adoras não vendas por fineza o que he obrigação de quem ama. Ai, Jaſon, ſe ſerão verdadeiros os teus extremos!

*Jaſon.* Medéa, em hum peito nobre não cabem affectos fingidos, antes cuido que os fingimentos eſtão da tua parte.

*Med.* Muito me eſcandalizas. Dizes iſſo devéras?

*Jaſon.* Quaſi eſtava para dizer que ſim.

*Med.* Que motivo tens para iſſo?

*Jaſon.* Bem ſabes que tenho goſto de ver o Velocino de ouro, ſó para admirar eſte prodigio da natureza, e com tudo não tenho merecido eſſe favor, podendo-me tu fazello, e quem ama verdadeiramente, procura ſempre dar goſto ao ſeu amante.

*Med.* Se eſſa he a queixa que tens de mim, verás como depreſſa te ſatisfaço; toma eſſe annel.

*Sacatr.* Que annel, Senhora?

*Jaſon.* Calte neſcio.

*Arpia.*

*Arpia.* Calte animal.

*Sacatr.* Cuidava que lhe dava o meu annel; pois entendo que ninguem tem annel senão eu. Guardeo bem, veja que esta Arpia he inclinada a anneis, quando não ficará sem dedos.

*Med.* Toma pois, Jason, este annel, que com elle farás tudo quanto quizeres por especial virtude desse chrysolito; vai com elle ao jardim encantado, feliz habitação do Velocino, e supposto esteja cercado de muralhas de bronze, e dentro o defenda hum Dragão, tudo vencerás com a virtude deste annel; e ainda que sem tu o teres na tua mão, podia eu pela minha fazer tudo, quero, para que vejas o quanto te amo, que a ti te entrego o depósito de minha sciencia magica; porque he proprio de quem extremosamente ama entregar com a vontade o entendimento.

*Jason.* Pois de que sorte ha de ser isto?

*Med.* Desta sorte.

*Desce huma nuvem, e nella vão arrebatados Jason, e Medéa.*

*Sacatr.* A Deos, Jason, para secula seculorum.

*Arpia.* Que te parece isto? Não he galante?

*Sacatr.* He mui boa galantaria, mas eu lhe não acho graça: Ora diga-me, Senhora Arpia, e Medéa sabe fazer destas habilidades?

*Arpia.* Como ninguem; porém tal Mestra teve ella.

*Sacatr.* Apostemos que foi Vossa Mercê a Senhora Mestra?

*Arpia.* Eu fui a Mestra de Medéa, que a ensi-

finei deſde criança á arte magica, a que voſsês os neſcios chamão feitiçaria, e o demo da rapariga tomou tão bem as lições, que hoje me póde dar ſeis, e ás, e a mão.

*Sacatr.* Tão entabolada eſtá ella no jogo da couſa?

*Arpia.* Como lho hei de dizer? Faz couſas nunca viſtas, e algumas com galantaria, que he para ver, e admirar.

*Sacatr.* A Voſſa Mercê ainda lhe lembra alguma couſa do tempo que era Meſtra?

*Arpia.* Qual, filho, os annos tudo conſomem, pois no meu tempo andava eu nas palmas.

*Sacatr.* Melhor fora que o Carraſco lhe andaſſe nas coſtas; mas certamente que a Voſſa Mercê ainda lhe ha de lembrar alguma galantaria?

*Arpia.* Qual, iſto eſquece muito ſe ſe não traz ſempre entre as mãos.

*Sacatr.* Por iſſo me ha de lembrar o annel, que o trago entre os dedos.

*Arpia.* Pois cuidavas que aquillo do annel era verdade? Foi huma peſſa que te quiz fazer.

*Sacatr.* Pois porque era peſſa, por iſſo eu tambem por peſſa o diſſe a Medéa; mas não diſfarcemos, faça alguma magicaſinha pequenina, couſa galante.

*Arpia.* Ora por te fazer a vontade ahi vai huma primoroſa: Por arte de berliques, berloques, que com eſta boſetada te ſalte fóra a cabeça do corpo.

*Dá-lhe huma bofetada, e falta a cabeça de Sacatrapo, que andará pelo ár dando de quando em quando em quando algumas cabeçadas em Arpia.*

*Sacatr.* Ai, minha cabeça, que a tenho por eſſes áres!

*Arpia.* He para ver ſe has de fazer queixa a Medéa, que te furtei o annel.

*Canta Arpia a ſeguinte Aria, e*

RECITADO.

Náo to hei de fazer por mais que o peças:
Pois quero que padeças
Por dous annos ſequer eſte tormento,
Caſtigando teu louco penſamento.

ARIA.

Oh quanto já me alegra
Ver eſſe movimento,
Que he bem, que leve o vento
Cabeça, que he tão vã.
Se em ti, por neſcio, e tollo,
Cabeça náo havia,
Náo julgues tyrannia
Tirar-ſe o que náo ha.

*Sacatr.* Ora encaixa-me a cabeça, que eu te dou o annel, ſem que tu mo furtes.

*Arpia.* Agora fim, eu ta encaixo.

*Põe-lhe a cabeça, e foge.*

*Sacatr.* Eſpera, que mo has de pagar, por vida de Sacatrapo. *Vai-ſe.*

SCE-

## SCENA V.

*Jardim, aonde eſtará o Velocino, que he hum Carneiro de ouro, e ao ſom do Coro, e inſtrumentos, ſahirá Jaſon pela Sala de fóra a cavallo no Pégaſo, que trará azas, e depois entrará no Jardim, aonde tambem eſtará hum Dragão lançando fogo, e com elle brigará Jaſon.*

CORO.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor,
De ver não me eſpanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

*Jaſon.* HOrroroſo Dragão, eſpantoſo aborto do Abyſmo, a pezar das ſombras, e do furor que conſpiras, hei de domar a tua furia, cegando-te primeiro com as luzes do chryſolito deſte annel, e ao depois tirando-te a vida com o penetrante deſta eſpada, ſepultando-te finalmente nas entranhas da terra.

*Mata ao Dragão, que com urros ſe meterá por hum buraco do Tablado, donde ſahiráõ chammas de fogo, e áeſſe tempo ſe deſapêa do cavallo, que voando tomará diverſo caminho, e ao meſmo tempo deſcerá Medéa em huma*

*nuvem, que vindo fechada se abrirá, e della sahirá Medéa.*

*Jaſon.* Inclyta, e famoſa Medéa, agora conheço o teu amor.

*Med.* Se pelas obras exteriores conheces o meu amor, que fora ſe víras o interno de meu coração. Ahi tens, Jaſon, o Velocino que tanto deſejas.

*Jaſon.* Que admiravel prodigio da natureza! Já achei o que buſcava.

*Med.* Que te parece eſte Jardim?

*Jaſon.* Occupa toda a admiração: Quem me dera que Sacatrapo viſſe iſto!

*Med.* Se iſſo deſejas aqui te vem já; Sacatrapo? Sacatrapo?

*Vem voando hum Dragão pelo ár, e lança pela boca a Sacatrapo no Tablado.*

*Sacatr.* Senhora, Senhora: mas aonde eſtou eu!

*Jaſon.* Que he iſſo, Sacatrapo, tu aqui?

*Sacatr.* Ah Senhora Medéa, eu eſcuſo eſtas gracinhas, que iſſo toca ao Senhor Jaſon, que para me eu divertir lá tenho a minha Arpia, que toca a degollar muito bem.

*Jaſon.* Quiz que tambem tu te achaſſes na empreza do Velocino de ouro.

*Sacatr.* Não baſta intentar a empreza, he neceſſario tambem fazer a preza; mas diga-me, qual he o Velocino?

*Med.* He aquelle; não o vês?

*Sacatr.* Ai, como he galante! Tó, tó, Velocino, vem cá, paſſa aqui, tó, tó.

*Jaſon.* Homem, elle não he cão, he carneiro.

*Sacatr.*

*Sacatr.* Elle será carneiro, mas a mim me parece cão pelo gozo que tenho de o ver.

*Jaſon.* E he certo, Medéa, que he de ouro a pelle deſte carneiro?

*Med.* De ouro he, e tirando-ſe-lhe huma pelle lhe naſce outra tambem de ouro.

*Sacatr.* Meu Amo eſtá, que não cabe na pelle, o ponto eſtá, Senhora Medéa, que o tal carneiro em ſe apanhando daqui fóra não mude a pelle.

*Med.* Niſſo pódes eſtar deſcançado.

*Sacatr.* E eu que tenho com iſſo? A meu Amo he que Voſſa Infantezaha de paſſar eſſa carta de ſeguro, porque quando muito elle comerá o carneiro, e a mim me dará os pés, que he o meſmo que dar-me dous couces depois de tanto trabalho.

*Jaſon.* Não lhe puxés pela língua, ſenão nunca ſe callará.

*Med.* Pois ſe he fallador trate de o não ſer daqui em diante; porque ſe diſſer a alguem o que aqui paſſamos o matei certamente.

*Sacatr.* A'que d'ElRei, Senhores, eu pedi a alguem, que queria ſaber de jardins, nem de Velocino, nem de badallo? De ſorte, que eſtava eu começando a jantar, eis ſenão quando de improviſo me vejo engolir de huma Serpente, que era o Golia dos Gigantes Dragões, e como lhe não fiz bom coſimento vomitou-me neſte jardim, e então digo eu agora, para que me forão chamar, ſe ſabião que eu era linguarudo?

*Jaſon.*

*Jaſon.* Ora calte por vida tua. E certamente, Senhora, que cada vez me vejo mais obrigado ás voſſas finezas.

*Med.* Não he muito, Jaſon, que eu applauda a tua entrada nêſte jardim, quando até as arvores, e troncos inanimados te ſabem feſtejar; e para que o vejas, attende: Plantas, arvores, e flores, ſahi das entranhas da terra, e vinde applaudir a Jaſon.

*Sahem por quatro eſcotilhas quatro arvores.*

*Jaſon.* Effeitos são da tua ſabedoria, eu eſtou paſmado!

*Sacatr.* E eu com o queixo cahido!

*Med.* Ainda não pára aqui o teu applauſo; arvores, tranſformai-vos em Nimfas, e applaudi a Jaſon, cantando, e repetindo as minhas vozes.

*Sacatr.* A mulher he capaz de fazer huma fallada!

*Canta Medéa, e repetem os éccos.*

*Med.* Dizei o incendio voraz; voraz.
Que em meu peito abraſa amor, amor.
Quando por Jaſon ſe inflamma flamma.
N'um puro, e ſuave ardor. ardor.

*Jaſon, e Med.* O' Nimfas, dizei-lhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito
*Tod.* Voraz amor inflamma ardor.

*Canta Jaſon, e repetem os éccos.*

*Jaſon.* Dizei, que em dita feliz feliz.
Vive em mim conſtante ardor, ardor.
Pois já Medéa me inſpira pira.
Mil ſacrificios de amor. amor.

*Jaſon, e Med.*

*Jaſon, e Med.* O' Nimfas, dizei-lhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito
*Tod.* Feliz incendio inſpira amor.

*Sacatr.* Ora eu ſem ſer Narciſo verei ſe acho algum écco que me reſponda; ora lá vai, Senhora Medéa.

*Med.* Dize, que ellas te reſponderáõ.

*Canta Sacatrapo o ſeguinte.*

Dizei ſe do Velocino
Hei de ter ſequer hum pello.

*Zurrão dentro.*

*Sacatr.* Oh! Zurrárão? Andar, ſe náo tive éccos achei burro, iſto agora he que he magica, pois que as Nimfas ſe tornárão em burro. Ah Senhora Medéa, he iſto jardim, ou eſtrebaria?

*Med.* Para ti todo o lugar he eſtrebaria.

*Sacatr.* Iſſo he pôr as couſas no ſeu lugar; mas já que Voſſa Infanteza quiz fingir eſte jardim, náo fez mal em fabricallo no lugar da eſtrebrria, que entendo em minha conſciencia que as eſtatuas são os burros do Senhor ſeu pai.

*Med.* Jaſon, ainda paſſa a mais o meu amor, pois verás que por ti faço com que eſſas Nimfas, em que falta o animado, em teu applauſo te formem huma contradança, e aſſim os paſſaros, as agoas, e o Zefiro a entoem, e as Nimfas bailem.

*Tocão huma contradança, e deſcem as Nimfas dos ſeus lugares, e dançáo.*

*Jaſon.* Que dizes agora a iſto, Sacatrapo?

*Sacatr.*

*Sacatr.* Deixe-me, Senhor, que me eſtou embasbacando; pois vejo que quem faz bailar troncos tambem fará bailar as tripecinhas.

*Jaſon.* Não goſtas de contradança?

*Sacatr.* Não, Senhor, porque fui ſempre contra a dança.

*Jaſon.* Medéa, não ſei com que te hei de gratificar tantas finezas, quantas por mim tens feito. Sacatrapo, não deixes ficar o Velocino. *á parte.*

*Med.* Adorado Jaſon, ſe já conheces o meu amor, peço-te que não ſejas ingrato a tantos extremos.

*Jaſon.* De que ſorte queres que te ſegure a minha conſtancia?

*Med.* Com a meſma conſtancia com que meu peito te adora.

*Jaſon.* Aſſim o prometto.

*Med.* Ditoſa já me poſſo chamar com tal ventura.

*Jaſon.* E eu feliz. Ai, Creuſa, quando verdadeiramente ſem ſuſtos deſcanſarei em teus braços, pois ſó tu me roubaſte os meus ſentidos! Sacatrapo, leva o Velocino, não o deixes. *á parte.*

*Sacatr.* Aſſim era eu aſno.

*Med.* Vamos, Jaſon.

*Jaſon.* Medéa, vamos.

*Med.* Mas eſperai; que terei, que tão ſobreſaltado tenho o coração? *á parte.*

*Jaſon.* Que te ſuſpende, Medéa?

*Med.* Ai, Jaſon, dize-me; eſtarei certa na tua promeſſa? *Jaſon.*

*Jaſon.* Vive deſcanſada, Medéa; que não faltarei á minha palavra.

*Sacatr.* Não haja deſconfiança de parte a parte, que eu fico por fiador, e principal pagador, e aſſim dizei, Nimfas, e publicai de Jaſon, e Medéa a bella attenção, dizendo todos.

C o r o.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor;
De ver não me eſpanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

*Fim da primeira Parte.*

PAR-

# PARTE II.

## SCENA I.

*Camera. Sahem Jaſon, e Theſeo.*

*Theſ.* AInda não creio, Jaſon, que ſem derramar ſangue conquiſtámos o Velocino.

*Jaſon.* Confeſſo-vos, Theſeo, que quando niſto imagino parece-me que eſtou ſonhando.

*Theſ.* E ſegundo, Senhor, me contaſte, entendo que debalde viriamos a eſta conquiſta com armas, ſe não forão as magicas de Medéa, que tanto te ama.

*Jaſon.* A's vezes póde mais Cupido que Marte, pois mais poderoſo foi ſempre o amor, que o odio; e certamente Theſeo, que com ter a certeza na magica, de que havia triunfar do Dragão que guardava o Velocino, com tudo a viſta, e o aſpecto delle poderia cauſar temor ao coração mais deſtemido.

*Theſ.* E agora para que nos dilatamos mais neſta terra? Vamo-nos embora antes que ſe ſaiba o roubo do Velocino, e nos cuſte ſuſtentar com a eſpada o que ganhámos ſem ella.

*Jaſon.* Aſſim he, Theſeo, mas as couſas não ſe fazem como ſe dizem. Bem ſabes as finezas que Medéa tem obrado por mim, e que com o pretexto de ſer eu ſeu eſpoſo, he

que

que me facultou a entrada no jardim, e assim parece vileza, e ingratidão o deixalla; além disso, como sabes que he magica, poderá vingar-se em nós, que huma mulher escandalizada, e poderosa he muito para temer. Assim pertendo encobrir, que por Creusa he que me detenho. *á parte.*

*Thes.* Segue o teu parecer, que algum dia te pezará não seguir o meu conselho. *Vai-se.*

*Jason.* Se eu estou louco de amor como hei de ter entendimento para acertar? Pois quando o amor vive no peito he força que desfaleça o juizo.

*Sahe Sacatrapo.*

*Sacatr.* Eilo lá fica no porão enxuto, e bem acondicionado.

*Jason.* O que?

*Sacatr.* O Velocino, a quem estive acompanhando até agora, que lhe confesso não posso apartar-me delle, e entendo que o tal carneiro tambem he feiticeiro.

*Jason.* Não te quizera ver tão seu amigo, que és capaz de tirar-lhe alguma gadelha em achando occasião.

*Sacatr.* Senhor, sempre ouvi dizer que era bom tomar a occasião pelos cabellos; mas eu se a achar a tomarei pelas unhas, que he mais seguro.

*Jason.* Pois já que és tão occasionado não tornarás a brincar com elle.

*Sacatr.* Já o remedio he tarde, pois já cá dizimei o que quer que he. *á parte.* E sabe,

Se-

Senhor, que mais? Apoſto que o não ſabe.

*Jaſon.* Dize.

*Sacatr.* Que o tal carneiro ſabe latim.

*Jaſon.* Deixa-me com diſparates.

*Sacatr.* Ainda eſſa he peior, baſta que lho diga eu, que o tal Velocino he hum Calepino enquadernado em carneira, e ſenão veja; perguntei-lhe eu (por acaſo) de *ego mei mihi* o accuſativo de ſingular? Eis ſenão quando me reſponde logo *mé*. Eu quando tal ouvi dizer diſſe comigo: Tambem ſe a ti te não falla o diabo nas tripas, mal por mim.

*Jaſon.* Seja o que quizeres, vamos ao caſo.

*Sacatr.* Vamos ao Occaſo, e vamos ao Oriente.

*Jaſon.* Pudeſte fallar a Creuſa, e ſignificar-lhe o quanto lhe quero?

*Sacatr.* Deixando circuitos, e epiſodios; apenas tu, Senhor, te apartaſte de mim, quando logo Creuſa veio nas tuas ancas, e eu tanto que a vi ſó por ſó comigo, confeſſo que tive medo, e quiz chamar áque d'ElRei.

*Jaſon.* De que tiveſte medo?

*Sacatr.* Senhor, aſſim como as fêas fazem fugir, tambem as formoſas aſſombrão; e como não ha Sol ſem ſombra, ella foi o Sol, e eu o aſſombrado dos ſeus raios; pois cada olho era hum caga-lume, cada face hum carbunculo que andava nas mãos do Anatomico da belleza, cada cabello era hum raio, cada peſtana hum cometa, e hum coriſco cada nariz.

*Jaſon.* Tantos narizes tem ella?

*Sacatr.*

*Sacatr.* Sim, Senhor, e tão bellos como os seus narizes.

*Jaſon.* Vamos adiante.

*Sacatr.* Iſſo he o que queria? Pois ouça mais; fui eu, e como logo nos olhos a vi com geito para me ouvir, que fiz? Fui de manſinho abrindo a boca pé por pé, e lhe eſcarrei na bochecha o recado que me deu, tim tim por tim tim.

*Jaſon.* E quando lhe fallaſte em mim alterouſe?

*Sacatr.* Não ſei, porque lhe não tomei o pulſo; mas ſe pelos olhos ſe conhece quem tem lombrigas, ella tanto que lhe fallei em Jaſon foi tanta a lombriga que deſtilou pelos olhos, que aſſentei logo que a Senhora Creuſa eſtava mordida da bicha de Cupido.

*Jaſon.* Vamos á conclusão da hiſtoria.

*Sacatr.* Senhor, em conclusão argumentei-lhe rijamente ſobre o ponto, e vendo-ſe convencida começou a querer fugir do argumento; mas eu que na ponte dos aſnos ſou hum lince, que fiz? Mudei-lhe o argumento, e logo a colhi no laço.

*Jaſon.* Acaba, antes que acabe comtigo.

*Sacatr.* Pois demos por acabado, que eu não poſſo acabar comigo o ſer Laconico.

*Jaſon.* Pois em que ficou?

*Sacatr.* Ficou em pé ſobre os çapatos.

*Jaſon.* Tu eſtás zombando?

*Sacatr.* Zombaria fóra; ella lhe não pezou de ouvir o recado, ainda que lho dei bem pe-

za-

zado, e começando a fazer biquinhos, como quem queria chorar, deſtemperou em cantar huma Aria, e virou-me as coſtas; eu ainda aſſim fui atrás della, e perguntando-lhe pela reſpoſta, virando-me o roſto para mim mui ſizuda, e mui grave, fez-me huma careta, e çafou-ſe, e ficou çafada.

*Jaſon.* De toda eſſa arenga venho a concluir que achaſte Creuſa inclinada ao meu amor.

*Sacatr.* A's vezes quando ſe abaixava, não há dúvida que ſe moſtrava inclinada; porém, Senhor, com que eſtamos? Eu acho de mim para mim, que ella ſe ha de reſolver a querer, e ſó lhe digo que teve bom goſto.

*Jaſon.* Pois não he mais formoſa que Medéa?

*Sacatr.* Iſſo não he queſtão, porque ſe Medéa encanta, tambem Creuſa enfeitiça.

*Jaſon.* O' Sacatrapo, ſe eu alcanço os favores de Creuſa não tenho mais que deſejar.

*Sacatr.* Pois Senhor, entendamo-nos, falla devéras, ou eſtá zombando? Eu cuidei até agora que iſſo de Creuſa era chacara.

*Jaſon.* Não he ſenão realidade, pois a amo com todas as veras.

*Sacatr.* Ui, Senhor, quando eu cuidava que conquiſtado o carneiro terias jazigo, vejo agora que depois de alcançado ainda te metes pela terra dentro. Deixa a Creuſa, Senhor, e pois temos o carneiro nas garras, embarquemo-nos antes que o mar ſe encreſpe em carneiros.

*Jaſon.* Por iſſo meſmo, porque tenho ſeguro o

Ve-

Velocino, por isso quero tambem a Creusa, e assim vai outra vez, e dize-lhe, que se se resolve a vir comigo para Thessalia, que será minha esposa, e subirá comigo ao Solio da Magestade, que por direito se me deve.

*Sacatr.* Ai, Senhor, que muito temo os encantos de Medéa.

*Jason.* Não vês que ella me deu o annel, depósito da sua sciencia, e com elle não temo magicas?

*Sacatr.* Eu, Senhor, não se me dá que se torne em carvão a pelle de ouro, que eu sempre hei de forrar a minha pelle.

*Jason.* Sacatrapo, máos á obra, e se me trazes boas novas terás boas alviçaras. *Vai-se.*

*Sahe El Rei.*

*Rei.* Vós não sois criado de Jason?

*Sacatr.* Criado de Vossa Reinadura.

*Rei.* Aonde está, que lhe quero fallar?

*Sacatr.* Está tomando o fresco na trapeira.

*Rei.* Oh, agora te conheço. Tu não és Sacatrapo, aquelle a quem dei o annel?

*Sacatr.* Sim, Senhor; mas foi tal a minha desgraça, que a Senhora Arpia, fallando mal, deu em se affeiçoar do annel, e tanto andou até que mo lambeo.

*Rei.* Ora não te agastes, que não te faltarão anneis.

*Sacatr.* E só sinto o não tello por ser prenda de Vossa Reinadura.

*Rei.* Só este me poderá dizer o que eu pertendo. *á parte.* Dize-me, de que serves a Jason,

ou

ou que prendas são as tuas para que elle te eſtime tanto ?

*Sacatr.* Senhor, depois que perdi o annel já não tenho prendas.

*Rei.* Dize-me ſe és Militar, porque talvez te deixe ficar em meu Reino; pois Jaſon, que te eſtima tanto, por alguma couſa he.

*Sacatr.* Eu ſervi, Senhor, na campanha deſde a idade de ſinco annos. Tive todos os poſtos, porque eu tive poſto de pé, poſto de joelhos, poſto de bruços, poſto de coſtas poſto de gatinhas, e ſe a neceſſidade era grande tive poſto de cocaras; porque, Senhor, has de ſaber que eu depois de roto fui Soldado, dahi paſſei a cabo de ſovella, e quando nada em dous dias me vi feito Coronel de hum regimento de ſgallico.

*Rei.* Só reparo que teu Amo com tantos ſerviços te não fez Governador de alguma Praça.

*Sacatr.* Iſſo não era neceſſario, porque a mim me não faltão Praças.

*Rei.* Ora meu Sacatrapo, hoje na tua boca conſiſte a tua fortuna, pois ſe me dizes o que te quero perguntar, te darei huma renda com que poſſas paſſar alegremente.

*Sacatr.* Senhor, fortuna de boca, e premio de rendas são couſas de pouca duração.

*Rei.* Promettes-me dizer o que pertendo ſaber? Olha que has de ſer bem premiado.

*Sacatr.* Diga, Senhor, que hum intereſſeiro a tudo eſtá offerecido.

*Rei.* Para que falles com mais clareza, he bem,

bem ; que te allumie o brilhante deſte annel.

*Sacatr.* Iſſo he ceremonia , para nós não he neceſſario. Não o ſaberá Arpia. *á parte.*

*Rei.* Dize-me pois ; que veio Jaſon buſcar a eſte porto , pois ſei de certo que não teve tormenta ?

*Sacatr.* Verdade he que os Pilotos eſtão diſcordes neſſa materia ; porque huns aſſentão que foi tormenta , outros dizem que fora calmaria , com que niſſo ha opiniões.

*Rei.* Dar-ſe-hè caſo que vieſſe Jaſon roubar-me o Velocino ?

*Sacatr.* O Velocino , não Senhor , mas hum carneiro de ouro ſei eu , que já o tem nas unhas.

*Rei.* Que dizes ?

*Sacatr.* Bem ; ſe Voſſa Reinadura ſe ha de enfadar , então não fallo falla.

*Rei.* E como póde elle tirar eſſe carneiro , eſtando tão bem guardado ?

*Sacatr.* Senhor , do contado come o lobo ; dizem que foi por arte magica.

*Rei.* Apoſto eu que andou por ahi minha filha Medéa ?

*Sacatr.* Não Senhor , Medéa não , quem fez as mexidas dizem que foi huma filha de Voſſa Reinadura.

*Rei.* Eſſa meſma he Medéa.

*Sacatr.* Eu , Senhor , como não me meto com as vidas alheias , não me importa quem foi , nem quem não foi.

*Rei.* Baſta , não quero ſaber mais. Ha homem

mais infeliz ! Que vieſſe hum pirata traidor a roubar-me a joia mais ſingular de todo o Mundo, e que minha propria filha foſſe a medianeira do meu eſtrago ! Não ſei como me não mato por minhas mãos.

*Sacatr.* E faria muito bem, que o caſo he para iſſo.

*Rei.* Não ſei como não perco a paciencia vendo roubado o meu Velocino !

*Canta o Rei a ſeguinte*

ARIA.

Qual leoa embravecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos
Fere a terra, e rompe o ár.
Aſſim eu ſem Velocino,
Ando louco, eſtou ſem tino,
Pois que hum vil pirata avaro,
Deſte bem me fez privar.

*Sacatr.* Ah Senhor, aonde hei de aſſentar a minha renda ?

*Rei.* Calte, perfido traidor, em ti, como parcial deſſe barbaro, e fementido Jaſon vingarei a minha cólera.

*Corre atrás de Sacatrapo.*

*Sacatr.* A'que d'ElRei contra elle meſmo. *Vai-ſe.*

SCE-

## SCENA II.

*Antecamera. Sahem Medéa, e Arpia.*

*Arpia.* QUe tens, Senhora, que andas tão melancolica estes dias? Se já te vês amada de Jasón, que mais desejas?

*Med.* Não digas amada, burlada sim.

*Arpia.* Isso será desconfiança, porque o amor isso tem, que em quanto menino he confiado, e desconfiado quando velho; e por isso não faltou quem disesse que o amor morava na correaria.

*Med.* Pois dize-me, Arpia, não he para desconfiar ver que Jasón depois de tantas finezas que por elle tenho obrado, depois que lhe entreguei o Velocino, pondo-me em notavel perigo se meu pai o souber; em fim, depois que o fiz senhor absoluto de meu alvedrio, o vejo tão tibio, e tão pouco solicito, que se passão muitos dias sem ver-me? Vê tu se tenho razão, e motivo bastante para desconfiar.

*Arpia.* Senhora, quem a mandou pagar adiantado? Chore-o agora na cama, que he luga quente.

*Med.* Tomára eu saber qual he a causa do seu desvio.

*Arpia.* Dar-se-ha caso, que tenha outro emprego?

*Med.* E qual havia ser a atrevida, que sabendo que Jasón me adorava, havia querer oppôr-se ao meu amor?

*Arpia.* Isso não se leva por opposição.

*Med.* Pois quem presumes tu que será?

*Arpia.* Senhora, eu nunca tive presumpções, e muito menos agora, que sou velha.

*Sahe Creusa.*

*Creus.* Medéa, toda a Corte tem estranhado o teu retiro, e tristeza; se se póde remediar dize-mo, que o mal communicado he menos sentido.

*Med.* Ai, que minhas tristezas, Creusa, nascem de causas tão occultas, que ninguem as póde penetrar.

*Creus.* Não são tão occultas, que se não saiba que he por causa de Jason.

*Med.* Ai, Prima, como tu o sabes já to não posso negar. Confesso-te que amo a Jason, e como elle sabe o meu extremo, despreza as minhas finezas.

*Creus.* Alviçaras, coração, que já pódes respirar com socego. *á parte.*

*Med.* Vê tu como poderei estar vendo-me desprezada depois de querida?

*Creus.* Despreza-o tu tambem, e verás como elle te busca; porque o repudio he o incentivo maior para avivar a chamma do amor, e faze isto, e verás que te não engano.

*Med.* Estou para tomar o teu conselho, mas temo que Jason escandalizado me deixe por huma vez.

*Creus.* Se elle te deixa amando-o, que importa que te deixe aborrecendo-o.

*Med.* Não me falles em deixar a Jason, que he impossivel. *Arpia.*

*Arpia.* Senhora Creuſa, he bem que a Senhora Medéa lhe ſucceda tudo iſto, porque ſempre lhe préguei que ſe não fiaſſe de Eſtrangeiros, e mais de Jaſon, que ſempre tive azár com eſte homem, pois baſta ſer Soldado para ſer vandoleiro.

*Med.* Não digas mal de Jaſon, que em fim ſempre lhe quero, e lhe tenho muito amor.

*Arpia.* Ainda ſe não póde deſenganar, que em quanto morrer por elle não ha de ter vida alegre? Minha Senhora, perdoe-me dizer-lhe iſto, nenhuma mulher entrega todo o ſeu peito ao amor, e a razão he eſta.

*Canta Arpia a ſeguinte Aria, e*

RECITADO.

Em materias de amor, Medéa bella,
He neceſſario haver muita cautela,
Que amor aſſim zombando entra brincando,
Porém depois chorando
Faz hum peito biquinhos,
Que em ſuſpiros acabão taes brinquinhos.

ARIA.

A Cupido, que he menino,
Dá-ſe o leite, e não o peito,
E ſe acaſo com effeito
Quer o peito, ponha azebre,
Para amor ſe deſmamar.
Mas ſe acaſo amor he fogo,
Não o atice no ſuſpiro,
Porque a chamma em facil gyro
Mais ſe atêa no aſſoprar. *Vai-ſe.*

*Sa-*

*Sahe Jaſon ſem ver as duas.*

*Jaſon.* Não quero ſó fiar de Sacatrapo o recado de Creuſa, quero ver ſe acho occaſião de me explicar com ella meſma, ainda que experimente as ſuas iras. Mas que vejo! Alli eſtá o meu bem, e o meu mal.

*Med.* Jaſon, entendo, como ha tanto que me não vês, que já me não conheces, e cuido que tu és o deſconhecido.

*Jaſon.* Quem ſe vio em maior labyrintho!

*Creuſ.* Jaſon como me vê aqui não ſabe o que reſponda. *á parte.*

*Med.* Se por não achares deſculpa emmudeces, razão tens; mas não ſei que razão póde haver para ſer ingrato?

*Jaſon.* Medéa, aonde não ha culpa, não póde haver deſculpa. Que terrivel lance! *á parte.*

*Med.* Pois não he culpa o ſer ingrato a tantos extremos? Dize-me, porque me não vês?

*Jaſon.* Quem vê com os olhos do amor, por força não ha de ver, porque o amor he cégo.

*Creuſ.* Logo tu não vês a Medéa, porque lhe tens amor?

*Jaſon.* Não ſei o que reſponda..... Digo que o ver no amor he improprio.

*Med.* Entendo que te não explicas com pejo de Creuſa; pois ſabe que Creuſa tudo ſabe, e tem eſtranhado muito a tua ingratidão.

*Jaſon.* Ainda eſta he peior! *á parte.*

*Creuſ.* Explica-te, Jaſon, não te acovardes, que eu ſou de ſegredo.

*Jaſon.* Pois talvez que por Creuſa me não expli-

plique; queira amor, que me entenda. *á parte.*

*Creuſ.* Pois ſe he por amor de mim eu me auſento.

*Jaſon.* Não me entendeo. *á parte.*

*Med.* Pois eu não quero que ſe vá Creuſa, que não quero que meu pai me ache ſó comtigo, e diante della quero que confeſſes a tua ingratidão para que te corras. Dize, tens achado em meu amor alguma variedade?

*Jaſon.* Não.

*Med.* Não juraſte de me querer ſempre?

*Jaſon.* Sempre jurei.

*Creuſ.* Pois tu coſtumas faltar ao que promettes?

*Jaſon.* Oh que deſeſperação!

*Canta Jaſon a ſeguinte Aria, e*

RECITADO.

Quem, (oh Deoſes!) ſe vio em tanto enleio,
Pois tremulo receio
Em mal tão violento,
Explicar meu interno ſentimento.

ARIA.

Roto lenho, que impellido
De infeliz vaga procella,
Quaſi a pique ſubmergido,
Vendo ao longe a praia bella,
Sem que a ella
Poſſa naufrago aportar.
Eu aſſim na dor violenta,
Sinto huma aſpera tormenta,
Sem que poſſa minha idéa
Por Medéa
Livremente publicar.

*Sa-*

*Sahe El Rei.*

*Rei.* Jaſon , como os teus Soldados abusão da franqueza da minha hoſpedagem , commettendo latrocinios , e fazendo diſturbios , peço-te que lhe mandes tirar as armas , pois entre amigos são eſcuſadas , porque aſſim ſe evitarão tantos eſcandalos. Verei ſe logro o meu intento. *á parte.*

*Jaſon.* Sinto que os meus Soldados , Senhor , ſejão inſolentes , mas eu prometto caſtigallos. Oh , que a bom tempo veio El Rei ! *á parte.*

*Rei.* Pois adverte que ſe não tirão as armas , que eu lhas mandarei tirar.

*Jaſon.* Tudo o bom ſe fará. Aqui he preciſo diſſimular. *á parte. Vai-ſe.*

*Rei.* Creuſa , vai para dentro.

*Creuſ.* Já te obedeço. *Vai-ſe.*

*Med.* Em negra hora veio meu pai , pois queria apurar a falſidade de Jaſon. *á parte.*

*Rei.* Quero moſtrar-lhe que ignoro o que me contou Sacatrapo. *á parte.* Medéa , como tu ficaſte de ſaber o intento com que Jaſon veio a eſta terra , e até agora não me tens dado reſpoſta , eu a venho procurar.

*Med.* Se os Oraculos do Averno já me tiveſſem reſpondido ſobre os intentos de Jaſon , já to tivera revelado ; porém como os Oraculos emmudecem , he certo que a noſſa pergunta não merece reſpoſta por ſer ſem fundamento , pois ſegundo collijo , cuido que nem Jaſon ſabe que no Mundo ha Velocino.

*Rei.* Ah inhumana filha , que agora conheço

o

o teu fingimento ! *á parte.* Visto isso posso estar seguro que Jason não vem buscar o Velocino ?

*Med.* Bem póde perder já esse receio.

*Rei.* Ainda assim o meu cuidado só terá allívio, fazendo que se vá daqui Jason, que com effeito logo dou ordem a isso.

*Med.* Isso he aggravar a quem te não offende.

*Rei.* Está conhecido o damno, e já que a ti te parece impolitica o expulsar a Jason, promettes tu ficar por fiadora de que elle me não ha de roubar o Velocino ?

*Med.* Prometto.

*Rei.* E se elle o roubar a que pena te sujeitas ?

*Med.* A que me mates.

*Rei.* Pois olha que hei de executar a penna sem que te valha o seres quem és.

*Sahe Telemon.*

*Telem.* Senhor, já os Soldados estão promptos, e tudo preparado, vê o que ordenas.

*Rei.* Vem comigo, que eu te avisarei o que has de fazer. Medéa, lembra-te da fiança. *Vai-se.*

*Med.* Não tenhas desconfiança. Eu cuido que já meu pai saberá alguma cousa; mas quem lho havia de dizer ! O peior he que eu sou a fiadora do Velocino. Mas que importa que perca a vida, se eu morro na ingratidão de Jason ? Porém agora que o Sol totalmente se sepultou no tumulo crystallino do Oceano, e já a Lua começa a sahir, hirei consultar nos seus argentados raios a causa da mudança de Jason. Mas aqui vem gente.

*Sa-*

*Sahe Sacatrapo.*

*Sacatr.* Agora me diſſe meu Amo, que aqui ficava Creuſa, que não perdeſſe tempo para dar-lhe o recado; mas iſto he noite fechada, e eu não atino com o caminho; mas chiton, que aqui eſtá alguem, e o vulto he feminino pelo ruge ruge das ſaias, e pelo ringe ringe dos çapatos; ſe ſerá Creuſa?

*Vão andando hum para o outro, e topão-ſe.*

*Med.* Quero averiguar quem he.

*Sacatr.* Quem he da parte de Jaſon? Diga ſe he gente, ou ſe he mulher?

*Med.* Eſte he Sacatrapo. Que quererá aqui? Iſto he novidade a eſtas horas! *á parte.*

*Sacatr.* A mim me mellem ſe eſta não he Creuſa; he Creuſa?

*Med.* Quero fingir; ſou Creuſa, mas tambem quero ſaber quem he que me buſca?

*Sacatr.* Não o diſſe eu? O meu faro de noite he hum farol.

*Med.* Diga quem he, ſenão vou-me.

*Sacatr.* He Sacatrapo em peſſoa, que te vem trazer hum recado de Jaſon.

*Med.* Eſtá deſcuberto o enigma; Sacatrapo, deixa-me, que tenho eu com Jaſon?

*Sacatr.* Se não tem, poderá ter; olhe o que lhe quero dizer por vida ſua.

*Med.* Não tenho que ouvir.

*Sacatr.* Eu lhe darei que ouvir; ora eſcute hum nadinha.

*Med.* Ora dize depreſſa.

*Sacatr.* Mande trazer huma bugia accêza pelo ra-

rabo, porque ás escuras não atino com a bôca para fallar.

*Med.* Dize, senão vou-me.

*Sacatr.* Está feito, fallarei pelos narizes. O caso he, Senhora Creusa, que depois que lhe fallei aquelle dia da parte de meu Amo, lá lhe disse o que Vossa Magnificencia me respondeo.

*Med.* Todavia isto já he muito antigo! *á parte.*

*Sacatr.* E assim aqui me envia outra vez por seu Embaixador extraordinario com amplos poderes de ajustar comtigo o seu casamento; pois em summa diz Jason, que por ti morre de amor desde que te vio; e assim se tu quizeres casar, que he o mesmo que seres sua esposa, ou sua mulher, que te levará comsigo para Thessalia, onde serás Rainha, e andarás em coche a quatro; pois para isso já toda a armada está sobre o ferro esperando occasião para nos çafarmos á chucha callada.

*Med.* Ah traidor Jason! E dize-me: Então ha de deixar a Medéa?

*Sacatr.* Porque, elle a pario?

*Med.* Ainda assim parece ingratidão.

*Sacatr.* Qual ingratidão, Senhora, não me quer crer? Elle nunca teve amor a Medéa.

*Med.* Pois quem o obrigava a fazer tantos extremos por ella?

*Sacatr.* Nunca ouvio dizer, que quem ama a Beltrão, ama o seu cão; pois meu Amo amava a Medéa por amor do Velocino, e como este já o tem na mão acabou-se o amor.

*Med.*

*Med.* Já me vai faltando a paciencia ; porém para a perder de todo apuremo-la mais. Com que tanto aborrece a Medéa ?

*Sacatr.* Ai , Senhora , quem não ha de aborrecer huma feiticeira ! Eu pelo menos a deſejo pôr em hum barril de polvora , ou na boca de huma peſſa ; e pôr-lhe o fogo para que não houveſſe fumo de tal demonio.

*Med.* Calte , não te ouça ella.

*Sacatr.* Qual ouvir , a eſtas horas eſtá ella buſcando alguma tripa de lobo para os ſeus ingredientes ; porém , Senhora , tudo quanto diſſe ſe recopila nos quatro elementos do amor , que são os ſeguintes.

*Canta Sacatrapo a ſeguinte*

A R I A.

Pagar ao correio , Deixar a Medéa ,
Amar a Jaſon , Segredo , e chiton.

*Sahe Arpia com huma véla.*

*Arpia.* Muito alegres noites. Ai , cá eſtá Sacatrapo !

*Sacatr.* Ai , que he Medéa com quem eſtive fallando ! Eſtou perdido !

*Med.* Agora Sacatrapo , para que vejas o meu primor , quero premiar o teu trabalho , e que leves a reſpoſta a Jaſon.

*Sacatr.* Olhe , deixe-me ir embora , que he o melhor premio que me póde dar.

*Arpia.* Eſpera , tollo , acceita o que te dão , não ſejas deſcortez.

*Sacatr.* Eu te dou o que ella me ha de dar. Ah Senhora , deixe-me ir alli fóra , que eu já venho.

*Med.*

*Med.* Eſpera. Baſta que Jaſon ama a Creuſa?
*Sacatr.* Quem podia dizer tal? Iſſo he quiméra.
*Med.* E baſta que tu és o ſeu terceiro?
*Sacatr.* O' lá, iſſo agora he mais comprido!
*Med.* Ora dirás a teu Amo que Creuſa lhe manda dizer que eſteja certo que lhe ha de pagar a ſua fineza.
*Sacatr.* Sim, Senhora. A Deos, Senhora.
*Med.* Eſpera, que te não has de ir ſem levares as alviçaras.
*Arpia.* Senhora, que he iſto que te ſuccede com Sacatrapo?
*Med.* Que ha de ſer? He o que traz os recados a Creuſa; por iſſo Jaſon me deſdenha, porque nella emprega o ſeu amor.
*Arpia.* E tu fiando della o teu peito?
*Med.* Oh Arpia, quando em tal imagino não ſei como não deſeſpero! Porém em quanto nelles não poſſo executar o meu furor, em ti vil, infame, inſolente Sacatrapo, hei de vingar a minha ira, ſepultando-te nas entranhas da terra, até chegares ao coração do Abyſmo.
*Vai Medéa ſepultando pouco a pouco a Sacatrapo por huma eſcotilha do Tablado.*
*Sacatr.* Senhora Medéa, não me enterre, eſpere pelos gatos pingados, que eu lhe deſcobrirei muita couſa; antes que me mate deixe-me diſpôr deſte annel que me deu agora ſeu pai.
*Med.* Não tenho mais que ſaber, vai a ſer paſto dos Dragões.
*Sacatr.* Ai de mim! *Deſapparece.*
*Arpia.* Ai, Senhora, que culpa tem o Criado?

*Med.*

*Med.* Eſpera, e verás: Sacatrapo? Sacatrapo?
*Torna á ſubir Sacatrapo com cara de burro.*
*Sacatr.* Aonde eſtou eu?
*Arpia.* Ai, que linda cara que tens!
*Sacatr.* Parecerei deſenterrado.
*Arpia.* Sabes o que vejo? Que te enterraſte com cara de gente, e reſuſcitaſte com cara de burro.
*Sacatr.* Cara de burro? He verdade? Cá eſtão as orelhas. Ah Senhora Medéa, não achou outra cara menos cara para me pôr, ſenão cara de burro? Pois por certo que eu não tenho cara de aſno.
*Med.* He para não levares recados a Creuſa.
*Sacatr.* Senhora, tire-me ſequer as orelhas, que eu ſem ellas bem poſſo ſer burro, que aſſim ha muita gente.
*Arpia.* Ora Senhora, ſe os meus ſerviços valem alguma couſa, peço-lhe que tire a cara de burro a Sacatrapo, que aſſim como aſſim, ficando com a que tinha, fica com a que tem. E o annel o que brilha! *á parte.*
*Sacatr.* Ah Senhora Medéa, deſemburre-me por vida ſua.
*Med.* Pois vai buſcar a tua cabeça aonde a perdeſte.
*Deſce Sacatrapo, e torna a ſubir com cara de gente.*
*Sacatr.* Queira Deos, que eſtando a minha cabeça em terra não venha grellada.
*Med.* Arpia, não eſtou em mim até me não vingar de Jaſon. *Vai-ſe.*
*Arpia.* Ora parabem lhe ſeja, Senhor Sacatrapo, o ver-ſe reſtituido á ſua antiga fórma.

*Sa-*

*Sacatr.* Pois com ver-me com miollo de burro, com tudo eſtava em meu perfeito juizo.

*Arpia.* Olha, Sacatrapo, para fugires de ſemelhantes deſgraças, bom era ſaber o que eſtá para te ſucceder, e te livrares, aſſim; moſtra cá a mão, que te quero dizer a buenadicha, pois bem ſabes que neſta ſciencia ninguem me excede.

*Sacatr.* Iſſo não me parece fóra de conta; eis-ahi a mão direita, que a eſquerda eſtá occupada com o annel, e dize tudo quanto cabe na arte.

*Arpia.* Ah, o que tens de embaraços na vida! Vês eſta linha Mathematica?

*Sacatr.* Aonde eſtá?

*Arpia.* Eſta que corre direita.

*Sacatr.* Pois que tem?

*Arpia.* Diz que ainda has de ter muito dinheiro, que te ha de vir por huma herança de hum teu avô.

*Sacatr.* Iſſo he mentira, que eu já não tenho avô; ſalvo ſe for meu avô torto.

*Arpia.* Vês eſſoutra linha atraveſſada? Pois não he nada. Diz, que has de vir a ter daqui a mui poucos annos hum poſto muito honrado na tua terra, que te has de ver em grandes alturas.

*Sacatr.* Oh minha Arpia, veja que poſto ha de ſer?

*Arpia.* He hum tal poſto, que a todos has de pôr o pé no peſcoço.

*Sacatr.* Pois o que he?

*Arpia.* Carraſco mór.

*Sacatr.*

*Sacatr.* Pois então seguro tenho o pôr-te o pé no pescoço.

*Arpia.* Ai, mofino homem, que cá te encontrei com huma desgraça!

*Sacatr.* Huma só?

*Arpia.* Não vês esta figura de unha na palma da mão?

*Sacatr.* Tu pintas as figuras como queres.

*Arpia.* Não he cousa de cuidado; diz, que has de morrer enforcado por ladrão.

*Sacatr.* Talvez que escape para Carrasco para te enforcar a ti; e dize, achas lá o annel que me furtárão, e a cabeça de burro?

*Arpia.* Não, que isso forão pessas. Ora mostra cá a mão esquerda.

*Sacatr.* Qual? A do annel? Ahi não póde haver dúvida na ventura, pois já tem o annel.

*Arpia.* Pois eu to sacarei de outra sorte. *á part.* Deixemos isso, sabe que se tu me pagares te darei huma empreza melhor que a do Velocino de ouro.

*Sacatr.* Se isso fora cousa boa não estivera guardada para mim, e já meu Amo a tivera na algibeira.

*Arpia.* Não, que isto he hum segredo, que só eu o sei, e he huma tal cousa, que ficarás rico para sempre.

*Sacatr.* Pois olha, eis-aqui este annel que me deu ElRei esta tarde, e val muito bem trezentos e vinte reis; he hum diamante bruto engastado em ouro buçal, e se me differes isso to darei.

*Arpia.*

*Arpia.* Pois ſabe, que na quinta de Creuſa, debaixo da terra eſtá huma eſtribaria, na qual eſtá hum burro, que caga dinheiro.

*Sacatr.* Eu já ouvi fallar niſſo do burro caga dinheiro, que minha mái o contava, quando eu era pequeno; porém eu ſempre tive iſto por hiſtoria.

*Arpia.* Não te digo eu, que todos tem noticiá deſſe burro? Pois ſei, que ninguem o vio, e cuidão, que he fabula, o qual eſtá encantado, aſſim como o Velocino.

*Sacatr.* Se tambem tiver algum Dragão, que o defenda, já renuncio a empreza.

*Arpia.* Não tem Dragão, e ſó tem por guarda huma formiga.

*Sacatr.* Se he huma formiga, não tenho medo; porque eu me veſtirei de armas brancas com eſpada, e rodella, e logo a matarei.

*Arpia.* Levarás duas piſtollas tambem.

*Sacatr.* Só reparo, que ſendo eſta empreza do burro caga dinheiro tão facil, não te tenhas tu aproveitado deſſe dinheiro, para comprares mais de dous centos de anneis, e não andares olhando para as mãos, e dedos dos Sacatrapos.

*Arpia.* Eſſa he a deſgraça, e a minha ventura, ou deſventura, que a choro com lagrimas de ſangue; porque has de ſaber, que o Magico, que encantou eſſe burro, prohibio, que ás mulheres o podeſſem deſencantar pela fragilidade do ſexo.

*Sacatr.* E que antipatia tem o ſexo das mulheres com o ceſſo do burro?

*Arpia.* Isso saberá o Magico.

*Sacatr.* Olha tu, que mais depressa me parece, que isso será alguma burra; porque essas são as que cagão dinheiro?

*Arpia.* He hum burro tão macho, como tu és.

*Sacatr.* Pois, Arpia, tu me seguras ser isso verdade?

*Arpia.* Não o duvides, que eu tenho visto muitas vezes; e quando me vou chegando para elle, desapparece, e foge o burro de mim, porque sou mulher.

*Sacatr.* Em fugir de ti não parece elle ser burro: quasi que estou inclinado a darte o annel.

*Arpia.* Bem o pódes dar afoitamente, que ainda te faço favor; e para que te descubra todo este enigma, quando fores á empreza, te hei de dar hum capello meu, que foi de minha avó, o qual quem o põem, ninguem o vê, e póde ir por onde quizer, e entrar em toda a parte, sem ser visto; e assim hirás com elle á conquista do burro caga dinheiro, e o poderás trazer a paz, e a salvo, sem de ninguem seres visto, nem cheirado.

*Sacatr.* Eu não duvido, que de ninguem seja visto, pela viciosa virtude desse capello; mas que o que caga o burro seja dinheiro, e não seja cheirado, não póde ser.

*Arpia.* Calte, que es hum cendeiro.

*Sacatr.* Arpiissima Senhora, dê-me attenção: se eu hei de ser invisivel, porque hei de levar o capello, está muito bem; mas o burro, que não tem capello, por força ha de ser visto.

*Arpia.*

*Arpia.* Não, tollo, que o burro de ſua natureza he inviſivel. Tu ſó o has de vêr, porque és o ſeu deſencantador.

*Sacatr.* Pois huma vês, que he iſſo, ahi eſtá o annel, e venha o capello.

*Arpia.* Anda. Muito tollo he eſte Sacatrapo! Já temos dous anneis. *á parte.*

*Sacatr.* Oh burro do meu coração, ſe tu cagas dinheiro, não ſerás burro, ſerás o verdadeiro pai do Velocino. Deſta vês fico de melhor partido do que Jaſon. *Vai-ſe.*

## SCENA III.

*Jardim, e hum monte movediço. Sahe Creuſa.*

*Creuſ.* SUſpenſa me tem eſte amor de Jaſon, e eſtes enleios de Medéa, e não ſei, aonde ha de parar iſto! Bem ſei que Jaſon me quer; mas por amor de Medéa ſe não atreve a explicar. Oh deſgraçado amor, que vives opprimido a violencias do encanto de huma tyranna!

*Sahem Jaſon, e Theſeo.*

*Jaſon.* Tu, Theſeo, fica eſperando á porta deſta quinta de Creuſa, que eu a quero levar furtada hoje, e logo nos iremos embarcar, para o que tem prompta a eſcolta dos Soldados, que te diſſe, que quando não ſeja por bem, á força de armas hei de lograr o meu intento, e zombarei dos intentos, e encantos de Medéa.

*Thes.* Vai descançado, e fia do meu valor, que hei de desempenhar a empreza. *Vai-se.*

*Chreus.* Ahi sinto gente: quem será?

*Jason.* Ahi está Creusa: ditosa occasião!

*Creus.* He Jason: Cuido, Jason, que vens errado, porque aqui não mora Medéa.

*Jason.* Se aqui não mora Medéa, namora Jason, bellissima Creusa. Peregrino attractivo de meu coração, não procuro significar-te nesta occasião o fino de meu amor, que para o abonar de extremoso, bastante fiador tenho eu nos meus suspiros, os quaes mudamente exhalados já terão chegado a teus ouvidos; e para que vejas, que tambem com obras te sei querer, venho dizer-te, que has de embarcar comigo esta tarde para Thessalia, aonde com a fortuna de ser teu esposo, lograrás a ventura de seres Rainha.

*Creus.* De vagar, Jason; tanta cousa junta faz suspender o discurso. Como queres que me fie de ti, sem eu saber, se o teu amor he verdadeiro?

*Jason.* De que sorte queres que to mostre?

*Sahe Medéa, e retira-se a hum lado.*

*Med.* Venho ao longe seguindo a Jason. Mas que vejo! Elle cá está com Creusa! Oh não sei como não morro com zelos! Porém quero observar o seu intento.

*Creus.* As mesmas finezas, que agora me dizes, algum dia as disseste a Medéa, e com tudo a deixaste.

*Jason.* Ainda que quiz a Medéa, não foi obriga-

gado do amor; mas sim porque ella me prometteo dar o Velocino, que foi o que me trouxe a esta terra.

*Med.* Ah traidor Jason!

*Creus.* Não sei, Jason, se te creia.

*Jason.* Parece, que offendes ao mesmo amor, se não dás credito aos meus extremos.

*Canta Jason o seguinte*

RECITADO.

Não duvides, amor, desta constancia,
Pois com firme jactancia
Te adoro de tal sorte,
Que sem temer a morte
Desta Medéa barbara homicida,
Não duvido entregar-te a propria vida.

ARIA A DUO.

*Jason.* Meu bem, de que sorte
Me has de pagar
Meu inclito ardor?

*Creus.* Amando até morte,
Pois sempre has de achar
Firmezas no amor.

*Jason.* Vê lá não me enganes.

*Creus.* Vê lá não profanes.

*Amb.* Meu inclito ardor.

*Creus.* Pois promettes ser constante,
Essa mão, Jason, me dá.

*Jason.* Nunca ás leis de hum fino amante
Meu affecto faltará.

*Creus.* Que farei, se te mudares?

*Jason.* Que farei, se me faltares?

*Amb.* Em raio me abraze a furia do amor.

De-

*Depois de cantarem, biráõ a abraçar-se, e subirá hum monte, que encobrirá a Creusa, isto depois que Medéa disser o seguinte:*

*Med.* Espera, ingrato, que eu te apartarei do bem, que procuras. Montanhas vingai as injurias de Medéa. *Vai se.*

*Jason.* Que he o que vejo! Aonde estás, Creusa? Quem de mim te desvia? Mas quem havia de ser senão Medéa?

*Canta Jason o seguinte*

RECITADO.

Pois, tyranna inimiga, infiel Medéa
A pezar dos encantos desta idéa,
Hei de ver a Creusa, penetrando,
Rompendo altivo, intrepido rasgando
Desse monte as entranhas, dize: onde
Minha Creusa bella em ti se esconde?

*Abre-se o monte, e delle sahe Medéa, e cantão ambos a seguinte*

ARIA A DUO.

*Med.* Traidor, ingrato amante,
Mudavel, inconstante,
Suspende o teu desvio.

*Jason.* Oh deixa-me, não queiras
Tirar-me a liberdade,
Que he livre o alvedrio.

*Med.* Pois sabe, que ha vingança,
Que opprima huma mudança.

*Jason.* Não teme os teus rigores,
Quem busca em seus ardores
Mais bello resplendor.

*Med.* Pois, barbaro, perjuro

Ve-

Verás o meu rigor.

*Med.* Tu com zelos me atormentas.

*Jaſon.* Tu com magicas me violentas.

*Med.* Calte, ingrato.

*Jaſon.* Ceſſa, impia.

*Med.* Porque em odio.

*Jaſon.* Em tyrannia.

*Amb.* Se converta o meu amor. *Quer ir-ſe Med.*

*Jaſon.* Eſpera, Medéa. Eſtou confuſo!

*Med.* Deixa-me, ingrato, e perfido traidor.

*Jaſon.* Não te vás, porque o meu amor ...

*Med.* Não quero ouvirte.

*Jaſon.* Sempre firme, e ſempre conſtante ...

*Med.* Não tenho já que eſcutar as tuas falſidades; mas ſim vingar as minhas injúrias, mudando o theaſtro das tuas delicias em campanha de Marte, e dize a Creuſa, que te defenda. *Vai ſe.*

## SCENA IV.

*Muda-ſe de repente a Mutução de jardim, e fica de montes; tocão tambores, e fica Jaſon.*

*Dentr.* ARma, arma, guerra, guerra.

*Dentr. Rei.* Morra Jaſon, arma, guerra.

*Jaſon.* Quem ſe vio em mais perigoſo trance! Eſtou perdido, e confuzo, ſem ſaber aonde eſtou, e cercado de inimigos, e já me conſidero ſem liberdade, e ſem Creuſa! O' Medéa, quem nunca te conhecêra!

*Sa-*

*Sahe Theſeo, e Soldados.*

*Theſ.* Jaſon, que deſcuido he eſte? Como te detens aqui, vindo ElRey contra ti com hum poderoſo exercito?

*Jaſon.* Oh que a bom tempo vieſte, amigo Theſeo; pois confuſo, e turbado, me conſiderava de todo perdido.

*Theſ.* Aonde eſtá Creuſa, para nos embarcarmos?

*Jaſon.* Não ſei della.

*Theſ.* Pois que foi iſto?

*Jaſon.* Não ſei mais, que ouvir dizer...

*Dentr.* Arma, arma, guerra, guerra.

*Theſ.* Já nos não podemos retirar ſem batalha, pois os inimigos nos cercão.

*Jaſon.* Pois animo, Soldados; como valoroſos defendamos a honra, e a vida.

*Ao ſom de huma marcha ſahe o exercito de ElRei, e ſahe eſte, e Telemon, e ſe põe huns, e outros em fórma de peleja.*

*Rei.* Morra Jaſon, toca a inveſtir.

*Telem.* Toca a inveſtir, e morrão eſtes traidores.

*Inveſtirão os dous exercitos, e o de Jaſon ſe vai retirando, e o do Rei ſempre ſeguindo-o, e vão-ſe.*

*Jaſon.* Retiremo-nos pouco a pouco, que a fortuna ſe nos moſtra adverſa.

*Rei.* A'vante, Soldados, que elles ſe retirão. *Vão-ſe.*

*Sahe Sacatrapo com capello, eſpada, e rodella, e haverá hum cavallo em pé a hum lado.*

*Sacatr.* Eſta empreza do burro caga dinheiro não he tão facil como a pintou Arpia; pois penetran-

trando a quinta de Creuſa, tudo quanto encontro ſão horrores, tudo o que ouço ſão tambores, e quanto vejo tudo ſão corpos mortos: que ſerá iſto? Mas eu cuido que a feroz formiga, que guarda o burro, deſpedaçou eſtes cadaveres; mas eu como ſou inviſivel, pelo privilegio deſte capello, bem poſſo triunfar glorioſamente, não ſó deſta formiga, mas de quantas ha nos celeiros, e confeitarias; porém alli eſtá o burro, ſe me não engano. O certo he que Arpia fallou verdade; mas eu cuido que he hum cavallo ginete, e Arpia diſſe que havia ſer burro em carne, e em oſſo; porém tanto monta ſer burro, como cavallo, pois tudo tem quatro pés; o ponto eſtá em que cague bem dinheiro. Agora, valoroſo Sacatrapo, he tempo de moſtrar ao Mundo o brio de teus avoengos; não tenhas medo de inveſtir á furibunda formiga, exercendo valente o teu valeroſo eſpirito. Animoſamente me hirei chegando ao burro, e deſafiando a formiga.

*Canta Sacatrapo a ſeguinte.*

A R I A.

Formiga feroz — Náo fujas veloz
Inveſte, e verás, — Da ira voraz,
Que te hei de imprimir — Mas ſe fugires
Na cara hum gilvás. — Favor me farás.

*Ao querer chegar para o cavallo, ſahem dous Soldados.*

1. *Sold.* Priſioneiro, priſioneiro.

*Sacatr.* Com quem fallará eſte Soldado? Deve de eſtar doudo, pois eſtá falando ſó. 2.

2. *Sold.* Dê-se á prizão.

*Sacatr.* Uy! Parece que fallão comigo: não devem saber, que eu sou invisivel.

*Sold.* Levemo-lo, ainda que seja de rastos.

*Sacatr.* Tenha mão, Senhor Soldado, que vossa mercê me não póde ver, porque eu sou invisivel.

*Sold.* Pois assim mesmo invisivel o levaremos.

*Sacatr.* Espere, espere: já que diz, que me vê, como estou eu vestido?

*Sold.* Estás com hum trapo pela cabeça á maneira de capello.

*Sacatr* Dar-se-ha caso, que Arpia trocasse o capello de sua avó pelo seu?

*Sold.* Rende-te já, senão mato-te

*Sacatr.* Senhor, huma vez que não sou invisivel, já estou rendido de bruços, pernas, e orelhas.

*Ao levarem Sacatrapo, tocão hum tambor, e tornão a sahir Jason, e Theseo com alguns Soldados, e dizem dentro o seguinte.*

*Dentr.* Victoria por ElRei.

*Jason.* Roto, e desbaratado está o nosso exercito! Que faremos, Theseo.

*Thes.* Morrer como valerosos, que maior afronta he cahir nas mãos do vencedor.

*Sacatr.* Não se admire; Senhor Jason, que tambem a mim me não valeo o ser invisivel, para deixar de ser visto, ainda que muito mal visto destes Senhores.

*Jason.* Sacatrapo, que capello he esse?

*Sacatr.* Isto he, que estou viuvo, porque me mor-

morreo a esperança do burro caga dinheiro.

*Dentr.* Victoria, victoria, guerra, arma, guerra.

*Tornão a sahir em tom de marcha El Rei, Telemon, e Soldados.*

*Rei.* Dá-te á prizão, Jason.

*Jason.* Não em quanto tiver alentos o coração

*Rei.* Não vês o teu exercito desbaratado? Como ainda pertendes resistir?

*Jason.* Ainda resisto, pois ainda tenho alentos.

*Sacatr.* Isso me parece bem, Senhor Jason, morra Marta, e morra farta.

*Brigão, e ao mesmo tempo pela Sala de fóra sahirá Medéa em hum carro tirado por Dragões, a qual cantará o que se segue, e ficará tudo ás escuras, e indo retirando-se o exercito de Jason, se correrá a corrediça, que dividirá os dous exercitos, ficando o de El-Rei no Theatro, e isto em quanto passa Medéa, e canta a seguinte*

ARIA.

*Med.* Suspende o furor
Irado Mavorte,
Não sinta elle a morte,
Pois lhe tenho amor.
Ao suspiro funesto
De tristes lamentos
Soccorrão propicios
Os quatro elementos. *Vai-se.*

*Rei.* Para onde fugirão os inimigos?

*Telem.* Parece, que a terra os tragou.

*Rei.*

*Rei.* Não reparas, que se tornárão em oppacas sombras as claras luzes do Sol?

*Telem.* Isto he cousa de encanto, ao que parece.

*Rei.* Claro está, que he encanto, e de Medéa. Ah tyranna filha!

*Telem.* E que havemos fazer agora?

*Rei.* Manda tocar a recolher as tropas, pois que estão perdidas com a grande escuridade.

*Telem.* Toca a recolher. *Vai-se Torna a ficar claro o Tablado, e se vai Telemon, e Soldados, fica ElRei, e Sabe Creusa.*

*Creus.* Confusa, e perdida venho por estes montes, sem saber aonde estou, depois que a tyranna Medéa me apartou dos braços de Jason. Ay amor, quando terão fim os teus encantos?

*Rei.* Creusa, tu aqui nesta campanha?

*Creus.* Não vos admireis, Senhor, que não sei aonde estou.

*Rei.* Pois quem te trouxe aqui?

*Creus.* Os encantos de Medéa vossa filha por causa de Jason.

*Rei.* Não me digas mais; já sei que essa tyranna, e impia Medéa, vive namorada de Jason, e com as suas máquinas lhe entregou o Velocino.

*Sacatr.* Pois ainda agora o sabe? Mas Jason não tem culpa de aceitar o que lhe dão.

*Sabe Medéa.*

*Med.* Aonde se recolheria Jasón? Pois cuida-

do-

doſa da ſua vida o ando buſcando; que ſuppoſto ſeja ingrato, não poſſo negar o amor, que lhe tenho.

*Rei.* Tambem tu Medéa, vens a recolher os deſpojos da batalha?

*Med.* Cuidadoſa, Senhor, da voſſa vida, venho a buſcar-vos.

*Rei.* Ah fementida filha, que com tanta tyrannia contra teu pai fabricas aleivoſias! Já ſei, tyranna, que adoras a Jaſon, e que tambem lhe entregaſte o Velocino, ficando tu por ſua fiadora ſobpena de perderes a vida, e aſſim....

*Cantão a ſeguinte.*

ARIA A 3.

*Rei.* Em ti pois, cruel Medéa.
Vingar quero a minha dor.

*Creuſ.* Pois, ó Rei, he tempo agroa,
Executa o teu rigor.

*Med.* Pai injuſto! Infiel tyranno?
Que delicto he ter amor?

*Rei.* Meu furor vingar-ſe trata.

*Creuſ.* Executa o teu rigor.

*Med.* Que delicto he ter amor?

*Rei.* Deſta ſorte, Hydra humana,
Meu eſtrago hei de vingar.

*Rei.* Sentirá Jaſon tambem
O meu barbaro furor.

*Creuſ.* Mal teu golpe a lei reparte;
Pois Jaſon que culpa tem?

*Med.* Tendo a culpa de adorar-te,
Tenha a pena de traidor.

*Tod.*

*Tod.* Sinta o golpe, e chore a pena
Quem me quer tyrannizar.

*No fim da primeira parte da Aria, na segunda repetição, hirá o Rei para matar a Medéa, e subirá do chão huma torre, sobre a qual se porá Medéa.*

*Med.* Vê agora de que sorte has de vingar com iras o teu estrago.

*Rei.* Que he o que vejo! Eu te prometto, infiel Medéa, que me saiba vingar de ti, a pezar dos teus encantos.

*Med.* Aleivosa Creusa, algum dia eu me vingarei de ti.

*Creus.* Tarde, ou nunca poderás.

## SCENA V.

*Sala. Sahe Sacatr. arrastando huma arca.*

*Sacatr.* MUito peza a caixa de Arpia! Ella parece que tem dentro bem miollo, que tanto custa a empurralla! Mas como he caixa da velha, já vejo que senão ha de mover com tanta facilidade. Sem duvida esta Arpia logrou-me, dizendo, que me dava hum burro caga dinheiro, e hum capello, que me faria invisivel; mas tudo foi ás avessas, porque o burro foi o invisivel, e eu o visivel para poderem prender-me. Não ha maior desaforo! Que huma bruxa me mamasse os meus anneis, e eu ficasse chupando no dedo! Pois não ha de ser assim, que eu lhe hei

de

de arrombar a sua caixa, e sacar-lhe os aneis, e tudo o mais, que achar nella; para o que, o melhor remedio será arrombar-lhe a fechadura. Algum dia era eu bom official de gazûas. Ora lá vão os tampos dentro com mil diabos.

*Ao abrir da caixa, sahirão algumas cobras, que investirão a Sacatr.*

*Sacatr.* Mas que vejo! Ay quem me acode! Oh miseravel Sacatrapo, que aqui viesse dar a tua ossada? A que delRei, não ha quem me acuda? Não ha quem ponha cobro nestas cobras? Ay que me matão!

*Sahe Arpia.*

*Arpia.* Que tens, Sacatrapo?

*Sacatr.* Que hei de ter? Não vês estas espadas colobrinas, que me estão atravessando

*Arpia.* Ay Sacatrapo, não tenhas medo, que são humas cobrinhas muito galantes, que costumão brincar com os taralhões de dous pés.

*Sacatr.* Seja o que for, tira me as cobras, Arpia, e basta que fiques tu, que es huma sanguixuga.

*Arpia.* Ora eu as tiro; ó lé, minhas meninas, ide para dentro.

*Vão as cobras para dentro da caixa.*

*Sacatr.* Vê bem, se se forão todas?

*Arpia.* Já se forão, não sejas medroso.

*Sacatr.* Agora, como se forão as cobras, já não sou medroso.

*Arpia.* Porém tomára saber, com que licença vies-

vieſte penetrar os profundos arcânos dos eſcaninhos deſta arca?

*Sacatr.* Não eſtejamos com arcas encouradas: eu vinha buſcar os meus anneis, já que me enganaſte com o burro caga dinheiro, que tudo foi huma borra, e o teu capello maſcaborra, que em conſciencia mos deves reſtituir.

*Arpia.* Uy, que dizes Sacatrapo? Iſto não póde ſer, mais que me prégues: baſta que não achaſte o burro?

*Sacatr.* Não ſó o não achei, mas eu fui o achado, porque não fui inviſivel.

*Arpia.* He que devias pôr o capello ás aveſſas; que ſe o pozeras ás direitas, nem cégos te verião?

*Sacatr.* Supponho, que toda a virtude deſſe capello he ás aveſſas: o que eu ſei he, que fui viſto, que me levárão priſioneiro, e que eſcapei com a barafunda da briga, e aſſim te peço á boamente, que me reſtituas o meu annel, bruxa, feiticeira, e encantadora.

*Arpia.* Oh maroto, marujo, mariola, ſe me falar mais em anneis hei de chamar as cobras; ó minhas meninas, vinde, e ſahi a caſtigar eſte magano.

*Sacatr.* Eſpera, Arpia; tem mão, que tudo te perdo-o.

*Arpia.* Pois ajuda-me a pôr a caixa em ſeu lugar, que eu não poſſo ſó, que tenho a eſpinhella cahida.

*Sacatr.* Pois eu pouco poderei, que tambem

ſou

sou potroso, e adevinho quando ha de chover.

*Arpia.* Só não adevinhaste, que havião chover cobras sobre ti?

*Sacatr.* Como o achaque he antigo, o reportorio he velho, e já não governa; e menos na conjunctura presente, que estava o Sol no signo de Escorpião, com influxos do Cancro dessa cara.

*Arpia.* Anda, empurra a caixa, e de vagar não se quebrem os meus tarécos.

*Sacatr.* Olha, pelo menos tens hum movel bem movediço: não te desfaças delle, porque posto a juro cobrarás bons redditos.

*Arpia.* Anda, levanta: ai minha espinhella!

*Sacatr.* Segura bem: ai minha geba! *Vão-se.*

*Sabe Creusa.*

*Creus.* Confusa, afflicta, e quasi sem alma venho, sem saber de Jason, depois que de meus braços mo levou a tyranna Medéa: e depois da batalha, que teve com ElRei, não sei se morreria nella, e isso será o mais certo; pois vejo, que não apparece. Ai querido Jason, se a tua morte he certa, a minha será infallivel! Que como a ambos nos anima huma alma, por força nos ha de separar huma morte.

*Canta Creusa a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Sórte minha cruel, fado inhumano,
Até quando, tyranno,
Cessará o rigor de tuas iras,

Pois que vejo conſpiras
A huma alma em triſte abyſmo
O ſuſto, a dor, a magoa, o parociſmo?

ARIA.

Se a Parca enfurecida
Te uſurpa a doce vida,
Te hirá buſcar eſta alma,
Só para te animar.
Vem pois, amor querido,
Que o terno meu gemido
Ao teu cadaver frio
Alentos póde dar.

*Sahe Jaſon.*

*Jaſon.* Minha Creuſa, rompendo impoſſiveis, atropellando difficuldades, cuberto com o manto da noite, venho buſcar-te, para que te embarques comigo, pois tudo eſtá prompto, e ſó por ti ſe eſpera; aſſim não te dilates, antes que nos perſintão.

*Creuſ.* Meu amor, não ſei encarecer-te a alegria, que tenho de ver-te; pois te julgava morto na batalha, vendo que não apparecias.

*Jaſon.* Hum peito armado de amor póde reſiſtir aos golpes de Marte.

*Creuſ.* Como entraſte aqui, ſem temeres as iras de ElRei?

*Jaſon.* Se por amor de ti morrêra, que melhor fortuna quizera? Porém não teme perigos hum coraçaõ amante.

*Creuſ.* Muitas finezas te devo.

*Jaſon.* Folgo que o conheças: vamos, meu bem.

*Creuſ.* Vamos Jaſon. *Vão-ſe.*

SCE-

## SCENA VI.

*Montes, e mar. Sahe Theseo.*

*Thes.* OS Soldados estão embarcados, e só Jason ainda não veio! Sem duvida me dá cuidado a sua tardança.

*Sahe Jason, trazendo a Creusa pela mão, e Sacatrapo com huma mala ás costas.*

*Jason.* Amada Creusa, já que a noite, e o silencio nos favorecem, embarquemo-nos depressa, antes que as guardas nos sintão.

*Creus.* Com o susto, e sobresalto, te não sei responder, querido Jason.

*Thes.* Vem, Jason, que já me tinhas com cuidado.

*Jason.* Theseo, não póde ser menos.

*Sacatr.* Ora, Senhores, todos sacárão o seu precioso, só a minha miseria sacou nesta mala Sacatrapos.

*Jason.* Anda Creusa. *Vai-se.*

*Creus.* Vamos, Jason: fica-te embora, Colchos. *Vai-se.*

*Sacatr.* A Deos Ilha de Colchos, ou Cocles, ou Ilha dos Tortos, que me parece, que me viste em jejum; pois tantas desgraças em ti padeci. Fica-te com Satanás, Medéa. Os diabos te levem, Arpia, a ti, e ao teu capello, que ainda levo atravessado na garganta o burro caga dinheiro; e finalmente a Deos, meus queridos anneis, que herpes dem nos dedos de quem os trouxer.

*Corre-se a corrediça de montes, e apparece o mar, e nelle huma náo com algumas figuras dentro, e Sabe Medéa.*

*Med.* Nem Jaſon, nem Creuſa encontro. Mas que vejo! A náo de Jaſon largando as vélas ao vento, já quaſi deſapparece! Ah fementido, ah traidor ingrato Jaſon! Deſta fórte pagas as minhas finezas? Se buſcas amor conſtante, deixa a Creuſa; e leva-me a mim. E pois os ventos te enſurdecem as minhas vozes, Sereyas canoras, ſahi deſſe mar, e ſuſpendei com affagos a meu ingrato amante, acompanhando os ſuſpiros de huma infeliz.

*Apparecerão as Sereyas ſobre as ondas do mar. Canta Medéa a ſeguinte.*

ARIA.

Jaſon ingrato, attende,
Pára, pára,
Suſpende o teu retiro;
E ſe te leva o vento,
O vento te trará de meus ſuſpiros.

*Med. e Ser.* Farei por detello,
Na rapida fuga
Em remora o canto
Corrente o meu pranto
E iman o clamor.

*Jaſon.* Em grande perigo eſtamos; pois Medéa para ſuſpenderme, convoca em ſua defenſa as Sereyas.

*Theſ.* Serás outro Ulyſſes.

*Sacatr.* Pois, Senhor, as Sereyas não ſe fizerão ſó para os Ulyſſes, que como ellas eſtão no mar,

mar, qualquer peſcador as póde encontrar, e muito melhor ſendo por encanto.

*Jaſon.* Pois uſarei da meſma aſtucia de Ulyſſes, mandando tocar tambores, e clarins, para confundir os canoros eccos das Sereyas; e quando não, ainda cá levo o annel, que Medéa me deu, para desfazer os encantos.

*Sacatr.* Se eu cá tivera o meu annel, fizera outro tanto.

*Canta Medéa.*

Aonde vás, tyranno?
Eſpera, eſpera;
Attende as minhas fragoas,
Pois ſe aguas te levão.
Meus olhos te trarão com turvas agoas.

*Med. e Ser.* Farei por detello — *Clarins, e*
Na rapida fuga — *tambores.*
Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

*Jaſon.* Soldados valeroſos, não ceſſem os bellicoſos inſtrumentos.

*Sacatr.* Metamos hum prégo accezo por cada ouvido, que he bom remedio para não ouvir.

*Canta Medéa.*

Não fujas, inhumano,
Ouve, ouve
Eſtas finas jactancias;
E ſe outro amor te leva
Te trarão deſte amor as ternas ancias.

*Med. e Ser.* Farei por detello — *Com trompas,*
Na rapida fuga, — *e tambores.*

Em

Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

*Tod.* Boa viagem.

*Cantão só as Sereyas, sem trompas.*

E pois a canora suave harmonia,
Não pôde atrahir, nem soube mudar
De hum peito traidor a vil tyrannia,

*Com tromp.* Receba-nos Thetis nos braços do mar. *Vaõ se.*

*Tod.* Boa viagem.

*Sacatr.* Vencemos as Sereyas tambem como gente.

*Tod.* Boa viagem.

*Med.* Pois, ingrato, e cruel tyranno, não te has de jactar de que triunfaste das Sereyas; e já que com carinhos te não posso mover, agora será com rigores: O' Proserpina, ó Deidades furibundas da Lagoa Stygia, movei os elementos todos, para castigar a hum fementido traidor: rayos, sahi dessas nuvens, e abrazai aquella náo.

*Escurece-se o Theatro com trovões, e sahe hum rayo de cima, que hirá para o navio.*

*Med.* Mas não, não, rayos, não abrazeis a Jason, basta que me abraze a mim o rayo de amor.

*Torna o rayo para onde sahio.*

*Med.* Mas para que me canso em fazer finezas por hum ingrato, se isso he augmentar troféos ao seu triunfo! Ondas, ventos, furias,

e

e mares, vingai por huma vez as injúrias de Medéa, e as tyrannias de Jaſon. *Vai-ſe. Haverá tempeſtade, trovões, e relampagos.*

*Tod.* Miſericordia! Alija tudo ao mar.

*Sacatr.* Lá vai a mala cos diabos! Pois gabo-lhe eu, que o Tubarão, que a engolir, não leva camiſas para dez annos.

*Tod.* Miſericordia.

## SCENA VII.

*Arvores recortadas.*

*Dentr.* AO monte, ao valle, á ſelva, tó, tó.

*Sahem ElRei, Telemon, e Arpia.*

*Rei.* Suſpenda-ſe o exercicio da caça, até que deſcanſe o coração deſte cuidado: Telemon, que novas me dás de Jaſon?

*Telem.* Saberás, Senhor, que Jaſon furtivamente eſta madrugada ſe embarcou, e Creuſa tambem com elle, e leva o Velocino.

*Arpia.* Tambem Medéa não apparece, Senhor.

*Rei.* Haverá mais pena para hum coração affligido!

*Dentr. Jaſon.* Deoſes, piedade!

*Dentr. Med.* Deoſes, rigores!

*Rei.* Que vozes tão encontradas são eſtas, que ſe eſcutão ao meſmo tempo iradas, e piedoſas! Vai, Telemon, examinar o que he.

*Sa-*

*Sahem por huma parte Jaſon, Creuſa, Theſeo, e Sacatrapo, e por outra Medéa.*

*Jaſon.* Deoſes, piedade!

*Med.* Deoſes, rigores!

*Jaſon.* Mas que vejo! Aonde eſtou eu?

*Rei.* Mas que vejo! Eſte he Jaſon!

*Arpia.* Aquelle he Sacatrapo!

*Creuſ.* Que he iſto, Jaſon? Eſtamos outra vez em Colchos?

*Theſ.* E nas máos de ElRei.

*Jaſon.* Eſtou confuſo! Como póde ſer iſto, quando eu cuidei que eſtava em Theſſalia?

*Sacatr.* Não diſſe eu, que eſte carneiro nos havia enterrar? E agora, Senhor Jaſon?

*Med.* Cuidavas ingrato, que havias triunfar de mim!

*Creuſ.* Ha maior deſgraça!

*Jaſon.* Rei, e Senhor, ſe hum naufrago peregrino póde mover a compaixão, peço-te, que te doas da adverſidade da minha fortuna: ahi tens o teu Velocino, e tambem a....

*Rei.* Baſta, Jaſon.

*Sacatr.* Se eu levára o burro caga dinheiro, tambem o reſtituia agora com lingua de palmo.

*Rei.* Jaſon, para que vejas, que os Reis de Colchos ſabem perdoar injurias, aſſim perdoando as que me tens feito, quero que caſes com Creuſa, minha ſobrinha, e te dou em dote o Velocino.

*Med.* Para iſto trouxe outra vez a Jaſon? *á part.*

*Rei.* E caſtigando aggravos, já que Medéa, indigna filha, infiel traidora, conſpirou contra mim,

mim, entregando a Jaſon o Velocino, morrerá encerrada em huma torre, pois ella me offendeo mais, do que Jaſon.

*Med.* Pois não lograrás, o teu intento *á parte.*

*Jaſon.* Proſtrado a teus pés, te rendo as graças de tanto beneficio: Agora ſim, amada Creuſa, que já te poſſo chamar minha.

*Creuſ.* Ainda não creio a minha fortuna.

*Sacatr.* Senhor, já que és tão liberal, peço-te, que me caſes com Arpia, e me dês em dote o burro caga dinheiro.

*Arpia.* Mamou-a, Senhor Sacatrapo. Babáo.

*Rei.* Celebrem-ſe as vodas de Jaſon, e Creuſa, e vá Medéa para a torre.

*Med.* Pois antes que, ó pai cruel, executes o teu rigoroſo intento, e eu veja com meus olhos lograr-ſe eſte ingrato Jaſon com Creuſa, deſeſperada vagarei pela região do ar, já que na terra me falta ſoccorro.

*Voa Medéa em huma nuvem, e canta o*

CORO.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma, &c., *como a pag.* 243.

FIM.

# AMFITRIÃO,
## OU
# JUPITER, E ALCMENA,
# OPERA,

QUE SE REPRESENTOU NO THEAtro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Maio de 1736.

## ARGUMENTO.

*JUpiter, marido da Deosa Juno, por gosar da formosura de Alcmena, mulher de Amfitrião, General dos Thebanos, se transforma em Amfitrião por conselho de Mercurio, Embaixador dos Deoses, tomando este tambem a fórma de Saramago, criado de Amfitrião, para ajudar, que Jupiter consiga o seu intento, por meio dos seus enganos; o que Jupiter consegue, introduzindo-se em casa de Alcmena com o nome de Amfitrião, acompanhando o Mercurio, que toma o nome de Saramago, estando Amfitrião ausente de Thebas, contra ElRei dos Thelebanos, donde vindo victorioso, por ter morto ao mesmo Rei, Jupiter lhe usurpa o triunfo, com que em Thebas o esperavão, ficando juntamente laureado Jupiter dentro do mesmo Senado com a illusão da figura, e nome de Amfitrião, o qual voltando para a Cidade de Thebas, já na sua propria casa, he prezo por Tiresias, Minis-*

*niſtro de Thebas, juntamente com Alcmena, e condemnados á morte por induſtria, e vingança da Deoſa Juno, que ſe diſfarça com o nome de Flérida em caſa de Amfitrião; mas em fim, como innocentes do impoſto delicto, são livres de ſerem ſacrificados, por declaração de Jupiter, que ſuſtenta o engano até o fim, e deixa em Alcmena por ſua deſcendencia o eſclarecido, fortiſſimo, e nunca vencido Hercules. O mais ſe verá no contexto da Obra.*

A Scena ſe repreſenta em Thebas.

---

## INTERLOCUTORES.

*Amfitrião*, *Marido de Alcmena.*
*Jupiter*, *Marido de Juno.*
*Mercurio*, *Criado de Jupiter.*
*Tireſias*, *Miniſtro de Thebas.*
*Polidaz*, *Capitão Thebano.*
*Saramago*, *Criado de Amfitrião, Gracioſo.*
*Alcmena*, *Mulher de Amfitrião.*
*Juno*, *Mulher de Jupiter.*
*Iris*, *Criada de Juno.*
*Cornucopia*, *velha, Criada de Alcmena.*

## SCENAS DA I. PARTE.

I. *Sala Empyrea de Jupiter.*
II. *Camera.*
III. *Praça com portico.*
IV. *Selva com reſpaldo de Palacio.*
V. *Sala.*
VI. *Selva com reſpaldo de Palacio, e depois no meio hum arco triunfal, e deſte para diante viſta de caſas, e para traz de Selvas até o fim.*
VII. *Sala Senatoria.*

## SCENAS DA II. PARTE.

I. *Ante-Sala.*
II. *Camera.*
III. *Sala.*
IV. *Boſque.*
V. *Jardim com fonte.*
VI. *Carcere.*
VII. *Templo de Jupiter.*
VIII. *Sala Empyrea de Jupiter.*

# PARTE I.

## SCENA I.

*Sala Empyrea de Jupiter, aonde eſtará eſte aſſentado em hum Throno, e Mercurio mais abaixo, e depois ſe tiraráõ do Throno, e Jupiter trará na mão huma eſtatua de Cupido, que ſe dividirá a ſeu tempo.*

### CORO.

O Numen ſupremo
Do Olympo ſagrado,
Suſpira abraſado
De hum cego furor.
Que paſmo! Que aſſombro!
Que voe tão alto
A ſetta do amor!

*Jupit.* CEſſe a canora harmonia, que fórma o alterno movimento dos celeſtes globos; que he razão emmudeção ás conſonancias, quando a maior Deidade ſe lamenta: não moduleis os ſupremos attributos de minha divindade; cantai, ou para melhor dizer, chorai em diſſonantes melodias o irremediavel de minha magoa, a violencia de meu tormento, e o inſoffrivel de minha dor.

*Merc.*

*Merc.* Jupiter Soberano, a quem não admira ver, que a maior deidade, que admirão as esféras, enlute com suspiros as diafanas luzes do Firmamento! Se em teu poder existem os raios, porque não castigas a causa sacrilega de teus pezares?

*Jupit.* Ai Mercurio, que este raio, que ignominiosamente adorna a minha omnipotente dextra, he o que agora se fulmina contra o meu peito! Não he esta aquella trisulca chamma, que devorou a soberba dos Ancelados, e Thifeos; he sim a fragoa de todos os raios, a furia de todas as furias, e o estrago de todos os estragos; e para melhor dizer, he o simulacro de Cupido, cuja voadora setta, penetrando as eminencias do monte Olimpo, sacrilegamente atrevida, chegou a penetrar a immunidade de meu peito; e assim, como offendido, e lastimado, já que nesse Rapaz tyranno, neste Monstro, nesse Cupido, não posso vingar o mal, que padeço, quero ao menos na sua estatua debuxar as linhas da minha vingança.

*Merc.* Explica-me, Senhor, a causa de tanto excesso, que supposto sejas o mais sabio de todos os Deoses, tambem não duvidas, que sou Mercurio inventor das subtilezas, e estratagemas; e assim já que o teu entendimento se acha preoccupado de hum frenetico delirio, com maior razão poderei eu acertar na cura de teus males.

*Jupit.* Pois attende Mercurio.

*Can-*

*Canta Jupiter a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Eu vi a Alcmena, ai Alcmena ingrata!
Aquella, cujo assombro peregrino
Foi remora attractiva, que attraindo
A isenção de toda esta divindade,
Por ella em vivas chammas
Extremoso suspiro,
Querendo amante em languidos deliquios
Sacrificar-me todo nos altares
Desta melhor, mais bella Citherea;
E por mais, que publico em triste pranto
Tanto amor, tanto incendio, extremo ranto;
Nem por isso Cupido compassivo
Alivio facilita ao meu tormento,
Antes, porém, mais barbaro, e tyranno,
Por vingar-se talvez de meus poderes,
Difficulta o remedio ás minhas ancias;
E pois, cruel amor, falsa Deidade,
O suspiro, que exhalo, não te abranda,
O impulso feroz de meus rigores
Saberá castigar-te, lacerando
Teu simulacro,
Que em átomos partido, *Despedaça*
Dos ventos serás rápido despojo. *a estatua.*
Sinta pois (ai de mim!) a minha ira,
Quem contra o Deos Tonante assim conspira.

ARIA.

De amor todo abrazado
Me sinto quasi louco,
E afflicto pouco a pouco,

Me

Me vai faltando a vida,
Me vai matando a dor.
Ah querida ingrata Alcmena,
Quanto fusto, e quanta pena,
Me provoca o teu rigor!

*Merc.* Ora Senhor, se Alcmena he a causa; porque suspiras, e só desejas conseguir a delicia de sua formosura, verás como alcanças, o que procuras.

*Jupit.* De que sórte?

*Merc.* Eu te digo, dá-me attenção: Bem sabes, Senhor, que Amfitrião marido de Alcmena se acha occupado na guerra dos Thelebanos contra ElRei Teréla, e parecia-me, que tomando tu a fórma de Amfitrião, fingindo teres já chegado da guerra, podias fielmente, sem experimentares os rigores, e desdens de Alcmena, conseguir della, o que desejas; porque vendo ella em ti copiada a imagem, e figura de seu esposo Amfitrião, como a tal te facilitaria o mesmo, que agora como a Jupiter te nega.

*Jupit.* Só tu, Mercurio, com as tuas subtilezas podias dar em tão subtil idéa, pois com ella já posso chamar-me venturoso; e para principiar a sello, já me vou disfarçar na fórma de Amfitrião, e depôr a magestade de meus raios: oh quem dissera, que para eu alcançar a formosura de Alcmena, deixe os resplandores do Olympo!

*Merc.* Para que se logre melhor a empreza, eu tambem irei comtigo disfarçado na figura do cria-

criado de Amfitrião, chamado Saramago, ajudar-te a lograr o teu intento.

*Jupit.* Não deixo de agradecer-te, Mercurio; que por amor do meu amor tomes a figura de hum lacaio ſqualido, e ſordido.

*Merc.* Senhor, o officio de Corretor nunca eſteve mal a Mercurio; quanto mais, que para ſervir-te, deſejo transformar-me ainda na mais vil creatura.

*Jupit.* Pois não dilatemos a empreza; vamos, Mercurio, e ſeja eſta noite o dia de minha ventura.

*Merc.* Vamos, Jupiter, a levar hum paſſa-tempo na terra.

*Jupit.* Já não ſe me dá, que repita feſtivo o celeſte Coro; pois que já poſſo cantar o meu triunfo.

*Canta o Coro como no principio.*

O Numen ſupremo
Do Olympo ſagrado, &c.

## SCENA II.

*Sahem Alcmena, e Cornucopia.*

*Cornuc.* SEnhora Alcmena, eu não cuidei, que voſſa mercê era tão extremoſa, nem que tomaſſe as penas tanto a peito.

*Alcmen.* Se tu, Cornucopia, ſouberas ſentir auſencias, ainda acharias diminuto o meu ſentimento, pois apenas lograva nos braços de Amfitrião as delicias do mais venturoſo hymenêo,

quando Marte mo levou dos olhos para a guerra dos Thelebanos; mas ai, Amfitrião querido, que se foste para a guerra, em outra maior me deixaste; pois no combate das memorias, e nos repetidos golpes das saudades, me vejo quasi sem alentos.

*Cornuc.* Ai, Senhora, basta de guerrear; faça por hum pouco tregoas com o sentimento, e quando não aparelhe-se, que em dous dias morrerá tisica, e ética.

*Alcmen.* Eu não sou como tu, que na ausencia de teu marido Saramago não tens deitado huma lagrima ao menos; mas o certo he, que as nescias não sabem sentir.

*Cornuc.* Antes quero ser nescia alegre, que discreta chorona; e na verdade, que seria grande asneira estar-me eu cá matando, fazendo mil choradeiras, e Saramago nesse tempo talvez que se esteja regalando lá na guerra, comendo com os seus amigos o rico pão de munição; pois não, minha Senhora, eu não quero morrer, senão quando Deos me matar.

*Alcmen.* Isso não he teres amor a teu marido.

*Cornuc.* Pois eu que hei de fazer? De duas huma, ou hei de sentir mais, que vossa merce, ou não; sentir mais he impossivel? sentir menos não he brio meu; e assim entre o mais, e entre o menos, me deixo ficar assim nem mais, nem menos.

*Alcmen.* Olha, nescia, quando para sentir esta ausencia, não fosse bastante o mal da saudade,

bas-

baſtava imaginar, em que na guerra eſtão em contínuo perigo, onde he mais certa a morte, do que a vida.

*Cornuc.* Ai, Senhora, deſſa me rio eu; ſegura eſtou de que o meu Saramago haja de morrer na guerra.

*Alcmen.* E que certeza pódes ter diſſo?

*Cornuc.* Porque eu ſempre ouvi dizer, que as ballas trazião ſobreſcrito; e eu ſei muito bem, que o meu Saramago nunca ſe carteou com ballas.

*Alcmen.* Ora vaite daqui, que eſtás mui louca.

*Cornuc.* Digo-te iſto, ſó para ver ſe alivias a tua ſaudade.

*Alcmen.* Eſte mal ſe não cura com palavras: deixa-me, Cornucopia, que a minha pena ſó acha alivio no pranto.

*Cornuc.* Ora a culpa tenho eu, em dizer-lhe, que não chore: chore, chore, até rebentar, que eu vou-me meter na cama, que eſtou pingando com ſomno. *Vai-ſe.*

*Alcmen.* Querido Amfitrião, já que a tyranna auſencia me impoſſibilita o ver-te, quero reproduzir-te nas lagrimas, que choro; que como eſtas são filhas do amor, talvez que nellas te encontre.

*Canta Alcmena o ſeguinte*

MINUETE.

Tyranna auſencia,
Que me roubaſte,
E me levaſte
Da alma o melhor.
Se auſente vivo
Já ſem alento,
Ceſſe o tormento
De teu rigor.

Ai de quem ſente
De hum bem auſente
A ingrata dor!
Se eras minha alma
(Ai prenda bella!)
Como ſem ella
Com alma eſtou!
Porém já vejo,
Que em meu delirio
Para o martyrio
Só viva eſtou.
Ai de quem ſente
De hum bem auſente
A ingrata dor!

*Sahe Cornucopia.*

*Cornuc.* Alviçaras, Senhora, alviçaras.

*Alcmen.* Que he iſſo, Cornucopia?

*Cornuc.* Que ha de ſer, Senhora? Ai, Senhora, alviçaras.

*Alcmen.* Alviçaras, de que?

*Cornuc.* Sabe que mais?

*Alcmen.* O que?

*Cornuc.* Pois ſaiba que.... Ai, Senhora, alviçaras, que ahi vem meu marido Saramago.

*Alcmen.* Ha maior loucura? Eſſas alviçaras pede-as a ti meſma.

*Cornuc.* Não, Senhora, que com elle vem o Senhor Amfitrião.

*Alcmen.* Que dizes? Iſſo não póde ſer.

*Sahe Jupiter com a fórma de Amfitrião, e Mercurio com a de Saramago.*

*Jupit.* Sim póde ſer, querida Alcmena, que os impoſſiveis ſó ſe fizerão para os que verdadeiramente amão. Dá me os teus braços, que o ver-me deſcanſar nelles foi ſempre o meu deſejo. Ainda não creio o bem, que poſſuo! *á part.*

*Alcmen.* Amado Amfitrião, querido eſpoſo, permitte-me, que por hum pouco não creia

a

a fortuna, que alcanço; que a considerar ser certa tanta felicidade, morrêra de alegria.

*Merc.* Muito bem se finge Jupiter, e melhor se engana Alcmena. *á parte.*

*Alcmen.* He possivel, que te vejo, Amfitrião?

*Jupit.* Mais impossivel me parece a mim, Alcmena; pois sempre me pareceo impossivel, que me visse em teus braços.

*Alcmen.* Bem sei, que trazias muito arriscada a vida entre os inimigos na guerra.

*Jupit.* Maior inimigo encontrava eu na guerra do amor, cujas settas, mais do que as lanças dos inimigos, me ferião o coração.

*Alcmen.* Não sei se acredite essa lisonja?

*Jupit.* Lisonja chamas, ao que he realidade? Pouco conceito fazes do meu amor.

*Alcmen.* Sempre ouvi dizer, que dos quatro remedios contra o amor, hum delles era a distancia, e como te achavas ausente, bem poderia ser, que se perdesse no caminho, por distante.

*Jupit.* Pois, Alcmena, por Jupiter Soberano te juro, que nem a distancia que ha do Ceo á terra, seria bastante para fazer-me esquecer de ti; e se te parece incrivel a minha fineza naquella distancia, affirmo-te, que sempre intensivo o meu amor ardeo em tão activos incendios, que do peito, aonde se accendêrão, quizerão passar, abrazando a mesma esféra do fogo, ou ao Ceo das chammas, que he o mesmo Empyreo.

*Merç.* Bem o póde crer, Senhora Alcmena, e mul-

muito mais ainda ; pois lhe affirmo, que o Senhor Amfitrião ainda não diz ametade do que he.

*Alcmen.* Só reparo , Amfitrião , que antes da tua auſencia , nunca te ouvi expreſsões tão finas ; e quando cuidei , que a guerra te fizeſſe menos terno , acho , que te fez mais amante ; e aſſim me parece , que mais vens da eſcóla de Cupido , que da paleſtra de Marte.

*Jupit.* Não ſabes , que o amor naſceo entre o eſtrepito das armas , ſendo o artifice deſtas o progenitor de Cupido ? Pois como póde o amor eſtranhar as armas , e aſperezas de Marte , ſe com ellas ſe embalava Cupido no berço , para creſcer o amor nos corações ? E ſe te parece , que antes da minha auſencia era menos amante , ſeria , porque como o bem depois de perdido , he que ſe eſtima , por iſſo , quando auſente te perdi , he que ſoube perder-me por ti , e achar hum verdadeiro amor , com que te idolatraſſe , e quando tudo iſto te pareça quimera , ſuppoem , Alcmena , que não ſou aquelle Amfitrião paſſado , mas ſim outro Amfitrião mais amante.

*Merc.* Eu nunca vi a Jupiter tão derretido. *á part.*

*Cornuc.* Ai , Senhora , não apure mais ao Senhor Amfitrião , creia o que lhe diz ; que elle não he homem de duas caras.

*Merc.* Mal o ſabes tu.

*Cornuc.* E aſſim permitta-me licença de abraçar a meu amo , que eſtou chorando pelas barbas abaixo com goſto de o ver: Ai meu Senhor , ben-

benza-o Deos; bons olhos o vejão; como vem bem disposto, claro, rozado, e resplandecente! Tome, tome duas figas, que lhe não quero dar quebranto.

*Jupit.* Nunca esperei menos do teu amor.

*Cornuc.* Saramago, nós logo fallaremos á nossa vontade.

*Merc.* Por isso estou já rebentando.

*Alcmen.* Saramago, tu não me fallas? Chega-te cá.

*Merc.* Senhora Alcmena, sempre a boca falla tarde, quando madruga o desejo; pois desejo que vossa merce tenha cumprido o seu desejo na vista do seu Amfitrião tão desejado.

*Alcmen.* Sempre te agradeço o cuidado, com que fiel acompanhaste a teu amo.

*Merc.* Meu amo, Senhora, he tão amante, que todo se transforma em carinhos, para atrahir os corações.

*Alcmen.* Dize-me, Amfitrião, vens vitorioso de nossos contrarios?

*Jupit.* Claro está, formosa Alcmena, que me considero já vitorioso do maior inimigo: cheguei a Thelcba, accommetteo me ElRei Teréla com hum poderoso exercito; investirão os nossos aos Thelebanos, ainda que poucos, com tão marcial furor, que em menos de duas horas desbaratámos os contrarios; e para que fosse completo o triunfo, perdeo ElRei a victoria com a vida, ganhando nós o despojo com o laurel: enriquecêrão-se os Soldados com o saque; no qual reservei esta

joia,

joia, que no elmo trazia ElRei Teréla, cujo primoroso artificio só he merecedor de empregar-se em teu peito. Aceita-a, pois, que não será a primeira vez, que se coroe Venus com os despojos de Marte. *Dá a joia.*

*Alcmen.* Tanto pela obra, como pela materia, he digna de estimação.

*Cornuc.* Ai, Senhora, que galante sucriler! E como brilha! Parece-me hum cagalume.

*Alcmen.* Não dirás perilampo, que he mais proprio?

*Cornuc* Tanto faz perilampo, como cagalume; que tudo he o mesmo, mas ainda assim aquelle diamante verde he bem brilhante!

*Jupit.* Alcmena, vamos a descançar, que venho fatigado da jornada, e tenho de madrugada de voltar para o Arraial, aonde me esperão os Capitães, para darmos entrada publica, como triunfantes; e como o meu amor impaciente não soffre dilações, quiz vir furtivamente esta noite aliviar a minha saudade.

*Alcmen.* Já me admirava, Amfitrião, que fosse completa a minha alegria: Vamos, Amfitrião. *Vai-se.*

*Jupit.* Vamos, Alcmena. Cruel amor, já triunfei de teus rigores. Mercurio, vigia não venha alguem. *Vai-se.*

*Merc.* Vai descançado, que eu rondarei o bairro.

*Cornuc.* Agora sim, meu bello marido, meu querido Saramago, he tempo de nos racharmos com abraços: vem cá, filagrana animada;

vem

vem cá, meu brinquinho de junco, que te quero meter todo no meu coração.

*Merc.* Não seria melhor, que em lugar desses carinhos me désses tu de cear, que venho estalando com fome, e palavras não fazem sopas?

*Cornuc.* Tambem nosso amo traria bastante fome, e com tudo esteve dizendo a nossa ama tanta cousa galantinha, que faria derreter huma pedra.

*Merc* Com que he o mesmo nossos amos, do que nós? Elles casadinhos de hum anno, e nós ha hum seculo? Elles Senhores, e rapazes, e nós velhos, e moços? Elles dous jasmins, e nós dous lagartos? E finalmente elles com amor, e nós, ou pelo menos eu, sem nenhum?

*Cornuc.* Pois tu me não tens amor?

*Merc.* De tanto amor, que te tenho, me faz, que te não tenha nenhum; pois todo o extremo degenéra em vicio.

*Cornuc.* Eu não sei, que seja vicio o querer bem com extremo.

*Merc.* Olha: o querer pouco he asneira; o querer muito he parvoice; e como no amor não ha meio, ignoro o meio de te ter amor.

*Cornuc.* Ora o certo he, que peior he fazer festa a vilões ruins: por estas, que se tu souberas a mulher, que tens, que outra cousa fora: talvez, que se eu fôra alguma destas bonecrinhas enfeitadas, que me quizeras mais;

po-

porém a culpa tenho eu, em não aceitar o que me davão nas tuas coſtas.

*Merc.* Irra! Quem he o que ſe atrevia a dar nas minhas coſtas?

*Cornuc.* Não digo iſſo; o que digo he, que tive a culpa de não aceitar, o que me davão por de traz de ti.

*Merc.* Pois ainda eſtás em tempo de aceitar o que eu dou por de traz.

*Cornuc.* Não me entendes? Digo, que não faltou, quem na tua auſencia me acenaſſe, não ſó com lenços, mas tambem com moedas.

*Merc.* Tanto mal fizeſte em não aceitares as moedas ao minimo aceno, que com ellas te fizerão.

*Cornuc.* Não que iſſo não eſtava bem á tua peſſoa, e muito menos á tua honra.

*Merc.* Pois o receber moedas he alguma deshonra?

*Cornuc.* Ai, appello eu! Deos me livre! Voſſe eſtá doudo?

*Merc.* Coitadinha, não te faças tão ariſca; ora dize-me: tu queres perſuadir-me, que achaſte quem te namoraſſe com eſſa cara?

*Cornuc.* Só tu poderas dizer iſſo da minha cara, na minha cara; pois olha, outros a beberião mais aguada.

*Merc.* Mais aguada ſim; porém mais untada, não.

*Cornuc.* Graças a Deos, he couſa, que nunca puz na minha cara: olhe, veja bem, cá não ha diſſo.

*Merc.*

*Merc.* Pois melhor fora, que te untasses.
*Cornuc.* Pois porque?
*Merc.* Porque ao menos com o solimão matarias essa cara, que tão matadora he.
*Cornuc.* Mais matador és tu, que estás a froxo no jogo do desdem.
*Merc.* Valha-te o diabo, que nunca perdeste a manha de presumida! Não vês ao espelho essa cara de desmamar meninos?
*Cornuc.* Quando tu me namoraste para casar, não viste que eu era fea?
*Merc.* Cegou-me o diabo, porém não o amor.
*Cornuc.* Ora vai-te, que já não posso aturar os teus desaforos; e agradece ser isto fóra de horas, quando não, eu te arrancára essa lingua; porém nós nos encontraremos. *Vai-se.*
*Merc.* Muito me deve Jupiter, pois por sua causa aturo os despropositos desta velha. *Vai-se.*

## SCENA III.

*Praça com portico. Sahe Saramago, e canta a seguinte*

ARIA.

Venho da guerra, e vou para casa,
Venho da guerra, e vou para a guerra.
Se ha guerra na guerra,
Ha guerra na casa,
A casa da guerra
He a guerra da casa;
Venho da guerra, e vou para a guerra,
Venho da guerra, e vou para casa.

Re-

*Repref.* E quando nada eſtamos defronte da noſſa caſa, que mal cuidei, que a tornaſſe a ver! Ah Senhores, grande couſa he o buraco da noſſa caſa, mais que ſeja esburacada, que mais val a caſa com buracos, do que o corpo com os das ballas; e pois ellas já paſſárão, ſem eu ficar paſſado, vamos ao caſo: Parece-me, que já eſtou vendo chegar eu á porta, e petiſcar no ferrolho, chegar á janella a minha Cornucopia, e apenas me vê, lançar-ſe logo da janella abaixo, e levalla o diabo de meio a meio; e alli ſe abraça comigo, e eu com ella, e aſſim todos juntos acharmos a Senhora Alcmena, e logo perguntar-me: que novas me dás do meu Amfitrião? E eu apreſſado lhe reſpondo: elle fica com ſaude com huma perna quebrada; e para livrar-te de ſuſtos, aqui me envia, que por eſta via te diga, que elle rebenta aqui até pela manhá, e que no entanto te vás divertindo com eſta joia, que foi delRei Teréla, a qual te manda por mim, que ſou muito fiel; e não ha duvida, que Alcmena, vendo a joia, e ouvindo a noticia, me mete á força na algibeira vinte dobrões; e ſe iſto ha de ſer aſſim, não te dilates, Saramago, ſe agora és Saramago verde na eſperança do premio, logo ſerás Saramago maduro na poſſe do fruto: Ora vamos andando para caſa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rir-ſe com as coſſegas do Sol.

*Ao*

*Ao ir se, sahe da porta hum cão, que ladrará todas as vezes, que se vir este final* * Ladra.

* Mão, mão, que he isto? Ronda? Que escapasse eu da barafunda da batalha, e que só de malsins não possa livrar-me! * Pergunta quem sou? Sou Saramago, que vou para casa de minha ama, a Senhora Alcmena: * Que armas trago? Eu não tenho armas, que sou mecanico: * Donde venho? E a elle que lhe importa? *** Tenha mão, a que delRei! Esperem vosses, que eu cuidei que era gente, e he hum cão! Ora vejão o que faz o medo! He cão, não ha duvida! Ai que he a cadella de minha mulher, que dormio fóra esta noite rondando algum osso! Olhem a festa, que me faz! Pois eu tambem hei de corresponder-lhe, que agora huma cadella não ha de ser mais cortez do que eu.

*Canta Saramago, ladrando sempre o cão, a seguinte*

ARIA.

Coitadinha da cadella,
Que faz ella?
Como pulla! Como falta!
Não te esfalfes, anda cá,
Passa aqui, cadella tó.
Mas ai, ai, que me mordeu!
Passa fóra,
Toma perro, grunhe agora, *Grunhe o cão.*
Porque saibas quem eu sou.

Ao

*Ao ir entrar Saramago, sabe Mercurio na fórma de Saramago.*

*Merc.* Este he o criado de Amfitrião; quero estorvar-lhe, que não entre: quem vem lá?

*Saram.* Quem lá vai? Mas que lhe importa a elle, que eu entre pela minha porta?

*Merc.* Porque esta porta he minha, e por ella não ha de entrar ninguem, se não disser quem he; e assim, ou diga quem he, ou va-se embora; e quando não hirá aos impurrões.

*Saram.* Está galante impurração, perguntar-me o Senhor o que quero eu na minha casa!

*Merc.* Qual casa?

*Saram.* Esta de alto abaixo, que he minha, pela merce, que me faz meu amo, o Senhor Amfitrião.

*Merc.* Qual Amfitrião? Este que agora veio da guerra?

*Saram.* Pois eu não sei, que haja outro no Mundo.

*Merc.* Pois elle he teu amo?

*Saram.* Esse mesmo em carne viva.

*Merc.* Homem, entendo que estás sonhando.

*Saram.* Não ha duvida que eu sempre sonho em fazer a vontade a meu amo o Senhor Amfitrião.

*Merc.* Hòmem insensato, sabes o que dizes? Não vês, que esse Amfitrião he meu amo?

*Saram.* Ora sou criado de vossa merce: como póde ser teu amo, se elle não tem outro criado, senão eu; e senão dize-me: como te chamas tu?

*Merc.*

*Merc.* Chamo-me Saramago.

*Saram.* Saramago? Peior he essa! E eu então que sou, visto isso?

*Merc.* Quem tu quizeres ser.

*Saram.* Pois eu quero ser Saramago, ainda que não queira.

*Merc.* Pois, magano, levarás dous murros, pelo atrevimento de tomares o meu nome.

*Saram.* Tenha mão, Senhor, veja que o *do*, *das*, se não dá pelos *nominativos*.

*Merc.* Pois dize-me na verdade quem és, se não vou desandando outro murro.

*Saram.* Que quer vossa merce, que eu diga? Se digo, que sou Saramago, diz que minto; se digo, que o não sou, tambem minto, e assim não quero, que me diga: *inter ambobus errasti*.

*Merc.* Visto isso, ainda tens para ti, que és Saramago?

*Saram.* Eu bem o não quizera ser, só por dar gosto a vossa merce.

*Merc.* Ora dize, não tenhas medo.

*Saram.* Direi, se fizer tregoas na guerra do murro secco.

*Merc.* Eu te prometto, dize, quem és?

*Saram.* Conhece vossa merce Amfitrião?

*Merc.* Pois não hei de conhecer a meu amo?

*Saram.* Conheceo vossa merce em casa de Amfitrião hum criado esgalgado, cara de piolho ladro, corpo de parafuso, pernas de disciplina, com hum pé de cantiga, e outro pé de vento?

*Merc.*

*Merc.* Não eſtou lembrado.

*Saram.* Era hum criado, muito mal criado, chamado Saramago.

*Merc.* O' patife, inſolente, aſſim me trata com tão vís vocabulos?

*Saram.* Não, Senhor, que eſſe era eu.

*Merc.* Aqui não ha eu, ſenão eu, já tenho alcançado quem és: ó lá, prendão eſte ladrão, que vem disfarçado roubar a caſa de Amfitrião.

*Saram.* De vagar, que cuidaráõ que he verdade: o ladrão he voſſa merce, que me furtou o meu nome.

*Merc.* Ainda replicas? Levarás nos narizes.

*Saram.* Ora, Senhor, tenho entendido, que não ſou nada neſta vida.

*Merc.* E eu que tenho com iſſo?

*Saram.* Pois, Senhor, já que me não baſtou ſer hum Saramago naſcido das ervas, para deixar de ſer envejado o meu nome, peçote, que ao menos me deixes ſer a tua ſombra, que com iſſo me contento.

*Merc.* Não quero, que a mim nada me aſſombra.

*Saram.* Pois, Senhor, tão mal aſſombrado ſou eu, que nem tua ſombra mereço ſer?

*Merc.* Quem he tão ladrão, que furta o meu nome, tambem furtará a minha ſombra.

*Saram.* Iſſo he bom para o diabo das covas de Salamanca.

*Merc.* Não gracejemos; diga, em que ficamos!

*Sa-*

*Saram.* Em que ficamos? Eu fico com os muros, e voſſa merce com o meu nome.

*Merc.* Pois vá-ſe embora, antes que faça chover ſobre elle hum diluvio de pancadas.

*Saram.* Pois a Deos, Senhor Saramago.

*Merc.* A Deos, Senhor couſa nenhuma.

## SCENA IV.

*Boſque com reſpaldo de Palacio. Sahem Amfitrião, e Polidaz.*

*Amf.* NA verdade, Polidaz, que não ha peior mal, que o da auſencia, pois ao meſmo tempo, que accreſcenta a ſaudade, tambem accreſcenta o tempo; porque havendo ſó tres mezes, que me auſentei de Thebas; de cujas muralhas eſtamos á viſta, parece-me, que ha tres ſeculos, que della me auſentei.

*Polid.* Amfitrião, não he porque o relogio do tempo ſe atraze; talvez ſerá porque o moſtrador de Cupido ſe adiante; e não he muito, que vivendo auſente da Senhora Alcmena, tua eſpoſa, os minutos te pareção eternidades; e agora que vitorioſo da auſencia, e dos inimigos, te vanglorîas, entrarás em Thebas duas vezes triunfante.

*Amf.* Ai, Alcmena, quem já ſe víra em teus braços!

*Sahe Tireſias.*

*Tireſ.* Invicto Amfitrião, ſempre triunfante ven-

cedor dos inimigos da Patria, em nome desta Republica de Thebas venho esperar-vos ao caminho para adiantar os parabens, a quem tão heroicamente tem adiantado o progresso da guerra; e assim para premio das vossas acções, e desempenho do nosso agradecimento, vos temos preparado hum notavel triunfo, donde coroado do vencedor louro, se accumulem os vivas ao vosso nome.

*Amf.* Generoso Tiresias, agradecendo a Thebas a honra, que me faz, e a vós a cortez benevolencia; a ella hirei prostrar-me, como obediente filho da Patria; e a vós já vos ofereço os braços, como symbolo do amor, e da benevolencia.

*Tires.* Polidaz amigo, quanto me alegro de ver-te!

*Polid.* Tudo merece a nossa amisade.

*Tires.* Permitte-me, Amfitrião, que vá noticiar á Senhora Alemena a tua vinda.

*Amf.* Não he necessario tanto excesso; pois já a esse fim mandei o meu criado Saramago.

*Tires.* Pois esperai aqui pelo triunfo, em quanto com os mais Senadores vos vamos esperar ao Senado. *Vai-se.*

*Amf.* Não posso desprezar tantas mercês.

*Sahe Saramago.*

*Saram.* Estou bem aviado! Não sou cousa nenhuma nesta vida! Tenho de tornar a nascer para ser alguma cousa.

*Amf.* Já mais has de perder o costume de tardar, e murmurar! Aonde estiveste até agora?

*Sa-*

*Saram.* Quem? Eu?

*Amf.* Pois com quem fallo eu, ſenão comtigo?

*Saram.* Pois ſupponha, que não falla comigo, porque eu não ſou eu.

*Amf.* Começa tu agora com diſparates ao meſmo tempo que quero me dês noticia de Alcmena.

*Saram.* Como poderei eu dar noticia da Senhora Alcmena, ſe eu não ſei noticias de mim proprio?

*Polid.* O moço he galante peſſa.

*Amf.* Saramago, que diabo tens, que eſtás fóra de ti?

*Saram.* Sim, Senhor, eſtou fóra de mim, porque outrem eſtá dentro em mim.

*Amf.* Explica-te, Saramago.

*Saram.* Já não ſou Saramago; não me quer entender?

*Amf.* Pois que és?

*Saram.* Sou couſa nenhuma: Vê? Vê-me voſſa merce aqui? Pois ſupponha que me não vê.

*Amf.* Explica-te por huma vez, ſenão te matarei.

*Polid.* Homem, falla, não deſeſperes a teu amo.

*Saram.* Por obedecer, ainda que ſou nada, fallarei hum nónada. Eis-que partido eu para a noſſa caſa, com o recado de voſſa merce para a Senhora Alcmena, a primeira couſa, que encontrei, foi a noſſa cadella, que com o rabo começou a explicar a ſua alegria;

 don-

donde inferi, que ha creaturas, que tem a lingua no rabo.

*Amf.* Vamos adiante.

*Saram.* Atrás ha de ſer, que ficamos no rabo; e o como eſte ſeja ruim de eſfollar, agora o verá: foi-me a cadella guiando, porque eu hia cégo com o eſcuro da noite; achei a noſſa porta aberta, e ao querer entrar por ella, mo impedio hum vulto mui avultado.

*Amf.* E viſte quem era?

*Saram.* Sim, Senhor.

*Amf.* Conheceſte-o?

*Saram.* Sim, Senhor, conheci muito bem.

*Amf.* Pois quem era?

*Saram.* Era eu meſmo.

*Amf.* Pois tu eſtavas fóra, e dentro ao meſmo tempo?

*Saram.* Ahi he que eſtá o enigma.

*Polid.* Enigma parece na verdade!

*Amf.* Pois que te ſuccedeo com eſſe vulto?

*Saram.* Que me não quiz deixar entrar; houve luta de parte a parte, e por fim de contas alombou-me os oſſos muito bem com hum rebém.

*Amf.* Quem ſeria o atrevido, que te fez tal couſa?

*Saram.* A tal couſa fiz eu, que de medo me eſtava eſcorrendo.

*Amf.* Dize a verdade, ſe conheceſte quem foi?

*Saram.* Oxalá que o não conhecêra.

*Amf.* Pois quem foi, o que te deo?

*Saram.* Fui eu meſmo.

*Amf.*

*Amf.* Ha tal loucura! Pois tu déſte em ti meſmo?

*Saram.* Sim, Senhor; e não de qualquer ſórte, ſenão a cahir, a derrubar.

*Amf.* Pois não entraſte a fallar a Alcmena?

*Saram.* Como havía entrar, ſe mo impedirão?

*Amf.* Quem te podia impedir, velhaco, embuſteiro?

*Saram.* He neceſſario que lho diga muitas vezes? Não lhe diſſe já, que fora eu, aquelle eu; aquelle eu, que já lá eſtava primeiro do que eu; aquelle eu, que me diſſe, que eu não era eu; aquelle eu em fim, que deu muito murro neſte eu: *Heu mihi!*

*Amf.* Polidaz, eſte criado eſtá louco.

*Polid.* Eu aſſim o entendo.

*Saram.* Porém, Senhor, ſó huma differença achei neſte eu, e eu; e he, que o eu, que lá eſtava, era mais valente do que eu, que aqui eſtou.

*Amf.* Reſta-me que tambem perdeſſes a joia, que mandei déſſes a Alcmena.

*Saram.* Não, Senhor, ainda cá vem a joia; e ſe ella ſe tornaſſe em duas, como eu, que máo fora?

*Amf.* Iſto he alguma couſa! Não ſei o que diga, e nem o que me adevinha o coração! Vamos, Saramago, a caſa, que quero averiguar, que he iſto, que dizes; Polidaz, eſperai aqui, que já venho.

*Polid.* Não tardeis, que póde vir o triunfo, que foi preparar Tireſias.

*Sa-*

*Saram.* Oh queira Jupiter, que tu tambem lá aches outro Amfitrião, assim como eu outro Saramago, para que te não rias de mim! *Vai-se.*

*Polid.* Debaixo daquelle tronco hirei esperar a Amfitrião. *Vai-se.*

*Desce Juno em huma nuvem, e nella virá pintado não só o arco Iris, mas em figura a Ninfa Iris. Canta-se o seguinte*

CORO.

O Iris da paz
He o Iris da guerra;
Pois hoje se encerra
No arco do Ceo
O arco do amor.
Mas contra o teu arco,
Amor, se prepara
Meu impio furor.

*Repres. Juno.* De que me val ser eu a Deosa Juno, e esposa de Jupiter, se este mesmo esposo, se este mesmo Jupiter com seus desordenados intentos procura eclypsar as luzes de minha soberania, tomando a fórma de Amfitrião, para lograr os favores de Alcmena? E assim para vingar-me de ambos, disfarçada nesta humana fórma, estorvarei a minha injuria, e o meu ciume. Oh que sacrilego he o tormento dos zelos; pois nem as mesmas deidades se isentão de seu furor!

*Iris.* Soberana Juno, parece improprio da tua divindade esse sentimento; e pois, ainda que disfarçada, sempre sou a Ninfa Iris, symbolo da Concordia, agora, mais que nunca, verás os effeitos de minha virtude, serenando com os meus influxos o diluvio de tuas penas.

*Juno.* Por seres a Ninfa Iris, por isso quiz, que

que me acompanhasses, que para a guerra do amor era necessario trazer comigo a paz; e assim como fiel subdita saberás ajudar-me neste empenho do meu ciume; e pois o amor he tão cégo, como odio, tu que vives isenta destas paixões, poderás, sendo Argos da minha affronta, observar as falsidades de hum esposo, que me offende.

*Iris.* Já com a esperança pódes respirar menos sentida; não te desanimes, que supposto tenhamos contra nós todo o poder de Jupiter, amor nos dará industria para vencello; que o amor sempre triunfou de todos os Deoses.

*Juno.* Verá Jupiter os damnos, que preparo, desvanecido o seu poder, e victoriosa a máquina de minha vingança.

*Canta Juno a seguinte.*

ARIA.

A hum esposo fementido
Se castiga o seu intento,
E verá no meu tormento
Seu tormento; pois prometto
Em seu damno me vingar.
Saiba pois o como offende
Minha propria divindade,
Que dos zelos a impiedade
Até os Ceos ha de chegar. *Vai-se.*

SCE-

## SCENA V.

*Sala. Sahem Jupiter, Alcmena, Mercurio, e Cornucopia; Jupiter na fórma de Amfitrião, e Mercurio na de Saramago.*

*Alcmen.* AMfitrião, se tão depressa havias tornar, para que viéste? Melhor me fora não experimentar a breve alegria de te ver, se logo havia sentir o mal de perder-te.

*Jupit.* Já te disse, querida Alcmena, que me he preciso achar-me esta manhã no Arrayal, para publicamento entrar triunfante nesta Cidade; com que não he justo, que por hum breve retiro mostres hum tal sentimento. Ai, Alcmena, se tu me differas essas finezas, não como a Amfitrião, senão como a Jupiter! *á parte.*

*Alcmen.* Vivo tão resentida do mal da ausencia, que qualquer retiro, que faças, me sobresalta o coração.

*Merc.* Senhor, veja que já he tarde, e que nos pódem achar menos lá no campo.

*Cornuc.* Calte atiçador da candêa da esquivança; tão tarde he isto?

*Merc.* Não vês, que já os gallos cantárão?

*Cornuc.* Tambem se tu foras mais amante, outro gallo me cantára.

*Jupit.* Deixa-me ir, Alcmena, que são horas.

*Alcmen.* Se esperas, que eu te deixe ir, nunca irás. Vai-te, mas não te despeças; pois ca-

cada instante, que te não acho, cuido, que te perco.

*Jupit.* Não sei com que poderei pagar-te tanta fineza, e amor!

*Alcmen.* Este amor nasce da minha obrigação.

*Jupit.* Pois quizera, que esta fineza nascêra mais do teu amor, que da tua obrigação.

*Alcmen.* A obrigação de amar ao esposo supéra a toda a obrigação.

*Jupit.* Pois mais te devêra, que me quizeras mais como a amante, que como a esposo.

*Alcmen.* Não sei fazer essa differença, pois não posso amar-te como a esposo, sem que te ame como a amante.

*Cornuc.* Ai, Senhora, que diz muito bem o Senhor Amfitrião, pois entre esposo, e amante ha muita differença.

*Alcmen.* Tomára sabella, que ainda a não encontrei.

*Cornuc.* Pergunte-o, Senhora, a meu marido Saramago, que tanto se despedio de amante para comigo, que apenas o encontro hum marido espurio: marido sem ser amante he o mesmo que corpo sem alma; que importa, que o matrimonio ligue o corpo, se o amor não une as almas? Aquelles carinhos, aquelles affagos, aquelles melindres, aquelle vir o Senhor Amfitrião fóra de horas, só para apagar a chamma da saudade no mar de seu pranto, que he senão amor? Pelo contrario, estes despegos, estas sequidões, estes focinhos,

que

que me faz este meu bom marido, que he senão ser marido sem amor?

*Jupit.* Cornucopia fallou como fábia.

*Cornuc.* São os olhos de vossa merce.

*Merc.* A velha todavia não he tolla: vamo-nos, Senhor, que já totalmente amanheceo.

*Alcmen.* Ai, Amfitrião, que agora mais que nunca se póde dar á madrugada o epiteto de saudosa. *Chora.*

*Jupit.* Não chores, meu bem; não queiras, que hoje amanheça o dia com duas auroras.

*Cantão Jupiter, e Alcmena a seguinte*

ARIA A DUO.

*Jupit.* Alcmena, enxuga o pranto,
Reprime o teu suspiro.
*Alcmen.* Oh quanto, amor, oh quanto
Me affligе o teu retiro!
*Jupit.* Não chores, não suspires.
*Alcmen.* Não, meu bem, não te retires.
*Amb.* Senão verás que acabo
A impulsos do penar.
*Jupit.* Cesse o liquido lamento,
Cesse tanto suspirar.
*Alcmen.* Vendo a causa do tormento
Mal me posso consolar.
*Amb.* Oh que afflicto suspirar! *Vai-se Jupit.*

*Merc.* Cornucopia, *vale*, *vel valete.*

*Cornuc.* Que me dizes com isso?

*Merc.* Que assim se vai, quem se despede em Latim. *Vai-se.*

*Cornuc.* Vai-te c'os diabos, nunca tu cá tornes.

*Sa-*

*Sahem Juno, e Iris.*

*Juno.* Aquella sem duvida he Alcmena; entre pois a minha industria a vingar os meus zelos.

*Iris.* E he boa occasião para o teu intento.

*Cornuc.* Senhora, que mulheres são aquellas, que entrárão, sem pedir licença? *Entra Juno.*

*Juno.* Não estranhes, Senhora, que sem licença, eu, e esta criada minha, entremos aqui, quando a justiça da minha causa rompe a immunidade do maior sagrado. *Chora, e ajoelha.*

*Alcmen.* Levantai-vos, Senhora; mereça eu saber a causa do vosso sentimento, para ver se encontrais em mim o remedio de vossas penas.

*Juno.* Para que melhor conheças o que padeço, quero informar-te de quem sou: Junto ás eminencias do monte Olympo; em hum lugar aprasivel, aonde em perpétuos verdores habita a Primavera, nasci; que provéra a Jupiter não nascêra, para que não fosse objecto da inconstancia da fortuna. *Chora.*

*Cornuc.* Até aqui, Senhora, parece que tem razão; mas eu não sei o que ella diz.

*Iris.* Até aqui vai bem. *á parte.*

*Juno.* Meus pais, que erão os mais illustres daquelle povo, vendo que eu era o unico ramo, que florecia na sua descendencia, tratárão de dar-me estado decente á minha pessoa; para o que hum dia me fallárão desta fórte: Felisarda, (que este he o nome desta infeliz....)

*Cor-*

*Cornuc.* Felisarda se chama? Ai, Senhora, que galante nome, para se pôr a huma cachorrinha!

*Alcmen.* Prosegui, Felisarda, que com attenção vos escuto.

*Juno.* Disserão-me, pois, que escolhesse eu esposo igual ás minhas prendas; porque sendo a escolha minha, a nenhum tempo me poderia queixar. Havia no mesmo monte Olympo hum mancebo galhardo, poderoso, e muito juvenil.

*Diz Amfitrião dentro o seguinte, e bate.*

*Amf.* Abrão lá.

*Alcmen.* Parece que batêrão; vai ver, Cornucopia, quem he.

*Vai Cornucopia dentro, e torna a sahir com Amfitrião, e Saramago.*

*Cornuc.* Ai, que he o Senhor Amfitrião, que já veio!

*Amf.* Alcmena, minha bella esposa, dá-me os teus braços, em quanto mudamente o coração com suspiros explica o alvoroço de sua alegriar

*Alcmen.* Que he isso, Amfitrião? Tão depressa viestе?

*Amf.* Estranho muito o modo, com que me recebes; parece-te, que vim depressa, depois de tão larga ausencia? Oh que evidente indicio do pouco que me amas!

*Alcmen.* Não te entendo: tu pódes formar queixas contra o meu amor? Não viste esta madrugada em derretidos chrystaes naufragarem os meus

meus olhos ? Tu mesmo, admirado do meu extremo, não julgaste por excessiva a minha fineza ? Pois como agora me criminas de pouco amante ?

*Amf.* Que he o que dizes, Alcmena ?

*Saram.* Mão ! Já isto me vai cheirando a raposinhos.

*Alcmen.* Digo, Amfitrião, que quando esta noite tive a fortuna de ver-te, que foi incomparavel o alvoroço de meu coração, como tu bem viste.

*Amf.* Como póde isso ser, se eu ainda agora chego da campanha, e logo torno para ella, para triunfar ?

*Alcmen.* Isso mesmo me disseste ; e por isso ao romper da manhã te ausentaste, dizendo, que por mitigar a tua saudade, viestе escondido a ver-me.

*Amf.* Parece, que Alcmena perdeo o juizo.

*Saram.* Ainda bem, quanto folgo !

*Cornuc.* Isto me parece cousa de encanto !

*Juno.* Sem duvida este he Jupiter, que vem disfarçado em Amfitrião : pois não logrará o seu intento. *á parte.*

*Iris.* Se tão bem se sabe disfarçar, difficultosa he a nossa empreza. *á parte.*

*Amf.* Alcmena, entendo, que estás galanteando.

*Alcmen.* Estas não são materias para galantear.

*Amf.* Ora pois, fallemos serio, Alcmena.

*Alcmen.* Amfitrião basta de brinco.

*Amf.* Com que queres capacitar-me, que estive comtigo esta madrugada ?

*Al-*

*Alcmen.* Com que queres negar-me, que estiveste comigo esta noite, antes de amanhecer?

*Amf.* Que dizes a isto, Saramago?

*Saram.* Não te disse eu que havia cá outro Saramago? Pois por força havia de haver outro Amfitrião.

*Alcmen.* Que dizes a isto, Cornucopia?

*Cornuc.* Senhora, isso não he cousa que se diga.

*Amf.* Alcmena, vê bem o que dizes.

*Alcmen.* Digo, que todos de casa pódem ser testemunhas da minha verdade. Dize, Cornucopia, tu não viste á Amfitrião cá esta noite?

*Cornuc.* Ai, Senhora, vossa merce crê, que o Senhor Amfitrião falla de véras? Não vê, que está galanteando? Sempre vossa merce foi amigo dessas gracinhas? Ora não seja maligno.

*Amf.* O' Cornucopia, eu não zombo.

*Alcmen.* Se não crês a Cornucopia, pergunta-o a Saramago, que comtigo tambem veio.

*Saram.* Eu, Senhora? Appello eu! Arre, que testemunho!

*Cornuc.* Tu não estiveste aqui? Não ceaste comigo esta noite?

*Saram.* Eu sou tão pouco cioso, que nunca ciei em minha vida.

*Juno.* Não sei o que diga a isto! Quasi estou para crer, que o Amfitrião, que primeiro veio, seria Jupiter: Oh que notavel enleio! *á parte.*

*Amf.*

*Amf.* Quero apurar os meus zelos. *á parte.* Ora já que affirmas, que eu cá eſtive, dize-me, o que fiz?

*Alcmen.* Tão depreſſa te eſqueceſte?

*Amf.* Tudo podia ſer, elevado no goſto de ver-te.

*Alcmen.* Pois eu o digo, ainda que o ſaibas: chegaſte hontem ás dez horas da noite, e depois que em reciprocos carinhos nos abraçamos....

*Amf.* Eſpera: pois tu me abraçaſte! Oh que tormento! *á parte.*

*Alcmen.* Pois não te havia de abraçar, depois de tão larga auſencia?

*Amf.* Eu te perdoára neſſa occaſião os braços; e que fiz depois?

*Alcmen.* Contaſte-me, o como venceſte a El-Rei Teréla, ficando desbaratado, e morto; e por final me trouxeſte eſta joia, que era do elmo do meſmo Rei.

*Amf.* Que dizes? A joia tu a tens?

*Alcmen.* Vê-la aqui no meu peito, que a eſtimo, como couſa tua.

*Amf.* Não ha duvida, que he a propria, que eu mandei por Saramago: O' Saramago, onde eſtá a joia, que eu te mandei déſſes a Alcmena?

*Saram.* Cá a tenho na algibeira metida na caixinha, da meſma ſórte que voſſa merce ma entregou.

*Amf.* Moſtra-a cá, que eſta, que tem Alcmena, toda ſe parece com ella.

*Sa-*

*Saram.* Valha-te o diabo joia ! Aonde eſtás, que não appareces ? Hui ; agora eſta he galante ! *Faz que a buſca.*

*Amf.* Que he iſſo ? Não a achas ?

*Saram.* Eſpere , Senhor ; aſſim ſe acha huma joia ?

*Amf.* Aonde a meteſte , que tanto te cuſta dar com ella ?

*Saram.* Atei-a na fralda da camiza , e agora.....

*Amf.* E agora que ?

*Saram. Bolaverunt.*

*Amf.* Que dizes ?

*Saram.* Que não acho a joia ; tenho dito.

*Alcmen.* Como ha de achalla , ſe tu ma déſte , Amfitrião ?

*Saram.* Eſſa he a verdade : De fórte , que voſſa merce deo a joia á Senhora Alcmena , e então quer que eu lhe dê conta della ? He mui boa conſciencia eſſa !

*Amf.* O' velhaco , tu tambem me queres deſeſperar ? Tu não vieſte com a joia , para a dares a Alcmena ?

*Saram.* Sim , Senhor ; mas parece-me que ao depois voſſa merce ma pedio , para a dar á Senhora Alcmena , minha Senhora.

*Amf.* Cala-te , embuſteiro , que tudo iſſo são traças tuas ; tu mo pagarás.

*Juno.* Pelo que agora vejo , entendo que eſte he o verdedeiro Amfitrião. *á parte.*

*Iris.* Senhora , em boa eſtamos metidas ! *á parte.*

*Amf.* Dize , Alcmena , que mais paſſei comtigo depois da joia ? Dize.

*Alc-*

*Alcmen.* Depois fomos cear, e dahi a descansar.

*Amf.* E com effeito fomos a descansar? Isso he delirio, Alcmena?

*Alcmen.* Tu perdeste a memoria, Amfitrião? Tão depressa te esqueceste, do que ha tão pouco tempo passámos?

*Amf.* Ai de mim, infeliz! Que he o que ouço!

*Alcmen.* Que te suspende?

*Amf.* Suspende-me saber, o que não queria saber. *á parte.*

*Alcmen.* De que te entristeces? Fiz algum delicto em te venerar como a esposo?

*Amf.* Cala-te, traidora, inimiga, que não fui eu aquelle, que no venturoso thalamo descansou comtigo.

*Juno.* Sem duvida foi Jupiter: Ai de mim, que já vim tarde! *á parte.*

*Cornuc.* Eis-aqui como succedem as desgraças!

*Saram.* Eis-aqui como se mata huma mulher a sangue frio!

*Alcmen.* Meu amor, meu esposo, meu Amfitrião, não posso capacitar-me, senão que estás galanteando.

*Amf.* Minha inimiga, minha tyranna, minha desleal, não posso crer, senão que isso, que dizes, foi algum sonho, que tiveste.

*Alcmen.* Esta joia tambem a posluhi por sonhos?

*Amf.* Esse he o maior indicio da minha afronta.

*Alcmen.* Essa he a maior defeza da minha innocencia.

*Juno.* Eſſa he a maior evidencia do meu ciume. *á parte.*

*Iris.* Eſſa he a maior certeza da noſſa confuſão. *á parte.*

*Cornuc.* Eſſa he a maior teſtemunha de que eſteve cá.

*Saram.* E eſſe he o maior teſtemunho, que ſe levantou.

*Alcmen.* Vem, Amfitrião, a meus braços; não creias os delirios da fantaſia.

*Cantão Amfitrião, Alcmena, e Juno a ſeguinte*

ARIA A 3.

*Amf.* Deſengana-me, tyranna,
Quando não a minha pena,
Falſa Alcmena,
Te condemna
A morrer, e ſuſpirar.

*Alcmen.* Deſengana-te, tyranno,
Louco eſpoſo, fiel amante,
Que eu conſtante
Triunfante
Teu engano hei de moſtrar.

*Juno.* Quem cuidára, que acharia
Na vingança, que hoje trato,
O retrato
De hum ingrato,
Que me faz aſſim penar!

*Amf.* Teme, ingrata, a ira ardente.

*Alcmen.* Nada teme huma innocente.

*Juno.* Tudo teme huma infeliz.

*Amf. e Jun.* Que eu com zelos,

*Alcmen.* Que eu ſem culpa,

*Tod.*

*Tod.* O meu brio hei de oſtentar.
*Amf.* Mas ſe he certa a minha offenſa
Sem detença
Terei modo de a vingar.
*Alcmen.* De ameaço tão injuſto
Não me aſſuſto,
Pois o Ceo me ha de livrar.
*Juno.* Eu que tenho o deſengano
No meu damno,
Muito tenho que penar.
*Amf. e Jun.* Que dos zelos a violencia,
*Alcmen.* Que a innocencia
*Tod.* Ha de ſempre triunfar. *Vão-ſe.*

*Cornuc.* Saramago, que loucura he eſta do Senhor Amfitrião?

*Saram.* Quando vires as barbas de teu viſinho a arder, bota as tuas de remolho.

*Cornuc.* E a que propoſito dizes iſſo?

*Saram.* Antes que te reſponda, quero primeiro fazer-te a devida contumelia, depois de tão grande auſencia: moſtra cá, Cornucopia, eſſes retrocidos amplexos com eſſes fétidos oſculos.

*Cornuc.* Ainda tens atrevimento, patife, inſolente, de me fallares? Já te queres chegar para mim?

*Saram.* Quando deixei eu de querer-te, e adorar-te, querida Cornucopia?

*Cornuc.* Não te lembra, que me diſſeſte, que eu era feia, e horrenda?

*Saram.* Eu podia dizer tal, quando eſſa tua cara, ſendo o alcatruz do affecto, he o repu-

xo das almas, que esgotando a fineza do peito, banha o coração de finezas, para regar a chicoria da correspondencia?

*Cornuc.* Vossê não se lembra hontem á noite os desprezos, que me fez?

*Saram.* Ai, ai, ai, *chibarritum me fecit*! com que eu tambem estive cá hontem á noite?

*Cornuc.* O' lé, tu parece, que vens conluiado com teu amo, para nos fazeres desesperar?

*Saram.* Pois achas em tua consciencia, que eu estive cá hontem á noite comtigo?

*Cornuc.* Tu cuidas, que eu sou tão nescia como a Senhora Alcmena, que se lhe mettêrão em cabeça os delirios do Senhor Amfitrião?

*Saram.* Certo he, que ati nada se te mete em cabeça; a mim mais depressa, que sou o desgraçado marido.

*Cornuc.* Ora anda, vai cozer a vinhaça.

*Saram.* Ora dize-me! tambem tiveste cá o teu Saramago, como a Senhora Alcmena o seu Amfitrião?

*Cornuc.* Pois porque? Tão casada não sou eu, como ella?

*Saram.* Visto isso, largaste as vélas ao vento do amor?

*Cornuc.* Deixa desproposítos, e vamos dar ordem a almoçar.

*Saram.* Deixa-me, inimiga, traidora, falsa, fementida, insolente, que não fui eu o com quem te emsaramagaste.

*Cornuc.* Que dizes, Saramago?

*Saram.* Digo, embusteira, que se não fora por

se

se acabar isto em tragedia, que aqui te espicharia na ponta desta espada, pelas pontas que me puzeste.

*Cornuc.* Porque me havias matar? Porque estive com meu marido?

*Saram.* Qual marido?

*Cornuc.* Tu mesmo.

*Saram.* O' mulher, eu ainda que seja homem de muitas partes, não posso estar em duas ao mesmo tempo.

*Cornuc.* Pois quem foi o que esteve aqui? Salvo seria o diabo por ti.

*Saram.* Por ti, falsa, petulante; como queres, que sendo eu simples por natureza, me ache agora composto por artificio?

*Cornuc.* Dizes isso de todo o teu coração?

*Saram.* Por ora ainda não; pois primeiro te quero fazer alguns interrogatorios, como fez meu amo á Senhora Alcmena. Dize-me: que fizeste com esse eu, quando aqui chegou?

*Cornuc.* Abracei-o muito bem primeiro.

*Saram.* Vamos ao mais, que isso he bacatélla, bacatélla.

*Cornuc.* Depois lhe disse mil finezas.

*Saram.* *Ad aliud*, que isso nem vai, nem vem.

*Cornuc.* Depois lhe dei de cear muito bem, e de beber muito melhor.

*Saram.* Calla essa boca, atrevida, que já não quero saber mais; basta que esse atrevido insolente comeo, e bebeo o que estava guardado para mim?

*Cornuc.* Pois tu não havias comer, vindo cansado?

*Sa-*

*Saram.* A quê del Rei, que não fui eu, o que comi, que ainda eſtou em jejum : ai, que tenho o credito perdido!

*Cornuc.* Que diabo fallas aqui em credito perdido? Sabes com quem fallas? A mim, que tenho a honra na ponta do meu nariz?

*Saram.* O teu nariz ſempre foi mui honrado; porém não te aſſoes, que te póde cahir a honra.

*Cornuc.* O' cão, como me póde a mim cahir a honra, ſe eu ſou o exemplo das honradas?

*Saram.* He verdade, Cornucopia, que me não lembrava; façamos as pazes: anda cá.

*Cornuc.* Agora tambem eu não quero.

*Sahe Mercurio ao baſtidor.*

*Merc.* Huma vez, que me vejo com a figura de Saramago, quero reveſtir-me do ſeu genio, para o fazer mais tonto do que he; e fazendo, que deſconheça a ſua propria mulher, tambem com iſto o detenho, em quanto labora o noſſo engano. *Vai-ſe.*

*Saram.* Já que não queres, que façamos as pazes, façamos as guerras; e já a minha furia vai tocando a degollar.

*Cornuc.* Que he o que intentas?

*Volta com outra cara.*

*Saram.* Arrancar-te o coração falſo, que tens no peito; mas que vejo! Com quem fallo eu? Ou eſta não he Cornucopia, ou eſtou ſonhando!

*Cornuc.* Pois que he o que dizes.

*Saram.* Nada minha Senhora, nada, não he com

com voſſa mercê; cuidei que fallava com minha mulher.

*Cornuc.* Pois eu não ſou tua mulher, Saramago?

*Volta com a ſua cara.*

*Saram.* Hui, ainda mais eſſa! Tambem és bruxa, que te mudas em varias fórmas? A que del Rei, que aqui deve de andar o diabo.

*Cornuc.* Saramago, perdeſte o juizo?

*Saram.* Perdi o que não tenho, e tenho o que perdi; pois ainda que tenho o credito perdido *quoad te*, o não perdi *quoad me*, para enſaboar nas eſcumas da minha cólera as nodoas da tua liviandade.

*Cornuc.* Que he o que dizes, atrevido?

*Volta com outra cara.*

*Saram.* Couſa nenhuma, minha Senhora; fallava com os meus botões. Aſſopra! *á parte.*

*Cornuc.* Pois que liviandades são as minhas?

*Saram.* Não fallemos em liviandades, que iſſo agora he mais pezado. Não vi ainda mulher com duas caras tão mal encarada! *á parte.*

*Cornuc.* Supponho, que já te paſſou a cólera, e que eſtás arrependido.

*Saram.* Quem ſe não ha de arrepender, vendo, que me ſahe tão cara a minha deſconfiança?

*Cornuc.* Não crês a minha innocencia? *Volta.*

*Saram.* Não ſe póde crer a gente de duas caras: com que voſſê, Senhora Cornucopia, he huma por diante, outra por detraz?

*Cornuc.* Eu ſempre ſou a meſma. Ora vem cá, meu querido Saramago dos meus olhos, façamos as pazes.

*Sa-*

*Saram.* Sim eu faço; mas ha de ſer partindo-te primeiro eſſe infernal corpo com eſta eſpada. *Foge Cornucopia.* Mas ai de mim, que fechou a porta! porem pela outra hirei ver ſe a encontro, para vingar a minha furia. Mas que vejo! Outro encontro melhor tenho no Sol deſta menina, que todo me faz derreter.

*Sahe Iris.*

*Iris.* A confuſão, que Jupiter tem feito neſta caſa, nos faz vacilar na incerteza de qual he o que veio primeiro, ſe elle, ſe Amfitrião! Porém o tempo o deſcobrirá.

*Saram.* Não deixei de reparar, quando entrei, na carinha deſta mochacha; e pois Cornucopia anda banzeira no mar da ſua inconſtancia, tranſportarei o meu amor na barquinha deſta belleza, até que ſerene a tempeſtade dos meus zelos.

*Iris.* E eſte he o criado de caſa; quero agora meter-me de gorra com elle, a ver ſe me deſcobre qual he o verdadeiro Amfitrião, para então conhecer, qual he o falſo, ou Jupiter, que tudo he o meſmo.

*Saram.* Para hum Soldado, que vem da Campanha, huma rapariga deſtas he hum cavallo na guerra; eu me reſolvo a marchar com todo o exercito de bichancros namoratorios: Cé, ó minha Senhora?

*Iris.* Quero deſdenhallo, para que querendo-me mais, ſe facilite a dizer-me o que pertendo. *á parte.*

*Saram.* Voſſa mercê ouve?

*Iris.*

*Iris.* Eu não sou surda.

*Saram.* Nem eu mudo ; e por não mudar de intento , quero me diga , de que genero he o seu caracter , para ver se a sua pessoa se póde adjectivar com o substantivo de minha qualidade.

*Iris.* Sou huma criada de vossa mercê , e de Felisarda , que aqui nos achamos por hospedas nesta casa.

*Saram.* Com que vossa merce era teuda , e manteuda nesta sua casa , e de mais a mais he criada da mesma servil natureza deste seu servo ? Não sabe quanto me regalla isso.

*Iris.* Pois por que ?

*Saram. Propter unumquodque tale , & illud magis.*

*Iris.* Não te entendo.

*Saram.* Eu cá me entendo ; e poderemos saber , como se chama , em ordem a dizer-te depois : Suspende os rigores , cruel , fulana , tyranna , sicrana ?

*Iris.* Quem tanto pergunta , he bom para Inquieredor.

*Saram.* Isto he tirar huma devassa de quem me matou.

*Iris.* Pois quem te matou ?

*Saram.* Tanto que te vi , forão os teus olhos huma morte subita do meu coração ; mas antes que te diga o mais , dize-me o menos , que he o teu nome ?

*Iris.* Ai ! Chamo-me Corriola ; que mais quer ?

*Saram.* Nem tanto queria. Corriola ! Mão agouro venha pelo diabo.

*Iris.*

*Iris.* Que te ſuſpende ? Paſmou-te o meu nome ?

*Saram.* A fallar verdade , cahio-me o coração aos pés , em ſaber , que te chamavas Corriola; pois a penas no jogo do amor começava a ſer taful da fineza , quando logo perco o cabedal da eſperança neſſa Corriola.

*Iris.* Bom remedio , não fallar comigo , nem tomar o meu nome na boca.

*Saram.* A bom tempo , depois de me ver cheio de amor até os olhos.

*Iris.* Pois deſnamore-ſe voſſa merce.

*Saram.* Porque ? Iſſo eſtá nas mãos das creaturas ? E ſe queres , que te não ame , desfaze eſſa belleza , engilha eſſe roſto , frange eſſa teſta , arregalla eſſes olhos , entorta eſſa boca , e faze-te geba.

*Iris.* Não me poſſo mudar em o que Deos me não fez.

*Saram.* Ah ſim ? Pois eu tambem não poſſo deixar de querer eſſe roſto , que dá de roſto á neve ; eſſa teſta , que téſta me inveſte; eſſes olhos , que me derão olhado ; eſſa boca , que embóca delicias ; eſſe corpo , que em corpo paſſeia na rua formoſa.

*Iris.* Que ſe ſegue dahi ?

*Saram.* Que te amo , que te adoro , e que te quero.

*Iris.* Queres mais alguma couſa ?

*Saram.* Mais quizera.

*Iris.* O que ?

*Saram.* Que me correſpondeſſes tambem.

*Iris.* Iſſo agora hé deſaforo ? Não teme a Deos hum

hum homem casado, querer inquietar huma mulher solteira? Vá-se, antes que o desengane de outro modo.

*Saram.* Pois ainda ha no Mundo outro modo de desenganar mais claro, do que esse?

*Iris.* Pois ouça, senão o sabe.

*Canta Iris a seguinte*

ARIA.

Vai-te logo rebolindo,
Tu me dizes isso a mim!
Tu a mim, a mim, a mim,
Porco, sujo, bribantão?
Eu te juro, Saramago,
Que serás em teu estrago
O mais perfido asneirão. *Vai-se.*

*Saram.* Ora estou bem aviado! Fujo de hum Tigre, e vou marrar com huma Serpente! Cornucopia com duas caras, ambas são aborrecidas, e nenhuma cara; e esta tendo huma só, faz mil focinhos! Mas que remedio, senão ir pouco a pouco careando com carinhos aquella carinha?

## SCENA VI.

*Selva com respaldo de Palacio. Sahem Jupiter, e Mercurio.*

*Merc.* ORa, Jupiter, tudo te succedeo como querias.

*Jupit.* Mercurio, sendo a idéa tua, por força o successo havia de ser igual.

*Merc.*

*Merc.* E agora que determinas?

*Jupit.* Hir continuando no meſmo engano; que a formoſura de Alcmena não merece hum ſó ſacrificio, nem o meu amor ſe contenta com qualquer triunfo.

*Merc.* Não vês, que já chegou Amfitrião da guerra, e póde Alcmena ſentir a cauſa deſte enleio?

*Jupit.* Para ahi reſervo o meu poder.

*Merc.* E ſe Juno vier a ſabello, como has de eſcapar do rigor da ſua condição?

*Jupit.* Mais póde Jupiter, que Juno; e eu farei, com que ella padeça o meſmo engano; pois ella não póde, ſenão o que eu quero, que ella poſſa.

*Sahe Polidaz.*

*Polid.* Anda, Amfitrião, que já tardavas, e já te eſpera o triunfo no Arraial.

*Jupit.* Mercurio, não he ſó Alcmena, a que ſe engana comigo.

*Merc.* Pois agora não ha mais remedio, que aceitares o triunfo, que era para Amfitrião.

*Polid.* Anda, Senhor, não nos dilatemos.

*Jupit.* Vamos, Polidaz, a triunfar. Mas que maior triunfo, que vencer os deſdens de Alcmena! *á part. Vão ſe.*

*Sahe Amfitrião.*

*Amf.* Não he poſſivel encontrar a Polidaz, que aqui ficou de eſperar por mim: na verdade que tardei muito, e por eſſa cauſa ſe reſolveria o triunfo para outro dia; e não me peza, de que aſſim ſeja, pois quero primeiro triun-

triunfar dos meus zelos, para que completamente me possa chamar victorioso. Ai, Alcmena, que de sustos me tens causado! *Vai-se.*

## SCENA VII.

*Sala Senatoria. Sahe Jupiter em hum carro triunfal acompanhado de muitos Soldados com alabardas, bandeiras arraſtadas, e Polidaz a cavallo; e atrás do dito carro hirão alguns cativos maniatados; e no espaço em que vão andando, ao ſom, e repetição de tambores, e clarins, dirão repetidas vezes:* Viva Amfitrião; *e já apeado Jupiter do carro, entrará com Mercurio, e Polidaz, e a mais comitiva de Soldados na dita Sala Senatoria, e nella estarão sentados Tireſias com outro Senador.*

*Merc.* NÃo só triunfou Jupiter de Alcmena; mas até do mesmo triunfo de Amfitrião fica sendo triunfador. *á parte.*

*Tireſ.* Vem, esforçado Amfitrião, gloria de Thebas, e assombro do Mundo; vem, que serás novo simulacro do Templo de Marte, já que hoje lhe tributas tantos bellicos despojos, na celebre victoria, que de nossos inimigos alcançaste.

*Jupit.* Nada tendes que me agradecer, illustre Senado, pois o servir a Patria he mais obrigação, do que fineza. Perdoa, Amfitrião, usurpar-te o laurel; que o amor, e a oc-

occaſião são dous inimigos muito poderoſos. *á parte.*

*Hoverá dentro ruido, dizendo todos o ſeguinte.*

*Matron.* Pára, pára, deixa entrar.

*Tireſ.* O' lá, que ruido he eſſe?

*Polid.* São as Matronas de Thebas, que vem feſtejar ao triunfador Amfitrião com o ſeu coſtumado applauſo.

*Tireſ.* Dizei, que entrem; que não he razão as privemos da ſua antiga poſſe, e a nós do goſto de vermos o ſeu feſtivo rendimento.

*Sahem quatro Ninfas, huma dellas com huma coroa de flores, que porá na cabeça de Jupiter.*

*Matron.* Esforçado Amfitrião, eu em nome das Matronas de Thebas te offereço eſta grinalda, ſymboliſando nas ſuas flores os teus triunfos, e a noſſa alegria; pois a beneficio do teu valor vivemos ſeguros nas delicias de Thebas.

*Jupit.* As flores deſſa grinalda, ó illuſtres Matronas, na minha eſtimação todas ſerão perpétuas.

*Merc.* E para Amfitrião martyrios; pois Jupiter lhe uſurpa todas as honras. *á parte.*

*Dansão as Ninfas, e depois diz Tireſias.*

*Tireſ.* E para que felizmente ſe coroe Amfitrião, e ſe complete eſte triunfo, repeti comigo todos os vivas de Amfitrião; ſendo eu o primeiro, que principie ſeu bem merecido louvor.

*Canta Tireſias o ſeguinte*

RECITADO.

Repita, pois, o popular tumulto
Ao ſom das trompas bellicas de Marte

De

De Amfitrião valente o nobre applauſo,
Em quanto a Caballina inunda, e rega
Virentes lauros no bicornio monte,
Ou em quanto fecunda a terra cria
Nova gramma immortal para a coroa.

ARIA EM FÓRMA DE CORO.

*Tireſ.* A fama canora
Em jubilo alterno
Repita feſtiva,
Dizendo, que viva,
*Tod.* Viva, viva Amfitrião,
Novo Marte ſingular.
*Tireſ.* E a rama ſagrada
Na fronte animada
Adorne ſublime,
Felice coroe,
Pois que ſabe triunfar
Sempre altivo, e vencedor.
*Tod.* Viva, viva, Amfitrião,
Novo Marte ſingular.

*Fim da primeira parte.*

# PARTE II.

## SCENA I.

*Sala. Sahem Juno, e Iris.*

*Juno.* JÁ' que disfarçada me vejo introduzida em casa de Alcmena, comece o veneno de meus zelos a inficionar a causa do meu ciume: chore a innocencia de Alcmena o delicto de Jupiter; porque tão disfarçado vive na fórma de Amfitrião, que nem toda a minha Deidade sabe distinguir qual he o verdadeiro: ó Jupiter, para que me déste a gloria de ser tua espoza, se me não livras deste inferno de zelos?

*Iris.* Senhora, de vagar se vai ao longe.

*Juno.* Eu quizera, que fosse depressa, e não de vagar, que o meu ciume não soffre dilações.

*Iris.* Eu tenho dado em boa traça, para averiguar qual he o verdadeiro Amfitrião, ou verdadeiro Jupiter.

*Juno.* E qual he?

*Iris.* O criado de casa, tanto que me vio, entrou a pertender-me, e eu quero facilitar-lhe o seu amor, só por ver se me descobre algum vestigio, por onde possamos conhecer a Jupiter.

Ju-

*Juno.* Approvo a tua idéa ; vai continualla , e não te dilates hum inſtante.

*Iris.* Vou a obedecer-te.

*Sahe Tireſias.*

*Tireſ.* Venho buſcar a Amfitrião , para dar-lhe os parabens do ſeu triunfo. Mas que vejo ! Que novo aſſombro me ſuſpende os ſentidos !

*Juno.* Já que Tireſias na minha formoſura tanto ſe ſuſpende , elle ſerá o meio da minha vingança. *á parte.*

*Tireſ.* Ainda não ſei determinar-me , ſe he mulher , ou Deidade !

*Juno.* De que vos admirais ? Que remora vos ſuſpende os paſſos ?

*Tireſ.* Senhora , aſſim como não cabem na eſféra dos olhos as luzes de tanto Sol , aſſim da meſma ſorte ignorão os periodos mais rhetoricos ſignificar a cauſa da minha ſuſpensão.

*Juno.* Se tanto ſabeis ſentir o affecto deſſa ſuſpensão , porque não explicais a cauſa della ?

*Tireſ.* Que mais cauſa póde haver , que admirar em vós huma formoſura tal , que mais parece divina do que humana !

*Juno.* Baſta que tão formoſa vos tenho parecido ?

*Tireſ.* E tanto , que já o meu coração vai ſentindo a cauſa da voſſa belleza.

*Juno.* Bem vai para o meu intento. *á parte.* Dizei-me , que he o que ſente o voſſo coração ?

*Tireſ.* Sente o não ſentir mais , pois quizera com a vida pagar o delicto de vos adorar.

*Juno.* Pois o adorar he delicto ?

*Tireſ.* Dizem que amor he huma Deidade tão

inhumana, que até dos meſmos ſacrificios ſe offende.

*Juno.* Por não ter a nota de inhumana, não quero offender-me de voſſos ſacrificios.

*Tireſ.* Pois, Senhora, ſe elles vos não offendem, aceitaios.

*Juno.* He neceſſario primeiro averiguar ſe são verdadeiros.

*Tireſ.* Se a voſſa formoſura não he fabuloſa, como póde ſer o meu ſacrificio fingido?

*Juno.* Porque parece quaſi impoſſivel, que no meſmo inſtante, em que me viſtes, logo me quizeſſeis, e com tanto extremo, como publicais; e porque a nenhum tempo ſe diga que he ſofiſtico o voſſo rendimento, deveis moſtrar-me, como póde ſer inſtantaneo o voſſo amor.

*Tireſ.* Nenhuma duvida póde haver, que ao meſmo tempo, que vos viſſe, vos adoraſſe. Ver-vos, e amar-vos tudo foi ao meſmo tempo, ſem que houveſſe tempo entre o amar-vos, e o ver-vos. Para a formoſura triunfar, não he neceſſario tempo, ſobrão inſtantes. O tempo arruina os edificios, e a formoſura ſem tempo erige as aras para o ſeu culto, pois a todo o tempo ſabe vencer; por iſſo ſe pinta o amor com azas, pela ligeireza, com que fere os corações; por iſſo ſe pinta cego, porque cegou, depois que vio a formoſura. Como, para ſer amor, não neceſſita de viſta, vendou os olhos, para não ver mais; pois baſtava huma ſó inſpecção, para cegar de amor.

amor. Em fim, Senhora, se o amor crescêra com o tempo, não fora menino, fora gigante.

*Juno.* Basta, já sei que póde ser verdadeiro o vosso amor.

*Tires.* E pois o abonais de verdadeiro, fazei com que seja venturoso.

*Juno.* E que dereis vós para conseguir essa ventura?

*Tires.* Dera-vos o que já vos tenho dado.

*Juno.* Ignoro o que me déstes.

*Tires.* Dei-vos a alma; já não tenho mais que dar-vos.

*Juno.* Eu a aceito. Como não ignorais, que o amor he guerra dos corações; para nella triunfares, haveis primeiro capitular comigo algumas propoſições.

*Tires.* Dizei, Senhora, que já toda a minha vontade tenho transferida aos imperios do vosso preceito.

*Juno.* Pois attendei-me: Eu sou Flerida, infeliz Princeza de Teleba, que disfarçada vivo aqui com o nome de Felisarda. Já sabeis como Amfitrião matou a meu pai ElRei Terêla. (Verei se com este engano logro o meu intento. *á parte.*) Morto assim meu pai, para vingar-me deste barbaro homicida, vim á sua propria casa, para que assim mais facilmente pudesse executar a minha vingança, que procuro; e quando cuidei, que só Amfitrião era o que me offendia, acho que tambem Alcmena necessita de castigo, pois não

ha inſtante, em que não deſperte as frias cinzas do cadaver de meu pai com afrontas; de ſorte, que ſe Amfitrião lhe tyrannizou a vida, Alcmena tambem ſe arma homicida de ſua memoria: hum o offendeo de preſente, e Alcmena lhe infama a poſteridade; e vos confeſſo, que de tal ſorte me tenho enfurecido, que ſó para vingar-me deſtas injurias dera, ó Tireſias, o ſangue das veias.

*Tireſ.* Pois vede que quereis que faça neſte caſo?

*Juno.* Quero que buſqueis modo de caſtigar a Alcmena, pois ſei que ſois o ſupremo Miniſtro deſta Republica; advertindo, que á minha conta fica o vingar-me de Amfitrião. Já ſabeis, que ſou Princeza hereditaria de Teleba; já ſabeis, que admitto o voſſo amor. Eſpoſa, e Reino tereis, ſe vingais minhas injurias.

*Tireſ.* Não pela cubiça de reinar, mas pela fortuna de ſer voſſo eſpoſo, me exporei a todo o riſco; proteſtando caſtigar a cauſa da voſſa offenſa.

*Juno.* Pois, Tireſias, não te acobardes.

*Tireſ.* Não ſe acobarda hum amor valente: porém ignoro o motivo, porque haja de caſtigar a Alcmena, cujo louvavel procedimento vive iſento do rigor das leis.

*Juno.* O tempo nos dará occaſião para a vingança. Adverte, que tens poder, e que tens amor; e vê agora, quem poderá iſentar-ſe de hum poderoſo amor? *Vai-ſe.*

*Tireſ.* Oh Deoſes ſobcranos; e que de couſas em

em hum inſtante tenho paſſado! Vi, e amei; rendime a huma formoſura celeſtial, e prometti caſtigar a huma innocente! Mas quem ſe póde livrar do labyrintho de amor, pois o meſmo fio, que ſe inventou para o acerto, he o maior embaraço para a confuſão? Porém ſe Alcmena pelas virtudes merece premio, como poſſo eu prometter-lhe caſtigos? Mas ſe hei de conſeguir a delicia de Flerida, e a inveſtidura de Rei, em que reparo!

*Canta Tireſias a ſeguinte*

ARIA.

He tal a eſperança
N'hum peito amoroſo,
Que o bem duvidoſo
Alentos lhe dá.
Se em duvida o goſto.
Suſpende o gemido,
Hum bem poſſuido
Que gloria ſerá! *Vai-ſe.*

## SCENA II.

*Sala. Sahe Saramago.*

*Saram.* BAtido de zelos, e combatido de amor ſe conſidera eſte pobre Saramago na preſente conjunctura. Cornucopia com dous Saramagos, e Corriola ſem nenhum! Pois não ha de ſer aſſim. Porém ella cá vem; quero fingir-me mais amante, fazendo que a não vejo. Ai Corriola deſta alma, compadece-te de hum pobre Saramago, a quem a ardente canicula de teus repudios ſécca, e murcha a verde medúlla de ſua eſperança: ai, que me abraſo! Agua para tanto fogo!

*Sa-*

*Sahe Iris.*

*Iris.* Que he iſſo, Senhor Saramago? Agua vai com tanto fogo!

*Saram.* Ai! Deixa-me, Corriola, que tu es a cauſa deſte mal, que padeço.

*Sahe Cornucopia ao baſtidor.*

*Cornuc.* Ai! Que he aquillo, que vejo? Saramago, e a noſſa hoſpeda cochichando ſó, por ſó! Ouçamos, o que ſerá.

*Saram.* Corriola, iſto não he hum homem, que vio outro; ſou eu meſmo, que te amo até não mais.

*Iris.* Todos aſſim dizem, quando querem pertender.

*Saram.* Se todos aſſim dizem, que farei eu, que tenho em mim o amor de todos?

*Iris.* Olha, ainda que eu queira amar-te, por Cornucopia o não faço.

*Saram.* Que ſe me dá a mim de Cornucopia? Não mo merece ella tanto.

*Sahe Cornucopia.*

*Cornuc.* Agora iſſo he deſaforo! O' minha menina, *occulum ruorum.* Faça-me favor de não inquietar os homens caſados, que eſtão em ſuas caſas. Ora o certo he, que *a caſa trae el hombre, com que llore.*

*Iris.* Eu não mereço iſſo a voſſa merce, porque ſou muito ſua veneradora.

*Cornuc.* Vá, vá ſervir a ſua ama, e deixe-me o meu marido.

*Iris.* Temo, que eſta velha ſeja o eſtorvo da minha pertenção. *á parte. Vai-ſe.*

*Cor-*

*Cornuc.* E voſſê, Senhor Saramago, tambem como gente namora com eſſa cara?

*Saram.* E voſſê, Senhora Cornucopia, tambem como gente quer ſer zeloſa com duas caras?

*Cornuc.* Pois cuidava, que eu não havia de ver o que voſſé faz?

*Saram.* Que? Tu tens razão para ter zelos de mim, ſe eu não ſou teu marido Saramago, ſenão aquelle, que cá eſteve, a quem deſte de comer, e de beber?

*Cornuc.* Não ſejas tonto; não queiras com eſſe deſaforo encobrir a tua pouca vergonha.

*Saram.* Com que voſſê quer eſtar comendo Saramago a dous carrilhos, e Corriola que fique em jejum!

*Cornuc.* Se não viera alli a Senhora Alcmena, eu te reſpondêra melhor.

*Sahe Alcmena.*

*Alcmen.* Que intentaſſe Amfitrião perſuadir-me, que elle não era o proprio, que comigo eſteve! Sem duvida, que a ſaber de certo, que fallava de veras, perdêra os meus ſentidos, e tambem a paciencia.

*Cornuc.* Senhora, iſſo ſenão mete em cabeça de mulher: quem duvida, que o Senhor Amfitrião vinha amaſſado com eſte magano de meu marido, para nos fazerem doudas?

*Alcmen.* Tambem tu me queres fazer deſeſperar?

*Saram.* Os deſeſperados ſomos nós; porque viemos ſem ſer eſperados.

*Cornuc.* Calate, embuſteiro.

*Alcmen.* Ai, cala-te, perro.

*Sa-*

*Saram.* A isto he que se chama sobre affronta; aperreação.

*Sabem Jupiter, e Mercurio ao bastidor, aquelle na fórma de Amfitrião, e este na de Saramago.*

*Merc.* Jupiter, adverte que Amfitrião já veio, e agora he necessario maior industria, para fingir, e desfazer o que fez Amfitrião.

*Jupit.* Se sabes, Mercurio, que sou Jupiter, para que me encomendas isso? Vai te para essoutra falla, e impede que não entre Amfitrião.

*Merc.* Eu te obedeço. *Vai-se.*

*Jupit.* Querida Alcmena, parece-me, que tu estás mal comigo.

*Alcmen.* Ingrato esposo, cruel Amfitrião, para que me dás agora o nome de querida, se tão enfurecido te ausentaste de mim, querendo affirmar, que não eras tu, o que tinhas estado comigo? Que termos são agora estes tão differentes?

*Jupit.* Foi preciso ao meu amor, dizer-te que não era eu.

*Alcmen.* Pois para que fim?

*Jupit.* Só para que te irritasses comigo, para que ao depois podessemos entre nós fazer as pazes; porque o amor he como a Fenix, que para renascer mais bello, he preciso que de quando em quando se abraze nas chammas de hum arrufo.

*Cornuc.* Não o disse eu, Senhora? Vossa merce não quer acabar de entender que eu tenho meus laivos de feiticeira? Meu Senhor Amfi-

fitrião, eu sempre dizia que vossa merce estava zombando. *Para Amf.*

*Alcmen.* Daquella sorte não se costuma zombar.

*Cornuc.* Tinha bem que ver, que era zombaria. Vossa merce não vio que o Senhor Amfitrião estava piscando os olhos?

*Jupit.* Vês, Alcmena, como Cornucopia logo penetrou a minha idéa? Pois dize-me: quem havia de ser, senão eu?

*Saram.* Agora isso he mais comprido? Com que vossa merce, Senhor, diz que esteve cá primeiro, do que aquelle, que cá esteve?

*Jupit.* Calate louco, que eu fui o mesmo que estive cá.

*Saram.* E quem foi o que trouxe á Senhora Alcmena a joia, que eu tinha na algibeira.

*Jupit.* Fui eu, que ta tirei, sem tu sentires.

*Saram.* Pois para que me fez sentir tantos murros, quantos me deo pela joia?

*Jupit.* Se eu queria fingir, tudo isso havia eu de fazer.

*Saram.* Tudo isso está muito bem: mas digame, quem era aquelloutro eu, que cá esteve primeiro do que eu viesse?

*Cornuc.* Eis-aqui, Senhor, a teima que tem tomado este magano de meu marido, dizendo que tambem elle cá não esteve; e não ha quem lhe tire isso da cabeça!

*Saram.* Ai, filha, que da cabeça ninguem póde tirar-me, o que nella se me metteo.

*Cornuc.* Ainda teima?

*Saram.* Ainda teimo, e reteimo; juro, e rejuro;

ro; digo, e redigo, que eu, antes de cá vir, já cá estava; e quando eu cuidei, que era singular, me achei posto no plural; de sorte; que sendo eu muito apenas hum, agora para mais penas me vejo partido em dous.

*Jupit.* Cala-te, que não sabes o que dizes; anda, vai-te, e dize a Polidaz, que me venha fallar, que importa.

*Saram.* Eu vou; mas queira Jupiter que tu te desenganes. *Vai-se.*

*Jupit.* Ora, Alcmena, basta de enfados; anda já a meus braços.

*Alcmen.* Não te canses, que não quero esposo, que com astucias fingidas vem averiguar a minha honestidade.

*Jupit.* Estou perdido! Alcmena, te enganas, que isso não foi para experimentar-te.

*Alcmen.* Não queiras agora remediar com tão frivolas desculpas o teu delicto, e a tua grande imprudencia.

*Cornuc.* A verdade he, Senhor, que vossa merce escandalisou muito a Senhora minha ama; arrenego eu de quem tão bem sabe fingir! Em fim, lá se avenhão, que eu aqui não sou pèga, nem gavião. *Vai-se.*

*Sahe Juno ao bastidor.*

*Juno.* Se será este Jupiter, que segunda vez repete a sua fineza, e a minha offensa? Mas se elle, como Deidade, sabe enganar os meus olhos, eu, que tambem logro a mesma prerogativa, usarei do mesmo engano. Alcmena, os Deoses te guardem. *Sahe.*

*Alc-*

*Alcmen.* Vem, Felisarda, embora, a ser testemunha, de que Amfitrião diz ser zombaria, quanto affirmou esta manhã não ser o proprio.

*Juno.* Jupiter he sem duvida, que virá a desfazer, o que fez Amfitrião. *á parte.*

*Alcmen.* Que te parece, Felisarda, aquelles enfados, e esta confissão?

*Juno.* Isso póde ser? Já se desdiz, do que com tantas veras affirmou? Certamente, que se fora comigo, nunca mais eu o tornaria a ver; pois deo a entender não menos, que violavas a sua fé.

*Alcmen.* Isso he o que mais me escandaliza, Felisarda.

*Jupit.* Não he justo, Senhora Felisarda, que tambem vos ponhais da parte da minha desgraça.

*Juno.* Ah traidor! *á parte.*

*Jupit.* E assim vos peço, Senhora, que intercedais com Alcmena, para que me perdoe; que só a fim de alcançar o perdão, quero já confessar-me culpado.

*Juno.* Ainda isso me faltava! Pedir-me, que dê armas contra mim! *á parte.*

*Jupit.* Só vós podereis acabar com Alcmena, que acabe o rigor para comigo.

*Juno.* Não sejais importuno, que o vosso delicto nenhum perdão merece; pois eu não sendo Alcmena, a quem offendestes, de sórte me tendes escandalisada, que a ser possivel vos desterrára daqui, para não seres mais visto.

*Alcmen.* Bem hajas, Felisarda, que sentes as minhas offensas, como propriamente tuas.

*Can-*

*Canta Jupiter a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Já que em tanto tormento não alcanço
Alivio, neste apocrifo delicto
A quem recorrerei, mifero amante?
A quem recorrerei? A quem, Alcmena,
Senão ao puro archivo de meu peito,
Onde os extremos meus, e os meus fuspiros
Finalmente exhalados
Poderão commover as duras penhas,
E os afperos rochedos!
Que talvez neffa barbara afpereza,
Ache menos rigor, menos dureza.

ARIA.

Pois, tyranna, não te abranda
De meu peito a amarga pena,
Dize, ingrata, efquiva Alcmena,
Que farei por te abrandar?
A teu idolo adorado
Meu affecto já proftrado
Toda a victima de huma alma
Sacrifica em teu altar.

*Alcmen.* Baffa, Amfitrião, que já compadecida te perdoo; pois fei, que todos os teus erros nafcem de amor.

*Jupit.* Folgo que os conheças; vamos, Alcmena. *Vão-fe.*

*Juno.* Eſpera: aonde vás, traidor eſpoſo? Mas ai de mim, que ſó vim a ſer teſtemunha de meus zelos! Oh quem ſe poderá declarar agora! Mas ſe me declaro, temo que Jupiter irado intente outros abſurdos maiores; pois vin-

vingarme-hei diſſimulando a dor, para publicar o eſtrago. *Vai-ſe.*

## SCENA III.

*Ante-Sala. Sahe Mercurio.*

*Merc.* NAõ ſei já quando Jupiter ha de pôr fim a eſtes amores de Alcmena, pois lembra-me, que nunca taes extremos fez por Europa, Danae, e Leda! Sem duvida eſta lhe cahio mais em graça?

*Sahe Amfitrião.*

*Amf.* Querer-me perſuadir Alcmena, que eſtive com ella, antes de eu cá chegar, ou he grande malicia, ou grande ſimplicidade; e ſe não he nada diſto, não ſei o que poſſa ſer!

*Merc.* Aonde vai voſſa merce? Quem buſca neſta caſa?

*Amf.* Saramago, não me conheces? Eſtás louco?

*Merc.* Pois eu eſtou obrigado a conhecer todo o genero humano?

*Amf.* Não conheces a teu amo? Que deſproposito he eſſe?

*Merc.* Eu não conheço por meu amo ſenão ao Senhor Amfitrião.

*Amf.* Pois quem ſou eu?

*Merc.* Eu ſei quem he, nem quem devia ſer? Que me importa a mim iſſo?

*Amf.* Ha criado mais deſaforado no Mundo? Guarda-te dahi, deixa-me entrar.

*Merc.*

*Merc.* Que quer dizer entrar? Assim se entra na casa alheia?

*Amf.* Homem, tu não sabes quem eu sou?

*Merc.* Pois quem he vossa merce? Diga como se chama?

*Amf.* O' atrevido, tu zombas?

*Merc.* Oh, chama-se atrevido? Pois fique-se embora com o seu atrevimento, que não ha licença para cá entrar. *Vai-se.*

*Amf.* Espera, insolente; mas elle fechou a porta: quem se vio em maior confusão, pois até o meu proprio criado me desconhece!

*Sabem Saramago, e Polidaz.*

*Amf.* Esperem, que elle torna a voltar: anda cá, velhaco, que eu te ensinarei, como has de fallar com teu amo. *Dá-lhe.*

*Saram.* A que del Rei, Senhor, porque me dá vossa merce?

*Amf.* Ainda me perguntas, porque te dou? Toma, velhaco. *Dá-lhe.*

*Saram.* Isso he hum toma com dous te darei: Senhor Polidaz, acuda-me, senão hoje se acaba aqui a semente dos Saramagos.

*Polid.* Tende mão, Amfitrião.

*Saram.* Não lhe diga, que tenha mão; que isso tem elle a desfancar-

*Polid.* Porque causa castigais a Saramago?

*Amf.* Polidaz, perdoai-me, que cego da paixão não reparei, que estaveis aqui.

*Polid.* Pois que vos fez Saramago?

*Amf.* Eu não me atrevo a dizello; quero que elle mesmo vo-lo diga.

*Po-*

*Polid.* Saramago, que fizeſte a teu amo?
*Saram.* Meu amo, que lhe fiz eu?
*Polid.* Ati he que eu to pergunto; dize.
*Saram.* Senhor Polidrálho, eu não me lembro, que lhe fizeſſe couſa alguma.
*Amf.* Iſto me deſeſpera: já te não lembra? Pois leva para que te lembres. *Dá-lhe.*
*Saram.* A dar-lhe, a dar-lhe, outra vez; ora baſta, ſenão olhe que hei de reſiſtir á juſtiça.
*Polid.* Ora ſaibamos já, que caſo he eſte?
*Amf.* Que ha de ſer, Polidaz? Chegar agora aqui, e eſte magano impedir-me a entrada da porta, e dar-me com ella nos narizes, depois de me reſponder varias liberdades.
*Saram.* E quando foi iſſo?
*Amf.* Agora, agora neſte inſtante; já te eſquece?
*Polid.* Eſperai, que iſſo não póde ſer, porque Saramago veio comigo de minha caſa, aonde me foi chamar da voſſa parte.
*Amf.* Eu por ventura mandei chamar a Polidaz?
*Saram.* Ui, Senhor, voſſa merce não ſe lembra, quando eſtava com a Senhora Alcmena, não haverá elle hum quarto de hora? E por final que eſtava ella muito agaſtada com voſſa merce, porque voſſa merce negou, que voſſa merce eſtivera com ella; e tanto aſſim, que voſſa merce proſtrado, e rendido, lhe pedio mil perdões.
*Amf.* Callate, Saramago, que não quero ainda fazer patente a minha afronta, ſem averigual-la primeiro. (Aſſim evitarei, que eſte criado

a patentee aqui. *á part.* ) Polidaz , ide-vos , que por ora vos não posso fallar; eu vos avisarei , quando ha de ser.

*Saram.* Escute ; escute , e por final que vossa merce estava com a Senhora....

*Amf.* Calte ; calte , Saramago , que importa assim. Polidaz , ide-vos , que em outra hora será.

*Polid.* Deos vos guarde. Amfitrião parece que tem alguma grande pena , pois que tão afflicto está ; se he o que eu cuido , razão tem. *á part. Vai-se.*

*Amf.* Com que esse , que lá estava , mandou por ti chamar a Polidaz ?

*Saram.* Não lho disse já huma vez ?

*Amf.* E parecia-se comigo ?

*Saram.* Pois vossa merce não se ha de parecer comsigo ?

*Amf.* Saramago , affirmo-te que não fui eu o que lá esteve.

*Saram.* Como não , Senhor , se eu o vi com estes olhos rameloſos ?

*Amf.* Estarás allucinado.

*Saram.* Senhor Amfitrião , o que lhe digo he , que trate de se despicar , já que se acha tão bem armado.

*Amf.* Por certo que me não faltão brios , e armas.

*Saram.* Sim , Senhor , brios , armas , e armações , não nos faltão.

*Amf.* Porém , em que me detenho , que não vou já castigar a causa de minha offensa ?

*Saram.* Não póde ser , que a porta está trancada.

*Amf.*

*Amf.* Arrombarei a porta, ainda que seja de bronze; ajuda-me, Saramago.

*Saram.* Metamos a porta dentro, e vá pela porta fóra este magano: vamos, Senhor, a investir estes inimigos da nossa honra. Leve vossa mercê a ponta direita do exercito, como mais valente, que eu levarei a esquerda: toque, pois, a investir o clarim do despique: *strepuere cornua cantu.*

*Amf.* Lá vai a porta dentro.

*Saram.* Lá vai o couce da porta com hum couce de Saramago.

*Fazem estrondo, e sahe Jupiter.*

*Jupit.* Quem he o atrevido, que ousa a fazer tão grande estrondo na minha casa? Mas que vejo! Este he Amfitrião! *á parte.*

*Amf.* Que he o que estou vendo! Outro eu aqui!

*Jupit.* Toda a minha divindade parece, que titubea irresoluta no que ha de fazer. *á parte.*

*Amf.* He caso fóra da ordem natural, estar eu vendo outro Amfitrião tão semelhante a mim!

*Saram.* Ficárão pasmadinhos, olhando hum para o outro; e com razão, que o caso he para pasmar.

*Jupit.* Que te admira? Que te suspende? Se estás acaso arrependido dessa desatenção, que em minha casa fizeste, eu te perdoo, pois sem duvida errasse, a porta.

*Amf.* Barbaro, insolente, não he pasmo esta suspensão, he sim admirar o teu insulto, e excogitar hum novo castigo a tanta temeridade.

*Saram.* Esperem, Senhores Amfitriões; antes que se matem hum ao outro, deixem-me chamar quem os aparte: O' lá de dentro, vénhão a apartar o sangue, que se matão dous novilhos.

*Sahe Alcmena.*

*Alcmen.* Que alboroto he este, Amfitrião?

*Amf.* Com quem fallas, tyranna, e fementida traidora?

*Alcmen.* Meu esposo, meu bem, que te fiz eu!

*Jupit.* Que he isso, Alcmena? Tu tens outro esposo senão eu?

*Alcmen.* Agora reparo; que he o que vejo!

*Amf.* Que vês, tyranna?

*Jupit.* Que vês, aleivosa?

*Alcmen.* Suspendei a ira, que sem razão me criminais; pois confusa entre tanto enleio, não sei distinguir, qual de vós he o verdadeiro Amfitrião; e assim para que não chegue a offender a quem por obrigação devo amar, vos rogo me digais, qual de vós he o meu esposo?

*Jupit. e Amf.* Sou eu.

*Alcmen.* Ambos, como póde ser?

*Jupit. e Amf.* Não, Alcmena, sou eu só.

*Alcmen.* Se ambos affirmais que o sois, venho a entender, que nenhum de vós he meu esposo.

*Saram.* Essa he a verdade, Senhora Alcmena, que nunca se vio huma galinha para dous galos.

*Sahem Juno, e Iris.*

*Juno.* Alcmena, venho a concluir a minha historia..... Mas ai de mim! Que vejo! Jupiter, e Amfitrião são estes; porém tão parecidos, que os não sei distinguir. *á parte.*

*Alcmen.* Felisarda, com justa causa te admira, se bem que huma só admiração não basta para este tão extraordinario caso.

*Iris.* A' vista desta confusão bem podemos desmaiar na nossa empreza.

*Amf.* Quem se vio em maior labyrintho!

*Juno.* Quem se vio em maior consternação!

*Sahe Cornucopia.*

*Cornuc.* Estará aqui o Senhor Amfitrião?

*Jupit. e Amf.* Que quereis?

*Cornuc.* Ui! Que he isto? A que del Rei; isto he feitiçaria!

*Saram.* Calate tolla; eis-aqui como me acho eu *verbis illis.*

*Cornuc.* Que he isto, Senhora, que vejo? Dous Amfitriões não menos?

*Saram.* Has de dizer dous maridos não mais?

*Jupit.* Alcmena, vamos para dentro, que eu prometto castigar esse fingido traidor.

*Amf.* O que eu hei de dizer, dizes tu? Tu he que és o fingido, e traidor.

*Jupit.* Está bem; anda Alcmena.

*Amf.* Alcmena, anda comigo, que o teu esposo sou eu.

*Saram.* Parece-me isto o jogo do arreburrinho. *á parte.*

*Jupit. e Amf.* Vamos, Alcmena.

*Cada hum pelo seu braço ao lado puxando por Alcmena.*

*Alcmen.* Justos Deoses, quem se vio em maior confusão!

*Jupit.* Ainda recusas ir comigo?

*Amf.* Ainda resistes a acompanhar-me?

*Alcmen.* Eu não posso ser de dous ao mesmo tempo.

*Saram.* Partilla em dous pedaços, e cada hum leve o seu taçalho.

*Amf.* Alcmena ha de vir comigo a pezar de toda a resistencia.

*Jupit.* Tu te atreves a resistir-me? Vem, Alcmena.

*Alcmen.* Felizarda, que farei neste caso?

*Juno.* Eu to digo. Já que estes Senhores ambos dizem que são teus esposos, o que não póde ser, senão hum só; neste caso, por não fazer equivoca a eleição, a ambos desprezará, até ver qual delles he o verdadeiro Amfitrião.

*Cornuc.* Deu no trinco a Senhora Felisarda.

*Amf.* Pois, Alcmena, que determinas?

*Alcmen.* Eu não hei de seguir a nenhum, porque nenhum se offenda.

*Amf.* Logo tu, tyranna, crês que eu não sou o verdadeiro Amfitrião?

*Jupit.* Logo tu, inimiga, te persuades, que o verdadeiro Amfitrião não sou eu?

*Alcmen.* Porque ambos dizeis, que sois verdadeiros, por isso algum de vós ha de ser fingido.

*Jupit. e Amf.* O fingido he eſte. *Aponta hum para o outro.*

*Juno.* Alcmena, faze o que te digo, e deixa eſſes loucos.

*Amf.* Eſperai, que logo moſtrarei qual he o verdadeiro Amfitrião.

*Alcmen.* De que ſorte?

*Amf.* Matando a eſte traidor.

*Saram.* Iſſo he que com a morte tudo ſe acaba.

*Jupit.* Se me pertendes matar, não ſeja aqui dentro de caſa; vamos para fóra, e lá verás como caſtigo a tua inſolencia.

*Amf.* A minha cólera não eſpera por dilatações; aqui meſmo ha de ſer o teu caſtigo, para que ſe banhe o roſto de Alcmena com os ſalpicos do teu ſangue.

*Saram.* Tomára ella mais eſſa untura na cara.

*Jupit.* Já te entendo: queres brigar dentro de caſa, para que te acudão as mulheres? Pois não ha de ſer aſſim.

*Cantão Jupiter, Amfitrião, Alcmena, e Saramago, e ao meſmo tempo, puxando pelas eſpadas, briga Amfitrião com Jupiter, e Alcmena cantando procura juntamente apartallos.*

ARIA 4.

*Jupit.* Traidor fementido,
Teu juſto caſtigo
Não buſques na caſa.
No campo o verás.

*Amf.* Traidor inimigo,
No campo, e na caſa

Teu

Teu justo castigo
Cobarde acharás.

*Saram.* Armou-se a pendencia?
Pois eu neste canto
Me quero agachar.

*Alcmen.* Esposo, suspende
Teu ímpio furor. *Para Amf.*

*Amf.* Aparta, inhumana.

*Jupit.* Que dizes, tyranna?

*Alcmen.* Esposo, suspende
Teu ímpio furor. *Para Jupit.*

*Saram.* O demo da tolla
Só sabe dizer:
Esposo, suspende } *Em falcete.*
Teu ímpio furor. }

*Amf. e Jupit.* Traidor fementido,

*Amf.* Na casa,

*Jupit.* No campo,

*Amf. e Jupit.* Teu justo castigo
Cobarde acharás.

*Amf.* Vem a ver o teu estrago

*Jupit.* Vem a ver o meu impulso.

*Saram.* Eu por mim já estou sem pulso.

*Alcmen.* Contra mim voltou a ira;
Porque quem afflicta expira
Já não teme de acabar.

*Desmaia Alcmena nos braços de Juno.*

*Cornuc.* Ai, que se desmaiou a Senhora Alcmena! Eis-aqui o que vossas mercês fizerão com os seus desafios.

*Jupit.* Desmaiou-se Alcmena!

*Amf.* Alcmena com desmaio!

*Cor-*

*Cornuc.* Sim, Senhores, e com hum desmaio bem grande.

*Saram.* Não se assustem, que não he cousa de cuidado; he hum desmaio accidental.

*Jupit.* Felizarda, em quanto vou buscar-lhe o remedio, tem cuidado na saude de Alcmena. *Vai-se.*

*Amf.* Até essa piedade me offende: espera, traidor, aleivoso, que ainda que fique Alcmena nos ultimos parocismos da vida, hei de seguir-te; pois primeiro está a minha vingança. *Vai-se.*

*Saram.* Senhora Felizarda, não consinta, que a Senhora Alcmena torne a si do desmaio, que eu lhe vou buscar hum remedio, para tornar a si.

*Cornuc.* Que remedio he, Samarago?

*Saram.* He agua de flor de sabugo, que meu amo agora destilou pelo lambique da tésta. *Vai-se.*

*Juno.* Que haja eu de ser compassiva por força com quem me offende! Oh que ventura seria a minha, se tu, Alcmena, desse letargo nunca tornasses! *á parte.*

*Iris.* Se te cahio nas mãos, quem te offende, vinga-te agora.

*Juno.* Ha de ser mais patente a minha vingança.

*Cornuc.* Olhem que está bem metida no desmaio! Ah Senhora? Qual! Eu cuido, que ella está morta.

*Juno.* Não fora essa a minha ventura. *á part.*

Cor-

*Cornuc.* O' minha Senhora? O' minha menina?
*Alcmen.* Ai de mim infeliz!
*Cornuc.* Alviçaras; que já tornou a si.
*Juno.* Ai de mim infeliz tambem; pois quando tu tornas de hum desmaio, eu entro em outro! *á parte.*
*Alcmen.* Felizarda, Cornucopia, que he isto? Aonde estou eu?
*Cornuc.* Estás neste Mundo, podendo estar no outro.
*Alcmen.* Em que parou o desafio desses dous Amfitriões?
*Juno.* Foráo-se, vendo-te desmaiada.
*Alcmen.* E sabes se hirião a proseguir o desafio.
*Juno.* Ainda te dá cuidado a vida de dous aleivosos?
*Alcmen.* Não vês que sempre hum delles ha de ser verdadeiro, e por isso sempre interesso na vida de hum delles?
*Cornuc.* Deixemos isso, Senhora, que eu confio em Jupiter, que elle ha de aclarar este enigma; e agora que estamos sós, era razão que a Senhora Felizarda acabasse a historia da sua peregrinação, que estou rebentando para ver-lhe o fim.
*Alcmen.* Será em outra occasião, que por ora não quero saber mais de penas, que á vista desta historia da minha vida nenhuma outra póde competir.
*Cornuc.* Ai, Senhora, deixe-a contar, que já lhe faltava pouco; e por final que ficou á

his-

hiſtoria onde dizia: hum mancebo muito juvenil.

*Alcmen.* Não faltará tempo para iſſo. O' Deoſes, quando terão fim os meus males? *Vai-ſe.*

*Juno.* Vai-te, tyranna, occaſião de minhas penas, que eu te juro, que os teus males não terão fim, por mais que o queirão os Deoſes. *Vai-ſe.*

*Iris.* Se Jupiter a defende, ſerão baldados os teus intentos. *Vai-ſe.*

*Cornuc.* Pois tinha tal vontade de ſaber o fim da hiſtoria deſta mulher, que ſe eu eſtava prenhe, não deixava de mover; que a meu vêr ha de ſer galante hiſtoria; porque a tal mulher he muito perliquiteta, e muito entremetida; de ſorte, que não havendo hum dia, que eſtá neſta caſa, já nos quer governar, e com tudo ſe quer meter.

*Sahe Mercurio.*

*Merc* Venho com cuidado, ſe ſe encontraria Jupiter com Amfitrião, que ſeria hum encontro mui deſgraçado; porém peior encontro he o meu com eſta velha; tomara-me ir ſem que ella me veja. *á parte.*

*Cornuc.* Aonde vás, Samarago! De quem foges? De quem te eſcondes?

*Merc.* Peſcou-me, não tem remedio.

*Sahe Saramago ao baſtidor.*

*Saram.* Agora me ordena hum de meus amos, que venha ſaber ſe Alcmena tornou do deſmaio; porém máoxas que eu torne com a reposta: Mas eſperem voſſês, que lá vejo outro

tro Saramago nascido na minha horta : mas eu lhe arrancarei as raizes.

*Cornuc.* Dize-me: porque fugias de mim ? Que mal te tenho eu feito ? Assim pagas o meu amor ?

*Saram.* Ai , que a mulher faz venda do seu amor, pois quer que lho paguem.

*Merc.* Não sejas desconfiada ; que se eu te não quizer , quem te ha de querer com essa cara ?

*Cornuc.* Ui! De veras ? Com que esta cara já tem bichos ?

*Merc.* Pelo que ella me fede , cuido , que já tem bichos , e varejas.

*Saram.* Tambem a mim já isto me vai cheirando muito mal.

*Cornuc.* Tomára que me disseses , porque razão foges de mim , ao mesmo tempo que eu por ti morro !

*Saram.* Calte , que tu morrerás de verdade.

*Merc.* Cornucopia , já não te posso aturar os teus despropositos ; que tê faço eu mulher ?

*Cornuc.* Pois não he desamor o ver que entre tantos despojos da campanha , não achaste para trazer-me alguma joia prima com irmã daquella , que o Senhor Amfitrião trouxe ?

*Merc.* Não te desconsoles , que alguma cousa trago para ti da campanha.

*Cornuc.* Que me trazes da guerra ?

*Merc.* Trago-te huma balla.

*Cornuc.* Só isso me podias tu trazer.

*Merc.* Não cuides que isto de balla he cousa de pessa.

*Saram.*

*Saram.* Traga-lhe huma joia de pedras cornolinas.

*Cornuc.* Só te digo, que não dá quem tem, senão quem quer bem.

*Mer.* Quem não tem, não póde dar; e quem quer bem, dá abraços; e assim se queres hum, toma-o depressa.

*Cornuc.* Aceito, por não ser descortez.

*Saram.* Agora isso he mais comprido. *Sahe.* Guarde os seus abraços, que para isso estou eu.

*Cornuc.* Que diabo he isto! Outro Saramago?

*Saram.* Sim, Senhora; outro Saramago; mas eu não sou outro, senão ess'outro, que ahi está ness'outra tua ilharga.

*Merc.* Vossê he tollo? Diz-me que sou outro? Não sabes que outro he burro?

*Saram.* Não me volte os sentidos da oração, o que digo he, ser cousa escandalosa dar vossa mercê abraços em minha mulher.

*Merc.* Qual mulher?

*Saram.* Esta, que aqui está; não a enxerga?

*Merc.* Enxerga he parenta da albarda; albarda he cousa de burro; e veio-me a chamar outra vez burro.

*Saram.* Senhor meu, enxerga he cousa de palha, e eu entendo, que vossa mercê quer empalhar este negocio a minha mulher.

*Merc.* Pois isto he mulher?

*Saram.* Diz ella que sim: O' mulher, desengana a este Senhor; dize, tu não hes mulher?

*Cornuc.* Para servir a vossas mercês.

*Mer.*

*Merc.* Pois eu até aqui cuidei que era homem.

*Saram.* He boa casta de homem, huma mulher desta casta.

*Cornuc.* Senhores, eu desde que nasci até o presente sempre fui mulher ; e daqui para diante não sei o que virei a ser; que quem está neste Mundo, não póde dizer desta agua não beberei ; e pois já sabeis, que eu sou mulher, tomára que me dissesseis, qual de vós he o meu homem ?

*Merc.* O' infame, duvídas que eu seja o teu marido ?

*Cornuc.* Na verdade, que aquelle tanto se parece comtigo, que eu não sei qual he o verdadeiro.

*Saram.* Eu devia nascer com o mesmo fadario de Amfirrião.

*Merc.* Agora me lembra : tu não és aquelle, que esta madrugada ficaste comigo de ser cousa nenhuma ? Pois como agora te fazes Saramago ?

*Saram.* Eu, ainda que me faço Saramago, não me contrafaço.

*Merc.* Não queres acabar de crer que és hum ninguem ?

*Saram.* Se eu sou ninguem, logo sou alguma cousa ?

*Mer.* Alguma cousa és, porém és huma cousa postiça, e fingida.

*Saram.* Ora, Senhor, diga-me por vida sua, pois vossa mercê he Saramago ?

*Merc.* Não te convence esta fórma, e esta figura ?

*Sa-*

*Saram.* E a voſſa mercê não o convence tambem eſta figura, eſte bunecro?

*Cornuc.* O caſo he que são bem ſemelhantes.

*Merc.* Logo ſomos dous verdadeiros Saramagos?

*Saram.* Dous Saramagos, iſſo ſim; porém dous Saramagos verdadeiros, iſſo não.

*Merc.* Se tu dizes, que ſou Saramago, como negas, que ſou verdadeiro?

*Saram.* Porque bem pódes ſer Saramago; porém Saramago mentiroſo.

*Merc.* A natureza, que me fez eſtas feições, e todo eſte todo, havia mentir?

*Saram.* Tambem a natureza póde mentir; pois não falta quem minta por natureza: *Verbi cauſa*: viſte no arco da velha aquellas cores, com que a natureza o veſte de mil cores? Pois ſabe, que não são cores, ſenão huma apparencia enganoſa, e huma equivocação dos olhos: eis-ahi ſem mais, nem mais a tua figura; pois ainda que te oſtentes Saramago verde, ou Saramago azul, para corar o arco deſta velha; com tudo nem és verde nem azul, nem Saramago, ſenão hum engano dos olhos, e huma lograsão da fantaſia.

*Merc.* Se eu tenho as propriedades do arco da velha: logo eſta velha he minha de propriedade?

*Cornuc.* Senhores meus, ſe iſto he feitiçaria, eu renuncio o pato; ainda que ſeja com arroz; o que lhe digo he, que concluão lá comſigo qual he o meu marido.

*Merc.* Mulher, deixa-me, que eu deſenganarei

a

a este louco: ouves tu, manda vir hum espelho.

*Saram.* Para que hé o espelho.

*Merc.* Para que te vejas, e cotejes nelle a tua cara com a minha, para que te desenganes; que sou Saramago.

*Cornuc.* Assim he: Saramago, vai buscar o espelho só para que este Senhor não fique com a sua.

*Saram.* Que importa não fique ao depois com a sua, se em quanto eu vou buscar o espelho, elle fica com a minha, ficando comtigo?

*Merc.* Cornucopia por ora não he minha, nem he tua: vai buscar o espelho, que eu espero.

*Saram.* Pois espera, que eu vou, e venho. *Vai-se.*

*Cornuc.* Homem, que he isto? Tu te tornaste em dous?

*Merc.* Tu, leviana, he que queres ser do genero commum de dous.

*Cornuc.* Eu não sou commua, tu bem o sabes.

*Merc.* Se és commua para dous, ou se és privada para elle, eu não o sei; porém, que queres, que diga, vendo entrar hum homem nesta casa, e dizer, que tu és sua mulher?

*Cornuc.* Não te admires disso, porque á Senhora Alcmena lhe succedeo o mesmo com outro Amfitrião, que aqui anda como duende; e ainda agora estiverão para se matar hum ao outro, como tu bem viste.

*Merc.*

*Merc.* Em grande aperto se veria Jupiter. *á p.*
*Cornuc.* E assim sem razão me accusas, quando vês que estou sem culpa.
*Merc.* Pois eu te prometto, que esse velhaco pague o engano, que fabrica:

*Sahe Saramago com o espelho.*

*Saram.* Este ha de ser o juiz da nossa causa.
*Merc.* Pois adverte, que tens bom juiz; porque hum juiz, para ser bom, ha de ser como hum espelho, aço por dentro, e chrystal por fóra. Aço por dentro, para resistir aos golpes das paixões humanas, e cristal por fóra, para resplandecer com virtudes; e hum Juiz desta fórte he o espelho, em que a Républica se revê.
*Saram.* Quanto ao Juiz estamos nós bem, salvo as molduras; que para os lados de hum Juiz, cousa que se molda, não lhe vem de molde.
*Merc.* Bastão já tantas asneiras; anda, vê-te ao espelho.
*Saram.* Agora me lembra; eu ao espelho não quero ver-me.
*Cornuc.* Qual he a razão?
*Saram.* Porque não quero, como Narciso, namorarme de mim mesmo.
*Merc.* Seguro estás, que te não succederá outro tanto.
*Saram.* Porque o diz vossa merce? Porque sou feio? Pois saiba que muita gente se namora de coulas feias.
*Merc.* Anda, vê-te ao espelho.

*Sa-*

*Saram.* Ora vamos a isso : eu vou tremendo ; não me pareça eu com elle. A Ninfa Syringa seja em minha ajuda.

*Canta Saramago, vendo-se ao espelho, a seguinte*

ARIA.

He verdade! Eu sou aquelle ;
E tambem aquelle he eu!
Esta boca he como a delle ;
O nariz hé como o seu!
Ora estou desenganado ;
Que eu, e elle, e elle, e eu
Não se póde distinguir.

*Cornuc.* Pois que dizes? He; ou não he?

*Saram.* Leve o diabo o espelho, pois tão mentiroso he. *Atira com elle, e quebra-o.*

*Cornuc.* Ai que me quebrou o consultor da minha belleza! Que ha de ser deste desgraçado rosto sem o seu espelho?

*Saram.* Anda, aproveita os pedaços, que ainda terás vidros para rapar essa cara.

*Merc.* Pois que vai? Te pareces comigo, ou não?

*Saram.* Eu não me pareço comtigo ; tu he que te pareces comigo.

*Merc.* Seja o que for, o ponto hé, que sejamos parecidos.

*Cornuc.* Basta, que o disesse o meu espelho, que he mui verdadeiro : mas ai meu espelho!

*Merc.* E agora, que resolves?

*Saram.* Em ser apostêma em tê arrebentar.

*Merc.* Já que és apostêma, sabe que nenhuma materia tens, para affirmares, que Cornucopia he tua mulher.

*Sa-*

*Saram.* Que maior razão póde haver, para que ella seja mais tua, do que minha, se ambos somos Saramagos, como disse o juiz do nosso espelho?

*Merc.* Porque eu sou Saramago verde, e tu fingido.

*Saram.* Não vês esta cara, e esta figura? Certo que a natureza não póde mentir.

*Merc.* Respondo com aquillo do arco da velha.

*Saram.* Pois partamos o arco, que ambos triunfaremos.

*Merc.* Não Senhor; *aut Cæsar, aut nihil.*

*Cornuc.* Nem eu consinto, que se parta o meu arco; tomára eu maior donaire.

*Saram.* Pois se quer, partamos o nome de Cornucopia.

*Merc.* Na solfa do amor, não ha partitura.

*Cornuc.* Nem o meu nome se póde partir, que he muito duro.

*Saram.* A'gora não, sabes de que modo?

*Merc.* Dize.

*Saram.* Partida Cornucopia, tu ficarás com a copia de seus carinhos, e eu com o resto do seu nome.

*Merc.* Isso he o mesmo, que ficares tu com a copia, e eu com o original.

*Cornuc.* Senhores, concluamos: de duas huma, ou ser de hum só, ou não ser huma de dous.

*Merc.* Dizes bem; anda comigo, Cornucopia, que eu sou teu marido.

*Saram.* Anda comigo, que teu marido sou eu

*Cornuc.* Eu aqui eſtou; quem mais força tiver, eſſe me levará.

*Merc.* Tu não ouves? Anda comigo.

*Saram.* Anda comigo; tu és ſurda?

*Cornuc.* Tenhão mão, que eu para péla ſou muito pouco enfeitada.

*Merc.* Tu, maroto, queres experimentar a minha furia?

*Cornuc.* Senhores, não ſe matem por couſas poucas.

*Merc.* Iſto não ſe leva ſenão deſta ſórte. *Brigão.*

*Saram.* Ai de mim, que eſte homem quer que eu ſeja duas vezes paciente!

*Cornuc.* Tem mão, Saramago.

*Merc.* Não quero ter mão, ſó por ter pé de dar muito couce neſte magano.

*Saram.* Pois eu ainda tenho máos, para ter mão neſſe pé.

*Cornuc.* Iſto não ſe aparta, ſenão com hum deſmaio, como fez Alcmena. *á parte.* Acudão, Senhores, que me deſmaio? *Deſmaia-ſe.*

*Saram.* Ai, que ſe deſmaiou Cornucopia tambem como Alcmena! Ah Senhor, façamos treguas, para enterrar eſte defunto.

*Merc.* O deſmaio de Cornucopia te deu vida.

*Saram.* Por tua culpa ſe deſmaiou eſta flor, ou para melhor dizer derramárão-ſe as flores deſta Cornucopia.

*Merc.* Iſſo não póde ſer deſmaio, ſerá algum eſtupôr.

*Saram.* Porque? Cornucopia não he muito capaz de ſe deſmaiar?

*Merc.*

*Merc.* Os desmaios são para as filis, e não para as dragoas.

*Saram.* Pois entendamos, que he hum desmaio *ad stuporem*; e assim levemos a Cornucopia para dentro, para ver se torna em si.

*Merc.* Leva-a tu só, já que dizes que és seu marido.

*Saram.* De sórte que vossê ha de levar as propinas de marido, e eu hei de aturar os encargos do matrimonio?

*Merc.* Faça o que lhe digo, e tenho dito. Ora tu verás o que te succede. *á part. Vai se.*

*Saram.* Visto isso serei duas vezes paciente; mas eu não me atrevo só a carregar com esta balêa. Irra, como peza! Agora vejo que isto nem he accidente, nem desmaio; he pezadello: Ora vamos arrastando este fardo, que quem atura a carga, he bem que leve a buxa. Oh quanto me peza o teu desmaio! *Vai-se. Haverá muita gritaria, e Cornucopia se transforma em hum Anão.*

## SCENA IV.

*Bosque. Sahe Juno.*

*Juno.* VErdes alamos desta Selva, symbolo da inconstancia de hum esposo, que sendo Deidade por natureza, parece que tem por natureza o ser inconstante: incultas flores, que neste campo sem artificio produzio a Primavera retrato do instantaneo bem, que pos-

ſuo; pois a gloria, que devêra lograr eterna, hum eſpoſo faz, com que ſeja momentanea: deſpenhado arroio, que em precipicios de neve ſois imagem de meu pranto, que podendo eu empreſtar rizos á meſma Aurora, hum eſpoſo tyranno a tantos ſuſpiros, e lagrimas me provoca; e aſſim já que o furor dos zelos me incita, baſiliſco ſerei entre eſſes ramos, aſpide entre eſſas flores, crocodilo entre eſſas aguas; pois baſiliſco, aſpide, e crocodilo tudo são zelos. He poſſivel, que me veja eu ſem Jupiter, e Alcmena com elle! Alcmena logrando os ſeus carinhos, e eu ſentindo os ſeus repudios! Oh não ſei como não abraſo a eſféra do fogo, com o fogo dos meus zelos!

*Sahe Jupiter na fórma de Amf.*

*Jupit.* Viſte acaſo por aqui Alcmena?

*Juno.* Se buſcas a Alcmena, Amfitrião, te direi onde ella eſtá?

*Jupit.* Eſta cuida que ſou Amfitrião. *á part.* Verdade he, Feliſarda, que buſco a Alcmena, para allivio da chamma, em que me abraſo.

*Juno.* Pois ella agora ficou no jardim, vai ſem dilação a vingar-te; que ſeria desluſtre da tua peſſoa, ſabendo vencer a tantos inimigos na campanha, não ſaber caſtigar a huma mulher, que o teu credito deſdoura.

*Jupit.* Muito te devo, Feliſarda, pois com tanta efficacia me perſuades purifique a minha honra, vendo tambem o quam pouco te deve Alcmena, pois tanto ſolicitas a ſua morte. Ah traidora! *á parte.*

*Ju-*

*Juno.* Nada me deves nisso, pois esta efficacia nasce do desejo, que tenho de te não ver infamado, quando sei és digno de mais heroica fama; e em quanto a dizeres que pouco me deve Alcmena, tambem importa pouco, que se arranque do Mundo hum infame padrão, que desauthoriza a honestidade, que deve conservar huma mulher de bem.

*Jupit.* Pois tu verás de que fórte eu me vingo. Não vi mais tyranna mulher! *á part. Vai-se.*

*Em quanto Juno, voltada para hum lado, diz o que se segue, sahirá Amfitrião, e se porá no mesmo lugar, onde Jupiter estava, com espada na mão.*

*Juno.* Quando se perca o conselho, ao menos desafogo a minha dor; mas que he isso Amfitrião? Se já desembainhaste a espada, para que dilatas o castigo de huma traidora?

*Amf.* Hoje verá o mundo correr do peito de Alcmena, e daquelle fementido traidor, dous rios de sangue, para nelles purificar as manchas da minha honra.

*Juno.* Não se esperava menos do teu brio; e pois Alcmena está no Jardim, faze com que as suas flores todas sejão purpureas, regando-as com o sangue desta, que te offende.

*Amf.* O meu brio não necessita de estimulos; para a vingança, bastante causa são os meus zelos, sufficiente incentivo he a minha afronta: verás, Felisarda, embainhar nos peitos desses dous traidores esta espada, para que paguem com a vida os seus delictos. *Vai-se.*

Ju-

*Juno.* Ai infeliz, que não sabes, que o traidor que te offende, vive isento da tua furia, pela immortalidade que gosa!

*Sabe Saramago ao bastidor.*

*Saram.* Hei de apurar a panella do amor, ainda que chegue a comer salgado. Verei agora entre estas ramas escondido, em que pára isto de Cornucopia, para vingar a minha afronta; pois quero que saiba o Mundo, que eu não sou Cornelio Tacito.

*Sabe Tiresias.*

*Tires.* Flerida, que delicto commettêrão os meus olhos, para que os castigues com a privação de tua formosura?

*Saram.* Ui, Felisarda chama-se Flerida! Bonito! Ora isto ha de ser galante! *Audiamus.*

*Juno.* Tiresias, tu contas os instantes que me não vez, mas não numéras as dilações, que fazes em cumprir o que prometteste sobre a vingança de Alcmena.

*Tires.* Como he possivel, que em tão poucas horas pudesse executar o teu preceito? Estes troncos não nascêrão sem tempo, nem estas plantas se produzirão em hum instante; primeiro se ha de semear a zizania, para se colher o fructo da vingança.

*Saram.* Zizania temos? Alguma cousa querem estes furtar a Alcmena.

*Juno.* Se Alcmena fora complice de algum delicto, que fineza me fazias tu em castigalla?

*Tires.* Tambem poderia eu dissimular o seu delicto.

*Ju-*

*Juno.* Cala-te, traidor, falso; já te arrependes do que me tens promettido? Se te não move o seres Rei de Teleba, bastava a confissão que fizeste do teu amor: vai-te, que em corações tibios se não póde conservar amor constante.

*Tires.* Meu bem, suspende os rigores, porque eu...

*Juno.* Já sei que como tambem amas a Alcmena, por isso compassivo recusas o castigalla.

*Tires.* O' Flerida, para que vejas frustrada a tua presumpção, dize, de que sórte te queres ver vingada de Alcmena?

*Saram.* Agora, Saramago, orelha de palmo.

*Juno.* Agora que Alcmena se acha no jardim, era boa occasião de a matares, e nunca poderás ser complice na sua morte; pois sem duvida se ha de attribuir o delicto a Amfitrião, como offendido das leviandades de Alcmena.

*Saram.* Não he cousa de cuidado, he só hum páo por hum olho.

*Tires.* Que leviandades são as de Alcmena? Peço-te que mas refiras?

*Juno.* Que? Tens zelos?

*Tires.* Se cuidas que o pergunto por isso, já o não quero saber; só fim executar os teus preceitos.

*Juno.* Pois sabe que o meu amor será o menor premio dessa fineza.

*Tires.* Ai, Flerida, se o teu amor he a menor fineza, qual será a maior do teu amor?

*Juno.* Anda, vai, não te dilates.

Ti-

*Tiref.* Pois, Ferida, eu vou; adverte que por ti farei muitos impossiveis. *Vai-se.*

*Juno.* Bom he prevenir o golpe com dous tiros; pois no caso que se erre o golpe de Amfitrião, se acerte o de Tiresias; que he justo haver para duplicadas offensas duplicadas vinganças.

*Sahe Saramago.*

*Saram.* Vou depressa avisar a Alcmena disto, que agora ouvi; que ao menos acho que me dará hum bom premio.

*Juno.* Ai de mim, que este criado me esteve ouvindo! Porém eu te suspenderei os passos, para que não noticies a Alcmena o que ouviste. *á parte.*

*Saram.* Tomára ter azas nos pés, para hir *ad bolandum.*

*Juno.* Converto-te em tronco, para que não possas passar dahi. *Vai-se*

*Converte-se Saramago em arvore.*

*Saram.* Que diabo he isto? Que terei eu nos pés, que não posso andar? Que remora terreste me suspende o impulso dos joanetes? Quem me agarra nos pés? A que delRei ladrões: mas que vejo! Eu estou convertido em arvore, de que não ha duvida! As pernas, e coxas, são troncos, e o mais esgalhos, e folhas! Quem me fez este beneficio, suppoz que eu era algum cepo: andar, aqui farei penitencia dos meus peccados; e já que me acho convertido, será para mim esta arvore de penitencia.

*Sa-*

*Sahe Cornucopia com hum páo na mão.*

*Cornuc.* Que diabo terá eſte Saramago, que tanto tarda em vir ajudar-me a varejar a azeitona? Saramago? Saramago?

*Saram.* Que me queres, Cornucopia?

*Dentr. Merc.* Cornucopia, já vou.

*Cornuc.* Chamo por hum, e me reſpondem dous! Eſtou bem aviada, ſe ſe encontrão outra vez os dous Saramagos! Anda depreſſa, Saramago.

*Saram.* Tem paciencia, que não poſſo ir, nem depreſſa, nem de vagar.

*Cornuc.* Aonde eſtará eſte maldito, que me reſponde?

*Sahe Mercurio com hum páo na mão.*

*Merc.* Que preſſa tens? Não te reſpondi, que já vinha?

*Cornuc.* Sabes porque? Quando te chamei, me reſpondeo aquelourro Saramago fingido, e temo que aqui venha a dar comnoſco.

*Saram.* Ah perra, que venho a dar comtigo em occaſião que te não poſſo dar.

*Merc.* Que importa, que elle venha? Se vier, levará com eſte varapáo.

*Saram.* Irra! Vejão lá de que eſcapei!

*Cornuc.* Varejemos depreſſa a azeitona, que depois iremos a deſcanſar.

*Saram.* Que hei de eu eſtar ouvindo iſto aqui a pé quedo, ſem poder fugir daqui! He tormento nunca viſto!

*Merc.* Por qual oliveira começaremos?

*Cornuc.* Por eſta, que eſtá bem carregada.

*Sa-*

*Saram.* Baſta que eu paſſei de Saramago a oliveira, e que por meus peccados hei de ſer varejado! Mas a mim que ſe me dá; pois ſe ſou tronco, hei de ſer inſenſivel.

*Dão os dous na arvore.*

*Saram.* Ai, que me derreão! Ai que não ſou inſenſivel!

*Cornuc.* Dá-lhe com bem força, para cahir muita azeitona.

*Saram.* Ainda póde ſer com mais força? Ai que me derreão!

*Merc.* Dá-lhe deſs'outra banda, que eu lhe darei de cá.

*Saram.* Ai, Senhores, que morro ao cahir da folha, como tiſico!

*Merc.* Não ouves humas vozes, como de quem ſe lamenta?

*Cornuc.* He verdade, vamos ver quem he; anda, Saramago. *Vão-ſe.*

*Saram.* Vão-ſe cos diabos, que me puzerão a ver jurar teſtemunhas: a iſto he que eu chamo dar hum bom varejo; pelo menos já me poſſo deſvanecer que ſou hum moço bem facudido.

*Sahe Jupiter com hum punhal na mão.*

*Jupit.* Depois que Amfitrião zeloſo ſe apartou de Alcmena, a não pude ver mais. Ai, querida Alcmena, quem podéra lograr as tuas delicias ſem rebuços, e transformações; pois ao meſmo tempo que logro os teus favores, me eſcandaliſa a tua iſenção! E para que o ſaiba o Ceo, e a terra, o eſculpirei nos troncos;

cos; para que em hum, e outro globo, viva immortal a minha fineza; seja pois este tronco, por ser o primeiro que encontro, o mais venturoso, que conserve em si esculpido o nome de Alcmena.

*Saram.* Que diabo quererá fazer Amfitrião, que se vem chegando para mim com huma faca de mato? Resta-me que queira cortar-me algum esgalho.

*Jupit.* Arvore feliz, conservarás em teu tronco o nome de Alcmena, a pezar das injúrias do tempo.

*Saram.* Este fim, que busca o tronco, e não he como os outros, que andárão pela rama.

*Jupit.* Desta fórte quero escrever o nome de Alcmena neste tronco para eterno padrão da minha fineza.

*Escreve Jupiter em Saramago; isto he, no tronco da mesma arvore, em que está transformado, a seguinte*

D E C I M A.

Desse tronco na dureza
Teu nome, Alcmena, estampado
Eternize o meu cuidado
Por troféo desta belleza:
Vivirás arvore illesa
Do tempo ao fero rigor
Sempre em perenne verdor,
Porque crescão em vivas chamas
Nas flores de tuas ramas
Os frutos do meu amor.

*Sa-*

*Saram.* Ai que me rasga as coxas, e as pernas! Lá vai a veia arteria cos diabos.

*Jupit.* Mas que vejo! O tronco destila sangue? He caso nunca visto!

*Saram.* He para que vejão os Senhores Poetas, que o escrever huma Decima custa gottas de sangue.

*Jupit.* Não sei a que attribua isto!

*Saram.* Ah Senhor Amfitrião, tome-me o sangue, que me estou vasando como hum cesto roto; olhe que lho peço com lagrimas de sangue destiladas das fontes das minhas pernas.

*Jupit.* Este he Saramago, que está convertido em arvore: quem transformaria este miseravel? Mas quem havia ser senão Mercurio, para lhe fazer alguma peça? Pois eu o restituirei á sua antiga fórma, sem que elle saiba que lhe faço este beneficio, porque não suspeite em mim alguma divindade.

*Saram.* Senhor, acuda-me; olhe que sou Saramago, que estou prezo aqui neste tronco.

*Jupit.* Torna-te, homem, á tua antiga fórma. *Vai-se.*

*Desfaz-se a arvore, e fica Saramago como de antes.*

*Saram.* Ora graças a Jupiter, que depois de tanta tormenta fiquei desarvorado. Porém que fiz eu, pobre de mim, para me ver sacudido, varejado, e arranhado, sem que me baste ser oliveira para ter comigo a paz? Ora paciencia, vamos para dentro a imaginar de que enxerto nasceria esta arvore. A curar-me não hi-

hirei ; porque já vou muito bem sangrado, e carregado de pancadas.

*Sahe Iris.*

*Iris.* Espera ; aonde vás com tanta pressa ?

*Saram.* Agora he que tu vens ao atar das feridas ?

*Iris.* Que te succedeo ?

*Saram.* Nada. Apodreceu-me o corpo de sorte, que já tem varejas.

*Iris.* Pois conta-me o que foi.

*Saram.* Tenho pejo de lhe dizer a minha fraqueza por vida minha. *á part.*

*Iris.* Como não queres fallar, fica-te embora.

*Saram.* Espera, que eu to digo. Como o meu amor já por ahi anda corrupto, apodreci de muito maduro, de sórte que ando cahindo aos pedaços; pois nas tuas vozes me ficão as orelhas, nos teus ouvidos a lingua, na tua cara os olhos, nos teus pés o coração ; e só no teu desdem estou pelos cabellos, por te não vir a pello a minha fineza.

*Iris.* Não sei se te creia.

*Saram.* Eu era de parecer que sim ; e para que me creias o que digo em prosa, o mesmo te direi em verso ; porque graças a Cupido, tanto sei amar em prosa, como em verso ; e assim escuta, Corriola, este

SONETO.

Jogou o amor comigo o toque emboque,
Mas no taco não teve hum só despique,
Nos centos lhe tangi hum tal repique,
Que os ouvidos tapou ao som do toque.

Na

Na batalha de amor lhe dei hum choque,
No triunfo da fineza puz-lhe hum pique,
Venus arrenegada, que eu embique,
Deo-me por certa Dama hum bom remoque.
Eſtendeo-ſe na banca, como hum leque,
No burro ſe ficou, como hum basbaque,
E as tabulas furou do calambeque;
Mas deo co'ás de copas hum ral traque
Que á chalupa arrombando-ſe-lhe o beque,
Na corriola quiz que eu deſſe o baque.

*Iris.* A' viſta deſſe extremo não quero ſer deſagradecida; porém para que eu acabe de ver o teu amor, me has de declarar huma couſa, que te quero perguntar.

*Saram.* Não ſabes que o amor he a chave meſtra de todos os peitos? Dize o que queres, que eu...

*Apparece Mercurio ao baſtidor.* Mas eſpera: Valha-te o diabo, maldito fingido Saramago, que ſempre me perſegues! E porque com a tua falſa apparencia não deſfaças o bom principio de meu amor, quero retirar-me, até que te vás. *á part.*

*Merc.* Saramago tanto que me vio, mudou de côr; parece que não goſta de ver-me. *á p.*

*Iris.* Quero, pois, que me digas.

*Saram.* Eſpera, que para reſponder-te com mais ſocego, vou alli fóra tirar-me de hum cuidado, e já venho.

*Iris.* Vai depreſſa.

*Saram.* Não tardarei hum inſtante. *Vai-ſe.*

*Iris.* Verei ſe deſcubro o enigma deſtes dous Amfi-

fitriões, para que Juno tenha allivio na sua pena.

*Sahe Mercurio na fórma de Saramago.*

*Merc.* Faço particular gosto em lograr a este tonto Saramago. *á part.*

*Iris.* Bem disseste, que não tardarias hum instante, e depressa vieste.

*Merc.* Para obedecer-te tenho azas nos pés, como Mercurio.

*Iris.* Já vou crendo, que és verdadeiro amante; e para acabar de o conhecer, quero que me digas, se sabes, qual destes he o verdadeiro Amfitrião, que tu o has de saber melhor que ninguem?

*Merc.* Agora encravarei mais a Amfitrião. *á p.* Promettes tu não dizer nada do que eu te disser? Olha que isto he materia de grande pezo.

*Iris.* Fia de mim, que ninguem o saberá.

*Merc.* Como tu já sabes que hum dos Amfitriões não he verdadeiro, a este fingido só eu o conheço, e só de mim se fia, e só mostrando-to com o dedo, o poderás conhecer.

*Sahe Saramago ao bastidor.*

*Saram.* Ainda lá está o maldito, e Corriola cuida que sou eu; ora esperemos que se vá.

*Iris.* E quem he esse tal fingido?

*Merc.* O que te posso dizer he, que he homem nobre, e de grande esféra.

*Iris.* Ora vem mostrar-mo, meu Saramago do meu coração.

*Saram.* Oh quem podéra responder-te! *á part.*

*Merc.* Vamos, e verás. *Vai-se.*

*Iris.*

*Iris.* E que boa nova levarei a Juno! *Vai-se.*

*Saram.* Espera, Corriola, que não sou eu o que te leva: ah cão de mim, que fui tão basbaque, que te deixei exposta á inclemencia desse tyranno, que se aproveita do meu suor; mas ainda que eu fúe o farrapo, ella não ha de ser sua: Peguem nesse magano: ah que delRei, ladrões.

## SCENA V.

*Jardim, onde haverá huma fonte, e ao pé desta hum assento, e sahe Alcmena.*

*Alcmen.* AOnde achará allivio huma desgraçada, pois em qualquer lugar encontro hum cadafalso; cada tronco se me representa huma morte; cada planta hum verdugo, e cada flor hum martyrio? Esta funesta fantasia vive tão occupada de tristes idéas, que sem saber quem me offende, em tudo o que vejo acho huma vingança; em tudo o que encontro se me erige hum supplicio: ai Amfitrião, quem te poderá mostrar a minha innocencia, para que achasse allivio este afflicto coração, que tímido até as sombras o assombrão, e sobresaltão!

*Canta Alcmena a seguinte*

ARIA.

A tímida corça,
Que pávida teme
Da rama, que treme
No bosque agitada
Do vento veloz.
Assim eu afflicta;
Sem causa assustada,
Me sinto ultrajada
De hum mal tão atroz.

*De-*

*Depois que Alcmena canta, assenta-se ao pé da fonte, e sahe Jupiter com espada na mão.*

*Jupit.* Já não ha tronco, aonde não se veja esculpido o nome de Alcmena, e não he justo, que elles só tenhão essa gloria; mereça tambem o marmore daquella fonte conservar em sua dureza o feliz nome de Alcmena, que nelle vivirá mais perpétua a sua memoria, e o meu amor: Mas que vejo! Aquella he Alcmena, que na mesma fonte reclinada entregou as potencias ao imperio de Morfêo. Dorme, Alcmena, que se tu amáras, como eu, nunca dormíras, nem dormindo descansáras.

*Sahem Amfitrião por hum lado, e Tiresias por outro, com espadas nas mãos, e Jupiter se retirará para junto de Alcmena.*

*Tires.* Bem dizem que o amor he hum inferno, pois de hum abysmo me conduz a outro abysmo, porque hoje ha de morrer Alcmena innocente pelo delicto de amor.

*Amf.* Oh que impiedade! Que hajão de affrontar ao esposo as leviandades da esposa! Pois morra Alcmena, já que assim o quer o Mundo, e os meus zelos.

*Jupit.* Quanto mais a vejo, mais me assombra a sua belleza; pois hydropicos os meus olhos não se fartão de ver, por mais que vejão tão rara formosura.

*Tires.* Aquella he Alcmena, que está dormindo. Ai infeliz belleza, que desse somno passarás a outro mais profundo!

*Amf.* Mas que vejo! Alli está Alcmena junto

daquella fonte: ai deſgraçada formoſura, que nem todas eſſas aguas apagarão as chammas do meu ciume!

*Alcmena ſonhando.*

*Alcmen.* Eſpoſo Amfitrião, não manches tão generoſa eſpada no ſangue de huma innocente.

*Jupit.* Alcmena eſtá fallando em ſonhos, e parece eſtá afflicta com alguma funeſta fantaſia; quero acordalla.

*Amf. e Tireſ.* Morre, infeliz Alcmena.

*Ambos fazem acção de a matar.*

*Jupit.* Alcmena, acorda. Porém que vejo!

*Alcmen.* Amfitrião..... ſuſpende.... pois.... Mas ai de mim, que vejo! Todos tres com eſpadas vindes a matarme? Que he iſto, Senhores?

*Tireſ.* Fruſtrou-ſe o meu intento. *á p.* Mas que vejo! Dous Amfitriões ao meſmo tempo?

*Amf.* Que he iſto, traidor? Tambem vinhas matar a Alcmena, para com eſta acção moſtrares ao Mundo, que és o verdadeiro Amfitrião no brio, com que vingas o teu ciume?

*Jupit.* E tu, fementido, com o meſmo diſſimulo, que de mim imaginas, vens a ſer complice de huma morte, querendo com hum delicto ſalvar outro delicto?

*Alcmen.* Senhores, que ſuſpensão he eſta? Que delicto commetti eu para tanta vingança? E ſe commetti algum, como todos quereis ſer parte no meu caſtigo?

*Tireſ.* Eu, Alcmena, não vim a offender-te; mas ſim a eſtorvar a tua deſgraça conjurada con-

contra ti, por aviso, que della tive, e como supremo Ministro desta Republica me era licita esta acção.

*Jupit.* Nem eu, Alcmena, vinha a matar-te, que bem sei a tua innocencia; mas sim a este traidor, que me disserão estava neste jardim, para offender-te.

*Amf.* Pois confesso, que não só vinha matar a Alcmena, mas tambem a este tyranno usurpador da minha honra; pois com simulada fórma, e fantastica apparencia me roubou com a honra a espoza, fingindo ser o verdadeiro Amfitrião; e assim por mais que mo impidas, hei de executar a minha vingança, matando a ambos. *Erigão os dous.*

*Tiref.* Assim se atropella o meu respeito? Suspendei as armas.

*Alcmen.* Ai de mim! Não ha quem estorve esta desgraça?

*Amf.* Hoje serás victima de minhas iras.

*Jupit.* E tu sacrificio de minha vingança.

*Alcmen.* Não ha quem acuda? O' lá? O' lá'?

*Sahem Mercurio na fórma de Saramago, Polidaz, Juno, Cornucopia, Iris, e hum Soldado, e hirão fallando o que se segue.*

*Jupit.* Ai de mim, que senão logrou o meu intento!

*Merc.* Sempre disse, que isto havia succeder.

*Iris.* Agora se saberá este enigma.

*Cornuc.* Ai, Senhora, fujamos depressa, antes que nos matem.

*Polid.* Suspendei os impulsos; mas como he isto!

to ! Dous Amfitriões ! Quem vio caſo mais extraordinario ! Tireſias , que ſucceſſo tão eſtranho he eſte ?

*Tireſ.* Polidaz , tambem eu eſtou na meſma dúvida , e com a meſma admiração ; porém com averiguar eſte caſo , ſaberemos o que he iſto.

*Alcmen.* Tireſias , he juſta eſſa averiguação , para que ſe ſaiba a minha innocencia ; e aſſim principiarei eu a dizer : Bem ſabeis , que ſou caſada com Amfitrião.

*Jupit.* Não te canſes , que eu o direi em duas palavras : Tireſias , vim da guerra dos Telebanos : triunfei , como ſabeis ; e quando cuidei lograr nos braços de Alcmena os fructos da paz , veio eſte fementido introduzir-ſe tambem em caſa , tomando a minha fórma por alguma arte magica , ſem duvida , para fazer os diſturbios , que tendes viſto.

*Amf.* Tudo iſſo he engano , Tireſias ; pois o verdadeiro Amfitrião ſou eu ; e como a verdade não neceſſita de prova , a meſma verdade ſeja a que me defenda.

*Tireſ.* Eſperai : vamos por partes : Alcmena , qual deſtes he o teu eſpoſo ?

*Alcmen.* Elles são tão parecidos , que confeſſo os não ſei diſtinguir.

*Tireſ.* Cornucopia , qual deſtes he o teu amo ?

*Cornuc.* Eu , Senhor , ſou pouco Filoſofa , para fazer diſtincções ; mas ſe me pergunta pela verdade , digo , que ambos são meus amos ; porque eu ſou muito cortez.

*Tireſ.* Diga o criado agora.

*Iris.*

*Iris.* Agora, Saramago, he boa occaſião de moſtrares qual he o fingido.

*Merc.* Quem duvída, que eſte he o verdadeiro Amfitrião, *Para Jupiter*, e aquelle o fingido? *Aponta para Amf.*

*Jupit.* Bom foi ter aqui Mercurio da minha parte. *á part.*

*Amf.* Que dizes, Saramago? Não ſabes, que ſou teu amo Amfitrião? Não me conheces? Dize, velhaco?

*Merc.* Senhor, não tem que ſe canſar, que eu hei de dizer a verdade, mas que ſeja contra mim: Senhores, ſaberão voſſas merces, que eſs'outro Amfitrião, que ahi eſtá, quando viemos da guerra, me diſſe, que elle por lograr os agrados da Senhora Alcmena, de quem vivia cheio de amor até os olhos, fora ter com hum Nigromantico, e que eſte lhe untára o roſto com certo oleo *ſerpentorum*, para ſe parecer com o Senhor Amfitrião; e para melhor fazer o ſeu papel, me pedio, que eu o apoiaſſe, dizendo, que elle era o verdadeiro Amfitrião; para o que tambem me untou as mãos com huma bolſa cheia de dinheiro, e eu como ſou amigo deſtas bagatellas, o introduzi com a Senhora Alcmena de pés, e cabeça; e aſſim, pois confeſſo a verdade, peço que me perdoem eſte delicto.

*Juno.* Vejão a traça por onde Jupiter ſe quiz introduzir! *á part.*

*Iris.* Se não he Saramago, nada ſe ſabe. *á part.*

*Amf.*

*Amf.* Que he o que dizes, embuſteiro? Eſtás fóra de ti?

*Tireſ.* Baſta, baſta; já eſtá deſcuberto o enigma.

*Amf.* Tireſias, adverti que eſte criado mente, porque eu....

*Tireſ.* Não tens, que dizer mais.

*Alcmen.* E pois a minha innocencia ſe patentêa, peço-vos, Tireſias, que caſtigueis a inſolencia deſſe traidor.

*Amf.* Como, tyranna, ſe o verdadeiro Amfitrião ſou eu?

*Jupit.* Quereis ver a verdade mais claramente provada? Eſperai; dizei-me: Quando vieſtes da guerra entraſtes no Senado com pompa triunfal?

*Amf.* Confeſſo, que não; porque quando vim de caſa, não achei a Polidaz, que tinha ficado eſperando por mim.

*Polid.* Iſſo he falſiſſimo, pois Amfitrião veio de caſa, e achou-me no meſmo lugar, aonde fiquei eſperando por elle, e ambos fomos ao triunfo.

*Tireſ.* Eu ſou teſtemunha, que laureei a Amfitrião no Senado.

*Jupit.* Pois ſe elle confeſſa, que não foi ao triunfo, e vós outros tambem viſtes, que entrei triunfante no Senado, aonde me laureaſtes, claro eſtá, que o verdadeiro Amfitrião ſou eu, e eſte o fingido.

*Amf.* Oh Jupiter ſoberano! Quem ſe vio em maior labyrintho?

*Merc.*

*Merc.* Chama por Jupiter, que elle muito bem te acudirá. *á part.*

*Cornuc.* Ah Senhores, se se não castiga este desaforo, daqui á manhã nos havemos ver inçadas de Amfitriões, como de porsovejos.

*Sahe Saramago.*

*Saram.* Venho avisar a Alcmena do que ouvi escondido entre as ramas; porém cá está muita gente. *á parte.*

*Merc.* Saramago ahi vem; pois vou-me, que assim me convem. *Vai-se.*

*Alcmen.* Tiresias, que suspensão he esta? Porque não castigais a este traidor, a este fingido?

*Tiref.* Agora o verás: Tu, Polidaz, leva a esse fingido Amfitrião para o carcere, de donde será levado para o supplicio; pois legalmente se acha provada a sua culpa.

*Amf.* Que he o que dizes, Tiresias? Como castigas ao innocente, e deixas ir livre ao culpado?

*Saram.* Ai que parece que vai o diabo em casa do Alfacinha!

*Tiref.* Não tendes que replicar; levem-no.

*Amf.* Tende mão, porque eu não sou quem cuidais.

*Tiref.* Isso sei eu muito bem.

*Juno.* Sem duvida Amfitrião he o que vai prezo, e Jupiter he o que fica livre; pois não ha de ser assim: Tiresias, adverte, que tambem Alcmena merece castigo, pois ella diversas occasiões tratou a ambos como a esposos,

e

e assim he certo que offendeo a seu marido verdadeiro ; que segundo as leis tambem deve morrer.

*Alcmen.* Que he isso , Felisarda ? Tu és contra mim ? Assim pagas a hospedagem , que te dei ?

*Tires.* Bem entendo a Flerida. *á part.*

*Saram.* Vejão se lha pregou de maço , e mona. *á parte.*

*Tires.* Tem razão Felisarda no que diz : vem , Alcmena , comigo , para seres sacrificio no templo de Jupiter.

*Alcmen.* Tiresias , que dizes ? Eu hei de pagar o engano alheio ?

*Tires.* Se o teu delicto está provado , não ha mais remedio que morrer.

*Alcmen.* Como o animo distingue os maleficios, não mereço morrer ; pois no meu animo sempre tive por esposo aquelle , que me parecia com tanta realidade verdadeiro.

*Tires.* Dos animos , e affectos interiores , só os Deoses supremos são os Juizes , que nós os Ministros da terra sentenciamos pelo que vemos exteriormente ; e pois não negas , que admittiste a dous Amfitriões , sempre violaste a pureza do thalamo ; e assim anda comigo.

*Juno.* Bem haja Tiresias , que assim me vingo. *á parte.*

*Jupit.* Desse delicto só pertence ao esposo a sua accusação ; e não a accusando eu , porque estou certo , que com malicia não violou o thalamo : logo não podeis castigalla , quando eu a não accuso.

*Ti-*

*Tiref.* Não só he o esposo o offendido, mas tambem a Républica, a quem incumbe castigar os delictos, para emenda de outros, e conservação da virtude, na qual consiste toda a justiça.

*Alcmen.* Esposo, defende a minha innocencia, pois tu bem sabes.....

*Jupit.* Alcmena, contra hum empenhado nada val; e pois Tiresias assim o quer, não recuses ir ao sacrificio de Jupiter. Vai sem susto, que Jupiter te defenderá. *Vai-se.*

*Amf.* Já, tyranna, hirei a morrer mais consolado, vendo que tu tambem não ficas sem castigo.

*Alcmen.* Por ti, fementido traidor, vou a morrer sem culpa.

*Amf.* Por ti sem delicto vou a penar, cruel Alcmena.

*Cornuc.* Eu estou capaz de me dar hum accidente de verdade. *á parte.*

*Saram.* Eu estou com o coração táfe táfe, vendo isto no que pára. *á parte.*

*Polid.* Vamos, vamos. *Para Amf.*

*Tiref.* Alcmena, vem.

*Alcmen.* Justos Deoses, porque não vos compadeceis de mim, que sou huma innocente?

*Amf.* Deoses justos, ou injustos, porque consentis tão barbara injustiça?

*Tiref. e Polid.* Anda, vamos. *Cada hum para o seu.*

*Amf.* Oh Jupiter, compadece-te de minha innocencia.

*Tiref.* E vós, Soldados, levai tambem Saramago para a enxovia, bem carregado de ferros, pois foi quem introduzio o fingido Amfitrião em caſa de Alcmena. *Vai-ſe.*

*Saram.* Eſpere, Senhor Tiricia; que he o que diz?

*Soldad.* Ande, ande, Senhor Saramago.

*Saram.* Voſſa merce me não ha de enſinar a andar; que quando voſſa merce naſceo, já eu engatinhava.

*Soldad.* Vamos para a cadèa, que aſſim o manda o Senhor General.

*Saram.* Não ſe canſe, que eu não vou, ſem ſaber primeiro o porque vou prezo.

*Iris.* Não vi ſentença mais bem dada. *á parte.*

*Soldad.* Venha, que lá lho dirão muito bem dito.

*Saram.* Cornucopia, tu não ſabes porque me prendem?

*Cornuc.* Por culpa da tua lingua: quem te mandou ſer fallador?

*Saram.* Nunca eu tive a lingua mais preza do que agora, que vou prezo pela foltura da lingua, como dizes.

*Soldad.* Vamos depreſſa, que já lá vão os outros.

*Saram.* Pois, Senhor, hei de ir prezo aſſim ſem mais nem mais?

*Cornuc.* Anda, vai-te, que agora pagarás os fingimentos que tens feito, e talvez que tambem por iſſo vás prezo.

*Saram.* Não, ſe eu por iſſo vou prezo, logo me

me soltaráõ, porque eu sou o verdadeiro Saramago, se não me engano.

*Soldad.* Ande já cos diabos.

*Saram.* Sim, Senhor, eu vou com os diabos, pois vou com vossa merce; mas antes que vá, deixe-me dar hum abraço a minha mulher.

*Corruc.* Vai-te dahi, que eu não sou tua mulher, fingido, embusteiro; e não sabes quanto folgo, e quanto me alegro de verme vingada de ti. *Vai-se.*

*Saram.* Vai-te, mofina: Oh minha Corriola, se te mereço alguma cousa, peço-te, que rogues a estes Senhores, que me não levem prezo assim a sangue frio, ou que me digão o porque vou prezo, que eu não o sei.

*Soldad.* Vossê não ouvio dizer que hia prezo por introduzir o fingido Amfitrião em casa de Alcmena? Pois Tiresias bem claro fallou.

*Iris.* Ah! Huma vez que he por isso, eu pedirei.

*Saram.* Ora pede, pede, ainda que finjas duas lagrimas.

*Iris.* Senhor Soldado, assim Deos o faça Cabo de esquadra, lhe peço com lagrimas de sangue nascidas do meu coração.

*Soldad.* Diga, Senhora, o que quer?

*Saram.* Isso, isso, Corriola pede nesse tom, que abrandarás huma pedra.

*Iris.* Peço, Senhor Soldado, que a este pobre Saramago o levem muito bem prezo, e atracado, para que não fuja.

*Soldad.* Isso farei eu por te dar gosto.

*Sa-*

*Saram.* Ah Senhor Soldado, olhe que ella o que pede he, que me ſolte.

*Soldad.* Voſſa merce não diz, que o leve prezo?

*Iris.* Sim, Senhor; ainda que vá a arraſtões.

*Saram.* O' Corriola, iſſo te merece o meu amor?

*Iris.* Sim, patife, alcoviteiro, para caſtigo da tua inſolencia.

*Saram.* A que del Rei, Senhores, que fiz eu? A todos tomo por teſtemunha, como eu neſta hiſtoria não fui alcoviteiro de ninguem.

*Iris.* Levem-no depreſſa.

*Saram.* Ah cruel, falſa, inimiga, fraudulenta, aſſim pagas o extremo com que te adoro?

*Iris.* Vai, vai.

*Saram.* Se he tua vontade que eu vá, eu irei; mas não quero que vás mal comigo; anda cá, Corriola, que ainda que tu me deſdenhas, eu não poſſo deixar de te querer, para o que te rogo me dês hum abraço; olha que to peço com o choro canoro de minha voz.

*Cantão Saramago, e Iris a ſeguinte*

ARIA.

*Saram.* A Deos minha Corriola,
Dá-me agora hum ſó abraço,
Que eu vou para o cagarrão.

*Iris.* Vai-te embora, Saramago,
Que hum abraço, e hum baraço
Na moxinga te darão,

*Saram.* Tu te alegras?

*Iris.* Porque não?

*Saram.* Tu não chores!

*Iris.* Para que?

Dei-

Deixa dar-me bem rizadas.

*Saram.* Tu a rir, eu a chorar.

*Amb.* Se Deos ainda me der vida
Infiel, falso, homicida;
Outro abraço te hei de dar. *Vão-se.*

## SCENA VI.

*Carcere, onde estarão tres prezos, e sahe Saramago com correntes, e dizem dentro o seguinte.*

*Dentr.* LA' vai mais esse hospede, agazalhem no bem.

*Saram.* Quanto hoje, graças a Deos, não dormiremos na rua; mas ai de mim Saramago! Aonde estou eu? Oh quem me differa, que escapando de huma oliveira, viesse a parar em hum limoeiro!

1. *Prezo.* Senhor camarada estamos obrigados a agazalhallo bem.

2. *Prezo.* Ande para cá sô amigo.

*Saram.* Como hei de andar, se a minha desgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah Senhores meus, vejão se me podem tirar estes ferros, que tão aferrados estão; e por mais que os sacudo de mim, cada vez estão mais ferrenhos comigo.

1. *Prezo.* Tambem isso não he pelo que eu fiz: porque te prendêrão?

*Saram.* Por nada.

1. *Prezo.* Por nada? Já se vê que he por ladrão.

2. *Pre-*

2. *Prezo.* Fóra ladrão.

*Saram.* Não me ladrem, que me não hão de morder neſſa materia.

1. *Prezo.* Iſſo não nos importa; o que queremos he, que nos pague a patente.

*Saram.* Bem patente eſtou eu neſta prisão.

1. *Prezo.* Andar, logo a pagará, ainda que não queira; vamos primeiro cá baixo para lhe fazerem o aſſento.

*Saram.* Eſcuſo que me fação o aſſento, que iſſo tenho eu feito ha muito tempo.

1. *Prezo.* Quem te fez o aſſento, ſe ainda agora entraſte?

*Saram.* Deſde que naſci, tenho o aſſento feito.

1. *Prezo.* Para que mentes? Aonde te fizerão o aſſento?

*Saram.* Aqui, voſſas merces não o vem?

*Aponta para traz.*

2. *Prezo.* He bem deſaforado o magano.

1. *Prezo.* Já que eſſe he o aſſento, nós lho faremos mais bem feito com quatro batecûs.

2. *Prezo.* Iſſo he; ſuba á polé, e de lá nos pagará a patente tambem, olhe para ella bem.

*Saram.* Irra! Agora iſſo he mais comprido: Senhores meus, por vida minha, que eu não nego o patente, que o patente he couſa que ſe não póde eſconder.

1. *Prezo.* He para que tambem não falle com tanta liberdade.

*Saram.* Que liberdades póde fallar quem a não tem?

1. *Pre-*

1. *Prezo.* Ande para alli, magano, para que saiba fallar bem aos prezos veteranos.
2. *Prezo.* O lá de cima, deita a corda, atemolo bem: issa acima. *Atão-no, e sobem-no.*

*Saram.* A que del Rei, Senhores, &c..... Ora nunca cuidei que me visse nestas alturas!

*Ambos os Prezos.* Venha abaixo. *Largão-no.*

*Dentro.* Lá vai outro prezo.

*Sabe Amfitrião.*

*Saram.* Ainda bem, quanto folgo!

1. *Prezo.* Aqui não temos que fazer, que este parece ser homem nobre.
2. *Prezo.* Pois vamos para os nossos camarotes. *Vão-se.*

*Saram.* Este agora me pagará a parente. Meus peccados, que he o Senhor Amfitrião!

*Canta Amfitrião a seguinte Aria, e*

RECITADO.

Sórte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influís com luz oppaca.
Rigor tão fero contra hum innocente;
Que delicto fiz eu, para que sinta
O pezo desta asperrima cadêa
Nos horrores de hum carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusão, e o susto mora!
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
He culpa o não ter culpa, eu culpa tenho:
Mas se a culpa, que tenho, não he culpa,
Para que me usurpais com impiedade
O credito, a espoza, e a liberdade?

ARIA.

ARIA.

Oh que tormento barbaro
Dentro no peito sinto!
A esposa me desdenha,
A Patria me despenha;
E até o Ceo parece,
Que não se compadece
De hum misero penar.
Mas ó Deoses, se sois Deoses,
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegais hoje a castigar?

*Saram.* Tambem vossa mercê cá está? Ora console-se comigo; que *solatium est miseris socios habere Saramagos.*

*Amf.* Ainda aqui me appareces, infame inimigo? E pois que por tua culpa me vejo nesta prizão, aqui ficarás sepultado, sendo despojo da minha colera. *Dá-lhe.*

*Saram.* Senhor, suspenda o impulso desse pulso; não bata tão furioso; deixe ao menos, que por hum pouco tenha suas intercadencias; não basta o estar eu carregado de ferros, mas tambem de pancadas?

*Amf.* Tu, traidor, me puzeste neste estado.

*Saram.* Senhor, explique-se, que eu estou tão innocente, como quando nasci da barriga de minha mãi.

*Amf.* Velhaco, sempre eu disse, que tu eras o que maquinavas este enredo: tu foste o que déste a joia, que eu mandava para Alcmena, e o que introduziste em casa outro Amfitrião

fin-

fingido, como tu meſmo confeſſaſte; e não baſtava tudo iſto, mas ainda hires dizer a Tireſias, que eu era o Amfitrião fingido, por cujo motivo aqui eſtou prezo: que dizes agora? He iſto bem feito?

*Saram.* Antes que lhe reſponda, diga-me voſſa merce; iſto aqui he cadeia, ou caſa dos doudos?

*Amf.* Porque perguntas iſſo?

*Saram.* Porque entendo em minha conſciencia, que mettêrão a voſſa merce aqui por doudo confirmado.

*Amf.* Se tu me fazes doudo, porque o não hei de eſtar?

*Saram.* Os diabos me levem, ſe eu fallei com Tireſias em materia tão peçonhenta, Senhor Amfitrião.

*Amf.* Quères agora negar-me o que eu preſenciei? E por final diſſeſte, que eu tinha untado o roſto com o oleo de hum Magico para me parecer com Amfitrião, e que te dera huma bolſa de moedas, para tu me introduzires na propria caſa de Alcmena.

*Saram.* Quem compra, e mente, na bolſa o ſente: eu duas vezes o tenho ſentido; huma na bolſa, porque a não tenho; outra no corpo, porque tem ſido hum armazem de pancadas: e agora o vejo já huma logea de ferros, como voſſa merce bem vê; como ſe eu todo fora pé de burro, para que todo me cubra huma grande ferradura.

*Amf.* Não me deſeſperes mais: dize-me ſó com

que motivo, ou para que fim me levantaſte eſte grande teſtemunho?

*Saram.* Senhor, hum teſtemunho não he couſa tão leve que eu o podeſſe levantar; veja voſſa merce não diſſeſſe iſſo o outro Saramago?

*Amf.* Como póde ſer iſſo, ſe neſſe meſmo inſtante, que o diſſeſte, logo te prendêrão, ſem que alli vieſſe, nem eſtiveſſe outro Saramago ſenão tu?

*Saram.* Pois a mim porque me prendêrão? Diga-mo voſſa merce, que eu ainda não o ſei?

*Amf.* Por dizeres, que me déſte entrada em caſa de Alcmena; e aſſim vieſte a ter a meſma pena daquelle, que ſe fingio Amfitrião, que dizem era eu; porque tanto pecca o ladrão, como o conſentidor.

*Saram.* Eu eſtou para perder o juizo! Baſta que por iſſo eſtou prezo?

*Amf.* O prezo he o menos; o peior he que o caſo he de morte para ambos.

*Saram.* Oh deſgraçado Saramago! Quanto melhor te fora ſeres ſempre oliveira verde, que em fim eſtavas ſó em hum páo, que não agora vir a morrer em tres? He poſſivel que ſem culpa nos mettão aqui, e nos queirão matar a ferro frio? *Grita.*

*Amf.* Cala-te, não grites.

*Saram.* Deixe-me gritar, Senhor; não vê que eſtou doudo?

*Amf.* Já que os fados aſſim o querem, levemos iſto com paciencia.

*Sa-*

*Saram.* Aonde está a paciencia, para nos ajudar a levar isto?

*Amf.* Espera, Saramago; não sentes bolir na porta?

*Saram.* Sim, Senhor; ai de mim, que he o Carrasco! Fujamos, Senhor; fujamos.

*Amf.* Vês que já abrirão a porta?

*Saram.* Pois abramos a sepultura:

*Sahe Juno com hum véo pelo rosto.*

*Amf.* Quem será esta mulher, Saramago?

*Saram.* Quem será? Tem bem que ver, he a mulher do Carrasco, que vem fazer as vezes do marido.

*Juno.* Amfitrião, vinde para fóra comigo, e mais esse criado.

*Saram.* Não o disse eu? Estamos bem aviados!

*Amf.* Senhora, antes que vos obedeça, desejára saber, para que fim nos quereis levar daqui?

*Saram.* Tem bem que saber; he para nos torcer o pescoço.

*Juno.* Compadecida da vossa innocencia, vos venho livrar desta prizão; para o que tenho comprado os guardas, e tudo está prompto; pois não he razão, que sendo vós o verdadeiro Amfitrião, padeçais sendo innocente, ficando sem castigo o outro fingido.

*Amf.* Senhora, para huma obrigação tão grande, qualquer rendimento he diminuto; e assim para que algum dia vos pague tanto beneficio, estimára saber a quem devo a vida, e a liberdade.

*Juno.* Algum dia o fabereis.

*Saram.* E ainda que o não faiba, não importa: Saiamos nós daqui, ainda que seja por arte do demonio, ou pela arte de berliques, berloques.

*Juno.* Vamos.

*Saram.* Senhora, e quem nos ha de tirar estas cadeias, com quem não estamos muito correntes?

*Juno.* Andai, que para tudo ha remedio.

*Amf.* Ingrata Thebas, estes forão os premios, que só de ti recebi!

*Juno.* Ingrato Jupiter, assim se sabe vingar a Deosa Juno de ti.

*Saram.* Ingrata Cornucopia, agora eu bem me tirei de ti. *Vão-se.*

## SCENA VII.

*Templo de Jupiter, e hirão sahindo todas as Figuras conforme vão fallando.*

*Tiref.* ANda, infelice Alcmena, a pagar com a vida o delicto de tua fragilidade nas aras do supremo Jupiter. Ai amor cego, que cego me arrasta a tua grande cegueira! *á part.*

*Alcmen.* Que he o que ouço! He possivel, que ainda tenho vida, havendo de perdella sem culpa, sem offensa, e sem delicto?

*Cornuc.* Ai, minha Senhora Alcmena, quem disera ao Senhor seu pai que para isto a criava!

*Po-*

*Polid.* Horror me cauſa tão funeſto eſpectaculo!

*Jupit.* Mercurio, he tempo de desfazer o enigma, pois iſto chegou ao ultimo ponto.

*Merc.* Digo, Jupiter, que iſſo havias ter feito ha mais tempo, e eſcuſaria Alcmena de paſſar eſte ſuſto.

*Juno.* Tireſias, acabemos com iſto, para que acabe a minha vingança, e comece a ter poſſe a tua eſperança. *á part.*

*Alcmen.* Ah cruel Feliſarda, não te baſtou conduzir-me ao ſupplicio, mas ainda vens gloriar-te de ver o meu eſtrago, e a minha morte?

*Juno.* Não quero reſponder. *á parte.*

*Iris.* Já eſtás vingada.

*Alcmen.* E tu, cruel, ſe não pódes remediar a minha pena, para que vens ſer teſtemunha da minha magoa? *Para Jupit.*

*Jupit.* Porque me não poſſo apartar de ti, até que a morte te ſepare de mim.

*Tireſ.* Alcmena, como o Juiz he ſómente hum mero executor da lei, por iſſo não eſtranhes.

*Com ruido ſahirão Amfitrião, e Saramago.*

*Amf.* Que omiſsão he eſta? Ainda eſtá eſta tyranna inimiga por caſtigar? Se por ventura falta quem execute a ſentença, aqui eſtou eu, que vingarei a injúria da lei, e a minha injúria.

*Saram.* Iſſo he fazer de huma via dous mandados.

*Tireſ.* Que he iſto? Como te atreves em ludi-

brio

brio da justiça, apparecer aqui, estando duas vezes criminoso, huma por impostor, e falsario, e outra por fugir da prizão?

*Amf.* Porque quiz testemunhar o estrago desta traidora, para suavisar com este desafogo a tyrannia, com que me quereis tirar a vida; e se eu por hum delicto imaginario hei de padecer; que importa que me constitua réo da fuga do carcere?

*Saram.* Essa he a verdade; prezo por mil, prezo por mil e quinhentos.

*Polid.* Tambem o criado aqui está? Com que attrevimento fugiste?

*Saram.* Porque mais val huma hora solto, que toda a vida prezo.

*Cornuc.* Ainda escapou o maldito?

*Alcmen.* Para ser mais penosa a minha morte, ainda faltava ver a causa de minha infelicidade.

*Merc.* Senhor, que determinas?

*Jupit.* Logo verás, Mercurio.

*Juno.* Tiresias, em que nos dilatamos?

*Tiref.* Certamente me horrorisa castigar huma innocente. Alcmena, he chegada a occasião de que sejas victima humana nas aras de Jupiter.

*Alcmen.* Tiresias, adverti, que os Deoses não permittem, nem as leis ordenão, que sem culpa morra huma innocente; e pois entre os homens não acho piedade, recorrerei á esféra soberana dos Deoses, com suspiros nascidos de hum peito casto, e inculpavel. Oh Ju-

pi-

piter ſoberano, como conſentís, que morra Alcmena ſem culpa?

*Jupit.* Tende mão, Tireſias; ſuſpendei o golpe.

*Tireſ.* Tu não pódes mandar ſobre a lei.

*Jupit.* Nem a lei manda, que morra huma innocente; porque aquelle que julgais ſer o fingido Amfitrião, he o verdadeiro eſpoſo de Alcmena.

*Tireſ.* Logo tu és o fingido, e como tal morrerás, por incorreres no meſmo delicto, e ſempre Alcmena fica com a meſma pena.

*Amf.* Já que ſe conheceo a verdade, caſtigue-ſe eſſe traidor, e eſta aleivoſa tambem.

*Jupit.* Quanto a mim, ninguem me póde caſtigar.

*Tireſ.* Pois quem ſois vós, para vos iſentares do rigor da lei?

*Jupit.* Eu vos reſpondo.

*Muda-ſe de repente a perſpectiva do templo, e apparece a Sala Empyrea, como no principio, e eſconde-ſe Jupiter, e Mercurio fingidos, apparecendo os do principio, e canta Jupiter o ſeguinte.*

RECITADO.

Sabei, que Jove ſou omnipotente,
Que abrazado de amor da bella Alcmena
Vendo ſer impoſſivel o alcançalla,
Tomei de Amfitrião a fórma humana,
Com a qual diſfarçado entre vós outros,
Eſte dia paſſei; e pois Alcmena,
Como humana não pode
Reſiſtir a hum divino impulſo ardente,

Fi-

Ficará perdoada, sem que tenha
Offensa nisso Amfitrião valente;
Pois desse passatempo, que aqui tive,
Hercules nascerá, a cujo esforço
Rendido cederá todo o Universo,
Pagando nesta fórma
Este engano de amor, esta violencia,
Em dar-lhe tão divina descendencia.

*Tod.* Que assombro! Que admiração!

*Amf.* Oh mil vezes feliz eu, que tive a fortuna de que o mesmo Jupiter quizesse divinizar o meu venturoso thalamo!

*Alcmen.* Passei de hum instante do maior mal ao maior bem: Esposo Amfitrião, dá-me os parabens de tanta felicidade.

*Amf.* Sejão reciprocos, querida Alcmena; que quando as tuas offensas para mim são glorias, que fará quando me não offendes?

*Saram.* Eu sempre ouvi dizer, que o Senhor Jupiter era hum fero tonante.

*Juno.* Já agora descansará o meu coração.

*Cornuc.* Ai que assim estou contente!

*Tires.* Ferida, bem vês que por mim não esteve o não executar o teu preceito; e assim he tempo de cumprires a tua palavra.

*Juno.* Attendei-me primeiro: Alcmena porque não fique sem fim a minha historia, saberás, que aquelle mancebo muito galhardo, e juvenil, morador no monte Olympo, he Jupiter, que alli vês, e eu a Deosa Juno, sua esposa, que zelosa vim a tua casa, para o apartar de teus braços; e pois já o consegui, hirei

rei para os de meu esposo; com que, Tiresias, sendo eu quem sou, mal poderia cumprir a palavra, que vos dei, que foi só a fim de me vingar de Alcmena.

*Tires.* Dou-me por satisfeito, em saber cumprir vossos desejos.

*Jupit.* Só Juno podia conspirar tão cruelmente contra Alcmena.

*Saram.* Sem dúvida a Senhora Juno foi a que me converteo em oliveira, e o Senhor Jupiter o que me desconverteo.

*Merc.* E para que se saiba tudo, eu sou Mercurio, que para acompanhar a Jupiter, tomei a fórma de Saramago, que já lha restitui fielmente, como bem vistes.

*Iris.* Pois se Jupiter, para lograr os favores de Alcmena, se valeo das industrias de Mercurio, tambem Juno, para desvanecer os incendios de Jupiter, quiz que eu, que sou a Ninfa Iris, a acompanhasse, para serenar a tempestade dos seus zelos; e como tenho conseguido este intento, hirei a acompanhar outra vez a Deosa Juno, como fiel subdita dos seus preceitos.

*Saram.* E que cahisse eu na corriolla de namorar a huma Ninfa dos arcos do Rocio celeste! Ora sou hum grande asno.

*Amf.* Tudo o que vejo são assombros!

*Alcmen.* Tudo pasmos!

*Polid.* Tudo admirações!

*Cornuc.* Ai venturosa de mim, que tive a Mercurio em meus braços!

*Sa-*

*Saram.* Dessa sorte bem pódes dar duas figas ao gallico.

*Jupit.* E porque Amfitriáo fique de todo satisfeito, coroe-se do laurel glorioso, como valente vencedor dos Telebanos, pois eu fui o que por elle triunfei no Senado; e assim ao generoso braço de Amfitrião dai as devidas acclamações, repetindo todos no mesmo triunfante

CORO.

O Numen supremo
Do Olympo sagrado
Suspira abrasado
De hum cego furor.
Que pasmo! Que assombro!
Que voe tão alta
A setta do amor?

FIM DO PRIMEIRO TOMO.

# PROTESTAÇÃO DO COLLECTOR.

AS Palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Soberania*, ſe devem ſómente entender no ſentido Poetico, e não de nenhuma outra maneira; porque ſómente ſe uſa dellas neſtas Obras, como neceſſarias para adorno da compoſição Dramatica, e expreſsão dos Epiſodios Comicos, e não com intenção de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me ſujeito em tudo o que ella determina.

IN-

# PROTESTAÇÃO
DO COMMERCIO.

# INDICE

## DA OPERAS, QUE CONTÉM eſte primeiro Tomo.

*VIda do grande D. Quixote de la Mancha, e do Gordo Sancho Pança*, pag. 12.
*Eſopaida, ou Vida de Eſopo*, pag. 110.
*Os Encantos de Medéa*, pag. 213.
*Amfitrião, ou Jupiter, e Alcmena*, pag. 298.